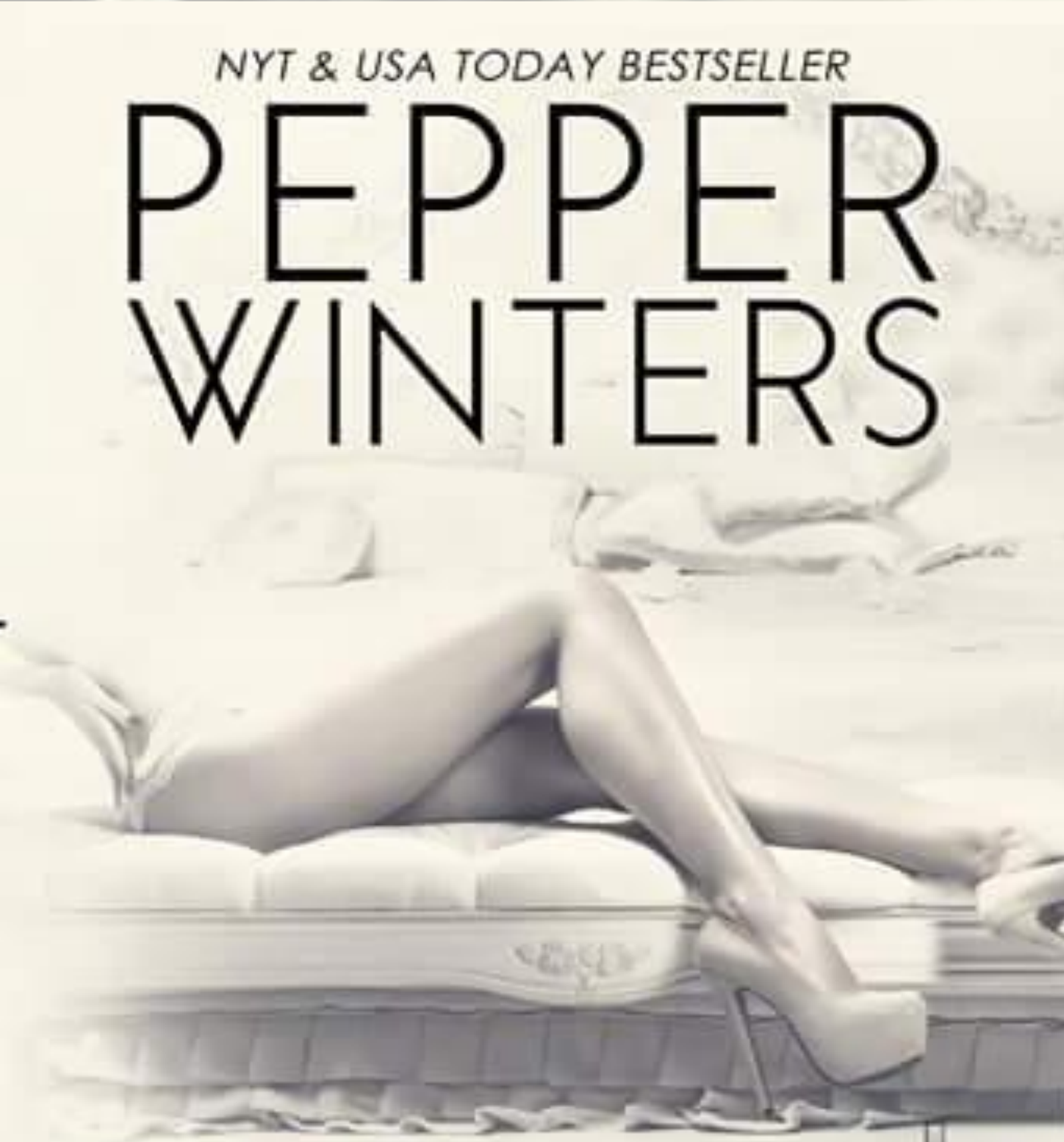
NYT & USA TODAY BESTSELLER

PEPPER WINTERS



THOUSANDS

DOLLAR SERIES



Disponibilizado: Eva
Tradução: Ana Claudia, Juzita, Ma.K, Drika, Nane, Ane
Revisão: Thay
Leitura Final: Eva
Formatação: Niquevenen



PEPPER WINTERS

THOUSAND$

THOUSAND$

DOLLAR SERIE$

"O amor tinha sido roubado de mim por razões que foram inteiramente minha culpa. Mas, então, um milagre aconteceu, e Pim me deu algo que pensei que estava perdido para sempre. Ela me deu um amor que eu tinha conquistado. Um amor que me arruinou. Amor que me fez irremediavelmente dela..."

Há muito tempo atrás, não pensei que eu alguma vez seria normal.

Agora, estou falando e confiando, e é tudo graças ao Elder.

Ele me deu minha vida de volta, e eu lhe dei o meu coração, mas histórias de amor como a nossa nunca são simples.

Fiz algo para protegê-lo.

Ele fez algo pela minha sobrevivência.

Nós cometemos um grande erro.

E agora, isso não é mais apenas sobre nós.

É sobre segurança, santuário e pecado.



SWEET CLUB BOOK'S

Prólogo

Elder

Quando eu era mais jovem, acreditava que o trabalho duro resultava num melhor desempenho. Que as recompensas ganhas pela obsessão, eram suficientes para justificar ferir aqueles que eu amava.

Sempre soube que menti para mim mesmo.

Sempre entendi o que as frustações escondidas e olhares infelizes significavam quando me tornei viciado em coisas pouco saudáveis.

No entanto, não foi até que me baniram que finalmente cheguei a um acordo do quão terrível pode ser.

Sou o motivo da morte das pessoas que amava e ser condenado a exclusão da minha família é o mínimo que mereço.

Eu sou um monstro.

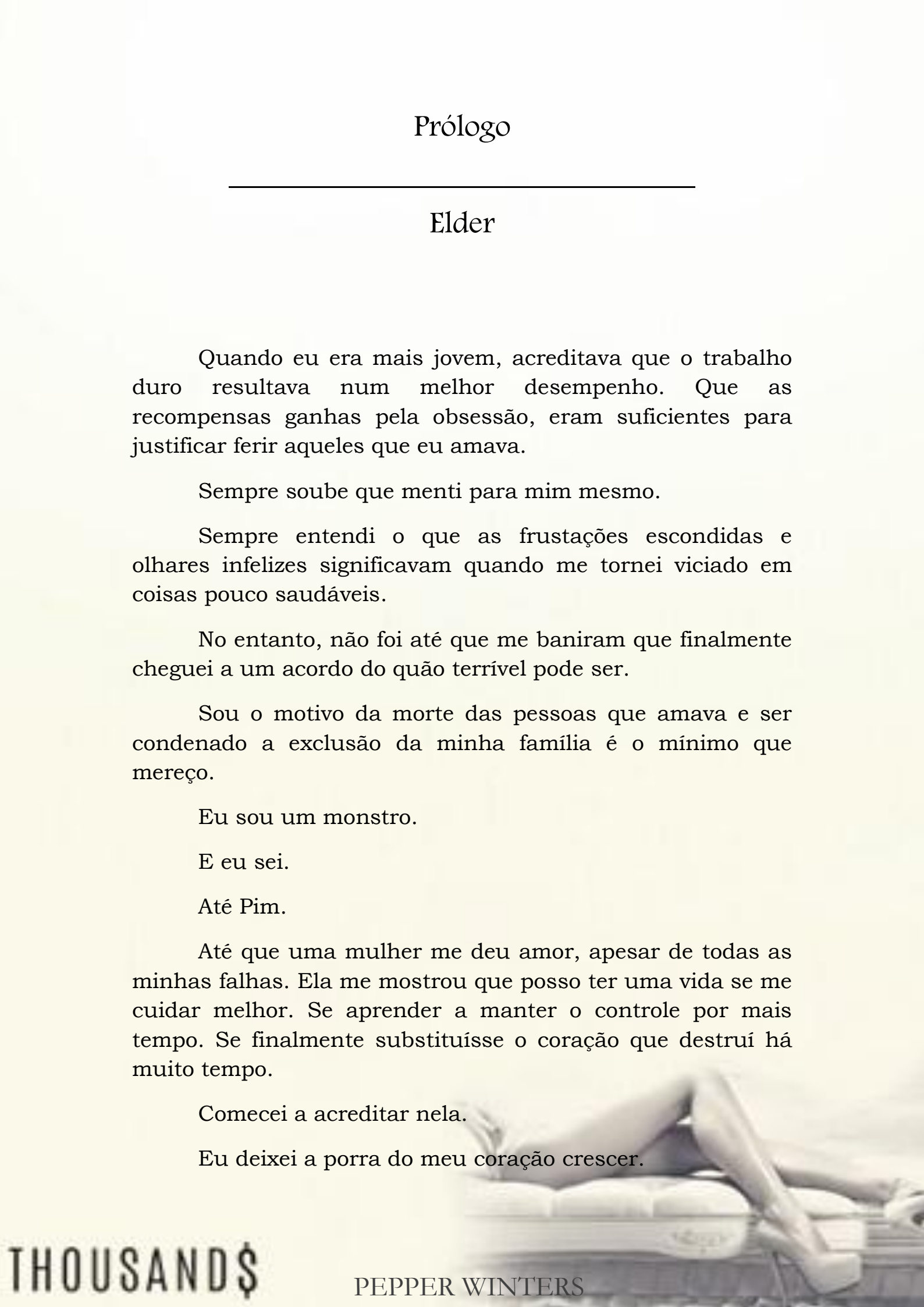
E eu sei.

Até Pim.

Até que uma mulher me deu amor, apesar de todas as minhas falhas. Ela me mostrou que posso ter uma vida se me cuidar melhor. Se aprender a manter o controle por mais tempo. Se finalmente substituísse o coração que destruí há muito tempo.

Comecei a acreditar nela.

Eu deixei a porra do meu coração crescer.



Apenas para ela quebra-lo, quando imitou minha família e foi embora.



Capítulo um

Elder

Uma, duas, três vezes, eu ando no segundo quarto.

Uma, duas, três vezes, eu caminho até a porta e quase viro a maçaneta para voltar a ela.

Uma, duas, três vezes, sento na cama e agarro minha cabeça dolorida, desejando permanecer no controle até Selix chegar.

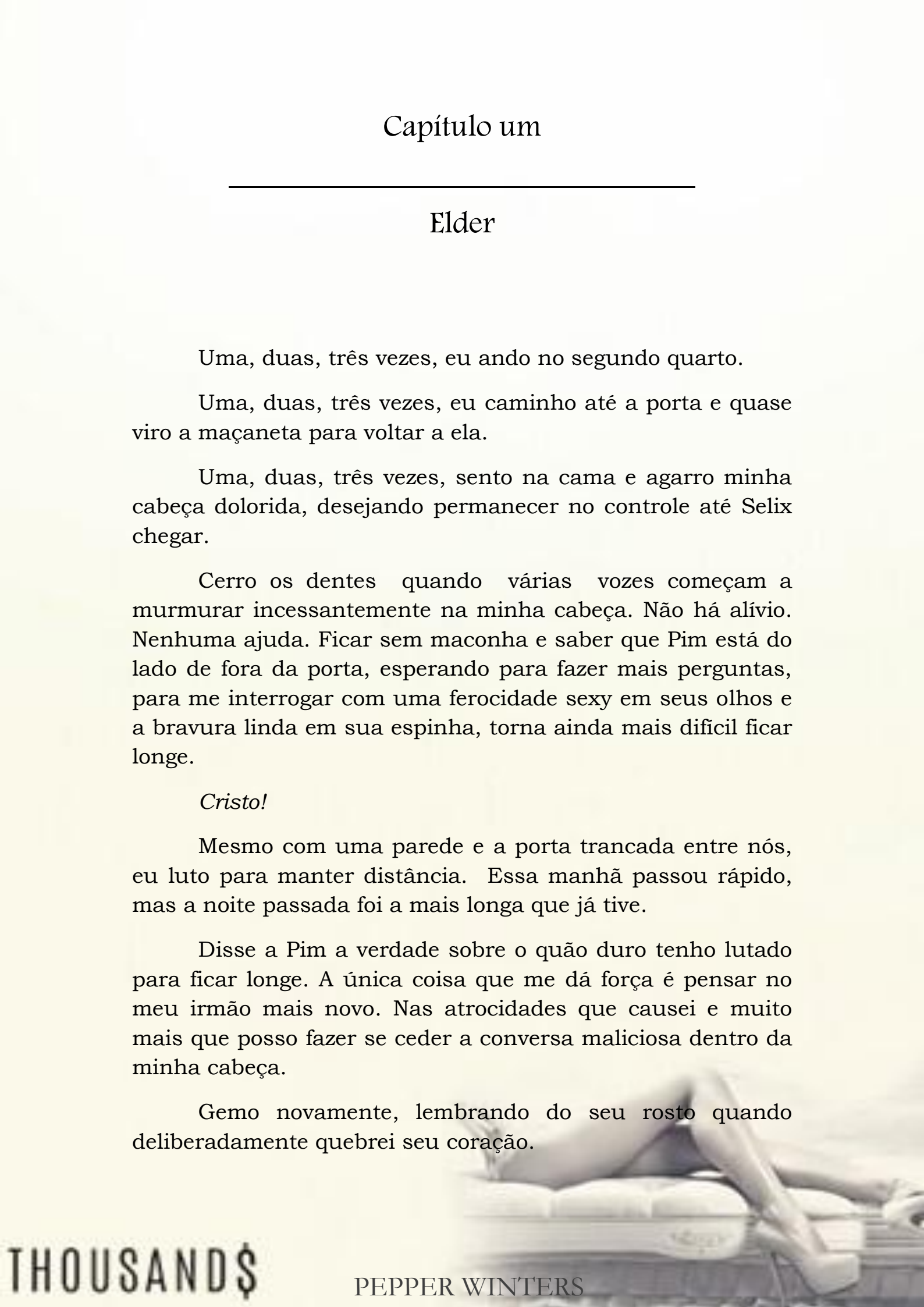
Cerro os dentes quando várias vozes começam a murmurar incessantemente na minha cabeça. Não há alívio. Nenhuma ajuda. Ficar sem maconha e saber que Pim está do lado de fora da porta, esperando para fazer mais perguntas, para me interrogar com uma ferocidade sexy em seus olhos e a bravura linda em sua espinha, torna ainda mais difícil ficar longe.

Cristo!

Mesmo com uma parede e a porta trancada entre nós, eu luto para manter distância. Essa manhã passou rápido, mas a noite passada foi a mais longa que já tive.

Disse a Pim a verdade sobre o quão duro tenho lutado para ficar longe. A única coisa que me dá força é pensar no meu irmão mais novo. Nas atrocidades que causei e muito mais que posso fazer se ceder a conversa maliciosa dentro da minha cabeça.

Gemo novamente, lembrando do seu rosto quando deliberadamente quebrei seu coração.



Meu terrível insulto de 'Você não vale a pena', ecoa de modo doentio, me sufocando com o quanto me odeio.

Ela tem razão em me chamar de mentiroso.

Sou um maldito mentiroso que não pode manter sua história. Até para si mesmo. Em tantos casos disse a verdade apenas para encobri-la imediatamente com mentiras.

Num momento, disse não querer seu corpo, só sua mente.

No próximo, admiti que não conseguia respirar sem tocá-la.

Um dia, disse que ela me devia cada centavo que investi em sua autoestima.

A seguir, retirei a hipocrisia e entreguei sua liberdade sem qualquer dívida.

No entanto, ela não aceitou.

Ela ficou diante de mim e aceitou minhas mentiras como se não ouvisse o que falei, mas apenas o que estava desesperado para manter oculto.

Ela nadou em minhas veias e se infiltrou na minha alma sem me conhecer. Quando entendi o que ela tinha feito ... já era tarde demais. Ela entrou no meu peito e roubou meu coração. Ela o esmagou, e cortou em bifes numa maldita frigideira.

Tenho o poder de parar minha dor.

Só são necessários seis passos até a porta, girar a maçaneta e me afundar no vício que desprezo. Se tudo o que importa sou eu mesmo, então tudo bem. Não estaria aqui sentado, balançando, como um drogado, contando os segundos para Selix chegar e arrumar isso. Eu estaria lá fora, com as bolas profundamente em Pim.

Mas, infelizmente, ao tirar meu coração, ela me deu algo que faltava desde que as chamas consumiram minha infância e minha família.

Ela me deu a culpa.

E uma dose ainda maior de autocontrole, nunca me colocando em primeiro lugar novamente, não importa quão alto os sussurros sejam.

Eu não a colocarei em perigo novamente. Enfiarei uma estaca no meu peito sem coração antes de deixar isso acontecer.

Ela vale à pena.

Dez vezes, não, mil vezes porra.

Ela vale mais do que qualquer fortuna ou vingança. E foi o que selou meu contrato com o diabo traçado no meu ombro.

Não posso mais fazer isso.

Nada no mundo me seduz mais que voltar a ela, empurrando-a na cama e arrancando cada peça de roupa entre nós. Não admitirei que a única maneira de continuar vivendo é ou com ela nua e debaixo de mim para o resto de nossos dias ou longe, muito longe, onde ela conheça um estranho, e eu volte para minha vida estritamente regular.

Ambas as opções não são saudáveis e com certeza não são aceitáveis.

Mas ... ela vale a pena.

E essa é a mentira que eu nunca corrigirei.

Ela tem que acreditar que não vale a pena.

Ela tem que me odiar pelo que fiz.

Ela tem que aceitar minhas mentiras como verdades, e tem que ver o viciado que sou e não o amante que ela espera.

Apesar dos meus pensamentos mórbidos, um pedaço de sanidade permanece. Um conhecimento de como minha mente funciona e uma esperança provisória que duas coisas possam me salvar como antes.

Distância e tempo.

Há uma coisa refrescante e estou desesperado por isso

No meu passado, o caminho para a 'cura' da minha atual obsessão foi o tédio onde minha mente de repente decidiu que conquistou tudo o que precisava, e o nevoeiro surgiu, me deixando ver o mundo sem o vício.

Um universo de sensações existia após todas as compulsões e sempre pareceu como se eu tivesse saído do meio do nada, depois de lutar, lutar e lutar para respirar, dando um profundo suspiro de alívio e ficando saudável.

Demora um tempo. E não é garantido. Mas pode acontecer com Pim. Eu posso enjoar dela ...

Reviro os olhos.

Besteira.

Quanto mais tempo passo com ela, mais fascinado fico.

Ok, o tempo pode não funcionar... mas talvez a distância sim.

A segunda maneira de quebrar meu TOC é a separação. Ignorar todas as vozes gritando e ter um foco mais excessivo. Percorrer a desintoxicação não importando quão agonizante possa ser.

Algumas obsessões levam apenas um dia para sumir. Coisas simples como uma canção que chamou minha atenção, ouvi-la repetidamente, hora após hora, até que

fisicamente não possa mais ouvir a batida sem querer me matar e, ao mesmo tempo, incapaz de parar de pressionar o replay.

Nesses casos, tudo o que preciso fazer é jogar fora o CD, ou queimar o iPod, ou desligar a internet mesmo quando meu violoncelo me chama.

Alguns dias frios e a tempestade me convida para beber sua chuva venenosa e viver nas nuvens dispersas do céu claro mais uma vez.

Já funcionou antes.

Pode funcionar novamente.

Se puder evitar Pimlico por alguns dias ... uma semana talvez ... então posso esquecer o nirvana de estar dentro dela e voltar ao modo como as coisas eram. Resgatar as coisas platônicas em recuperação.

Tudo que preciso é tempo.

Verifico meu relógio e ignoro a pressão para olhar uma, duas, três vezes, e noto que uma hora passou desde que gritei com ela.

Culpa me dilacera.

Sou um filho da puta por dizer que ela não vale a pena.

Ela vale muito mais do que o que tenho para dar, e essa porra me aterroriza. Machucaria a mim mesmo antes de machucar a pessoa que amo-

Minha coluna fica ereta.

Amo...

Pela segunda vez, essa palavra sorrateira cruza meus pensamentos.

Sei sobre o amor entre irmãos e pais. Sei o que é dar incondicionalmente a alguém meu coração por causa do sangue e obrigação.

Mas passar de estranhos à amigos ... e se apaixonar.

Entregar tudo e ficar feliz por ter a capacidade de entender em vez de pirar sobre o que isso significa.

Estou apaixonado?

É isso que se agita dentro do meu peito? O conhecimento doentio que me jogará da janela se isso significar que é a única maneira de manter Pim segura ou será mais uma camada de culpa por saber o que ela viveu?

A questão percorre meu sangue, torcendo a necessidade de intimidade física em algo totalmente diferente.

Ela é a única me faz sentir dor.

Mas ela também pode ser a única para eu me sentir melhor.

Todos os meus raciocínios anteriores desaparecessem.

Olho para a porta e levanto antes de perceber. Direi a ela exatamente o que tem que acontecer. Que na próxima semana ela tem que ficar em quarentena para sua proteção. Se nossos caminhos se cruzarem, uma distância mínima será necessária em todos os momentos. E acima de tudo, sem nos tocar.

Se ela obedecer, posso recuperar meu controle e podemos voltar a ser amigos.

Posso continuar a amá-la. Cuidar e estimar, dar tudo o que ela sempre quis.

Minha mão fecha na maçaneta, enquanto minha mente entra numa fuga desesperada para ouvir a risada de Pim

novamente, para vê-la roubar algo inconsequente, enquanto rouba meu coração.

Isso é o que preciso.

Ela é o que preciso.

Nós podemos fazer funcionar.

Podemos navegar lado a lado até chegarmos na Inglaterra. Lá eu a libertaria porque é a coisa certa a fazer.

Seremos eu e ela e mais ninguém, quem sabe? Talvez possamos continuar amigos enquanto navego os mares em busca de redenção e volto para a vida que foi roubada.

A ideia aquece meu coração dolorido e, ao mesmo tempo o esmaga sob seu ciclo vicioso.

Desejando ter uma rota de fuga, eu abro a porta e entro na sala de estar da suíte.

Meus olhos caem no tapete onde ela estava parada e me implorando para falar com ela.

Nada.

O tapete cobrindo o chão não tem marcas de seus pés, e nenhum sinal que ela esteve ali. Claro, ela não permaneceria de pé por mais de uma hora. Ela voltaria para um lugar muito mais confortável.

A cama.

Não posso me aproximar de tal coisa, especialmente depois de ter relações sexuais nela, mas cerro meus dentes e sigo em direção ao quarto que compartilhamos. Para os lençóis amassados e o aroma persistente de tristeza e luxúria.

Vazio.

Instantaneamente, sinto falta da sua presença.

Não há sussurros. E nem seu olhar percorrendo meu corpo.

Nenhuma ratinha silenciosa ou a Pimlico corajosa.

O quarto está vazio.

Meu estômago embrulha quando giro lentamente e olho para o banheiro, acreditando que a qualquer segundo ela vá sair e vou poder avançar e dar um abraço de triturar seus ossos.

Um abraço que se tornará um beijo.

Um beijo que passará a um toque.

Um toque que se transformará numa foda.

Um pesadelo

Eu

Nunca

Posso

Parar

De foder.

Respiro fundo e aperto a ponta do nariz, afastando esses pensamentos e foco no quarto vago.

Ela se foi.

O que provavelmente é uma coisa boa. Uma coisa excelente. Mas o conhecimento que ela saiu enquanto eu me enfurecia no quarto ao lado rasga minha pele do corpo.

Então meu olhar caí no papel dobrado sobre a cama.

Ah, merda.

Raspando as unhas sobre meu couro cabeludo, balanço a cabeça, como se a negação fosse mudar as palavras no papel branco.

“Não.” Recuo ao invés de pegar o papel.

Já sei o que diz. Isso é minha culpa. Eu tive medo. Eu a magoei. Através das minhas ações e dureza, disse a ela para sair. Quis que isso acontecesse, apesar de negar tal afirmação.

"Porra."

Ela foi forte demais para seu próprio bem. Ela ignorou sua desconfiança de estranhos e escolheu um mundo corrupto sobre mim.

Forçando-me para a frente, pego a carta.

A caligrafia é familiar, depois de ler suas notas e mais ninguém. Meus olhos focam no texto e absorvo o tema, mas incapaz de mergulhar totalmente na mensagem incapacitante.

Frases como *Sempre soube que nosso tempo juntos era temporário, exatamente como você.*

E *isso é um adeus, Elder.*

É violentamente excruciante de aceitar.

Em vez disso, olho para o rabisco sobre Pimlico, na parte inferior e congelo.

Porra, a dor pode piorar?

Amasso o papel, fazendo meu melhor para esconder o que vi, o que ela me faz sentir. As seis pequenas letras de sua assinatura queimam minhas retinas.

Não é o nome dado a ela pelo infortúnio.

Mas seu verdadeiro nome.

O nome que Selix me disse ontem, quando me informou a localização da mãe de Pim. O nome que conhecia e não disse a ela, mesmo que exigisse mais do seu coração do que jamais posso merecer.

Tasmin.

"Foda-se." Abaixo a cabeça, olhando as letras com raiva. Ela não disse seu último nome, mas não importa.

Eu sei isso, também.

Roubei seu direito de me dizer e isso me faz um ser humano de merda.

Tasmin Blythe.

A estudante de psicologia em Londres com boas notas, uma existência solitária e o comportamento perfeito da filha modelo de uma das psicólogas criminais mais prolíficas do Reino Unido.

Selix foi o único a descobrir, mas não parei por aí.

Pesquisei no Google em vez de perguntar a Pim tudo o que queria saber, e mais uma vez virou uma perseguição. Vi suas notas e li fatos sobre ela escritos online por terceiros.

Não importa o que a informação do Google deu, não foi uma grama do que aprendi vivendo com ela. O Google pode me dizer sobre a noite do seu sequestro. Ele pode mostrar relatórios de pessoas desaparecidas, artigos de jornais e como a polícia não tem mais pistas. Mas não pode me dizer como ela cheira, como é sua risada, como ela geme. Ele não pode me ensinar o caminho para fazer seus olhos se arregalarem quando faço um elogio ou como seus dentes mordem o lábio inferior enquanto beijo sua garganta.

Mas o Google me disse coisas que Pim não sabe de si mesma. Poucos meses depois de seu sequestro, mais documentos apareceram, mas desta vez, se concentraram em

sua mãe. A mãe que de repente foi o centro das atenções, eclipsando o desaparecimento de sua filha com os próprios atos hediondos.

Fiz tudo errado.

Pensei que queria informações. Que queria cada informação escondida. No entanto, ganhar esse conhecimento da tela de um computador foi vazio e infelizmente insatisfatório.

O que realmente quero é Pim. Quero a beleza de sua voz quando ela me conta sobre seus estudos. Quero a perfeição de seu rosto enquanto ela lembra os animais de estimação na sua infância ou lugares favoritos.

Pim começou como meu caso de caridade e acabou sendo muito mais. Ela saiu antes que eu pudesse dizer porque preciso tanto dela.

Você pode ir atrás dela.

Sei o endereço da sua casa.

Usei o Google Earth para estudar seu antigo apartamento. Usei a vista para a rua para caminhar pelas mesmas calçadas que ela andava antes de ter sido sequestrada.

Posso ir lá e esperar por ela. Ou posso procurar por toda Mônaco, encontrá-la e dizer a verdade sobre o que sua mãe fez e o que significou para seu futuro.

Mas se fizer isso, não há maneira no inferno que vá deixá-la ir novamente. Não haverá nenhuma rede de segurança. Sem final feliz. Só viver uma vida de frustração sexual enquanto ela permanece solitária e rejeitada.

Ela se foi.

Se eu puder de alguma forma fazer o mesmo, pode ser exatamente o que precisamos para sobreviver.

Estou do lado da cama, esperando uma luz sobre o que fazer.

Persegui-la.

Esquece-la.

Reclamá-la.

Abandoná-la.

Uma, duas escolhas.

Uma, duas decisões.

Um, dois potenciais desastres.

Gostaria de ter uma terceira opção apenas para equilibrar o tic dentro do meu crânio.

A contagem louca não para. Esfrego as têmporas. Pim fez isso comigo. Gostaria de ter a capacidade de desligar a emoção. Gostaria de poder me afastar dela como ela acabou de se afastar de mim.

Minhas pernas gritam para caçá-la e arrasta-la de volta, chutando e gritando, se chegar a isso. Mas assim que alimento a ideia de persegui-la pelo centro de Monte Carlo, uma depressão inegável veio.

Ela tomou a decisão por nós dois.

Ela foi a única com coragem para olhar o futuro e ver só dizimação.

Acabou.

Fim.

Essa é a maneira que tem que ser.

Odeio isso. Lamento. Já me sinto quebrando.

Jogo a carta do outro lado da sala, pego meu celular do bolso e ligo para Selix.

Ele atende ao primeiro toque. "Eu sei, eu sei. Estou atrasado. Quase chegando."

“Não importa mais.” Minha voz saí quebrada como vidro.

Selix para. "O que aconteceu?"

Essa pergunta não pode ser respondida no meu estado atual. “Peço a Deus que você tenha a caixa que pedi da minha gaveta de cabeceira.”

“Peguei a caixa.”

Meus ombros caem, já degustando a fumaça doentia. Não tenho o poder de acalmar meus pensamentos desenfreados, mas a erva certamente o fará.

“Bom”, falo. “Diga a Jolfer que estamos partindo no momento em que voltar.”

“Já estamos prontos. O capitão tem o iate totalmente abastecido com alimentos e combustível. Ele está pronto para sair quando quiser.”

"Bom."

Quando não dou mais nenhuma instrução, Selix pergunta: “Mais alguma coisa?”

“Sim, Pimlico foi embora.”

Cristo, não quero parecer tão desesperado. A voz fodida me traí. O coração fodido me atormentando mais. E o fodido universo a colocando no meu caminho.

“Você vai encontrá-la?” O tom de Selix é quieto ... curioso, mas ainda sentindo tudo vir a borda.

Sim.

Não.

Não sei porra.

“Só ... venha me pegar. Esperei tempo suficiente. Preciso estar no oceano.”

“Estou literalmente à duas ruas de distância. O tráfego está uma cadela.” Ele limpa a garganta, mais uma etapa, mostrando que ama me testar. “Olha, se minha opinião vale algo, acho que é uma coisa boa que ela se foi. Não é mais seu problema.”

Agora que já provei, ela sempre será meu problema.

Selix não precisa ouvir isso. “Nunca gostei de suas opiniões. Desta vez não é diferente. Cale a boca e dirija. Quanto mais cedo estivermos fora deste solo abandonado, melhor.”

“Acho que vou deixar os Hawks saberem que seu serviço não é mais necessário.”

“Foda-se.”

Selix ri. “Ei, sempre posso ir ao seu encontro.” Uma buzina soa antes dele acrescentar: “Olha, essa aqui é outra opinião que provavelmente não vai gostar. Você ainda está navegando para a Inglaterra. Quer que eu a encontre e leve a bordo? Você não terá que a ver. Vou mantê-la longe. Pelo menos, saberá que ela está de volta ao seu lugar e pode realmente esquecê-la. Sua parte estará feita.”

Balanço a cabeça enquanto a proposta de Selix se espalha como fogo. “Sabe tão bem quanto eu que ela não tem ninguém por ela. Sua mãe...”

“Eu sei”, ele interrompe. “Mas foda-se. Tenho certeza que ela tem outra família.”

Ela não tem.

Igual a mim.

E essa é mais uma cruz para carregar.

Não quero ouvir mais nada.

Pim fez sua escolha.

Estou fazendo a minha.

Ela está sozinha.

Não importa que sempre carregarei um buraco no referente a ela. Não vou machucá-la novamente. Ela ganhou sua liberdade. Inglaterra ou Mônaco, seu destino será o mesmo em qualquer país, já que ela não tem mais uma casa.

Ela fará um novo lar em algum lugar longe de mim.

Para Alrik.

Para todos.

"Chega de dar suas opiniões, Selix. Traga a caixa. Nunca mencione seu nome novamente, esqueça que ela existiu. Espero zarpar dentro de uma hora. Pode fazer isso? Se não puder, vai nadar com os malditos peixes."



Capítulo dois

Pimlico

Há dois dias, andar pelas ruas foi uma aventura.

Tinha Bill e Lance como sombras e me dando coragem, porque trabalhavam para Elder, e Elder era meu anjo da guarda. Quando alguém me empurra, não fico com medo. Quando um homem me toca, não entro em pânico.

Hoje é completamente diferente.

Passei o dia todo sozinha.

Vulnerável, perdida e com medo.

Homens sorriram e tudo que vi foram monstros.

Mulheres sorriam e tudo o que vi foram vítimas.

A manhã se transformou em tarde e andei com indiferença, o coração ferido e sangrando, tentando adivinhar se minha decisão de deixar Elder foi precipitada.

Não importa que rua entre ou a direção que escolha, não consigo parar de olhar por cima do ombro ... esperando.

Espero que ele venha me perseguir e repreender por ter deixado a carta. Desejando que ele apareça numa esquina e então me beije para sempre. Fui estúpida em pensar que tinha força de vontade suficiente para ficar longe.

Minutos se transformam em horas e essas fantasias bobas ficam sem respostas.

Ele nunca apareceu.



E eu nunca voltei.

Parti por sua causa. Fugi para curá-lo. Pensei ser altruísta o suficiente para fazer isso, mas com a tarde virando noite e à noite escurecendo e vindo à meia-noite, me pergunto o novo nível da imbecilidade que cometi.

Não mereço estar segura e cuidada?

Não ganhei o direito de amar e ser amada em troca?

Ele não te ama.

Esfrego minha pele congelando. Elder nunca me disse como se sente. Pelo que sei, ainda sou apenas uma conquista, e minha saída será um alívio em vez de uma tristeza.

Sabe que não é verdade.

Mas não tenho força de vontade para me convencer, porque se o fizer ... o que me impede de correr para ele e força-lo a viver em agonia, tudo porque não posso imaginar minha vida sem ele?

Não.

Não vou fazer isso.

Meus pensamentos (não importa quão dispersos) são os únicos bens que tenho quando continuo passeando pelas ruas de Monte Carlo. Não tenho bagagem, cobertores e nem dinheiro para camas simpáticas.

Esta é minha penitência por dizer a um homem que ele ganhou meu coração só para sair pela porta sem um adeus. Meu estômago vazio rosna porque merece ter nenhum combustível. Meus ossos não ousam reclamar porque trouxeram tal desconforto a si mesmos. E definitivamente não permito que os lamentos penetrando o meu coração ganhem e caia uma única lágrima.

Isso é minha culpa e vou pagar o preço para evitar que Elder pague.

Por um total de vinte e quatro horas, vivo no limbo.

A medida que as ruas esvaziam e turistas que respeitam a lei são substituídos por bebedores de álcool, me mantenho nas sombras e fora de vista.

Os guardas de segurança patrulham fora das casas noturnas e a presença policial aumenta para proteger os ricos e famosos de decisões ruins e consequências terríveis.

É a noite mais longa da minha vida. Não só porque não tenho nenhum lugar para sentar e descansar, mas porque não paro de me mover para evitar os olhos de outros andarilhos noturnos.

Esta parte da cidade não tem sem tetos, o brilho e elegância desgastam um pedaço de mim que não sabia ter: um certo tipo de ódio pela riqueza.

Posso ter sido brutalizada, mas meu cativeiro foi uma bela mansão que pingava dinheiro. Então, fui resgatada e mantida no Phantom, onde sua própria criação foi graças as relações dissimuladas de Elder.

Amei meu quarto no Phantom, mas até hoje à noite, quando finalmente ganhei um pouco de areia nas minhas sandálias e sujeira nas mãos, esqueci como era não ter tudo.

Estar cercada por vitrines cheias de vestidos de mil dólares e não ser capaz de pagar por eles. Cheirar os aromas de jantares caros em restaurantes exclusivos e não ser capaz de comer.

Mais uma vez, algo foi roubado de mim: o valor das coisas. Não que nunca aceitei minha vida no Phantom e todos os seus luxos concedidos, é claro, mas pela primeira vez, foi bom me preocupar com coisas, coisas normais que Tasmin

não tinha que se preocupar constantemente enquanto Pimlico esqueceu, por que foi mantida como um brinquedo.

As horas passam e não há maneira de dizer o tempo. Preocupações com itinerários e sem modos para chegar onde preciso ir. Problemas mundanos da vida e ser responsável por minha própria pessoa.

Meus pensamentos me mantêm distraída dos meus pés inchados e da dor nas costas quando o amanhecer lentamente se aproxima e mulheres manchadas de maquiagem e homens embriagados mudam de demônios bonitos para canalhas moralmente corrompidos.

Esquivo-me do caminho de uma doméstica e fico nas sombras para evitar os olhos dos guardas, cutucando a ferida aberta deixada por Elder. Durante toda a noite, fiz um jogo de roleta com minha mente girando e as escolhas entre ficar longe e voltar dominando a pequena bola branca.

Às vezes, a bola caiu no vermelho. Vermelho ... a cor do amor, da paixão, do sangue, da ira e da luxúria.

Mas, às vezes, ele caiu no preto. Preto ... a cor do desespero, da dor, da injustiça, do ódio, confusão e dor.

E não me deu uma resposta com que posso viver.

O tempo se arrasta até o amanhecer.

Olho para o horizonte e vejo o quão longe andei.

Meu coração soluça com a distância que coloquei entre Elder e eu. Meus pés ficam rebeldes, querendo recuar em vez avançar.

Tudo o que quero fazer é ajoelhar diante dele e prometer que nunca mais vou pedir para me tocar, beijar ou me colocar na cama. Se é esse o sacrifício por sua amizade e proteção, então que seja. Aceito essa vida.

Se fizer isso, posso estar com ele agora.

Posso estar navegando pelo mar.

Segura.

Aquecida.

Apaixonada.

Quem se importa se ele nunca tocar ou me beijar de novo?

Ele está seguro.

Segurança vale muito mais para mim do que o romance.

Não é?

Odeio que minha resposta não seja mais clara.

Ele me arruinou. Ele me mostrou que a segurança só vem com a confiança, e a confiança tem a capacidade irritante de criar afeição, que se transforma em desejo e de alguma forma floresce em amor.

Você não saiu por você.

Esse lembrete — o espinho me ferindo — me dá força.

Eu posso fazer isso.

Por ele.

Respiro fundo e caminho para a frente.

* * * * *

É final da tarde e ainda não deixei o limbo do sofrimento.

Não elaborei um plano. Não fiz nada, além de lamentar.

Quanto mais ansiosa estou mais cansada e com fome fico, a multidão faz um suor frio escorrer por minha espinha.

A luz do sol me queima como se eu fosse uma formiga sob uma lupa. Cada par de olhos são malévolos.

As ruas deslizam ainda mais profundamente no caos.

Não tenho ideia de onde vou. Não tenho ideia de como encontrar dinheiro para voltar para a Inglaterra ou como rastrear minha mãe.

A cada passo, me abaixo um pouco mais, curvando-me em torno do vazio interior.

No entanto, a medida que as dores aumentam a fome vai embora, minha mente para de me torturar com imagens de Elder e foca na sobrevivência. Preciso de dinheiro. Para alimentos, abrigo e transporte. Preciso de um passaporte para atravessar as fronteiras. Preciso de um milagre para conseguir essas coisas.

Ou os dedos leves que Elder me ensinou a usar.

O pensamento de roubar não é novo. Deliberei durante toda a noite, procurando, por oportunidades fáceis. Mas agora outro dia está aqui, minha garganta está seca, uma dor de cabeça faz meus olhos arderem e finalmente não tenho escolha. O luxo de estar acima de tais necessidades desaparece e me encosto contra um edifício, tentando ficar fora do caminho dos pedestres.

Não quero virar uma criminosa, mas também não posso continuar caminhando sem direção.

Preciso ser inteligente.

É hora de roubar.

Desgosto me enche enquanto estudo potenciais vítimas e encontro o ritmo da cidade. Olho os turistas rindo e avalio os empresários. Faço meu melhor para recordar tudo que Elder me ensinou sobre furtos.

Meus dedos se espalham nos meus lados, dispostos a roubar uma carteira ou bolsa, mas ainda assim, pouco qualificados em não ser vistos.

Por mais que não queira fazer isso, tenho duas escolhas: roubar o suficiente para chegar em casa ou me colocar à mercê de outros. Terei que confiar cegamente que a polícia não é corrupta, bons samaritanos não são maus, e que quem viesse a seguir na minha vida não abusará de mim.

Não.

Eu não posso.

Estou muito frágil. Minha confiança ainda é nova. Não posso virar e confiar em outra pessoa. Tinha uma pessoa que confiava e fugi dela. A segunda melhor sou eu, eu mesmo, e eu.

Mais ninguém.

Ninguém ... droga.

A dor incapacitante no meu peito é graças a Elder e sua história sobre ser chamado de ninguém por sua família.

Meu diário está para sempre ligado a ele.

Ele arruinou o único santuário que tive.

Sinto falta dele mais do que posso suportar.

O que ele está fazendo? Ele decidiu ir para o inferno e me deixou? Ele ficou e tentou me encontrar?

Onde estou no fundo da cidade, rodeada por edifícios e estranhos, não posso ver o oceano. Não posso ver o Phantom ou a sacada onde ficamos lado a lado e enfrentamos a tempestade no mar.

Não posso ver se ele se foi ...

Quatro meninas passam, duas com bolsas coloridas abertas implorando para serem roubadas.

É como se o destino tivesse me dado à direção e dissesse parar com os pensamentos dolorosos. Se Elder se foi, que assim seja. Se ele ainda está aqui, não é minha preocupação.

Parti porque o amo.

E vou roubar porque preciso assumir a responsabilidade por mim mesma novamente.

Agarrada a minha convicção, saio do meu lugar de descanso e sigo.

Nos primeiros passos, não sinto nada. Então, quanto mais me comprometo a fazer isso, mais adrenalina enche minhas veias. Fico nervosa e paranoica.

Imagino que as meninas estejam em seus vinte e poucos anos e, a julgar pelos rostos cansados da noite e roupas novas impecáveis, estão aqui para fazer festas com orçamentos de compras ilimitados.

Sorte minha que essas pessoas não fazem eu me sentir fora de lugar. Posso não estar vestindo a última moda das passarelas quando escolhi fugir, e mesmo com o trabalho duro de passar a noite fora, meu vestido de verão ainda é apropriado e meu cabelo está aceitável.

Sou apenas a quinta pessoa nesse grupo de gastadoras felizes, e ninguém me nota à espreita atrás delas.

Meus ouvidos sentem suas risadas falsas enquanto reviviam os momentos que flertaram com homens na última noite apenas para beber seus drinques caros antes de dizer que eram feios para seus gostos.

Quanto mais ouço, menos gosto delas. Embora, uma menina não diga nada, apenas balança a cabeça e sorri

quando as amigas olham e se encolhe e revira os olhos quando elas não estão vendo.

Gosto dela, mas não das outras. Não sei por que, mas, não gostar delas ajuda na minha decisão, continuo a seguir, ansiosa agora para uma oportunidade de roubar ao invés de temer isso.

Finalmente, elas param do lado de fora em um café para ler o menu e minha oportunidade surge.

Paro e observo. Duas bolsas das meninas detestáveis permanecem penduradas descuidadamente no seu ombro, uma prata e uma turquesa, implorando para eu levá-las.

Então faço.

Sem olhar ao redor, minhas mãos desaparecem e roubo as bolsas.

Uma fração de segundo depois, viro e vou para o outro lado.

No momento que começo a andar, as batidas começam. Encharcada de ansiedade. Uma onda doente de excitação. Uma inundação de desgosto.

Meu Deus.

Roubei para meu próprio benefício.

Não deixei uma nota me desculpando.

Julguei as meninas por sua conversa idiota e mesquinha.

Mas sou a única errada, não elas.

Santo inferno, eu as roubei.

Meu coração não pode acreditar que me tornei uma criminosa, enquanto a adrenalina aumenta, me deixando doente com a farsa.

Não olho para onde vou quando enfio uma bolsa debaixo do braço e abro o zíper prateado. Dentro tem um maço de notas de cem dólares e tantos cartões de crédito que jamais vi.

Desconheço a fraude de cartão de crédito, então só pego o dinheiro e fecho o zíper da bolsa. Passo por um café com sua clientela tomando um banho de sol ao ar livre e deixo a bolsa numa mesa na esperança que um bom garçom a encontre e entregue na delegacia mais próxima.

Pelo menos as meninas terão a chance de ter seus cartões e outras lembranças de volta. Acabei de pegar seu dinheiro. Vou usar sabiamente e com gratidão para ter uma casa, onde nunca terei que roubar novamente.

“Ei, você!” Um grito alto faz minha cabeça virar.

A menina loira que falou sobre os homens na noite passada aponta para mim. “Pegue-a. É uma ladra!” O olhar dela vai para a bolsa turquesa em minhas mãos.

Sua amiga morena grita: “Essa é minha carteira! Olha!"

Os pedestres franzem a testa, não querendo se envolver ainda, me dando alguns segundos para entrar em pânico antes de tudo explodir.

Por um momento, eu congelo.

Não posso negar suas acusações porque são inteiramente verdade. Sou a única culpada, e tudo que quero fazer é pedir desculpas por pegar algo de sua propriedade.

Mas se fizer ... serei presa, e minha prisão anterior começará de novo, em Mônaco em vez de estar livre e em casa com a minha mãe.

Não.

Não posso estar presa novamente.

Por qualquer um.

“Pare, sua puta!” Vendo que os espectadores não estão me atacando, as meninas cuidam do assunto com as próprias mãos. “Traga seu traseiro ladrão aqui!”

Elas gritam.

Eu me afasto.

Não penso. O instinto assume.

Corro o mais rápido que posso pelas ruas congestionadas sob o sol quente. Não olho para trás. Meus pulmões estourando, os ossos gritando, meus olhos buscando um porto seguro.

Talvez tenha corrido por duas horas ou dois minutos, o medo transforma tudo numa corrida impossível de ser vencida. Com falta de ar, entro numa rua lateral, esperando que sair da estrada principal, me ajude a desaparecer.

Pensei errado.

Ah não...

Engolindo o terror, me vejo um beco sem saída.

Não não não.

Girando, dou três passos para trás, apenas para ver as sandálias caras das minhas vítimas.

Elas correm para o beco, respirando com dificuldade, com suor nas sobrancelhas perfeitas. Todas bonitas com o cabelo e maquiagem impecável, pele hidratada, mas para três, nenhuma beleza poderia esconder a feiura interior.

A loira usando um vestido de bolinhas zomba. “Pegamos você agora, não é, pequena ladra?”

Encolho-me nas sombras, desejando a Deus não ter feito o que fiz, desesperada para fazer as pazes. Minha voz me abandona. O silêncio se torna meu velho amigo e inimigo.

As meninas não importam.

Elas avançam. “Devolva nossas coisas, cadela.”

Jogo a bolsa turquesa para elas, vendo-a cair numa poça suja.

“E a minha?”, a loira pergunta, o olhar fixo no dinheiro em minhas mãos.

Abro a boca para dizer que não estou com ela. Que deixei numa mesa do café para fazer as pazes, mas uma menina de cabelos negros que parece no controle e mais cruel e inteligente do que as outras amigas de férias, pega o telefone.

“Senhoras, não se preocupem.” Com um sorriso frio, diz: “Vamos chamar Harold e deixar que ele cuide disso, não é?”

A menina que não falou, que está um pouco longe de suas amigas e não se juntou na releitura rancorosa de ferir os sentimentos dos homens na noite anterior, se encolhe. “Miranda... eu não acho...”

A menina de cabelos negros lhe dá um olhar.

Ela para de falar.

Miranda olha para mim, aperta alguns botões no telefone. Seu sorriso é demoníaco. “Você realmente não deveria ter tomado o que não é seu. Agora Harold e seus amigos terão que te ensinar uma lição.”

Sua amiga morena de shorts cinza e polo branca levanta as mãos. “Uau, espera. Não precisamos ter os homens envolvidos.”

Espero que ela acalme sua amiga e pare o que está prestes a acontecer. Em vez disso, com os lábios distribuídos pelos dentes afiados ela continua. “Não deixe que eles tenham toda a diversão. Podemos fazer isso.” Ela aperta os punhos com uma risada louca. “Vamos dar um pouco a ela.”

A loira torce o nariz. “Eca, não vou bater em alguém. Eu posso quebrar uma unha.” Ela olha as unhas vibrantes pintadas de rosa. “Elas são de gel, Monique. Passei horas no salão fazendo.”

“Ninguém vai quebrar uma unha,” a bruxa de cabelos pretos diz. “Somos senhoras e senhoras não lutam.” Ela levanta o queixo. “Senhoras se vingam sem sujar as mãos. Portanto, Harold vai cuidar dela. Não tenho dúvidas que ele terá um monte de diversão ensinando como é se sentir ao ter coisas tomadas sem consentimento.”

Meus joelhos tremem com a escuridão em seu tom. Na forma como seus olhos brilham com insinuações mal escondidas numa sentença terrível.

Não preciso ser ensinada.

Eu já sei.

Sei como é uma e outra vez ter coisas pessoais tomadas sem consentimento.

Como meu corpo foi usado como entretenimento para outros.

Como não tenho dúvidas disso.

A traição.

O conhecimento horrível que não valho nada para a pessoa me machucando.

Oh, meu Deus, o que fiz?

Elas estão certas.

Eu tomei suas coisas sem consentimento. Sou tão má quanto as idiotas que querem me machucar. Elas têm todo o direito de estar feridas e zangadas. Eu também fiquei. Estou ferida e zangada há anos.

Quero abrir a boca e pedir desculpas. Assegurar que nunca vou roubar novamente e que sei muito bem o fim de quem comete tal roubo.

Mas mais uma vez, minha garganta fecha, escondendo as palavras, silenciando minhas súplicas. Desejo nunca ter usado o silêncio como proteção. Quero poder quebrar essa maldição e gritar.

Em seguida, Miranda me assusta com mais horror quando murmura, “Harold é engenhoso com as punições. Imagino que ele vá achar algo original para te lembrar que roubar não é bom.” Ela estreita os olhos, parecendo uma serpente pronta para sua próxima refeição. “Especialmente roubar de nós.”

As imagens mentais que ela pintou.

A memória de cordas

e correntes

e chicotes

e música clássica

e boquetes

e estupros

e dor.

Não!

Caio de joelhos e fico em ruínas lembrando de fazer tal coisa, desmorono diante delas. Juntando as mãos, luto com todos os mecanismos de segurança e desejo que minha língua se mova.

Num tom implorando, sussurro, “Eu sinto muito. Eu não quis... eu não tenho nenhuma desculpa. Sei o que é. Eu não preciso de uma lição. Tive muitas lições.” Choro sem lágrimas. Os meus olhos se preparam para a batida que sei que virá.

Nunca gritei com Alrik.

Nunca chorei com Alrik.

Não faria isso sem uma nova punição.

Velhos hábitos nunca morrem.

“Por favor ...” eu sussurro. “Por favor, não faça isso.”

A loira e a menina que não se juntou as amigas tropeçam para trás, espanto pintando suas características bonitas.

A loira passa por mim parando de amaldiçoar e fala com racionalidade. “Ei, Miranda... sabe o quê? Sem danos feitos. Nós temos o dinheiro de volta. Posso cancelar meus cartões. Está tudo bem..."

“Eu concordo.” A linda menina puxa os cabelos negros. “Vamos, vamos embora.”

Mas Miranda me olha, com o mesmo brilho nos olhos que Alrik tinha porém os dela ainda são brilhantes. "Não. O que está feito está feito. Ela precisa de um pouco de retorno.” Avançando, ela leva o telefone até a orelha e sorri quando alguém atende. “Harold, baby? Sim, sou eu. Olha, preciso que venha aqui. Uma garota tentou roubar a gente.” Seu sorriso se transforma de demoníaco à absolutamente fatal. “Sim, isso que disse. Sabia que ia entender.” Ela balança a cabeça. "Sim. Disse que você vai 'falar' com ela. Se certifique que ela não faça novamente.”

Rindo de algo que ele disse, ela joga o cabelo sobre o ombro. "OK baby. Vejo você em cinco.” Desligando, ela aponta

um dedo na minha cara. "E agora esperamos. Prepare-se, cadela. Vai entrar num mundo de dor."



Capítulo três

Elder

O oceano tem um poder sobre mim que pode equilibrar a bagunça no meu cérebro melhor do que qualquer coisa. É uma das muitas razões pelas quais escolhi o mar como minha casa.

Normalmente, o caos da terra escorrega dos meus ombros no momento em que ficamos a bordo. Normalmente, posso respirar um pouco mais fácil, ter mais foco, e fingir ser normal depois de lutar contra as tendências viciantes.

Normalmente é a palavra-chave.

Não é ocasionalmente ou com pouca frequência, é normalmente: no geral, de forma consistente, confiável.

Fodida Pimlico por mudar isso.

Ontem foi um dos dias mais difíceis da minha vida e estou dizendo algo após as merdas que causei.

Selix voltou ao hotel. Meu coração galopava como se tivesse corrido quilômetros tentando decidir o que fazer.

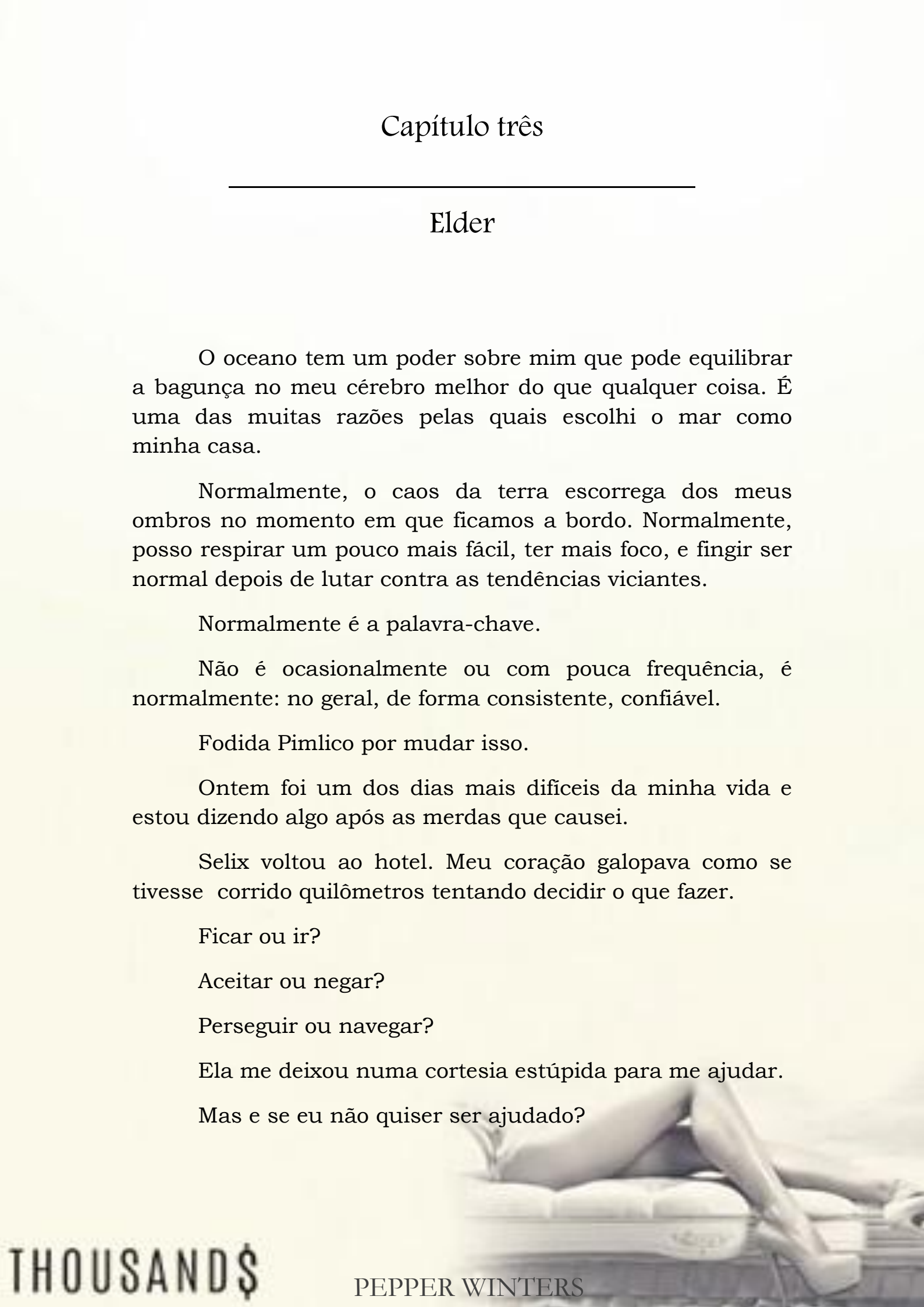
Ficar ou ir?

Aceitar ou negar?

Perseguir ou navegar?

Ela me deixou numa cortesia estúpida para me ajudar.

Mas e se eu não quiser ser ajudado?



E se eu tiver que fazer merda e me ajudar, em vez de fazer disso sua responsabilidade, entrar num mundo onde ela não tem nada e ninguém? Por que tenho que aceitar que ela me dê seu amor e depois leve a porra com ela?

Selix não me influenciou em nenhuma direção. Ele sentou e folheou uma revista por horas enquanto quis maconha no meu sistema para ajudar a tomar a melhor decisão.

E a decisão a que cheguei foi que... não posso deixa-la fazer isso.

Não posso deixa-la se colocar em perigo por mim. Isso não está certo. Não é justo. Não sou o único com um cérebro ferrado. Outros tiveram o que tive e vivem uma vida normal. Eles não estão fodidos, desconfiados de médicos ou dispostos a tentar coisas novas.

Serei como eles. Vou colocar a minha vida em ordem. Quero encontrar Pimlico, leva-la para a Inglaterra sem toca-la, e no momento em que chegarmos, vou me acalmar e ser capaz de estar perto dela sem transar. Então, uma vez que tiver controle da minha vida e saber que ela está à salvo, veria alguém e vou procurar um tratamento ou remédio que possa me ajudar. Assumirei o controle da minha mente para poder merecer tudo o que Pim me deu, tão pura e desinteressadamente.

É um plano com o qual posso viver.

Então, volto para o hotel com Selix a reboque e percorro as ruas por horas. Becos e ruas principais, lojas e restaurantes. Mantenho meus olhos em busca de um flash de cabelos chocolate ou um vislumbre de membros sensuais.

Mas não consigo encontrá-la.

Em nenhum lugar.

Não importa.

Ela não pode ter ido longe. Tem que estar em Monte Carlo. E, com o pôr do sol no nosso primeiro dia de intervalo, assumo o desafio de seguir confiante que vou encontrá-la, porque porra, não vou parar até que o faça.

Mas, então, meu telefone toca.

E a chamada que temo finalmente chega.

O Chinmoku encontrou onde minha mãe mora com seu irmão. Eles me seguiram da minha casa da colina e invadiram a casa do meu irmão na noite passada. Conseguiram matar um primo de segundo grau que nunca tinha conhecido antes da segurança que coloquei, e minha família distante entrou em cena para defender-se antes que fossem executados.

Outro membro do meu sangue matou por minha causa.

Mas pelo menos meus homens abateram os dois Chinmoku que atacaram.

Só dois.

É um insulto à porra do líder da facção que costumava lutar. Será que pensam que só precisam de dois para matar toda a minha dinastia? Há inúmeros deles e apenas um de mim, mas planejo banhar minhas mãos em sangue até que eles estejam extintos.

Eles deram o primeiro passo nessa longa guerra.

Agora é a minha vez.

De acordo com o meu pedido, se e quando o Chinmoku encontrar onde minha mãe está escondida, meus homens irão matar todos. Eles tentaram. Usaram negociações e ameaças, mas minha mãe ficou em seus calcanhares.

Meus homens salvaram a sua vida, e as vidas dos meus primos e quem mais estivesse relacionado a mim. Os meus homens são a desgraça da vida dela.

Ela não se importa que estaria morta se eu não cuidasse dela.

Tudo o que ela se importava era que meu pai e irmão estão mortos, e que o meu pecado nunca poderá ser perdoado.

A equipe de segurança me chamou para discutir a possibilidade de drogar minha família para que eles possam ser movidos com segurança, enquanto dormem.

Estou prestes a concordar quando olho para as ruas congestionadas, vendo lojistas e crianças e homens felizes com as mulheres que amam, e não posso fazer isso.

Eles têm livre arbítrio assim como Pimlico.

Por que diabos farei algo sem seu consentimento?

Então desligo e tomo a decisão mais difícil da minha vida: voltar para minha família e enfrentar o que fiz. E finalmente falar com eles e pedir o seu perdão para que possa mantê-los vivos até que tenha feito o que preciso.

Pimlico não é da família, não importa o quanto meu coração discorde.

Tenho que fazer uma escolha filha da puta que me quebra ao meio.

Pim sobreviverá sem mim.

Mas minha família morrerá por minha causa.

Nunca tive uma escolha.

Às duas da manhã, caminho a bordo do Phantom, na esperança de encontrar aquela mágica segurança, onde os

problemas são cortados ao meio e preocupações silenciadas, mas desta vez ... nada.

O balanço da maré não me acalma, o cheiro de sal não me acalma, e o céu aberto no horizonte zomba de mim porque não há tal coisa como liberdade.

É uma brincadeira totalmente sádica de faz de conta, pensar que tenho a liberdade de amar uma mulher e permanecer vivo num mundo onde não resolvi minhas transgressões passadas.

Tenho que ajeitar as coisas antes de merecer algo mais.

Com os motores desligados, minha casa sai do porto para o mar e faço o meu melhor para ignorar a dor paralisante de deixar Pim para trás.

Minha família tem que vir em primeiro lugar. Devo muito a eles, é uma dívida grande demais para esquecer. Mesmo que tudo o que queira fazer é encontrar a mulher que roubou meu coração e ficar de joelhos diante dela.

Dizer que nunca serei capaz de ter um relacionamento normal, mas preciso dela. Quero ser egoísta e mantê-la mesmo sabendo que não me pertence.

Meus braços estão vazios sem ela, meu coração é inútil, minha honra nada mais do que escória.

Isso foi ontem.

Este novo dia é tão doloroso.

“Bom dia, senhor.” Jolfer sorri, sem saber do tormento que vivo enquanto caminho até ele.

Balanço a cabeça, mas não respondo.

Vim apenas para uma coisa. Verificar que ele mudou o curso da Inglaterra para a América.

Olhando os instrumentos e o grande mapa náutico preso com o magnetismo na mesa de centro, respiro profundamente, fazendo meu melhor para não ceder a culpa debilitante por deixar Pim para trás.

Jolfer mostra o plano de navegação antiquado que gosta. Ele não evoluiu para telas de computador com direções e tecnologia de ponta. Ele prefere seu sextante, correntes de maré, e outros truques marítimos para chegar do ponto A ao B.

Para ser honesto, prefiro sua maneira, também. É uma homenagem ao nosso passado, como homens do mar. Além disso, se o Phantom perdesse o poder ou ficássemos presos em um bote salva-vidas sem um SIRI[1] para nos dizer qual a direção navegar, ele pode olhar para as estrelas e encontrar o caminho de casa.

Então, novamente, eu também.

Antes de conhecer Pimlico, passei a maior parte do meu tempo na cabine. É o meu lugar favorito além de tocar violoncelo no convés ou nadar no mar.

Agora odeio tudo e todos, cada onda quebrando e o ronronar do motor que me leva mais longe dela.

"Tudo pronto?" Engulo minha saliva cheio de desgosto.

Ela partiu para me proteger.

Estou partindo para proteger minha família.

Estamos ambos fazendo coisas para outras pessoas quando tudo que quero é estar com ela.

Maldição, o que estou fazendo?

Não posso deixa-la para trás. Não posso ser tão cruel.

Você não tem uma escolha.

[1] SIRI= Aplicativo semelhante a um GPS de uso Marítimo

Você tem que ir.

Jolfer sorri. “O novo curso está completo. Estou prestes a abrir, agora que estamos longe o suficientemente de Mónaco e suas águas rasas.”

Limpo a garganta. "Bom."

Virando para seu segundo em comando, Jolfer diz: “Deixe-a livre, Martin.”

“Sim capitão.” Martin aperta um botão, retransmitindo as ordens à tripulação na popa através do intercomunicador, e vira uma chave pesada.

O zumbido dos motores fica mais alto com as lâminas colossais das hélices cortando a água para devasta-la.

Deixo a cabine e mal chego ao convés antes de fechar meus punhos e soltar palavrões olhando para o céu.

Lá, à distância, Mônaco, fica menor a cada segundo.

Logo não haverá mais montanhas me oprimindo, nem mais posições de carros me sufocando, e nem a população ao meu redor.

Logo Mônaco será apenas uma memória ruim deixada no meu despertar.

Pimlico vai continuar a viver sem mim.

Gostaria de continuar a viver sem ela.

Nosso amor acabou antes de começar.

Capítulo quatro

Pimlico

"Então você é a ladra, hein?"

Não olhe.

Não olhe.

Não olhe.

Tento obedecer meus comandos frenéticos, mas meus olhos tem vontade própria. Percorrendo o concreto sujo, vejo sapatos azul bebê e a calça azul-marinho com a camisa xadrez creme com o logotipo do cavalo da Ralph Lauren no bolso de peito.

Meu olhar vai para lá.

Ele não quer estudar o menino branco muito rico, com cabelos loiros e cavanhaque correspondente. Não quero ter mais uma dor para lembrar nos meus pesadelos, uma vez que tudo acabar.

Mas não posso deixar de analisá-lo, assim como analisei tantos outros.

Noto sua postura relaxada e ansiosa para começar.

Registro o sorriso de escárnio e confiante.

E sua cuidada aparência rica e ego que parece interminável.

Parece que a riqueza tem o poder de transformar certas pessoas em cidadãos sem escrúpulos.

Ele assobia com tédio e malícia. Ele sorri com autojustiça e ressentimento. Ele é uma versão mais jovem de Alrik.

Um soluço afunda as garras em minha garganta, me fazendo engasgar. Abaixo a cabeça novamente, permitindo que meu emaranhado cabelo marrom caia como uma tela. Permaneço curvada de joelhos na sujeira.

“Não quer admitir a culpa, é?” Ele ri e olha as três mulheres que o rodeiam. Sua namorada de cabelos negros, Miranda, sorri. “Ela implorou para deixa-la ir, mas não disse uma palavra desde então.”

A amiga tranquila fica de lado com os lábios franzidos e os braços cruzados como se pudesse negar o que está acontecendo. Seu cabelo castanho é natural enquanto o das amigas é pintado. Seu rosto tem apenas gloss e rímel em vez de base e blush e seus olhos... eles são gentis.

E pedem desculpas.

Afasto a atenção dela quando Harold dá um passo em minha direção. Meu coração começa a zumbir ao mesmo tempo em que tenta parar. O enigma dos músculos: fingir de morto ou esfregar meu peito onde dói.

“Pronta para sua aula?” Ele inclina a cabeça.

A menina agradável caminha para frente, torcendo as mãos. “Olha, isso já foi longe o suficiente. Já a mantivemos neste beco por mais de meia hora. Ela não fez nada além de lamentar. Acredito plenamente que foi uma primeira vez, e duvido que fará novamente.”

Meus olhos observam a insistência da menina em lutar minhas batalhas, mesmo quando sou culpada. Ela me dá um sorriso nervoso, aumentando meu nervosismo. Andando em direção à amiga, ela diz, “Deixe-a ir, Miranda. Temos coisas melhores para fazer do que-”

“Coisa melhor do que ensinar essa ladra a não tomar o que não é dela?” Miranda grita. “Não vou aceitar que tirem vantagem de mim, Simone. Ninguém toma o que é meu.” Ela inclina e acaricia o braço do namorado, enfiando os dedos nos dele. “Não é mesmo, querido?”

Seu namorado, um sósia mais jovem de Alrik, assente com a cabeça. "Está certo. Só porque somos ricos não significa que temos que aceitar que nos roubem.”

“Mas não fomos roubadas-” Simone suspira com impaciência. “Nós recuperamos o que é nosso, menos Callie que já cancelou seus cartões de crédito enquanto te esperávamos. Por favor, Harold, vamos embora. Monique? Callie?” Ela olha as outras amigas que assistem a cena.

Surpreendentemente, Callie devolve o sorriso de Simone. “Estou bem em ir. Como disse, tenho meu dinheiro e os cartões estão cancelados. O banco está solicitando novos enquanto falamos. Estou bem em deixar o passado no passado.”

“Ótimo!” Simone bate palmas, recuando em direção ao sol da rua movimentada onde a classe rica e média se mistura e relaxa nas férias. “Vamos nadar antes da festa Versace hoje à noite.”

“Não tão rápido.” Miranda levanta o dedo. “Posso considerar esquecer isso...”

"Você irá! Grande.” Simone sorri. “Isso é tão doce de você, Miranda.”

“Se”, Miranda continua. “Essa pequena ladra que está na minha frente pedir desculpas.”

Vacilo quando ela dirige a ira para mim. “Levante, venha aqui e diga que está arrependida, que nunca fará de novo e posso considerar dizer a Harold para não te ensinar uma lição.”

Não me movo.

Não aceito sua oferta porque sou especialista nestes jogos.

Suas amigas não sabem.

Mas eu sim.

Alrik brincou demais comigo para eu esquecer o som de um convite vazio. Ele pendurou roupas na minha frente, esperando que eu confiasse dessa vez, até que finalmente me deixava tocar e vestir.

Só para me chamar de estúpida quando o fiz.

Ele me ofereceu alimentos frescos, permitindo que as fragrâncias me fizessem babar depois de passar fome durante dois dias, me persuadindo na esperança de que talvez, este fosse o momento que ele mostraria misericórdia.

Apenas para despejar o conteúdo no vaso sanitário quando estendi a mão.

Miranda tem a mesma miséria em seus olhos.

A que diz ... *vem aqui ... quero te atormentar, pequena ratinha.*

Esse apelido dispara meus pensamentos para Elder e sofro ainda mais.

A pobre Simone, com o coração tão quente como a luz do sol, sai do beco escuro passando por Miranda com a mão estendida para mim. "Vamos. Você ouviu o que ela disse. Você é livre para ir se disser que sente muito. E sei que se arrepende. Você está branca como um fantasma." Ela se agacha na minha frente, oferecendo sua mão, sendo tão boa, mesmo depois que incomodei seu feriado roubando-a tão insensivelmente. "Não sei por que roubou, mas se não tem dinheiro para comida ou está perdida ou sozinha, vou com prazer te dar dinheiro para o que precisar."

Meu Deus.

Ninguém me fez uma oferta tão bonita antes. Até a generosidade de Elder veio com um plano de pagamento.

Esta menina ...

Uma lágrima de extrema gratidão escapa. Ao contrário de Miranda e seus jogos, Simone é genuína em sua oferta.

Minha voz saí apesar da mudez auto imposta. “Você é a pessoa mais gentil que já conheci.”

Ela cora conscientemente. "Não, não sou. Acredite em mim. Eu só... há algo em você. Vamos. Diga que está arrependida e então podemos sair. Vou com você, se aceitar. Ah, já sei... pode voltar para o meu hotel e comer. Meu pai vai se certificar de que seja cuidada.”

Olho para trás, Miranda e Harold estão rindo, assistindo ao show como um aperitivo antes do prato principal... minha dor.

Quero falar com Simone durante o tempo que for capaz. Dizer a ela qualquer coisa. Mentiria sobre ter uma vida mais feliz se isso significasse poder evitar os punhos iminentes e pontapés.

Chegaria tão longe como dizer a verdade e aceitar qualquer caridade que ela me dê para voltar para casa e nunca ter que roubar novamente. E de alguma forma conseguir um emprego e pagar sua generosidade, em seguida, começar a trabalhar no reparo dos buracos na minha alma até Elder sumir.

“Você pode falar comigo...” Simone pede. “Não vou te morder. Quis dizer o que disse. Se precisa de dinheiro ou de ajuda, vou com prazer dar a você.”

Meus ombros caem quando uma onda de gratidão que me enche. Mesmo que sofra com uma surra hoje, tive outro

anjo da guarda disposto a me ajudar. Não sei o que fiz para merecer isso, mas se tudo o que custar são algumas contusões, então pagarei com orgulho.

Sentado mais ereta, aperto minhas mãos no colo e olho por cima de sua cabeça para Miranda. Se ela fosse tão amável como Simone, faria o que pediu e pediria desculpas pela segunda vez.

Mas ela não é.

E nada do que eu fale irá ajudar.

“Realmente sinto muito.” Forço minha voz a sair calma e serena. “E quero fazer isso direito. Mas posso ficar na sua frente. Posso me curvar diante de você. Posso beijar as mãos e pedir desculpas por dias, mas não fará um pingo de diferença.”

Simone fica rígida, um pequeno suspiro saindo de seus lábios. "O que está fazendo?"

Algo que deveria ter feito anos atrás.

Lutando por mim.

Estou farta de ser insultada. Não há nada que possa fazer para evitar o que irá acontecer, mas posso dizer algo que vai assombrá-los quando forem mais velhos, mais sábios e menos arrogantes e cruéis. “Quer saber por que isso não fará diferença?” Eu mostro os dentes. “É porque conheço pessoas como você. Vivi com pessoas como você. Fui vendida para pessoas como você. Todos os dias brincavam comigo e todos os dias, aprendi a cair menos e menos em seus truques. Ao contrário de você, nunca fiz mal a outra pessoa, até ontem, quando fugi do único homem que já amei. Então, talvez esta seja a punição por machucá-lo e vou aceitar porque o que fiz foi errado. Assumo total responsabilidade por isso e por roubar. Mas também sei que mesmo se

pudesse de alguma forma te convencer do quão sincera sou... ainda acabarei sangrando."

Tensiono e encaro Miranda. "Então diga ao seu cachorrinho para fazer seu pior. Ele não vai me quebrar. Ninguém pode me quebrar, embora muitos tenham tentado."

O silêncio cai no beco.

Lágrimas enchem os olhos de Simone. "Oh, wow. Você foi vendida?" Ela segura minhas mãos, mas me afasto por hábito. Ela se acalma, baixando a cabeça. "Eu sinto muito."

Não posso suportar sua compreensão, mesmo depois de tê-la prejudicado. Abro minha boca para assegurar a ela que não estou atrás de simpatia. Só me defendi pela primeira vez na vida, mas a gargalhada de descrença de Miranda e Harold toca meus ouvidos e soa tão familiar.

Estou acostumada a ser ridicularizada e maltratada.

"Sério, Simone!" Miranda dá uma risadinha. "Você acredita nessa merda? Nessa pequena mentirosa?"

Simone avança e agarra minha mão. Com uma explosão de força surpreendente, ela me puxa sem a ajuda dos meus pés doloridos. Meus tornozelos gritam de ficar sentada por tanto tempo, meus joelhos feridos e vermelhos do cascalho sujo.

Puxando-me, ela agarra meus dedos. "Acredito nela e vou ajudar. Vou levá-la para ver meu pai agora. Ele saberá o que fazer."

Tropeço em estado de choque com a forma como uma criatura tão maravilhosa pode ter amigas monstruosas iguais a Miranda. Ela é ingênua para a forma astuta da maldade ou pensa que pode mudar Miranda mostrando sua bondade?

De qualquer maneira, estou jogando com ambas as possibilidades quando Simone me puxa para ficar na frente

de sua amiga. “Estou saindo com ela.” Olhando para mim, Simone ordena, “Peça desculpas e então pode acabar com isso.”

Abaixo os olhos para os sapatos azuis bebê de Harold e as sandálias prateadas de Miranda. Doí fisicamente falar com esses animais, mas faço por Simone, não eles.

Se ela acredita que irá parar, então talvez deva confiar em seu julgamento. Posso estar influenciada por experiências passadas. Gostaria de dar o primeiro passo para a normalidade e tratar cada ocorrência como passado.

Levanto meu queixo e falo com uma coragem que não tenho. “Sinto muito por tomar o que não é meu. Tenha certeza, eu nunca-”

A palma da mão afiada de Miranda dá um tapa no meu rosto. “Você está certa, nunca vai roubar de novo porque vai lembrar-se desta lição por toda vida, cadela!”

Calor imediatamente surge, me encharcando de dor.

Tropeço para trás.

Simone grita.

Eu desligo.

Dor... Minha velha amiga.

Concentro-me sobre ela, parabenizando-a. Eu sabia. Eu sou ela. Não sei mais nada por causa disso.

“Miranda, espere!” A voz de Simone soa como se estivesse debaixo d'água enquanto seus dedos são arrancados dos meus e sou violentamente empurrada contra a parede.

“Pronta para aproveitar a lição?” O rosto de Harold aparece, batendo meu crânio no tijolo atrás de mim, a respiração dele é uma mistura de álcool e frutos do mar.

Olho por cima do ombro e vejo Simone chorando e implorando, a risada satisfeita de Miranda e as outras duas meninas parecendo petrificadas, como se de repente estivessem assustadas.

Todas ofegam quando o punho de Harold bate contra minha barriga.

Eu não.

Fico em silêncio.

Nem um suspiro.

Nem um grunhido.

Muda.

Como sempre fui.

Simone grita, Miranda aplaude e a menina loira se vira e corre para fora do beco.

Não posso culpá-la. Ser espancada é uma tarefa terrível de suportar. Ver isso ser feito com nenhum poder para impedir, pode até ser pior.

Simone deve sentir também. É como uma cicatriz para a bela vida que possuí. Isso vai arruinar sua bondade. E mudar tudo.

Aceitar.

Afinal, ao contrário dos meus ossos quebrados antes e lesões mal curadas, mereço isso. Ninguém me disse para roubar suas carteiras. Fiz tudo por conta própria.

O punho de Harold acerta mais uma vez meu estômago. Desta vez no lado onde meu apêndice fica. Abraço minha barriga, deslizando para baixo da parede onde sua perna se inclina para trás e o pé chuta minha caixa torácica.

A dor não é descritível.

Vivi com ela por tanto tempo, é como tentar descrever como respiro ou bombeio sangue nas veias. É uma parte minha e acontece sem pensamentos conscientes.

Encolho-me, protegendo a cabeça e junto minhas pernas, protegendo o resto.

Já não ouço Simone gritando. Não ouço a risada de Miranda ou o fluxo de 'Tome isso, cadela. Isso é bom?' Vindo de Harold.

Tudo fica em silêncio, por dentro e por fora.

Meus pensamentos vão para Elder. Onde ele está agora? E se manteve minha carta? E se o machuquei mais uma vez, dizendo como me sinto só para fugir porque não quero ser a responsável por quebrá-lo ainda mais?

Outro chute, este me fez tremer até que meus lábios se separam como uma criatura agonizando.

O tempo faz tudo perder o sentido.

Outro soco vem em cima dos meus braços enquanto embalo minha cabeça. Minha coluna raspa contra a parede enquanto Harold me chuta com força suficiente para me jogar para frente.

Seu sapato beija meu rosto, o envio de pressão instantânea vai deixar um olho roxo muito familiar.

Pergunto-me brevemente quanto tempo ele vai me bater e o quão cruel se tornará, mas ele continua sua tarefa.

Outro chute, desta vez em algum lugar na minha perna. A agonia infiltra-se instantaneamente em meus ossos, fazendo queimar até as lesões antigas como uma porta se abrindo para um novo amigo.

Não tento levantar.

Aprendi a não tentar correr quando sou espancada.

Todos os meus instintos dizem para calar a boca, bloquear e me enrolar forte.

Outro chute.

Outro soco no meu braço.

E, em seguida, um novo ruído. Algo que não se encaixa.

“Pare!” O grito ondula vagamente para minha consciência.

“Ei!” Outro grito, do sexo masculino e autoritário.

Meu coração estende os braços ansiosos. Imagino Elder chegando no momento perfeito. Meu cavaleiro e vilão com sua tatuagem de dragão. Se ele veio? Ouso ter esperança?

Fico tensa esperando outra punição, mas a figura iminente de Harold, de repente, desaparece. A saída da sua sombra opressiva me deixa olhar o céu aberto. Ouso observar através da floresta de pernas.

Duas coisas me atingem.

Um, agradecimento que alguém veio em meu socorro.

Dois, a miséria absoluta de não ser Elder.

Miranda grita quando dois homens pegam seu namorado.

Harold amaldiçoa e grita, fazendo o melhor para se libertar.

Mas os dois salvadores não o soltam, rapidamente agarrando e torcendo os braços de Harold atrás das costas. Seus uniformes enchem minha visão com a dominação legal, um escudo de ouro na manga e uma variedade de armas, emblemas e ferramentas.

Na minha visão com uma neblina dolorosa, vejo as algemas em Harold. “Qualquer coisa que fizer ou disser poderá ser usada contra você. Gostaria que se acalmasse, amigo, antes de fazer algo que pode se arrepender.” Seu sotaque francês é grosso e autoritário.

Harold cospe num deles. Ele erra. “Foda-se.”

Antes que o policial possa retaliar, Simone torce as mãos. “Graças a Deus você está aqui!” Ela corre do caminho quando dois policiais assentem e consigo ver um Harold pouco cooperante à frente.

Harold luta, chutando com o joelho um oficial. “Solte-me, seu filho da puta!”

Não mostrando qualquer sinal de ter se ferido, o policial mais velho com cabelos grisalhos rosna. “Recusar uma ordem direta irá resultar em consequências desagradáveis, senhor. Chute-me novamente e estará em apuros.” Empurrando Harold contra a mesma parede que fui jogada, ele acrescenta: “Levante-se. Como eu disse, você está preso.”

“Uma merda que estou!” Harold luta contra as algemas. “Não sabe quem eu sou? Quem é meu pai? Acaba de perder o emprego sua puta.”

“Não há necessidade de usar palavras de baixo calão, senhor”, a policial mais jovem murmura. Ela recua um pouco, olhando o prisioneiro detido. “Você é a pessoa que cometeu o crime de agredir a jovem, não nós.”

“Por que você fodidamente...” O rosto de Harold torce com tanta fúria que fico pálida. Sua máscara de loucura me dá um flashback para a mansão branca e Alrik cortando minha língua.

Fecho os olhos, fazendo o meu melhor para dissipar tais memórias terríveis. Quando abro novamente, percebo

Callie a garota loira que correu, escondida atrás dos policiais. Ela acena para Simone para se juntar a ela.

Simone obedece, indo em direção a ela e sorrindo em agradecimento. No entanto, seus olhos nunca deixam os meus quando diz aos policiais: “Precisamos ajudar esta pobre menina. Ela disse que foi vendida. Que foi maltratada. Minha família vai pagar se precisar ver um médico ou algo assim.”

Mais uma vez, meu peito se enche de gratidão.

Vacilo quando a policial vem em minha direção, se abaixando. “Isso é verdade, senhorita?”

Não respondo.

Depois de alguns segundos franzindo a testa pelo meu silêncio, ela olha Simone. "Não se preocupe. Vamos acompanha-la a partir daqui e oferecer um excelente atendimento.”

Cubos de gelo se estabelecem em minha barriga.

O que isso significa?

“O que quer dizer?” Simone pergunta em meu nome. "Eu quero ajudar."

Ignorando Simone, a policial mais jovem, com olhos bondosos e cabelos castanhos levanta e pega meu cotovelo.

Minha pele arrepia com seu toque, mas me forço a concentrar em seu uniforme, na bondade em seu rosto e encontrar algum elemento de confiança para apoiar meu corpo ferido.

“Venha, senhorita. Teremos alguém te examinando e ouvindo o que tem a dizer.”

Faço uma careta quando meus músculos reclamam dos chutes que Harold deu. Minhas costelas queimam, meu olho está inchado, e meu rosto ainda arde pelo tapa de

Miranda. Mesmo que a policial diga as coisas certas, são as coisas que ela não diz que agitam meu sangue.

Há algo mais. Algo que ela não disse ainda.

“Que porra é essa?” Miranda coloca as mãos nos quadris, lembrando que tem que me fazer sofrer e não terminou ainda. “Ela nos roubou. Ela merece ir para a cadeia, não ser tratada como uma flor frágil.” Batendo o pé, ela exige, “Deixe meu namorado ir. Ele só estava ensinando a essa ladra estúpida uma lição. É tudo culpa dela.”

O policial mais velho estreita os olhos, usando as palavras da colega, mas num tom completamente diferente. "Isso é verdade? Será que roubou essas meninas?”

Espero por Miranda me condenar, mas, estranhamente, é a loira desta vez. Agora não há ameaça de derramamento de sangue, ela volta para os seus olhos. “Nós a pegamos em flagrante roubando carteiras de nossas bolsas.”

A policial jovem segurando meu cotovelo aperta, tornando-se mais do que um suporte, ela fala: “É a hora de falar, senhorita. Conte a verdade.”

Abaixo a cabeça. Minha voz se torna um passageiro assustado, deslizando pela garganta para se esconder.

Simone responde por mim. “Você não pode ver que ela tem problemas? E se está roubando porque não tem nada? Talvez ela só escapou dos homens que a compraram e precisa de ajuda, em vez de julgamento?”

“Hugh, o que é um pote de merda!” Miranda joga as mãos para cima. “Ela está mentindo, Simone. Não há nenhuma maneira do que ela diz ser verdade.”

Não abro a boca para me defender. Não há nenhum ponto.

Harold se acalma, vendo mais uma oportunidade para me fazer pagar, mesmo se não for por seus punhos. Ele muda de um camaleão derramando sua brutalidade feroz, para um cavalheirismo em causa. “Só estava protegendo minha mulher, oficial. Essa menina é uma ladra e mentirosa. Ela colocou minha namorada em perigo. Ela roubou. Se alguém merece ser preso, é ela.”

A jovem policial me puxa para longe da parede, substituindo desgosto por compaixão. “Fale agora se quiser negar essas acusações. Caso contrário, virá com a gente.”

Murcho.

Sinto o sangue inundar na língua quando a mordo.

Minha mente começa a nadar por ser atingida na cabeça.

Quero tanto poder negar. Quero mentir, mas já cometi um crime. Não quero acrescentar outro ao registro.

Simone se lança para frente, segurando meu outro cotovelo. Não devo nada a essa menina, mas ela continua a lutar por mim. Em circunstâncias normais, iria agradecer e implorar para ser sua amiga. Nunca conheci uma garota como ela, não em meu passado e não desde que Elder me encontrou.

Seria tão bom ter uma amiga. Alguém que iria ouvir e simpatizar com o que vivi. Posso falar com ela sobre Elder e pedir sua opinião. Ela pode me dizer se fiz a coisa certa fugindo ou se fui ridiculamente estúpida por me afastar do homem que não só me salvou, mas me devolveu a vontade de viver.

Você fez isso por ele.

Continuo esquecendo essa parte. Esqueci a agonia de ter fugido para protegê-lo e não a mim.

Meu silêncio irrita os oficiais.

Sua paciência se esgotou.

“Certo, já que um de vocês já fez algo absurdo e o outro se recusa a dizer uma palavra, acho que teremos que te levar.” O policial mais velho puxa Harold em direção à rua movimentada onde algumas pessoas tentam aliviar sua curiosidade desenfreada. "Vamos."

A jovem policial me arrasta para frente. "Você também."

Vou de bom grado, não oferecendo resistência. Tropeço e manco, mas não luto. Não que possa com as velhas dores e as dores que Harold me concedeu.

Simone grita: “Espera, onde está levando-a?”

“Para ser examinada e interrogada.” A jovem policial me arrasta. Em algum ponto no caminho, perdi um sapato e estremeço quando o cascalho perfura meu pé.

O policial mais velho coloca um par de óculos aviador quando saí do beco e entra na rua ensolarada. Pedestres mudam de direção e velocidade à medida que interrompemos o tráfego, passando na frente de turistas curiosos olhando eu e Harold no aperto dos agentes da lei.

Um pequeno sedan com o logotipo da polícia está estacionado na calçada, como se a amiga de Simone tivesse o parado enquanto dirigiam pela rua.

A loira me fez um favor e parou o espancamento, mas agora, tirou a chance de possivelmente ter algum dinheiro emprestado e ser livre para encontrar o caminho de casa.

Olho por cima do ombro para Simone, que está com os braços cruzados e preocupação em seu rosto inocente. Ela acena hesitante enquanto me afasto.

Será que ela vai me ver na cadeia? Será que seu pai vai deixá-la ir? Ou vai esquecer a pobre prisioneira que tentou roubá-la no momento em que eu subir na viatura?

De qualquer maneira, não importa quando minha cabeça vira e vê o bonito oceano escondido atrás de edifícios.

O horizonte brilha com a glória na luz do sol, mas não estou interessada na beleza deste lugar. Não me importo com as escunas, lanchas e iates.

Preocupo-me com uma coisa.

Uma coisa que procuro freneticamente enquanto tento desviar o olhar.

Eu não devo olhar.

Preciso esquecer.

Muito tarde.

Não posso parar o gemido fraco quando encontro o local onde o Phantom atracou, flutuando fora do congestionamento do porto, um farol para casa.

Apenas, não há iate.

Não há casa.

Apenas um local turquesa, vazio como um dente perdido numa mandíbula.

Elder leu minha carta e concordou comigo.

Ele embarcou no Phantom, dando uma última olhada para Mônaco e partiu.

Algo corta dentro de mim.

Algo semelhante a uma lâmina de filetagem tira meu coração da caixa torácica. Curto, intenso, formando bolhas com sua maldade.

Viro quando a jovem policial me guia para a parte traseira do seu veículo.

Luto contra as lágrimas, esforçando-me para manter os olhos no horizonte, implorando para ser um erro. Que olhei no lugar errado. Que o Phantom ainda está lá, e por algum milagre, Elder ignorou minha necessidade de fugir e neste momento está me procurando.

Por favor...

Mas quando a porta se fecha e os sons da vida da cidade e do tráfego são silenciados, não posso conter as lágrimas.

Dói mais do que qualquer punho.

É pior do que qualquer chute.

Essa é a pior agonia que já senti.

A agonia de um coração partido.

A dor de um amante navegando.



Capítulo Cinco

Elder

Dois dos piores dias de merda que já tive.

Em vez da minha dor no coração sumir, só piora.

Hora a hora, a falta que sinto de Pim aperta como um garrote em torno do meu peito, causando a pressão perfeita para me cortar e limpar completamente.

Leva tudo em mim manter o curso e me impedir de arrancar os controles de Jolfer e voltar, no momento que Mônaco desaparece da minha vista.

Desisti da esperança de qualquer alívio. Esse tempo me enche de náuseas quando penso em Pim lá fora... sozinha, cercada por estranhos e fazendo sabe se lá o que para sobreviver.

O que diabos pensei deixando-a ir?

Não consigo dormir.

Mal posso comer.

Raramente deixo minha posição no convés, olhando o horizonte, desesperado para encontrar algo para curar as partes de mim que Pimlico quebrou.

Mas nada pode parar a discórdia corroendo meu cérebro. O conhecimento insondável que deixei algo de valor inestimável para trás. O inchaço terrível em meu coração que fiz algo fodidamente imperdoável.

Eu me odeio.



E a ela.

Desprezo-nos por deixar emoções arruinarem um arranjo perfeitamente aceitável.

Ela deveria estar aqui comigo, em vez de por si mesma onde não posso tocar, falar ou protegê-la.

Precisando me manter focado depois que ela me deixou e por que zarpei, passo a maior parte do tempo no telefone com o líder dos mercenários que monta guarda protegendo minha família.

Ele me dá relatórios de hora em hora e aumentou o tamanho de sua equipe para se espalhar e proteger até mesmo os mais distantes parentes de sangue. Pessoas que nunca ouvi falar, muito menos devo qualquer tipo de fidelidade.

Sei que, mais uma vez, meu vício tomou algo puro e manchou.

Meu dever é com minha mãe, tios, tias e aproximadamente seis a sete primos.

Isso é tudo.

Na realidade, o Chinmoku provavelmente nem sequer se preocupa com os primos terceiros e sogros que vieram ao longo dos anos.

Mas eu sim.

Não porque tenho um desejo repentino de manter estranhos vivos, mas por causa da maldita obsessão na minha cabeça.

Eles são meus, independentemente se temos algo em comum ou uma conexão. Eles estão ligados a mim pelo parentesco e meu cérebro mudou de proteção para algo como a posse no velho mundo sobre a tribo e raça.

Tentei parar.

Fiz o meu melhor para pedir ao líder do Chinmoku que parasse de ir atrás da casa de pessoas que nem sequer sabem o meu nome.

Mas não consegui.

Se não posso ficar com a Pimlico, então farei o que está em meu poder para cuidar de todos, independentemente se for por vício, obrigação ou conveniência.

Estou no convés olho o horizonte rosa e esfrego o local onde meu coração costumava ficar. Nenhum grito ou gaivotas podem corrigir o que temo que se quebrou para sempre.

Deveria estar doente de preocupação com o pensamento da minha mãe em perigo e cheio de nervos pela iminente reunião de família onde ninguém me quer.

Mas tudo que consigo pensar é Pim.

Pim.

Pim.

Agarro o telefone, desejando que ele toque, então terei uma distração da forma como o meu coração bate sem vida me acusando, pendurado numa costela cartilaginosa.

Cada batida me faz rosnar com culpa. Cada palpitação, um lembrete que não tenho mais jantares ou lições. E nada mais para me apaixonar.

Onde ela está agora?

E se encontrou alguém para ajudar?

Ela está indo para a Inglaterra?

Ou já está lá?

Gostaria que a maior parte de mim esperasse que ela encontrou seu caminho para casa, de volta onde pertence. No

entanto, me odeio porque outra parte minha, uma escura e perturbada com ciúmes espera que ela não tenha.

Que precise de mim, mesmo depois de se afastar.

Que ela se machuque porque estamos separados sem nenhuma forma de contato. Sem celular. Sem e-mail. Nenhuma maneira física de rastrear um ao outro.

Você navegou.

Você escolheu o sangue sobre o coração.

E para quê?

Para ser amaldiçoado novamente e ordenado a sair? Para ser expulso e chamado de ninguém? Para permanecer solitário pelo resto dos meus dias?

Merda!

Minha mão livre se curva ao redor do corrimão, querendo arrancar a madeira e latão por sua hipocrisia. Pela minha hipocrisia. A conclusão terrível que cheguei sob o pretexto de fazer a coisa certa... quando na verdade, fiz a porra do oposto.

Ela fugiu de mim.

Ela decidiu por nós dois que para sobreviver, temos que acabar com tudo o que estava sendo construído entre nós. Ela é a guerreira corajosa neste cenário e eu o desgraçado covarde que nunca se perdoará por ter tomado o caminho mais fácil só porque estava com medo de machucá-la.

Maldição, o que fiz?

O telefone toca na minha mão quando o deslizamento de terra emocional me atinge.

Devo a Pim tanto quanto a minha família.

Talvez mais.

Ela disse que me amava quando todos os outros se afastaram.

E o que fiz? Permiti-me que fugisse com esse amor sob o pretexto de salvar a mim mesmo.

Foda-se.

Eu transei com ela.

Tremo com raiva enquanto meu coração finalmente começa a fazer seu trabalho e me acorda depois de três dias e meio de agoniada apatia.

A voz de Selix cruza meus pensamentos, ecoando através do telefone. “Pronto para a nossa sessão de luta?”

Pisco, olhando em volta. Vejo as ondas, nuvens e o iate brilhando em torno. Nós nos organizamos para lutar até alguém desmaiar ou ficar gravemente ferido.

Ontem à noite, quando combinamos, nada soou melhor, porque mesmo meu violoncelo não conseguiu afastar meus pensamentos de Pim.

Esperava que a dor resolvesse.

Mas agora, sei melhor.

Só há uma maneira da dor ir embora, e não é lutando, matando ou sendo o filho perfeito para uma mãe que me amaldiçoa.

É sendo o homem perfeito para a mulher que me ama, independentemente de quem sou. Uma mulher que disse sim, quando todo mundo falou não, inclusive eu mesmo.

Sinto-me culpado por tudo o que sou.

Estou meio que me dando desculpas.

Não posso mais fingir.

Não posso mais fazer isso.

Nada disso.

A menos que a tenha.

Apertando o telefone, ando para o meu quarto. “Nossa luta foi adiada.”

“Oh?” Selix resmunga. “Por que exatamente?”

Tiro a roupa que não troquei desde que deixei Mônaco, pego peças limpas e vou para o banheiro. "Porque eu disse."

“Isso é uma razão. Nunca vi você como um filho da puta por uma cadela.”

Entro no chuveiro e solto as palavras que estou desesperado para falar desde que cometi o pior erro da minha vida. “Prepare o helicóptero. Vou voltar para Mônaco. Imediatamente.”

Capítulo Sete

Elder

Não consigo encontrá-la.

De todas as cidades em todos os países do mundo, escolhi Mônaco como a melhor e não por causa do paraíso fiscal e a rica segurança em torno do Rivera francesa. Amo-a por seu ar de individualismo e respeito. Ninguém tem que se curvar a ninguém.

Agora, o lugar está na minha lista de merda.

Como Pimlico pode desaparecer de forma tão espetacular?

Nem um trabalhador viu a garota que descrevi.

Nem um lojista admitiu tê-la visto andando pelas ruas.

Percorri as estações de trem e terminais até o aeroporto.

Selix e eu cobrimos a maioria das áreas que pudemos pensar... E nada.

A escuridão caí e finalmente tenho que admitir que meu corpo precisa de sustento e minha mente necessita dormir.

A falta dela tem me devorado de dentro para fora, e se não começar a ser inteligente, vou perdê-la para sempre.

Meu telefone toca.



Selix: *Na área de negócios. Um guarda de segurança disse que viu uma menina que corresponde à descrição de Pim ser levada numa viatura.*

Cristo!

Sou um imbecil.

Por que não pensei em verificar as delegacias em torno da cidade? Isso deveria ser tão óbvio quanto verificar os pontos de saída deste país maldito.

Pego meu telefone e me preparo para buscar cada delegacia, mesmo que leve à noite toda...

Por que me dar ao trabalho quando tenho uma maneira melhor?



Capítulo Oito

Pimlico

O DIA SEGUINTE traz os resultados dos exames médicos.

Não é um bom dia.

Dra. Annaz é quem dá a notícia.

No início, escutei remotamente, como se relatasse as complicações corporais de outra pessoa e não minhas. Ela repetiu o que já sei: que tenho artrite de início precoce, um problema de audição secundário e de visão que provavelmente preciso de óculos graças a todos os golpes que ele acertou.

Isso não é nada.

Isso é suportável.

A última coisa que ela me diz não é.

No momento em que termina, envolvo os braços em volta do meu ventre e luto contra as lágrimas cheias de raiva ameaçando cair.

Pensei ter terminado de ouvir coisas que podem me machucar.

Estava errada.

Tão errada.

Alrik, ao que parece, causou cicatrizes internas muito ruins, ele arruinou qualquer chance que tenho de engravidar.

Os itens que utilizou, os lubrificantes incorretos que aplicou, me deixaram infértil.

Nunca vou engravidar.

Não precisava das injeções terríveis que ele me deu. Não preciso me preocupar com contracepção de novo.

Sou estéril. Sem utilidade. *Vazia.*

Nunca pensei sobre crianças até o momento que me disseram que nunca poderia tê-las.

É como se um sonho que nunca tive acabou por ser uma realidade que quero mais do que qualquer coisa. Apenas para ser informada que tenho que permanecer no pesadelo.

É surreal.

É impensável.

Como se Alrik levantou da sepultura e roubou mais de mim.

Sou deixada sozinha para processar mais uma tragédia, e até o momento que sou escoltada de volta para a delegacia, faço um juramento de nunca pensar nisso.

Esquecer o sentimento de quando soube que nunca posso ter algo que de repente, desesperadamente quero e me acostumar com a ideia sem ter um ataque de pânico. Quem se importa se minha feminilidade foi rasgada em pedaços por um monstro que quero matar várias vezes?

Ainda estou viva.

Ainda aqui.

Ainda *ganhando.*

Felizmente, o interrogatório mantém minha mente em outras coisas.

Assim como ontem, meu tratamento é diferente de qualquer um dos espetáculos da polícia que vi. Não há bom policial ou mau policial. Sem mãos batendo em mesas de metal ou ser atacada com perguntas difíceis. Apenas a mesma bondade cortês e respeito que ainda não posso me acostumar.

Meu vestido de verão não é quente o suficiente contra o insípido ar condicionado, e em algum momento, alguém me deu um longo e confortável suéter cor creme que agiu como um abraço quando afundei mais e mais na cadeira.

Fui alimentada, tomei banho, ganhei um novo par de sapatos e os hematomas na minha pele escureceram para um mosaico agradável que mesmo Alrik teria orgulho.

A primeira parte do dia de questionamentos não é fácil porque sinceramente não tenho respostas.

Onde fui mantida?

Como fui levada para lá?

Onde é o lugar onde fui vendida?

Tudo o que posso dizer a eles é que minha cela era numa mansão branca na colina, fui levada num avião particular e vendida para homens com máscaras de papel machê num evento chamado QMB.

Outras questões são perigosamente pessoais.

Quem me salvou e onde foram?

Por que não contatei minha mãe no momento em que fiquei livre?

Quem costurou minha língua depois do que aconteceu?

Estas eu evitei.

Recusei-me a responder com a verdade e em vez disso dei declarações vagas e sem sentindo.

Não mencionei o nome de Elder.

Não há maneira de colocá-lo em apuros – especialmente depois de tudo o que fez por mim. Apenas disse que um bom samaritano com dinheiro me encontrou, me tirou do meu mestre e pagou meu atendimento médico.

Definitivamente não disse a eles sobre puxar o gatilho e atirar em Alrik ou o som horrível do pescoço de Darryl estalando nas mãos fortes de Elder.

Estes são segredos por uma razão e os protegerei com todas as minhas forças.

Assim como o imencionável, que não sou mais capaz de ter um filho ou filha.

Há questões que respondi sinceramente.

Qual é o nome da minha mãe?

Sua data de nascimento?

Qualquer coisa que possa dizer a eles para encontrá-la mais rápido?

Na hora do almoço, uma salada Caesar é entregue, e sou deixada para comer enquanto minhas respostas são, sem dúvida, processadas no sistema deles.

Espero mais do mesmo depois de comer, mas Carlyn chega, sombria e tensa. A doçura de costume em seu rosto é substituída por uma tensão gritante.

Espera ... o que aconteceu?

Movo-me na cadeira, puxando o suéter mais firme em torno de mim.

Seus olhos estreitam enquanto ela senta na cadeira a minha frente, descansando o arquivo que carrega na mesa. “Olá, Tasmin.”

Salto.

Em parte, por esse nome ainda não me pertencer e principalmente porque seu tom de voz me enche de medo. "O que foi? O que está errado?"

Num momento de loucura, quero que ela me chame de Pim.

Odeio o nome Pimlico por muitos motivos, mas me sinto mais em sintonia com essa garota do que com a impostora fingindo ser Tasmin. Preciso encontrar um pouco de coragem mesmo se ela vier de falsos lugares. "Por que está me olhando assim?"

Policial Grey espalha os dedos ligeiramente trêmulos sobre o arquivo. “Tenho algumas novidades.”

Não consigo tirar os olhos do logotipo na parte superior da papelada seguido por uma foto granulada de uma mulher que não pensei que veria novamente.

Minha mãe.

Tremores tomam conta de mim com uma crueldade que não posso negar. Quero pedir que ela conte tudo, mas mais uma vez, o silêncio se torna meu escudo.

Minha garganta fecha.

Meus olhos embaçam.

Meu coração acelera.

O que é?

Conte!

Ela bate levemente no arquivo. “Sabe alguma coisa sobre sua mãe? Desde que a viu pela última vez na noite do evento de caridade?”

Balanço a cabeça, incapaz de afastar os olhos da pequena fotografia granulada.

Mãe ...

Os ombros de Carlyn relaxam um pouco, condolências enchendo seu olhar.

Tensiono.

Não consigo segurar a pergunta. “Ela... ela morreu?” Dormência segue a sílaba dessa terrível pergunta já me protegendo da resposta.

Se ela está morta, estou realmente sozinha. Se ela está morta ... como isso me faz sentir? Eu a amo porque é minha mãe. Mas não necessariamente gosto dela. Mas, ao mesmo tempo, ela representa meu futuro, meu passado, e minha única chance de encontrar um lugar seguro para me recuperar sem depender de Elder ou seu mágico palácio flutuante chamado Phantom.

Carlyn me dá um meio sorriso. “Não, ela não está morta.”

Meus pulmões param de funcionar. Não é uma boa notícia? Por que ela parece quase com medo de contar o resto? Quando nenhuma de nós fala, ela murmura, “Algo ... aconteceu quando você foi levada.”

Minha mente se adianta, tentando descobrir o que ela está prestes a dizer.

O que aconteceu? O que minha mãe pode ter sido capaz de -

Uma nevasca atinge em minha espinha.

Respiro fundo.

Não.

Não é possível.

Todo esse tempo, esperei que meu sequestro fosse um oportunista anticonvencional que avistou uma garota ingênua e viu sinais de dólar em vez de uma vida humana. Mas se minha mãe – em todos os seus estudos e trabalhos com pedófilos e criminosos – de alguma forma abraçou a parte mais escura de sua psique?

E se ela me vendeu como uma experiência?

E se ela me entregou para um monstro para estudar de longe minha sobrevivência?

A ideia é absurda e muito improvável, mas não impede o conceito de se transformar num pesadelo terrível dela me usando como cobaia, como uma garota branca com educação de classe média pode sobreviver a estupro, tortura e jogos mentais.

O quanto eu poderia suportar antes de quebrar ...

"... eu sinto muito, Tasmin."

Olho para cima, chocada ao descobrir que Carlyn falou– disse a verdade – e não prestei atenção. O medo de que ela não vá repetir a notícia me faz inclinar para frente, agarrando suas mãos com as minhas. "*O que* disse?"

Ela franze o cenho para onde a toquei, mas não me repreende. "Eu disse que sinto muito que está sozinha. Que seu apartamento de família foi vendido, seu mobiliário leiloado e sua infância desmontada por causa do que sua mãe fez."

Os tremores estão de volta mil vezes piores. "E o que minha mãe fez?"

Ela empalidece um pouco antes de empurrar a papelada para mim. "Veja por si mesma." Ela baixa a voz. "Um crime é um crime e nunca vou ser solidária com aqueles que pagam pelo que fizeram, mas a mulher em mim entende

por que sua mãe fez o que fez. Depois de conhecê-la, posso ver o porquê."

Ver o porquê de quê?

Meus dedos rapidamente encontram o papel, puxando-o perto e suavizando os cantos ondulados. A foto da minha mãe está na frente exposta e aumentada, mas uma boa olhada me mostra tudo que preciso.

É de uma foto.

A placa na frente dela declara a data de sua prisão, sua altura, peso e data de nascimento.

Seu rosto, de modo semelhante ao meu, o nariz pequeno e redondo, maçãs do rosto salientes e olhos arregalados, é severo e quase orgulhoso. Ela não olha fixamente a câmera como um criminoso – curvado com remorso e chateado com o que seu futuro reserva.

De jeito nenhum.

Ela parece vitoriosa e vingativa, como se desafiando o fotógrafo a registrar suas realizações.

Por que ela foi presa?

O que ela fez?

Em nenhum universo posso entender minha mãe jogando fora sua carreira. Ela trabalhou nas prisões com a doente curiosidade profissional do que faz estupradores e assassinos em massa, mas ela sempre volta para casa à noite. Ela ficará louca trancada com as mesmas pessoas que estudou como ratos num experimento.

Meus olhos relutantemente deixam sua foto, meus dedos derivando sobre o rosto como se necessitando manter contato mesmo quando leio o breve relato.

Prisioneiro: 890776E

Nome: Sonya Blythe

Resumo do crime:

Sonya Blythe apresentou um relatório em 3 de novembro de 2014 afirmando que sua filha, Tasmin Blythe, foi sequestrada do seu evento popular de caridade, realizado no Baglioni Hotel perto do subúrbio de Pimlico, Londres. Uma investigação está em andamento, mas sem sucesso. Após a entrevista inicial de todos os convidados do evento, nenhuma pista nova esteve disponível e o caso estagnou.

Olho Carlyn. Não é novidade para ela que sou esta garota. Que meu nome escravo é Pimlico, por onde fui raptada e que o arquivo de pessoa desaparecida sobre mim pode ser fechado graças à minha reaparição.

Ela sabe disso porque já mostrou o arquivo do meu desaparecimento. É ainda outra razão pela qual ela está do meu lado, em vez de me perseguir por roubar. Ela sabe que estou dizendo a verdade.

Continuo lendo.

O caso para o paradeiro de Tasmin Blythe ainda está em curso. Devido à sua própria impaciência nesta matéria, Sonya Blythe admitiu em sua confissão de que se sentia decepcionada com a polícia e fez justiça com suas próprias mãos.

Meu Deus.

Minhas mãos tremem enquanto leio mais rápido.

Após dois meses de investigação, que ela voluntariamente entregou às autoridades, Sonya Blythe revelou que o homem responsável pelo sequestro de sua filha foi o Sr. Keith Kewet. Um homem que tem a reputação de sair com meninas menores de idade e um estilo de vida chamativo, que não pode ser mantida por seu trabalho de urbanismo regular. Em vez de alertar a força-tarefa encarregada do

desaparecimento de sua filha, Sonya Blythe assumiu como sua responsabilidade dominar e prender Keith Kewet a fim de extrair respostas.

Cubro minha boca com a mão.

Sonya Blythe manteve Keith Kewet vivo por quatro dias usando suas próprias técnicas para extrair a verdade. Ela usou um teste de detector de mentiras de seus contatos no trabalho e outros métodos insatisfatórios divulgados durante a sua confissão. Durante este tempo, ela conseguiu reunir a verdade de que ele foi o culpado pelo desaparecimento de sua filha, onde a levou, e gravou todas as interações como prova.

Como parte do registro de vídeo que Sonya Blythe gravou, ela disse que iria entregá-lo às autoridades de manhã, e com sorte, a polícia de Londres poderia encontrar sua filha e trazê-la para casa.

Como ela fez isso?

Por que ela fez isso?

Não pensei que ela se importava comigo... mas, ela caçou meu traficante. Ela o encontrou. Ela fez algo que a polícia não foi capaz.

Infelizmente, mais tarde naquela noite, Keith Kewet conseguiu escapar do apartamento em que estava preso e Sonya Blythe correu atrás dele.

Ela o golpeou com um suporte para livros, acertando na parte de trás de sua cabeça e ele caiu em alguns degraus do apartamento. Vizinhos ouviram o barulho e os gritos do homem e deixaram suas casas para investigar. Há vários relatos de que Sonya Blythe então espancou Keith Kewet à morte, tudo enquanto amaldiçoava-o por levar sua filha. Apesar de quebrar uma perna quando caiu da escada e ser incapaz de correr, ela não parou de bater até ele estar morto.

Meus olhos embaçam de lágrimas.

Ela matou ... por mim.

Em vez de se entregar as autoridades, Sonja Blythe agarrou seu passaporte, deu a fita de vídeo da confissão a um vizinho e pulou num avião para a Alemanha, onde um círculo de tráfico sexual chamado QMB, Quarterly Market of Beauties, era supostamente onde sua filha foi enviada para ser vendida.

Poucas horas depois que seu crime foi relatado, o passaporte de Sonya Blythe foi congelado, e autoridades alemãs a seguiram na sua chegada em Munique. Ela foi extraditada para a Inglaterra e considerada culpada por sua própria admissão e sentenciada a dezessete anos sem liberdade condicional pelo homicídio de Keith Kewet.

Autoridades, inglesas e alemãs, fizeram o melhor para rastrear o QMB, mas sem sucesso. Tanto o círculo de tráfico e Tasmin Blythe ainda não foram encontrados.

Lágrimas salpicam o arquivo, borrando o translúcido papel e a tinta brilhante com todas as dificuldades que minha mãe suportou.

Como pude pensar tão mal dela?

Como pude acreditar que ela não me amava?

Ela cometeu um assassinato por mim.

Ela jogou fora sua vida, sua carreira, seu futuro, tudo porque ela não pode me deixar.

Meu coração, que iria de alguma forma reter algum capricho infantil – mesmo enterrado sob o ódio que tinha por ela e a sobrevivência que me blindou – uiva de desespero.

Carlyn estende a mão e acaricia meus dedos ainda traçando a foto da minha mãe. "Está bem. Pelo menos sabemos onde ela está e que está viva."

Uma risada escapa dos meus lábios. "Tal mãe tal filha. Ela está na prisão e estou prestes a ir." Olho para cima.

“Podemos pelo menos dividir uma cela? Posso ser enviada para a Inglaterra para cumprir minha sentença?”

Ela sorri com piedade. “Sua mãe está numa prisão de segurança máxima. Seu pequeno furto não é suficiente para ficar com ela.”

Como é estranho estar ao mesmo tempo aliviada e desapontada.

Controlando minhas emoções, digo, “Obrigada por encontrá-la para mim.” Olhando mais uma vez a foto da minha mãe, deslizo o arquivo de volta para Carlyn mesmo que não queira nada mais do que mantê-lo e ajudá-la a escapar da cadeia. "O que acontece a seguir? Estou oficialmente presa? Vendo que não tenho casa ou mãe para voltar, suponho que é melhor começar a planejar meu futuro.”

Carlyn me dá um sorriso torto enquanto desliza a papelada ordenadamente numa pasta ao lado dela.

E assim, minha mãe vai embora de novo.

No momento em que estiver livre e de volta à Inglaterra, quero visitá-la. Vou segurar suas mãos, beijar seu rosto e agradecer de joelhos por fazer o seu melhor para me encontrar. Vou implorar seu perdão pelas *terríveis* coisas que pensei dela. E vou esperar até ela ter cumprido seu tempo e então encontrar um lugar para vivermos, apenas nós... juntas e longe da vida que foi tão cruel em dividir nossa família.

E Elder?

Continuo a nutrir um coração quebrado e espero por Deus que ele esteja feliz... onde quer que esteja.

Carlyn limpa a garganta. “Bem, tenho uma pergunta para você, antes de ir por esse caminho.”

Minha cabeça levanta. “Que pergunta?” E por que sua voz passou de tímida para suspeita?

“O homem que disse que te salvou. Contou que ele era rico.”

Balanço a cabeça lentamente, meus arrepios aumentando, pronta para defender Elder.

"Eu disse."

“E ainda se recusa a dizer o nome dele?”

"Sim.”

“Ele é um membro da lei?”

Faço uma careta. "O que?"

“Ele está de alguma forma associado com uma força de polícia, FBI, ou membro de outros órgãos do governo no exterior?”

Balanço a cabeça. “Há muitas coisas que não sei sobre ele. Não acredito nisso, mas pode ser... por quê?”

Ela inclina a cabeça, buscando por mentiras.

Ela não irá encontrar resposta porque estou tão cega quanto ela sobre esse assunto.

“Os homens que te levaram podem invadir os servidores da polícia?”

Congelo. "O que? O que significa isso?” Curvo-me, olhando os cantos vazios da sala. “Acha que alguém está me rastreando?”

Ela tenta me acalmar, sem sucesso. "Não. No entanto... algo estranho aconteceu a noite.”

Não gosto de estranho. Eu *odeio* estranho. “Estranho como?”

“Bem, seu arquivo foi acessado por duas fontes diferentes. Ilegalmente, devo acrescentar, fora de nossos servidores e através de uma rachadura no nosso firewall.”

O suéter de malha que recebi não pode afastar o frio que percorre minha espinha. "O que isso significa?"

“Isso significa que alguém invadiu nossa base de dados e, em vez de saquear nossos arquivos ou olhar para tudo o que podem, simplesmente roubaram uma cópia eletrônica de suas informações e saíram, remendando o código enquanto o fizeram. Nossas divisões de crime de tecnologia já estão procurando os culpados, mas sem muita esperança. A única coisa que fui capaz de confirmar é que seu arquivo foi acessado por duas pessoas diferentes dentro de horas um do outro.” Ela estreita seu olhar. “Nenhuma explicação ou respostas sobre quem pode ter feito isso?”

Encolho-me na cadeira, suspeitando de tudo e de todos. "Nenhuma."

Elder é ótimo em muitas coisas, então hackear pode ser uma delas. Isso explicaria uma invasão, mas por que duas? Quem é a outra pessoa?

Não sei como essas coisas funcionam ou o que pode ser feito para encontrar os hackers. “O que procuraram?”

Carlyn rola o pescoço como se tivesse tido uma noite difícil e só fico mais preocupada. “Não sabemos, mas aparece uma entrada graças a um alerta sobre o nome QMB e outro é uma bandeira vermelha em seu nome.”

Ela suspira cheia de frustração, repetindo como se não pudesse acreditar. “Ambos entraram, copiaram, e saíram sem deixar rastro.”

Estupidamente, acreditei estar segura na delegacia. Que não importa qual maldade vive lá fora, estando aqui, posso relaxar.

Isso não é verdade?

Quem está me procurando?

Quem sabe sobre a QMB além dos homens que compram e vendem mulheres ilegalmente?

Elder tentou me encontrar?

É outra pessoa?

Bom e mau.

Certo e errado.

Amigo ou inimigo?

Quem vai me encontrar primeiro?



Capítulo Nove

Elder

** A noite anterior **

Qual é o ponto de ter habilidades se não as usar?

Sei como fazer mágica com computadores.

Mal utilizo esses talentos a não ser para invadir uma conta bancária de cliente para garantir que ele tem os fundos antes de concordar em fazer negócios.

Mas Pim... merda, faço qualquer coisa para encontrá-la – inclusive coisas ilegais.

No tempo que levou para voltar ao hotel, abri meu laptop e entrei no servidor seguro para meu IP e outras atividades que serão escondidas, já montei um código que irá funcionar.

O firewall da polícia de Mônaco não é tão impenetrável quanto o de vários criminosos de alto nível para os quais projetei iates, e acho que a questão é simplesmente abrir uma porta traseira, criar um patch[2] e disparar o alerta de procura sob o nome que nunca usei, mas pertence à mulher que vou encontrar.

Tasmin Blythe.

Enquanto espero, abro o maior número de sites de notícias e links históricos ligados ao desaparecimento de Pim

[2] É o processo de tirar erros antigos e colocar novos em softwares.

quanto posso encontrar. Verifico as manchetes mais de uma vez do que a sua mãe fez, o assassinato que cometeu, a maneira sem remorso que confessou e o orgulho com que cumpre a pena.

Posso entender Sonya Blythe.

Ela fez a coisa certa quando outros falharam. Ela vai apodrecer na cadeia, mas pelo menos sua consciência está limpa.

Escolhi viver sob a mesma regra.

Posso estar fazendo merda ilegal para encontrar Pimlico, mas pelo menos vou corrigir os erros que criei. Posso cumprir minha promessa de mantê-la segura. E isso é tudo o que importa.

Não tenho conta no Facebook, mas rapidamente crio um perfil falso, a fim de localizá-la e seguir as mensagens esporádicas e desinteressantes que Tasmin compartilhava antes de ser vendida.

Há algumas marcações dela mal sorrindo com garotas que parecem chatas e outras com os punhos enrolado quando um garoto passa o braço sobre seus ombros.

Ela era mais jovem.

Menos danificada.

Ela teve uma vida antes de mim, mas não parece feliz.

Não que a vida comigo foi feliz, também.

Farei tudo ao meu alcance para mudar isso quando a encontrar.

Vinte minutos depois que joguei minha linha de pesca, balançando o nome dela como isca, algo agarra e meu computador apita.

Fechando o navegador da internet, escaneio o código que me dá tudo que preciso saber.

Pim está presa por roubo. Ela não foi furtiva o suficiente, rápida o suficiente, desonesta o suficiente. Ela roubou antes de estar pronta e de quem é a culpa?

Minha.

Apenas minha.

Meu coração aperta com o pensamento dela em cativeiro mais uma vez. Algemada atrás das grades. Interrogada e ridicularizada.

Sozinha.

Maldição, Pim.

Pelo menos, sei onde ela está.

E não vou parar até que ela seja minha novamente.



Capítulo Dez

Pimlico

Sou transferida para uma sala ao lado da recepção e deixada sozinha durante a última hora.

Depois de relatar a terrível notícia que não uma, mas duas pessoas invadiram o sistema policial, tudo por minha causa, Carlyn me guiou para uma nova área de espera, com uma janela gradeada de metal e espelho unidirecional grande, murmurou algo sobre ter o resto desta confusão resolvida o mais rápido possível.

Poucos minutos após a minha chegada, um policial colocou a cabeça para dentro da sala e pediu para ver Carlyn em particular.

Relutante, ela colocou uma algema no meu pulso e na mesa e saiu. Precisei de tudo que tenho para manter a calma e não deixar meus pensamentos deslizarem de volta para outra época em que fui contida contra minha vontade.

Nunca fui uma pessoa entediada. Muitas coisas se passaram na minha mente para até mesmo me deixar inquieta e impaciente, mas esta hora parece se arrastar por dias.

Estou no limite.

Não fui registrada pelo meu crime nem estou livre para ir. Eles me deram tratamento gratuito de médicos e testes, e tudo por quê? Assim estarei saudável na prisão ou estarei forte o suficiente para sobreviver se for liberada?

Até saber um resultado, posso me preparar mentalmente para a prisão ou inventar um novo plano.

Não tenho minha mãe para voltar.

Nenhum amor para retornar.

Nenhum ventre para criar vida -

Você disse que não iria pensar nisso.

Descanso a cabeça na mão e pressiono meus dedos contra o ferimento no meu olho. Felizmente, a noite no hospital significa que o inchaço diminuiu consideravelmente, e somente a descoloração e a pontada estranha permanecem. Meus outros machucados e arranhões não são nada que não posso lidar.

Harold foi diabólico, mas era um tubarão bebê atrás dos grandes e brancos que nadei junto por dois anos.

Pensando em Harold e as garotas, me pergunto o que Simone está fazendo. Felizmente, ela está de volta com sua família e pensando no seu relacionamento com amigos tão violentos.

Vou vê-la novamente?

Ou ela decidiu que não valho a pena o aborrecimento?

Não posso dizer que a culpo.

A porta finalmente abre e Carlyn retorna. Ela me dá um sorriso brilhante e balanço o metal em volta do meu pulso num pedido silencioso.

“Tenho notícias.” Ela vem para o meu lado da mesa e libera a algema.

Rolo meu braço, esfregando onde o toque metálico se tornou quente pela hora de espera. “Vou para a cadeia?”

Ela ri suavemente. "Não."

Olho-a. "Não?"

Sua cabeça balança enquanto sorri. “Fomos capazes de fazer um acordo.”

"Um acordo?"

Que tipo de acordo?

“Sim.” Movendo-se para sentar, ela acrescenta, “Minha equipe discutiu diferentes cenários que funcionaram para Harold e você e ter um final feliz mediano.”

Fico mais ereta na cadeira, fazendo meu melhor para entender a policial. "Então, o que isso significa?"

“Isso significa que as duas mulheres que roubou concordaram em não prestar queixa se concordar em não prestar queixa contra Harold.” Ela acena com a mão como se não fosse nada. Em comparação com muitos dos crimes que ela trata provavelmente é verdade. “Se concordar, isso significará que a coisa toda não tem qualquer validade. Não haverá crime de nenhuma das partes.”

Como isso é possível? Na última vez que vi as garotas, a de cabelo preto foi quem queria se vingar. As pessoas podem mudar de ideia assim? Mudar seus temperamentos?

Se pode... significa que o vício de Elder em relação ao sexo pode ser esfriado com o tempo?

Esse novo pensamento surge como um vazamento, jorrando com possibilidades.

E se eu-

Inclinando-me sobre a mesa, o rosto de Carlyn torna-se severo, mas encorajador. “Estamos numa cidade pequena Tasmin, e gostará de fazer amigos em vez de inimigos. Se pode viver com isso, então está livre para ir.”

Faço uma careta, esquecendo por um momento que sou a ladra aqui e quem começou essa bagunça. Não posso ignorar o fato de que Harold não será punido por me bater. Mas, novamente, meu passado me ensinou que a maioria dos homens escapa mesmo machucando uma garota – especialmente se têm dinheiro e conexões.

É por isso que ela fez isso ...

Estreito os olhos, lendo nas entrelinhas. “Mesmo se eu apresentar acusações, ele não será preso, não é? Ele provavelmente não irá nem pegar serviço comunitário.”

Carlyn faz uma careta de desgosto, mas assente. "Você está certa. O dinheiro fala e bons advogados são caros, mas costumam fazer o trabalho.” Ela baixa a voz. “Enquanto isso, você será a única a pagar quando ele irá te ferrar com todas as ferramentas disponíveis.”

Seus advogados criativos formarão um bom conto enquanto apodrecerei numa cela sem nenhuma esperança de apelar.

Minha garganta queima com a injustiça, mas balanço a cabeça lentamente. “Tudo bem, não vou prestar queixa.” Meu lado, onde o punho dele acertou dói como se argumentando, mas pressiono meu cotovelo na pulsação e digo com mais convicção. “Aceito o acordo.”

Carlyn sorri tristemente. “Sei o que isso significa e não gosto, assim como você. Mas pelo menos estará livre. Seu lapso momentâneo de julgamento não será punido e vai viver uma vida sem registro. Vou entrar em contato com a embaixada inglesa e iniciar o processo de organizar um novo passaporte para você, então pode ir para ca-”

“Onde diabos ela está?” Um rugido ressoa através da delegacia, interrompendo Carlyn. Nossas cabeças viram na direção da pesada porta aberta e em direção a área de recepção.

Adrenalina corre minhas veias, o pânico aumenta, pronta para correr de tal ferocidade.

Carlyn marcha para a porta, com a mão levantada e pronta para fechá-la bloqueando o alvoroço do lado de fora, mas não é rápida o suficiente para me impedir de ouvir outro grito.

“Senhor, não pode simplesmente entrar aqui e-”

“Tasmin Blythe. Quero respostas. Agora."

O mundo para.

Reconheço este timbre.

Reconheço esta raiva.

Esta *voz* ...

É profunda, sombria e perigosa, mais espessa do que o que estou acostumada, mas... meus ouvidos arrepiam com a memória confusa.

Meu coração luta contra as ataduras apaixonadas e salta empolgado.

Elder...

Ele me encontrou.

Carlyn vira com a mão presa na porta. Sua sobrancelha sobe quando passos decididos soam lá fora. “Esperando alguém?”

Meu coração para e se torna um João Bobo, balançando a cabeça em felicidade ansiosa.

Elder voltou para mim.

Ele ignorou a carta.

Ele foi um dos hackers que acessou meu arquivo.

Quem mais procurou por mim não importa mais.

Ele está aqui.

Estou segura.

Uma briga soa no exterior, seguida por uma pancada forte. “Sei que ela está aqui. Soltem-na.” Uma vibração de papel como se alguém arrastasse uma mesa. "Agora!"

"Senhor. A menos que deseje ser preso por abusar de um policial em seu próprio estabelecimento de trabalho, sugiro que se acalme e-”

“Ela está aqui por minha causa. Consiga um agente, um capitão. Qualquer um que possa corrigir meus erros.” O som de botas pinta uma imagem mental dele rondando a recepção, carrancudo como um animal enjaulado.

Carlyn fecha a porta, bloqueando-a rapidamente. “Tasmin, preciso de uma resposta. Esse é um amigo seu ou alguém que preciso prender?”

Meu sorriso é tão largo que machuca. “Você não precisa prendê-lo.”

Uma pequena injeção de preocupação me pica. Elder é um assassino e ladrão. Não há maneira dele estar num raio de cento e sessenta quilômetros de um policial.

Ele colocou a própria segurança e liberdade em risco para vir e lutar pela minha.

Como diabos me afastei dele antes?

E como diabos manterei as mãos longe agora?

“Então... ele é um amigo?” Carlyn cruza os braços. “Soa muito agressivo.”

“Ele também é gentil.”

Minha voz sonhadora a alerta. Ela fica rígida, olhando-me de perto. “Esse é o homem que você fugiu?”

Meus instintos imediatamente sufocam a alegria e crio um olhar vazio no rosto. “Não.” Não posso sob qualquer circunstância dizer a eles o nome de Elder. Tanto quanto gosto e respeito Carlyn, nunca direi a ela. Se ela tiver os detalhes, quem sabe se pode acusá-lo pelo assassinato de Alrik e Darryl.

Ele será levado.

Ele não será mais meu.

Levanto meu queixo, desafiando-a discutir comigo. “Ele é outra pessoa.”

Ela não se convence. “Outra pessoa, né?”

"Outra pessoa."

Ela revira os olhos. “E quer ver esta outra pessoa?”

Quietude reina na delegacia, mas as vibrações do temperamento de Elder continuam a infiltrar-se através das paredes.

Como ele voltou?

Por que ele voltou?

“P*osso* vê-lo?” Olho para a porta, desejando ter uma visão de raio-x.

Carlyn apoia as mãos nos quadris. “Está livre para ir, Tasmin. Apenas assine uma declaração dizendo que não vai prestar queixa contra Harold Medessa e vou dar-lhe uma cópia do depoimento dele afirmando a mesma coisa.” Ela dá de ombros. “Então está livre para sair pela porta da frente com quem quiser e fazer o que quiser.” Ela balança a cabeça com um pequeno sorriso. “Dentro da razão, é claro. Não mais roubos ou coisas ilegais.”

Com um curto suspiro, seu rosto fica sério. “Se vai com quem está lá fora, então deve providenciar para que seus

arquivos médicos sejam enviados ao profissional escolhido. Quando chegar em casa, pode querer uma terceira opinião sobre seu problema de artrite e infertilidade-"

"Eu entendo." Vacilo, odiando a umidade em meus olhos. "Não preciso de uma terceira opinião."

Cerro os dentes, fazendo meu melhor para esquecer os testes, as perguntas, os médicos e, finalmente, as conclusões sobre meu corpo preto e azul.

Este deve ser um momento feliz.

Não tenho necessidade de arruiná-lo por lamentar coisas que nunca quis em primeiro lugar.

Carlyn suaviza, simpatia brilhando em seus olhos castanhos. "Existe algo que precise? Alguma coisa mesmo? Dinheiro? Comida? Roupa?"

Sorrio agradecida. "É muita gentileza da sua parte. Mas além de ser agressivo e gentil, o homem lá fora também é extremamente generoso. Muito generoso na maior parte do tempo." Tremo com antecipação. "Ele vai me dar tudo que preciso. Ele é muito bom para mim."

"Ninguém pode ser muito bom para outro." Fazendo sinal para eu ficar de pé, ela veste a jaqueta com precisão militar. "Vai voltar para a Inglaterra sem passaporte ou identificação? Sei que não é menor, mas preciso saber que vai ficar bem em seu país."

Sua pergunta brusca não esconde o carinho no tom. Estes últimos dias foram cruéis, mas de alguma forma, fiz uma amiga.

Quero assegurar-lhe que não sou seu problema, mas não posso falar muito. A estrada segura de informações é estreita com penhascos de sigilo a cada lado.

“Meu amigo vai me levar para casa. Ele é-” *tem um iate e funcionários e nenhum problema em quebrar a lei para conseguir o que quer*. “Ele vai me ajudar a conseguir um novo passaporte na embaixada, tenho certeza.”

Meu corpo formiga com o pensamento de ver Elder, tocá-lo, embarcar no Phantom com ele.

A menos que...

Meus ombros caem.

A menos que ele não esteja aqui para me levar.

A menos que isso seja apenas uma cortesia para me tirar da prisão e, em seguida, me jogar de volta nas ruas.

Só porque ele está aqui para me libertar, não significa que está mais bem equipado para que eu invada seu espaço novamente, compartilhe sua cama... destrua sua mente.

Meu coração chora por estar tão perto, mas tão eternamente longe de ser o que quero.

Aguente.

Auto piedade não é legal.

Engolindo meus medos, eu sorrio brilhantemente. “Ele vai encontrar uma maneira. Você não precisa se preocupar.”

Carlyn franze a testa, mas finalmente admite. “Bem, vou dar-lhe uma cópia do documento e impressões digitais. Talvez isso vá ajudar a conseguir alguma forma de identificação.”

Dramatizo um arrepio, fazendo meu melhor para parecer normal e capaz de brincar, agora que o horror da prisão passou. “Entrar num aeroporto com uma ficha criminal por roubo? Não posso ver isso dando certo.”

Ela ri, relaxando assim como pretendia. “Fico feliz em ver que não perdeu seu senso de humor com tudo isso.”

“Tenho meus momentos.”

Ela ri.

Um silêncio sociável, mas desajeitado assume.

Nosso tempo juntas chegou ao fim.

Ela terminou seu trabalho.

Elder veio para continuá-lo.

Estou pronta para passar da sua custódia para a dele.

Ela arruma a postura e num sussurro diz, “Acho que é hora de ver sobre o que o homem lá fora está gritando.”

Finalmente.

Sim.

Vamos.

Não posso evitar meus tremores felizes quando a sigo para a porta. "Acho que você está certa."



Capítulo Onze

Elder

“Não, *você* não entende.” Aponto um dedo na cara de um policial jovem que acha ter o direito de me afastar de Pim quando é apenas um recepcionista. “Tasmin Blythe, como disse antes. Eu quero vê-la. Imediatamente."

“E como disse antes, não trabalhamos com ordens.” Ele estufa o corpo muito frágil. “Sente-se e vou procurar por todas as atualizações sobre o caso dela.”

Tudo o que quero fazer é pegar o computador e esmagá-lo em sua maldita cabeça.

Será que ele não entende que ela foi presa por minha causa?

Se não tivesse lhe ensinado a roubar carteiras. Se não tivesse lhe obrigado a roubar para me pagar por dívidas absurdas, ela não estaria neste lugar.

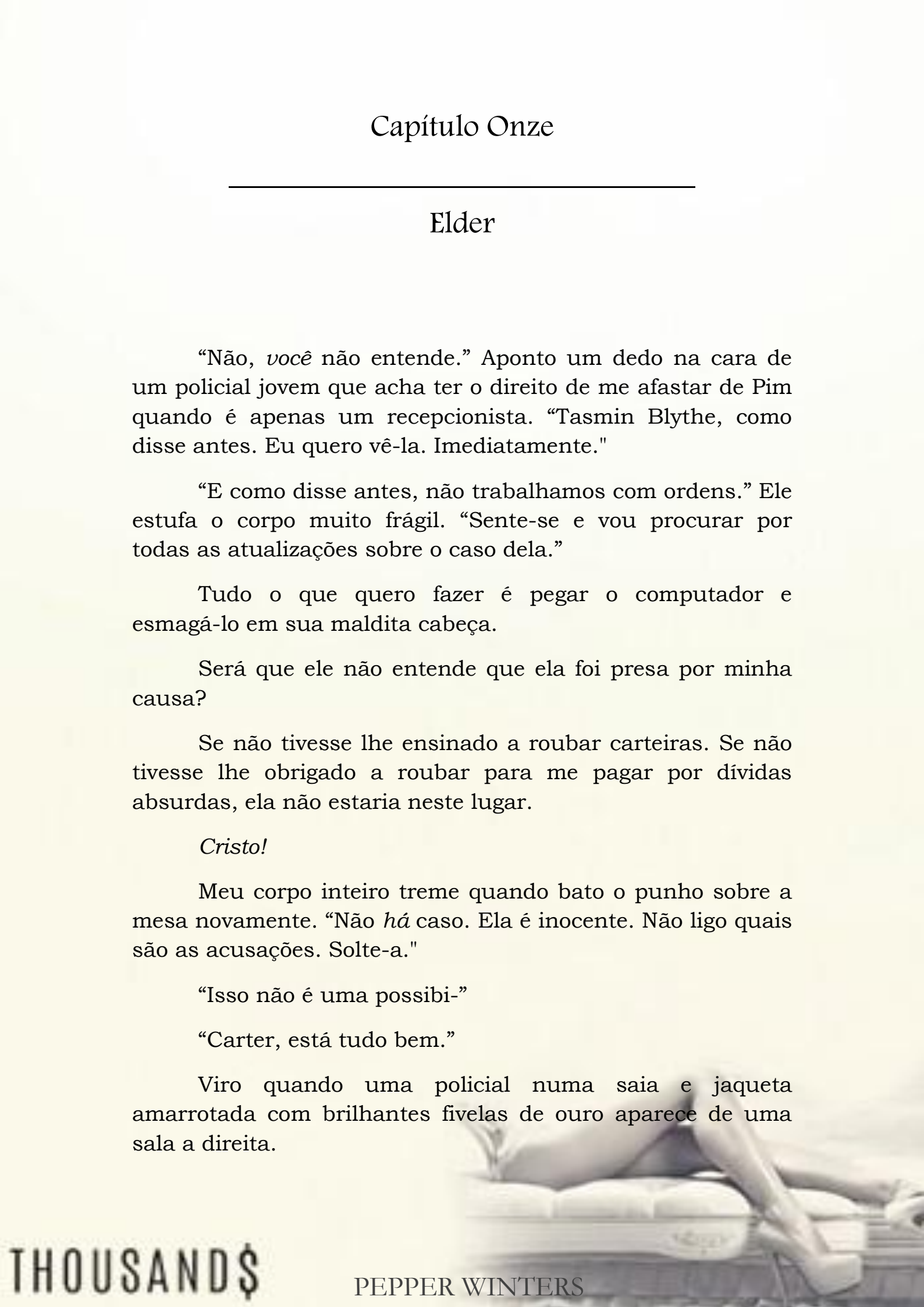
Cristo!

Meu corpo inteiro treme quando bato o punho sobre a mesa novamente. “Não *há* caso. Ela é inocente. Não ligo quais são as acusações. Solte-a."

“Isso não é uma possibi-”

“Carter, está tudo bem.”

Viro quando uma policial numa saia e jaqueta amarrotada com brilhantes fivelas de ouro aparece de uma sala a direita.



Abro a boca para dizer que nada está bem. Nada estará bem de novo a menos que possa revogar o crime de Pim. Merda, vou me entregar, se precisarem de um autor para processar.

Mas, então, meus olhos encontram a mulher ao seu lado.

E o resto do mundo já não importa.

Tropeço com a visão.

Meu coração explode em chamas.

Um olho preto em seu belo rosto. Ela se move mais rígida do que sua graça natural, lembrando-me mais uma vez da criatura castigada que roubei meses atrás.

O fato dela estar ao lado de uma oficial faz minha raiva explodir. Como estes idiotas se *atreveram* a prendê-la contra sua vontade. Como *ousam* tirar sua liberdade quando ela lutou com unhas e dentes para ganhá-la.

Eles não podem ver os testes que ela sofreu?

O horror a que sobreviveu?

Então, o que ela roubou de algum merda pretensioso e egoísta? Se alguém merece o direito de usar a lei para seus próprios ganhos, é ela.

Ela.

Seus olhos verdes encontram os meus, os ombros tensionam. “El-”

Não a deixo terminar.

Vou até ela rapidamente, agarro-a num abraço possessivo, como se ela fosse ser afastada a qualquer momento.

Ela está tão frágil em meus braços. Tão quente, pequena e *certa*.

Gemo quando seus seios pressionam contra meu peito. Preciso dela mais perto. Tocá-la não é suficiente. *Nada* será suficiente.

Levantando-a do chão, aprecio seu peso leve, apertando-a tão forte quanto me atrevo. Mais apertado do que devo.

Apertei-a em proteção, carinho, e acima de tudo, agressividade do que ela fez para mim. A *agonia* que ela injetou em meu coração. O veneno com que infectou meu cérebro. O conhecimento que agora carrego que ela está desinteressada na tentativa de me proteger de mim mesmo e fui egoísta em deixá-la tentar.

Nunca mais.

Ela é minha.

Precisou uma separação para entender, mas agora sei.

Boa sorte para o resto do mundo e qualquer outra pessoa que a quiser porque não podem tê-la.

Mesmo se significar me amarrar pelo resto da viagem para a Inglaterra. Mesmo se significar que não posso dizer adeus quando chegarmos. Mesmo se significar que viverei o resto da minha vida numa névoa de maconha apenas para ser capaz de falar com ela sem a necessidade incessante de estar dentro dela. Mesmo se significar que minha mente finalmente quebre e esteja tão impotente que nunca possa ser normal de novo.

Mesmo assim.

Ela permanecerá minha.

Deveria ter visto isso chegando. Deveria ter notado os sinais de alerta: a primeira vez que meu coração tremeu

quando ela sorriu. O momento em que meu interior apertou porque sua felicidade afetou meu futuro ao invés de apenas o presente. O segundo que todo meu corpo se encheu de sensibilidade quando ela se aproximou.

Todos esses sinais de alerta que ignorei ou interpretei incorretamente.

Mas agora entendi a mensagem.

Estou morto sem ela.

Estou vivo com ela.

Simples.

Sua respiração escapa em meu ouvido enquanto a abraço mais perto – fazendo meu melhor para rastejar dentro dela. Seus braços em volta dos meus ombros, hesitante no início, então mais fortes quando enterro meu rosto em seu pescoço e inalo.

Cristo, ela tem um cheiro incrível sob o fedor da polícia e leis estúpidas. Leis que passei mais tempo da minha vida quebrando e tenho a mínima tolerância.

Será que ela ainda quer dizer aquilo que anunciou no quarto de hotel?

Que me ama?

Será que me ama como um amigo ou algo mais?

A questão acomoda-se na ponta da minha língua, pronta para exigir uma resposta.

Porque assim como as outras duas epifanias, tenho outra.

Eu a amo.

Estou *apaixonado* por ela.

Não existe nada platônico ou de gratidão sobre meu amor. É cruel, mau e indesejado porque o amor quase me destruiu uma vez e irá me destruir novamente se fizer o que estou programado para fazer e machucá-la.

E *vou* machucá-la.

Eventualmente.

Amando-a, não só me condeno, mas ela também. Ela será parte do meu mundo, um mundo que ainda conhece tão pouco. Um mundo aonde a guerra vem, a morte está caçando, e maldições estão com certeza governando.

“Elder...” seu sussurro beija meu rosto, me provocando a saltar de alegria. Não deveria ter vindo aqui lúcido. Deveria ter fumado cada cigarro no Phantom e me anestesiado antes de tentar vê-la.

Alguém me dá um tapinha firme no braço, limpando a garganta com autoridade. “Coloque-a no chão. Imediatamente."

“Faça o que ela diz, Elder,” Pim suspira. "Estou bem. De verdade."

Dói muito obedecer, mas lentamente, desfaço meu aperto de morte e libero meu abraço – não que isso possa ser chamado de abraço... mais como um abraço de desculpas, de reconhecimento, um medo esmagador do que acabei de colocar em minha vida.

Recuando, belisco a ponta do nariz e tento me controlar. Pelo menos em pé em uma delegacia de polícia mantenho meus pensamentos confusos sobre a prisão de Pim e suas necessidades, não as minhas.

Não fico duro ou me afogo em todas as maneiras que preciso transar com ela.

Nos últimos dias meus truques ajudaram a me controlar o suficiente para ignorar o sexo.

Além disso... eu a amo, e por causa desse fato horrível, terrível, estou agora no celibato como a porra de um monge.

"Ela vem comigo." Olho a oficial em seu terno pouco atraente. "Nenhuma discussão. Seja qual for o registro de acusação que fez em seu nome. Desfaça imediatamente."

A mulher acena com a cabeça, um sorriso firmemente em seus lábios. "Você não deve perguntar a Tasmin se é isso que ela quer?"

Eu congelo.

Tasmin.

Ouvir isso fora da minha cabeça. O torna real.

Eu me apaixonei por Pimlico, não Tasmin. Tive o suficiente no meu prato maldito para me preocupar em mudar seu nome. O tique estúpido em que me recuso a reconhecer o novo.

"Sei o que ela quer. Sua liberdade. E está tentando tirar isso."

"Oh, eu estou?" A policial cruza os braços. "Você a vê com algemas?"

Faço uma careta.

Não sei qual é o jogo dessa mulher, mas não são dados. Vim aqui com o propósito de impedir a prisão, não falar por enigmas. "Você a prendeu. Ainda a tem sob custódia. Vim corrigir isso."

"Então pensou em invadir a delegacia e soltar ameaças por aí, não é?" Ela revira os olhos. "Acha que vai funcionar?"

Quem é essa vadia?

“Ouça.” Corrijo minha postura. A camiseta preta que uso age como um eclipse ao lado do sol que é Pim. “Não ligo para seu ponto de vista. Vou contratar mil advogados. Vou cobrar favores com o príncipe. Farei o que for preciso.”

Seus olhos se arregalam com a menção de Sua Alteza Real.

É minha vez de sorrir. “Isso não foi uma ameaça vazia. Conheço o príncipe. Tivemos um acordo de negócios, e tenho certeza que ainda tenho seu número pessoal no meu telefone.” Puxando meu celular do meu bolso, faço uma apresentação para desbloquear a tela. “Quer que eu ligue ou vai fazer o que pedi?”

Pimlico me lança um olhar, em seguida, olha a policial, “Carlyn ... está tudo bem.”

Carlyn ergue a mão para silenciá-la, franzindo a testa. “Você entendeu tudo errado, senhor ...”

“Meu nome não é importante. O importante *é* você liberar Pim. Ela vem comigo.”

“Isto é muito divertido. Não só acha que pode derrubar a lei, mas também continua a falar por Tasmin ao usar um nome que duvido que ela tenha tolerância. Não me importo de quem você é amigo. Não me importo por que a chama de Pim em vez de seu nome correto. Acho que alguém que obviamente se preocupa com minha prisioneira vai querer saber a opinião dela sobre o assunto.”

Fico irritado. “Ela *não* é sua prisioneira.”

“Você não sabe.” Carlyn suspira. “Estou fortemente inclinada a prendê-lo por perturbar a paz.”

Meu sangue gela. "Você me quer? Bem. Prenda-me, mas solte-a.” Aponto para Pim. “Vou levar a culpa pelo roubo dela. Eu roubei-”

“Ei, ei, tudo bem... isso é suficiente.” Pim pula na minha frente, sua pequena mão pousa no meu estomago. “Acho que deve se acalmar.”

“Acalmar-me?” Bufo. “Vou ter calma quando fizerem o que pedi e te libertar.” Apertando as mãos em seus ombros, falo irritado, “Qual é a fiança? Vou pagar. Agora mesmo."

Seja qual for o julgamento que pensam que Pim vai enfrentar, ela não irá.

No momento em que estivermos no Phantom e navegando em águas internacionais, ela estará fora da jurisdição deles.

Ela sorri suavemente. “Não há fiança.”

"O que isso significa?"

“Significa que estou livre para ir.” Dureza domina suas palavras. “Então pare de ser tão ranzinza e seja educado.”

Meus olhos arregalam. “*Desculpe*?” Voei até aqui para te tirar da prisão. Para ser seu protetor e libertador. No entanto, em vez de uma prisioneira assustada, encontro uma deusa recentemente machucada, tão majestosa e destemida quanto me lembro.

Ela está no controle de si mesma e da situação.

Eu sou... desnecessário.

Esse espinho se aloja no fundo do meu coração, esvaziando minha raiva. Afasto a irritação, pronto para ouvir o que diabos está acontecendo.

Os dedos de Pim vibram contra meu estomago, lembrando que posso fazer um juramento de celibato tão fácil quanto respirar, mas mantê-lo será um desastre do caralho.

Olhando para a policial de volta, Pim sorri. “Nós chegamos a um acordo. Não vou prestar queixa se eles não prestarem.”

“Quais queixas?” Rosno.

Pim revira os ombros, deixando a mão descer pela minha barriga depois se afasta. “Vou contar mais tarde.” Com um olhar compartilhado com a mulher que chamou de Carlyn, segue para a mesa onde gritei com o recepcionista.

Quero gritar que eu preciso saber agora.

Que ler o essencial de seu arquivo não foi o suficiente para meu cérebro faminto de informação. Preciso saber o que ela roubou, de quem e por que diabos ela está coberta, mais uma vez, de hematomas.

Quem quer que fez isso... são filhos da puta mortos.

Ela me lança um olhar quando meus punhos apertam. Preciso de cada grama de controle que tenho, mas mantenho meus lábios firmemente fechados.

Eu me *comporto.*

Chegando mais perto, fico rígido e alerta – um guarda com armas prontas.

Carlyn fala com o recepcionista que me olha com cautela. Pega uma pasta de documentos, abre e aponta duas páginas para Pim assinar.

Pim, pega uma caneta da mesa, passa os olhos na declaração, então faz uma assinatura que parece suspeitosamente Pimlico e não Tasmin.

Talvez, como eu, não troquei um nome por outro ainda – mesmo que outros tenham feito.

Balançando a cabeça em aprovação, Carlyn segue para uma impressora grande e digitaliza uma cópia. Passando

aquelas para Pim, espera por mais uma assinatura ao lado de uma que já está borrada na parte inferior.

“E assim... é como se nunca tivesse acontecido.” Ela sorri conspiratória para Pim.

Sei o que a maldita policial está fazendo – fazendo seu melhor para eu perder a paciência e dar uma razão para colocar algemas em meus pulsos e levar Pim para longe outra vez.

Estou com raiva.

Mas não sou estúpido.

Deixo-a ter seu momento porque em exatamente dois minutos nós iremos embora, e Pim estará muito, muito longe.

“Está feito?” Pim acaricia as páginas. "Apenas assim?"

“Apenas assim.” Carlyn anuncia. “Sem mais roubos, no entanto. Ouviu?"

Pim me lança um olhar sob seus cílios. Um que fala *diz isso a ele. Ele é quem me ensinou.* Então ela baixa o olhar e acena timidamente. “Sem mais roubos.”

“Nesse caso, Sr. Eu Não Preciso Saber Seu Nome ...” Carlyn contorna a mesa, dando um olhar de julgamento na minha direção antes de sair batendo seu salto no chão. “Se Tasmin, ou como gosta de chamá-la, Pim, quer ir com você ... ela está livre.”

Tasmin.

Esse nome maldito novamente.

Todo esse tempo, quis saber sua verdadeira identidade.

Mas agora que sei, não combina.

Ela é *Pim.*

Terei que começar a chamá-la de Tasmin? Será que tudo tem que mudar porque parti quando deveria ter ficado?

Cruzo os braços para segurar meu coração acelerado no lugar, encaro Pim e pergunto o impensável. "Quer ir comigo?"

É uma pergunta que nem sequer considerei. A pergunta que deveria ter feito antes de vir aqui apressado, como se fosse mais uma vez seu cavaleiro de armadura quando na verdade, ela cuidou de si mesma melhor do que eu jamais pude.

A pergunta paira entre nós, sem resposta e solitária.

Pim lentamente dobra a papelada e coloca-a na palma da mão. Vindo em minha direção, seus olhos suavizam, procurando os meus com uma intensidade silenciosa que faz minha pele arrepiar sob sua análise minuciosa e meu pau endurecer com sua sexualidade.

Como não vi quão impressionante é a criatura que ela se tornou? Não admira que quebro sob sua vontade. Não admira que não tenha a menor chance.

Olhe para ela.

Não é mais uma prisioneira – ela é minha carcereira, e ficaria feliz permanecendo ligado a ela pelo resto da minha maldita vida.

Seus pés param na minha frente. Mordendo o lábio, seu rosto fica triste quando ela estica os dedos delicados para cobrir minha bochecha.

Meus joelhos quase dobram sob seu toque.

Cerrando meu queixo, luto contra cada concupiscência e dependência e, em vez disso foco em quão quente ela é, quão doce, quão delicada, como é bonita.

Seus dedos roçam minha pele e depois se afastam.

Ataco, agarrando seu pulso com uma mão que quer espremer não acariciar.

Ela respira surpresa com minha posse, os olhos aquecendo com a mesma mistura de desejo proibido que sinto.

Sua voz vacila. “Essa não é a pergunta certa.”

Esforço-me para lembrar o que perguntei.

Tudo o que consigo lembrar é ela, eu e *nós*.

“A questão não é se quero ir com você, Elder.” Seus cílios cobrem os olhos.

Engulo o espesso desejo. “Não é?” Esqueço que estamos numa delegacia. Esqueço que tenho plateia. Esqueço tudo - o Chinmoku, minha família... cada coisa inconsequente e estúpida, foco apenas nela.

Nela.

Pim.

Tasmin.

A mulher que preciso provar que sou digno porquê, *porra*, ela é dez vezes a pessoa que jamais poderei ser.

Meus lábios formigam por seu toque.

Minha língua doí para dançar com a dela.

Cada centímetro meu, arde para ter e provar, para uma *conexão* ao invés de satisfação vazia. Preciso estar dentro dela para senti-la, não a atacar apenas para concluir rapidamente e começar de novo.

O vício estúpido é ofuscado por um momento. Um momento onde quero o melhor para ela acima de todas as coisas, não importa o custo.

“Qual *é* a pergunta certa?” Murmuro enquanto ela se encaixa contra mim e beija meu lado sobre o coração como se eu fosse algo a ser adorado e não o contrário.

Não posso ganhar com esta mulher.

Não tenho chance.

Sou completamente, totalmente, inegavelmente dela até o tempo parar ou o mundo parar de girar – o que vier primeiro.

Nunca senti isso antes.

Nunca quis ser tão irrevogavelmente ligado a outra pessoa e estar disposto a fazer qualquer coisa para tornar isso possível.

“A pergunta certa é... *você me* quer?” Seus olhos brilham com as memórias do quarto do hotel, sua carta e minha posterior resposta ao ir embora.

Engulo a granada súbita na minha garganta. “Precisa mesmo perguntar Pimlico?”

Ela sorri. “Você não me chamou de Tasmin.”

“*Quer* que eu a chame de Tasmin?”

Ela faz uma pausa, pensando sobre isso com uma seriedade que não espero. “Acho que... um dia eu quero. Mas não hoje."

Não preciso de mais esclarecimentos. Entendo melhor do que ela sabe. Não a deixando mudar de assunto, suspiro, “Acha honestamente que não te quero?”

Ela cora. “Não é que não me quer. É se pode sobreviver a mim.”

Estremeço com o quão perspicaz ela é. “Eu não posso.”

Ela congela, fazendo seu melhor para parecer bem com a verdade, mas esmagada independentemente. "Tudo bem..."

É a minha vez de cobrir seu rosto, estremecendo quando meus dedos queimam com sua suavidade. Engasgo sob o peso da confissão. “Não posso sobreviver a você, Pim. Esse é o problema."

Seu lábio inferior treme. “E-eu entend-”

“Mas não posso sobreviver sem você também. E agora sei a quem escolher.”

Lágrimas brilham em seu olhar. "Sinto muito."

“Eu não sinto.” Inclino-me para beijá-la.

Não me incomodo em olhar a policial ou o recepcionista. Não me importo que fazemos para eles essa maldita novela. Tudo o que importa é beijá-la, convencê-la, mostrar que não importa o que aconteceu... nós já estamos amarrados e condenados.

Começamos este caminho no momento que Alrik me mandou mensagem para marcar um encontro. Tomamos essa direção no momento em que envolvi minha jaqueta sobre seus ombros e senti algo dentro do meu coração sem amor e deveria ter fugido.

E agora olha onde estamos.

Fodidos.

Bem e verdadeiramente fodidos.

Mas não mudaria nada.

Não vou parar.

Eu *não posso.*

Meu pescoço doí com a tensão quando me abaixo para encontrar sua boca e ouso beijá-la.

Ouso ativar a maldição no meu sangue de novo.

Atrevo a me perder nela onde nunca poderei ser livre.

Mas quando seus lábios tocam os meus e sua língua treme na minha boca, sei que vou lutar com unhas e dentes para merecê-la.

Tão rapidamente como dei o beijo, me afasto, enrolando os punhos contra o súbito rugido por mais, mais, mais.

Não terei mais.

Gostaria de ter esse único prazer e me controlar.

Tremendo, estendo a mão. “Por favor, Pim. Venha para casa.”

Com uma respiração instável, ela encaixa os dedos nos meus. "Já estou em casa. Estou com você."

Capítulo Doze

Pimlico

Muita coisa mudou, ainda que nada tenha mudado.

A maneira que Elder me olha ainda é a mesma, ainda há uma nova camada em seu olhar furioso que não só ativou minha barriga com calor e formigamento, mas meu coração e alma também. O peso de seu olhar abriga tantas coisas familiares e desconhecidas.

Ele não me toca de novo enquanto me acompanha da delegacia e mantem a porta aberta para um sedan branco desconhecido.

Dou um olhar curioso e entro, consciente dos meus pontos sensíveis e contusões.

Selix está no banco da frente com um motorista. Ele se vira para mim; o longo cabelo preso num coque alto.

Quase pergunto onde o costumeiro carro preto que faz o trajeto até Phantom está, mas Elder senta ao meu lado com os punhos apertados ao lado de suas coxas como se proibido de chegar perto de mim.

"Olá, Pimlico." Selix sorri, olhando para nós e observando a tensão ecoando como um karaokê ruim.

Não sei se essa é a primeira vez que ele me chamou pelo nome, mesmo se é falso, mas é como se um pouco de gelo quebrasse entre nós. Nunca me senti totalmente bem-vinda na presença de Selix e posso entender o porquê. Sua lealdade é com Elder, não comigo, e com razão.

Eu o respeito por proteger seu amigo. Mas, ao mesmo tempo, estou feliz que a frieza diminuiu para dar espaço a uma amizade. Posso adivinhar o porquê. Por sair, mostrei que colocarei o bem-estar de Elder acima do meu.

Retorno o sorriso de Selix e digo, “Prazer em vê-lo novamente.”

O motorista olha para mim no retrovisor. Selix nota, dando de ombros. “Esta é uma medida temporária. Nosso carro ainda está no Phantom.”

Por que isso é diferente? Phantom está ancorado de volta em seu lugar no porto... *não*?

“Elder aqui” - Selix inclina a cabeça para o homem sentado rigidamente ao meu lado - “não nos deu tempo para navegar de volta. Ele disse que era urgente.”

“Era urgente. Ela estava na prisão, pelo amor de Deus.” O olhar de Elder se torna torturado quando me encara. “O pensamento de você passar tempo numa cela me atingiu.” Ele pega minha mão, apertando-a com força. “Sinto muito, Pim.”

Envolvo meus dedos nos dele. “Não sinta. Na verdade, passei a maior parte do tempo no hospital, então fui tratada com grande estilo.”

Seus olhos se estreitam. “Hospital?” Seu olhar deriva sobre mim, calculando, avaliando. “Vejo o olho roxo e a maneira rígida que se move. Como está tão ferida? Qual desgraçado fez isso com você?” Suas narinas dilatam, enchendo o carro com uma vingança agressiva. “Vou estripa-lo.”

Selix vira para frente, dando instruções tranquilas para o motorista partir. Quando o carro entra em movimento, balanço a cabeça. "Não é nada."

“Não é *nada*.”

Olhando pela janela, digo muito indiferente, “Tive muito pior.”

Oops.

Elder se torna extremamente frio com fúria. Suas coxas se apertam quando cada músculo se estica numa mistura cheia de raiva e fica indomável com a necessidade de matar. “*Odeio* que seja verdade.” Seu rosto fica sombrio com tormento. “Faria qualquer coisa para que você nunca conhecesse a sensação de uma picada de abelha porra, muito menos esse tipo de abuso.”

Deslocando no assento, me apresso para eliminar tais pensamentos.

Ele precisa parar de levar a culpa.

E preciso parar de lembra-lo do meu passado.

“A polícia foi muito compreensiva. Eu fui-"

Seus olhos ficam mais negros que o normal. “Compreensivos como?”

“Bem, disse sobre... eu e outras coisas. Eles me levaram para o hospital para fazer exames.”

Ele fica mortalmente imóvel. “E esses testes... os resultados foram bons ou ruins?”

Meu peito se torna oco com o recém-vazio de que nunca seria mãe. Nunca vou carregar essa magia. Não tenho intenção de lhe dizer uma coisa dessas. Nunca.

Coloco tranquilidade no meu rosto e não dor, então concordo. “Os resultados foram muito bons. Estou bem em recuperação – graças a você. Estou saudável.” Toco minha bochecha onde o inchaço da lesão permanece e dou de ombros. “Isso vai desaparecer em poucos dias e depois não haverá mais. Cansei de ser saco de pancadas.”

Elder flexiona seu queixo, olhando pela janela no centro da cidade de Monte Carlo. “Acho que é uma coisa boa que te verificaram. Evita as consultas que agendei. Não precisamos nos preocupar com elas agora.”

Respiro fundo, grata que vi um ginecologista que não é um membro de sua equipe e que honrará sua cláusula confidencial.

Minha esterilidade é meu próprio vazio para suportar – e não dele.

Respirando fundo, Elder faz uma pergunta simples e dolorosa, quase como se não tivesse a intenção de perguntar, mas sua boca o trai. “Contou a eles sobre mim? Mencionou meu nome?”

Minha cabeça vira para encará-lo. “Claro que não.” Sofrimento atinge meu coração que ele pensou que eu iria expô-lo. “Você salvou minha vida, El. Por que deliberadamente iria tentar arruinar a sua em troca?”

Ele imediatamente fica constrangido, esfregando o rosto com a mão quando seus ombros cedem. “Foda-se, é claro, você não iria.” Ele massageia a testa. “Estou perdendo o controle.” Sua pesada palma pousa no meu joelho, quente, poderosa, arrependida.

“É certo você ficar nervoso.” Acaricio os nós dos seus dedos.

Seu corpo se move quando ele balança a cabeça. "Eu confio em você. Confiança implica que não preciso perguntar tais coisas.”

Silêncio domina o carro por alguns segundos, ambos tentando descobrir o que dizer em seguida. Quando Elder fala de novo, é como se a pergunta atravessasse seus lábios e entrasse na minha mente antes mesmo da pronúncia.

Sei exatamente o que ele vai perguntar.

E respondo antes que ele pode expressá-la. “Não, eu não fiz.”

Sua sobrancelha arqueia, os lábios unidos mesmo quando curiosidade afasta um pouco da raiva. “Você não sabe minha pergunta.”

“Eu sei.” Viro para mais perto dele. “Você ia perguntar se mencionei o nome de Alrik. E a resposta é não, não mencionei.”

Ele dá de ombros, sua ilusão de calma não convincente. "Por que não? Não quer justiça... ele não tem prova?”

Meu coração dá uma batida desanimada. Nós fomos tão ligados antes. Agora, somos essa coisa desajeitada e estranha, presos entre compreensões incorretas e confusão podre.

Sua pergunta mais uma vez é dolorosa. “Você me deu toda a justiça que precisava e eles não precisam de mais provas do que o que meu corpo forneceu. Meu arquivo de pessoa desaparecida, presumo, está encerrado. Tenho provas mais do que suficientes de que fui vend-”

“Foda-se.” Relaxando sua postura contra o assento, ele cobre os olhos. “Que coisa maldita de dizer.” Seus dedos apertam meu joelho. “Perdoe-me, Pim. Foram dias longos.”

Ele não precisa do meu perdão. Ele já tem o meu entendimento.

Reclinada para coincidir com ele, descanso a cabeça em seu ombro, dando conforto a nós dois. A tensão correspondente em nossas posturas escoa a cada respiração, até que somos capazes de sair da incompreensão e desconforto e encontrar nosso caminho de volta para o outro.

Suspiramos em sincronia quando murmuro, “Não mencionei a eles o nome de Alrik ou como você ajudou a dar

a justiça que ele merece. Também não mencionei o nome dele porque não quero que qualquer vínculo leve a você." Aconchego-me mais perto. "Posso ter te afastado, Elder, mas fiz porque me importo. Você se fere quando está ao meu redor. Só porque não posso fisicamente mais te machucar, não significa que contarei tudo sobre você para alguém, destruindo seu negócio, sua vida, ou desejar algo ruim para você."

Minha voz cai para um sussurro. "Você é a pessoa mais importante no mundo para mim. Minha mãe e pai podem ter me dado a vida, mas você a devolveu para mim quando já não queria. Por isso tem minha lealdade – não importa se estamos juntos ou separados."

Seu corpo fica tenso como se ele lutasse contra o desejo de agarrar-me e me arrastar para o seu colo. Seu olhar severo está firme na parte de trás da cabeça de Selix, respirando profundamente pelo nariz. Fechando os olhos por um momento, ele fala na mesma voz baixa, mas um tom mais pesado do que o meu. "Você está errada sobre me ferir fisicamente."

Olho sua mandíbula poderosa, barba de três dias e os intermináveis olhos negros.

Ele molha os lábios com um deslize rápido de sua língua. "Você emocionalmente me *mutilou*, Pim. Você alcançou dentro e segurou tudo o que é vital para me manter vivo." Sorri para nada, não abaixando o olhar para me ver. "Você nunca deveria ter saído, porque agora sei como é não ter mais você e não tenho ideia do caralho de como te deixar ir."

Sua dor se torna uma coisa visível, uma pesada onda escarlate escorrendo de seu peito para o meu. Sei o que ele sente, porque sinto também. Conheço o vazio que ele teme, porque o mesmo vazio reside em mim com o pensamento de estarmos separados novamente.

Palavras dançam na minha língua.

Promessas que nunca poderei manter.

Não é minha responsabilidade dizer a ele o que fazer. Se ele não pode viver comigo como amigos, assim como não pode viver comigo como amantes, então devo estar preparada para partir de novo.

Inspiro profundamente e solto enchendo meu silêncio.

Não faço nenhum juramento.

Não faço nenhuma promessa.

Porque não quero ser condenada se as quebrar.

Selix salva nosso constrangimento, virando-se para nos encarar quando o carro para. "Pronto?"

Sua voz quebra o momento.

Obrigado Senhor.

Elder revira os ombros, dando-me um sorriso fugaz quando corrige a postura. “Vamos, Pim. Vamos para casa.”

Não falo quando ele desliza para fora do carro, estendendo a mão para me ajudar a sair.

Dou uma boa olhada.

Selix mencionou que não tiveram tempo para navegar, mas não esperava um helicóptero em vez do iate gigante.

Não me dando tempo para me acostumar a ideia, Elder me abraça mais perto e guia em direção à máquina rotativa como se tivesse medo que eu reavalie meu desejo de voltar com ele. Como se tivesse de repente mudado de ideia.

Nada está mais longe da verdade.

Sempre fui uma garota séria, graças as regras estritas de minha mãe e disciplina.

Agora, sou mórbida em minhas convicções. Quando faço uma promessa, é um juramento de sangue. É melhor do que qualquer contrato e mais profundo do que qualquer voto.

E é por isso que, quando Elder me ajuda a subir no pequeno helicóptero e prende meu cinto de cinco fivelas, enquanto Selix salta para o assento do piloto e Elder assume o co-piloto, sussurro suavemente o que não ousei falar no carro.

Realmente não deveria. Definitivamente não deveria.

Não posso evitar.

“Contanto que me queira, Elder Prest, não vou a lugar nenhum. Sou sua até que decida de outra forma.”

Ele não me ouve quando os motores lentamente giram, cada vez mais alto.

Ele não olha de volta quando me abraço e sorrio.

Minha promessa é minha vida.

E acabei de dar a Elder, envolvida num laço, armazenada num caixa, voluntariamente doada com meu coração.

Capítulo Treze

Elder

Chegando ao Phantom, desafivelo o cinto e salto do helicóptero antes das lâminas pararem de girar.

O voo inteiro, não consegui parar de me repreender pelo que fiz para Pim.

Como a deixei.

Como a interroguei.

Como ela foi cutucada e investigada por médicos e interrogada pela polícia sobre circunstâncias que desejo poder arrancar de sua memória e incinerar – ou melhor ainda, impedir que aconteça de novo.

Algo sobre ela parece diferente.

Algo não muito certo, mas não exatamente errado. Algo secreto? Algo aceitável?

Não sei o que é, mas quando estendo a mão para ela se equilibrar quando salta da cabine para o heliporto, ela me dá o mais suave e gentil sorriso que já vi. Um sorriso que de alguma forma me aquece e me deixa estupidamente esperançoso de que tudo poderá dar certo, não importa que tenha uma bomba-relógio dentro do meu crânio.

Seus dedos apertam os meus quando tento afastar, me impedindo de sair. Ela me segurar firme assim faz coisas estranhas e maravilhosas ao meu coração. Seu sorriso se torna tão doce e apetitoso quanto chocolate.

Meu pau instantaneamente reage. Puxo-a para perto apenas para Selix limpar a garganta, arqueando a sobrancelha em minha direção.

Dou um passo para trás, conseguindo tirar minha mão do aperto de Pim.

Ela me dá mais um sorriso – este um pouco autoconsciente e arrependido – então deixa cair o braço.

Como pode um sorriso ter tantos dialetos e conversas diferentes? Como posso compreender as perturbações por trás das diferentes formas dos lábios?

As complexidades da interação humana enchem minha mente antes que possa acalmar meus pensamentos hiperativos. Quero saber como a evolução transformou um sinal de alerta de arreganhar os dentes para o que Pim mostra – a beleza perfeita de transmitir tudo o que pensa, mas sem dizer.

Selix afasta-se em direção a ponte quando profissionais qualificados vêm cuidar do helicóptero.

Limpo a garganta e cometo o erro de fazer contato visual com Pim e tenho meu coração sufocado com o desejo esmagador de agarrá-la, beijá-la, arrastá-la de volta para o meu quarto e nunca a deixar sair da cama.

Ando para longe, não espero ela me acompanhar. “Venha, vou levá-la de volta para o seu quarto.”

O sorriso desaparece, mas ela inicia sua caminhada para me acompanhar. Não falamos enquanto atravessamos o convés. Não olhamos o horizonte e as aves marinhas, não prestamos atenção à equipe e definitivamente não nos olhamos quando aperto o botão do elevador e entro na caixa espelhada para subir ao seu andar.

Mantenho meus olhos firmemente nas portas quando elas fecham na nossa frente.

Pim sabe melhor do que interagir.

Ela sente tudo o que estou lutando e sou grato que ela entende o suficiente para ficar quieta e me deixar ter o controle de volta.

Minha pele coça tendo-a tão perto.

Minhas mãos abrem e fecham com a necessidade de tocá-la.

É um alívio abençoado quando as portas se abrem. Rapidamente sigo para os amplos corredores do seu piso. Respirando fundo, tento apagar o desejo doentio caminhando rapidamente para o inevitável.

Pim caminha ao meu lado, perto, mas não muito, a presença dela lentamente formando uma nuvem em forma de cogumelos emaranhados dentro de mim. No momento em que paramos na porta, meus músculos tensionam e tremores percorrem minhas pernas.

Ela está de volta no meu iate.

Ela está de volta na minha vida.

Quero comemorar e pular ao mar em igual medida.

Giro a maçaneta para o quarto dela e paro no limiar, então dou espaço para ela entrar.

Ela atravessa a porta e então se vira bruscamente quando digo, “Bem, boa noite, então.”

"*Boa noite*? Não é noite ainda.”

“Bem, eu, eh, tenho trabalho a fazer.” Não estou mentindo. Tenho uma porrada de replanejamento para fazer em relação a minha família. De jeito nenhum levarei Pim a qualquer lugar perto da minha família se existe uma chance de que ela fique próxima ao Chinmoku. Novos planos são necessários. Os melhores.

“Oh.” Ela oscila no tapete. “Será que... pelo menos vai entrar?” Ela olha sob os cílios sedutores, envolvendo sua magia em torno do meu pau, meu coração e praticamente me arrancando para o quarto.

Rangendo os dentes, lutando contra seu poder, balanço a cabeça. "Tenho muito para fazer. Além disso, você precisa descansar. Faz quanto tempo desde que dormiu, tomou banho... comeu?”

“Eles têm chuveiros e camas no hospital, sabe. Não vou entrar em coma por falta de cuidado.” Respirando, ela suaviza. “Por favor, El. Adoro sua companhia. Mesmo que por pouco tempo.”

Companhia.

Certo.

Engulo uma risada sombria. Ela espera que eu entre voluntariamente num quarto com ela, com portas com trancas e maior privacidade depois do que aconteceu em Monte Carlo?

Garota boba.

Ela não pode ver que gosto dela demais para fazer isso de novo? E gosto demais para escorregar no vício.

Gosto?

Minha consciência revira seus olhos.

Como se fosse a palavra certa para o que sinto por ela.

Já admiti ser amor.

No entanto, por alguma razão, essa palavra me deixa petrificado.

“Você precisa descansar.” Aponto para a cama. Lençóis e travesseiros convidam a dormir e outras atividades que não posso pensar. “Vou mandar alguém trazer uma refeição.”

Ela olha o chão então de volta para mim. “Você é bem-vindo para se juntar a mim no jantar. Isso é... você quer?”

Eu quero.

Mas balanço a cabeça novamente, lutando contra uma dor de cabeça aumentado por negar tudo o que desejo. "Talvez amanhã. Na sala de jantar.” *Onde teremos uma audiência e você não estará em perigo de ser molestada.*

“Oh.”

Esta pequena, esta destruidora palavra novamente.

Ela franze o cenho, seu olhar deriva de meus olhos para a maçaneta da porta que seguro com um aperto de morte. Seu olhar escurecido; seu corpo tenso. “Isso é novo.”

Merda.

Assim como ela é muito observadora a minha mudança de humor, ela nota uma mudança na decoração.

Pergunto como se não entendesse, “O que é novo?” Removendo a minha mão da maçaneta, faço uma careta como se isso fosse antigo. “Não sei do que está falando.”

“Sim, você sabe.”

Merda, eu sei.

Lá, em glória muito perceptível, está uma trava totalmente nova.

Brilha com acusação – diretamente fora da caixa e instalada por mim mesmo minutos antes de embarcar no meu helicóptero para encontrar Pim e trazê-la para casa.

Precauções são necessárias.

Ela tem que entender isso.

“É apenas um bloqueio, ratinha.”

Seus lábios se separam para o apelido enquanto a testa franze. "Mentiroso. É mais do que isso."

É como se ela já tivesse investigado e descoberto que é completamente inacessível do lado de fora – sem local para inserir chave, não há maneira de desbloqueá-la.

Apenas o ocupante de dentro do quarto pode conceder acesso.

Com mãos fechadas, ela caminha para mim.

Afasto-me quando ela bate no material de prata. "Por que colocou um bloqueio em minha porta?"

Dou de ombros como se não fosse grande coisa. "Não havia um antes. Pensei que fosse se sentir mais segura."

"Mais segura?" Ela repete a palavra contaminando-a com suspeita. "Por que não me sentiria segura em seu iate? Por que preciso de uma barreira entre nós quando você é o único em quem confio?"

Esfrego a parte de trás do meu pescoço.

Muitas razões.

Eu sendo a principal.

Permitindo um traço de raiva engrossar minha voz, respondo, "Você passou por muita coisa. Desculpe por tentar garantir que continue a se curar, dando um lugar seguro que só você pode abrir."

Ela cruza os braços – nada intimidada pelo meu temperamento ou pronta para recuar. "Espera que eu acredite nisso?"

"Você não precisa acreditar para ser real."

"Mas *não* é real."

Aponto para o bloqueio. “O que não é real sobre isso? Você pode tocá-lo, girá-lo, e uma vez que deslizar a trava por dentro, nada nem ninguém vai conseguir entrar.” Uso as memórias de nossa primeira noite no Alrik, ele a machucando como uma idiota. “Lembro-me que suas acomodações anteriores não tinham fechaduras. Elas nem sequer tinham portas. Tive que buscar uma antes de ficarmos sozinhos. Pensei ser a melhor alternativa.”

Seu rosto congela.

Sua respiração para.

Parece que ela não pode acreditar que estive lá.

Não posso acreditar também, mas isso é o que acontece quando sou pressionado. Quando estou tentando fazer a coisa certa, apenas para a tentação rugir até que ceda.

Não vou ceder.

Encaramo-nos antes de um sorriso tenso inclinar seus lábios e ela avançar para descansar os dedos no meu antebraço. “Ok.” Seu toque é infinitamente gentil, mas tem o poder de me dizimar.

Tremo quando ela balança a cabeça suavemente. “Nós dois sabemos por que há um bloqueio em minha porta quando não havia um antes.”

“Olha, você teve um longo dia. Em vez de ficar falando sobre coisas que não vão levar a lugar algum, faça como pedi e relaxe. Estaremos no mar pelos próximos-”

“É assim que você não pode entrar.”

Sua interrupção rouba qualquer linguagem compreensível, dando-lhe o palco perfeito para destruir minha coragem masculina.

“Você não confia em si mesmo. Você *nunca* confiou em si mesmo.” Seus olhos ficam tristes. “E esse é o verdadeiro

problema, não é? Não é o fato de que tem uma mente que se fixa nas coisas, mas o fato de que não confia em si mesmo para ser capaz de lutar contra isso."

Cruzo os braços, gelado até aos ossos e furioso. Decidindo despi-la, assim como ela fez comigo, eu murmuro, "Sua mãe era psicóloga, Pim. Você não. Não fale sobre coisas que não entende."

"*Eu* não entendo?" Ela inclina a cabeça. "Eu não entendo que prefere me deixar do que encarar a si mesmo? Que prefere colocar fechaduras entre nós do que desfrutar de uma refeição juntos? Que prefere me *culpar* por tentá-lo fazer acreditar que tem autocontrole para parar?" Colocando as mãos nos quadris, sua voz cai para a simpatia ao invés de argumento. "Não estou dizendo que viver não é difícil. Eu vi como luta. Estive com você. Eu te observei. Eu te *senti*-"

"Pare, Pimlico."

"Não." Ela levanta a mão. "Deixe-me terminar." Inalando forte, ela continua, "Posso não ser treinada como minha mãe, mas ela me ensinou o suficiente para ver entre as linhas, e você... bem, o problema não é que tem a capacidade de se perder numa sensação. Seu problema é que não confia que pode ter o que quer e mantê-lo dentro da razão. Você pode-"

"Eu não posso! Esse é o ponto, porra. Você não entende. O que mais quero é você. E quando conseguir o que quero, nada mais importa." Avançando, pressiono meu corpo contra o seu.

Ela não recua. Em vez disso, se mantem firme, peito a peito, quadris com quadris.

E foda-se, é a melhor coisa que já senti.

“Eu quero você, Pimlico. Estou prestes a fazer isso e mesmo agora que me olha como se minhas necessidades não fossem algo a ser temido, mas desafiado.”

Minha mandíbula se aperta com a deliciosa sensação de suas curvas suaves contra os meus músculos duros. Daria tudo para agarrá-la, atirá-la sobre a cama, e parar de *lutar*.

É cansativo viver assim.

Ela não acha que daria qualquer coisa para poder parar de lutar? Ceder?

Engulo um gemido. Cristo, faria o que fosse preciso.

Mas não é tão simples.

“Se te beijar agora...” meus olhos seguem os lábios onde os dentes se afundam na pele suave. “Se te tocar agora...” meus dedos roçam seus quadris onde ela oscila no local. “Se transar com você agora...” puxo-a para frente, onde meu pau duro deseja liberdade. “Eu não seria eu mesmo. Não seria eu beijando você, tocando e fodendo. Seria algo doentio. Algo que você não merece.”

Ela respira com dificuldade, os olhos fundidos, mamilos excitados. “Mas *seria* você e *você* me merece.”

“Não-” precisa de cada gota de força de vontade que possuo, mas eu me afasto e recuo. "Eu não mereço."

A névoa sexual que lentamente circula em torno de nós é tão densa que mal posso respirar. Minha pele está em chamas. Meu corpo na tortura. E ela me irrita pensando que pode me analisar. Que pode estar diante de mim e escrever um roteiro médico idiota, proporcionando uma cura que não significa nada.

Ela não é um médico que pode estalar os dedos e me corrigir. E ela definitivamente não pode ficar ali, balançando-se como isca, persuadindo-me a *tentar*. Confiar.

Confiar no que?

Que não vou estragar tudo de novo?

“El-” Pim tropeça para frente, os dedos muito perto de me tocar.

Se ela me tocar, estará tudo acabado.

Soltando meu temperamento numa explosão completa, meu braço levanta bruscamente e minha mão envolve sua garganta.

Pim muda de animada para petrificada.

Noite e dia.

Preto e branco.

Ela tentou manipular minhas falhas para conseguir o que queria. Bem, agora faria o mesmo com ela.

Pânico surge em seus olhos fascinantes quando os dedos envolvem meus pulsos, unhas afundando em advertência.

Minha mão treme, sinto náuseas em provocar deliberadamente seu medo, mas ela precisa ouvir, precisa escutar, precisa se comportar. Meus dedos apertam ao redor do pescoço delicado, sentindo o jorro de sangue e batimento cardíaco rápido. “Cansei de falar sobre isso, *ratinha*. Está fora dos limites. Você entendeu?"

Espero o pânico evoluir para um ataque completo. Por ela associar minha prisão com qualquer tortura que viveu. Amaldiçoo-me por fazer tal coisa mesmo quando condeno a mim mesmo por não deixar ir.

Ela para de respirar quando meus dedos apertam, mas o terror não intensifica – em vez disso recua – lentamente mudando da brancura de seu rosto à bravura corada. Seus olhos permanecem firmes nos meus, me desafiando a ir mais

longe. Seu temperamento aumenta, empurrando de lado qualquer fraqueza que ela pode sentir e me encara.

Cristo, esta mulher.

Engolindo em seco, sou o único que recua. Afrouxando meus dedos, acaricio sua garganta com o polegar em homenagem e maior respeito. Seu pulso martela, mas não é de horror, é raiva.

Sua pele arrepia enquanto os dedos continuam sua caricia. Não lhes dou permissão. Simplesmente não posso sobreviver se não a tocar.

Luxuria salta de volta para o meu corpo – um terrível passageiro cansativo, entrelaçando seus membros nos meus, fazendo seu melhor para me transformar num fantoche e obedecer ao seu domínio de foder esta mulher e não me importar com as consequências.

Minha boca deseja beijá-la. Lambe-la.

Estou tão perto de ceder.

Tão, *tão* perto.

Mas não faço.

Porque eu a amo.

Libero meu aperto e recuo um passo. "Eu sinto muito."

“Deveria.”

Meus olhos encontram os dela. Não sei o que esperava, mas fúria não era. "Desculpe?"

Ela fica ali de pé com as mãos fechadas e uma selvageria em seu olhar que não vi antes. Algo condenável e provocativo, algo que me dá um soco no estomago e tem muito poder sobre mim.

Isso faz eu querer me curvar a seus pés e fazer o que ela manda.

“Você me ouviu.” Seu queixo inclina em desafio. “Você *deve* se arrepender. Não por tentar me assustar com a mão na minha garganta – aprendi a controlar isso. Espere.” Ela levanta a mão. “Se vou ser honesta, isso é mentira. Não aprendi a controlá-lo. Você é o único que me ajudou, porque mostrou que posso confiar em você para não me machucar. Esse seu toque – em qualquer parte do meu corpo – não é apenas desejado, mas *convidado*.”

“Pim...”

“Se procurava um gatilho para me colocar no meu lugar, muito ruim. O gatilho se foi. Se posso fazer isso... quem diz que não pode trabalhar no seu?”

Vindo em minha direção, ela lambe os lábios, os olhos dançando sobre minha boca com um lampejo de necessidade. “Não vou brigar com você sobre o bloqueio. Se foi instalado para sua própria paz de espírito, então tudo bem. Posso viver com isso. Mas não espere que o use.”

“Você vai usar.” Minha voz sai áspera – um comando bárbaro. “Quero saber que está segura.”

Ela balança a cabeça, irritação brilhante no rosto. "*Estou* segura. Estou segura perto de você. Por que não acredita nisso? Na próxima vez que me deixar entrar em sua cama, Elder, vou lhe mostrar.”

“Não haverá próxima vez.”

“Ha.” Andando em torno, ela para na porta, batendo o pé, impaciente. Ela inclina a cabeça para o corredor vazio. “Saia.”

Que diabos?

Primeiro, ela me convida para seu quarto, e agora me expulsa?

Atravesso o limiar com firmeza. “Está me dizendo que rescindiu o convite para jantar?”

“Você fez isso, não eu.”

“E agora não quer minha companhia?”

“Foi você, também.” Passando a mão pelo cabelo, o arqueamento de seu corpo me deixa louco. “Se fosse por mim, iria passar a noite. Aqui. Comigo. Sendo completamente honestos com o outro. Eu diria a você tudo o que está morrendo de vontade de saber sobre mim, e você iria me contar tudo o que te deixa tão assustado por sua inteligência e perfeccionismo. Nós iriamos estar loucamente-”

"Espere. Inteligência e perfeccionismo?” Rio friamente. “*Isso* é o que pensa disso? Alguma condição glamorosa, *romântica* que me faz inteligente, porque tenho que repetir e repetir até que sou um mestre em alguma coisa? Que estou apaixonado por perfeccionismo só porque desejo o melhor dos melhores e não porque não posso aceitar nada menos?” Reviro os olhos, outra risada sombria escapa. “Mais uma vez, você está sendo completamente ingênua, Pimlico.”

Não perguntei desta vez se deveria continuar usando esse nome. Esse é seu nome. Especialmente quando ela está agindo assim... louca.

Estou tentando ser bom.

Por que diabos ela quer que eu seja ruim?

“Você acha que se vivêssemos juntos, lado a lado em um quarto, iriamos sobreviver um ao outro?” Rio. “Que ficaríamos loucamente apaixonados – isso *é* o que ia dizer, não era?”

Dor toma seu olhar antes que ela incline o nariz arrogante. “Você nunca vai saber o que ia dizer, porque me interrompeu. Amor – essa palavra tola. Não acho que sei o significa. Pensei que você merecia meu amor.” Ela fala impaciente. “No entanto, está provando rapidamente que posso estar errada sobre o assunto.”

Meus punhos necessitam acertar alguma coisa.

Como ela *ousa* me dar algo que segurei tanto, só para arrancá-lo em nossa primeira briga.

Quero espanca-la com raiva e desejo.

Uma combinação torcida e doente que só iria nos levar mais para o inferno.

Estou perdendo o controle.

Preciso sair.

Aponto um dedo trêmulo em seu rosto e falo irritado, “Você é a única bagunçando isso.”

“Oh?” Ela sorri docemente. "Como exatamente? Como minha compreensão e perdão bagunçam sua existência já ferrada?”

Meu cérebro falha enquanto luto contra a lavagem repentina de aspereza. É pura aflição. “Pode parar de acreditar em contos de fadas.”

“Não acredito em contos de fadas faz um longo tempo, Elder. Acho que está me confundindo com alguém que não viveu com o mal. Que não conhece a verdadeira escuridão. Alguém que não tem medo de um pouco de cinza dentro de você enquanto tenta me convencer que é o fim do mundo.” Ela se inclina para mim, mostrando os dentes. “Notícia de última hora, não é.”

Quase perco a paciência.

Quase.

É o desafio e provocação em seu rosto que me avisam para me manter humano e não um monstro.

Ela está *tentando* me irritar.

Ela está tentando me fazer perder a calma.

Tropeço para trás. “Cansei de ouvir isso.”

“Ótimo.” Ela cruza os braços. Se não estivesse olhando tão de perto, poderia ter perdido o tremor escondido em sua pose e indiferença. “Saia então.”

Uma rápida resposta esquenta minha língua, mas engulo como lâminas de barbear. Não vou ouvir suas teorias meio-engatilhada. E não vou jogar este jogo.

Minha voz engrossa quando endireito a postura, buscando alguma aparência de calma. “Pare de pensar que as falhas no meu cérebro são algo para ser aceito, em vez de fugir delas, Pim. Pare de me tentar e fazer parecer que se eu cedesse e te fodesse – se te empurrasse contra a parede e parasse de lutar contra mim mesmo – que não seria o fim, mas apenas o começo.”

Invado seu espaço, inalando a fragrância suave e nossos narizes ficam perto de se tocar. “Seria um começo, mas não um que qualquer um de nós pode sobreviver.”

Seu olhar brilha com fogo. “El-”

“Coloquei um bloqueio na porta por uma razão. Use-o. Se passar por aqui no meio da noite por causa de algum passo em falso no julgamento, espero que me obedeça e me tranque para fora, porque se não fizer isso Pim – se não fizer uma coisa para mim, então tudo o que acontecer será sua culpa. Carrego muita culpa por coisas que fiz para ter que carregar mais. Especialmente quando fiz meu melhor para impedi-las.”

Passando uma mão sobre meu rosto, recuo para o corredor e me curvo rigidamente. “Sei das minhas limitações. Sugiro que aprenda as suas. Boa noite, Pimlico. É um prazer tê-la de volta a bordo. Não faça eu me arrepender de voltar por você.”

Ela agarra a porta, seu corpo calmo apesar da minha crueldade.

Ela me olha de cima a baixo lentamente, como se me avaliando e descobrindo o que quero. Finalmente, ela suspira, empurrando centímetro por centímetro para me bloquear dela. “Você diz que é um prazer, mas olha para mim como se fosse uma maldição.” Lágrimas de raiva brilham em seus olhos. “Você foi honesto comigo, então serei honesta com você. Você voltou por mim, não por um comportamento cavalheiresco ou culpa, mas porque não há outro caminho para nós. Tudo o que existe entre nós, Elder – não vai permitir uma separação – seja física, emocional ou sexual. E até que nós dois reconheçamos isso ou concordemos em nunca nos ver outra vez, não são bloqueios que vão evitar o que acontecerá. Não há regras ou negociações para impedir. Eu aceitei isso... pergunto-me quanto tempo demorará até que faça o mesmo.”

Com apenas uma fração do espaço entre a porta fechar e com apenas metade de sua face visível, ela murmura, “Sugiro que descanse, toque seu violoncelo ou faça o que faz para encontrar a paz, porque até ceder, até confiar, até que permita-se viver ao invés de ficar acorrentado da maneira como está, você não será feliz.”

Suas palavras finais enquanto a porta fecha são, “E quero que você seja feliz. Comigo."

Capítulo Quatorze

Pimlico

Não tranco a porta.

Eu provavelmente deveria.

Assim como provavelmente não deveria contraria-lo, especialmente depois que ele voltou e estava totalmente preparado para me tirar da cadeia.

Não tive a intenção de tornar isso mais difícil para ele... só torna mais difícil amá-lo.

Ele lidou comigo perto na primeira vez porque estava me recuperando e eu estava perdida – sem mencionar muda. Os pedaços de seu afeto eram únicos e belos como estrelas.

Mas agora, estou acordada e pronta para sentir tudo. E esses pedaços e estrelas não são mais o suficiente. Quero planetas. Quero galáxias.

Quero seu coração.

Ele não pode me culpar.

Foi ele quem me trouxe de volta. Fui embora para evitar que isso acontecesse.

Atualmente, minha presença o machuca... então o que ele espera alcançar? Ele espera me manter perto, mas nunca me ver? Saber que estou a salvo, mas nunca tocar ou falar comigo, como se fosse uma estatueta inestimável polida e quebrada em sua casa?

Acho que não.



Se é esse o caso, então o que quer que seja nunca vai funcionar.

Sei o que quero agora, e depois de uma vida sendo outra pessoa, estou pronta para ir bravamente atrás disso.

Além disso, Elder concordou com minha perseguição a ele no momento em que marchou para a delegacia. Não deixarei a culpa de entrar numa luta com ele me fazer esquecer essa parte.

Sim, ele está em algum lugar, sem dúvida, lívido e amaldiçoando meu nome. Mas não é muito melhor do que estar separados? Os últimos dias não mostraram que a dor tem muitas camadas e a distância é insuportável em comparação com a dor de nós juntos?

Ugh! Homens.

Ando pelo meu lindo quarto, ainda não familiarizada com os móveis ou a varanda. Simplesmente continuo me movendo, permitindo que meu cérebro trabalhe através da confusão para que eu possa parar de pensar nisso.

Lentamente, minha raiva diminui e remorso se estabelece no lugar.

Droga...

Pressionei Elder demais, rápido demais.

Abracei confronto em vez da diplomacia.

O que deveria ter feito é o abraçado e agradecido profusamente por ser tão generoso.

O que diabos estou pensando?

Alguém prestar atenção em mim é uma responsabilidade *enorme*. Vim com bagagem e não apenas os da escravidão – que estão cheias até a borda, mas também as

parcelas vazias apenas implorando para ser preenchidas com novas experiências.

Estes são os motivos que me tornam difícil de cuidar e amar.

Tantos prazeres e luxos foram negados que isso me deixou gananciosa. Quero pegar cada pedaço de vida e entrar em cada atividade. Quero comer comida gostosa, em vez de sobras em uma tigela de cão. Quero beijar cada nascer do sol depois de estar trancada por anos. E quero ser amada e amar depois de apenas conhecer o ódio.

Não há nada de errado com isso. Na verdade, se tivesse que adivinhar, minha mãe diria que é saudável. Apenas, Elder está no lugar infeliz de ser o único que escolhi e não é capaz de me dar o que preciso.

Estou frustrada e irritada com ele.

Ele está frustrado e irritado comigo.

Pulamos o namoro feliz, corremos através do casamento contente e fomos direto para um divórcio amargo.

Paro de andar no meio do quarto.

Não quero pensar nisto mais.

Não consigo ver um caminho a seguir.

Por um lado, posso voltar à minha antiga vida, terminar a faculdade, procurar amigos que nunca se preocupam e sair. Por outro lado, posso jogar por suas regras por um tempo e ver se há alguma maneira de, talvez não quebrá-las, mas dobrá-las apenas o suficiente para sermos felizes.

Não é tarde, mas a exaustão me domina. Meus pés me guiam em direção à cama, minhas mãos puxam as cobertas esperando os lençóis quentes e esperança de sonhos.

Quando subo na cama, desejo poder pedir desculpas.

Sussurrar que não tinha a intenção de ser um problema.

Só queria que ele pudesse ver o quanto gosto dele. Quanto quero deitar em seu colo e ver TV, limpar sorvete de seu lábio inferior depois de compartilhar uma sobremesa, envolver uma toalha em torno de sua cintura depois de tomarmos banho juntos.

Há tanta coisa que não experimentei e Elder não quer fazer nada disso comigo.

Elder disse que sabe de suas limitações e espera que eu aprenda as minhas.

Bem, eu já sei.

Amor.

Amor é minha limitação e falha combinadas.

Preciso amar tanto quanto preciso ser amada.

Não é uma coisa extravagante, é mais profunda do que isso.

Se me deitar no divã, se eu (Deus nos livre) sequer pedir a minha mãe conselhos amorosos, ela provavelmente diria que a necessidade é um subproduto do que acontece comigo.

Por muito tempo, odiei os seres humanos.

Desprezei homens.

Amaldiçoei a vida em geral a ponto de desejar a morte.

Mas agora, estou obcecada com a vida.

De viver o máximo da minha capacidade.

De dar meu coração por inteiro.

De me apaixonar caoticamente.

De absorver cada momento maravilhoso de união que posso.

Esta é minha falha.

E isso significa que vou lutar cada segundo de cada dia para impedir minha falha de ser a destruição de Elder.

Mas sei de algo que ele não sabe.

Sob a fixação de sua mente e o horror de causar mais dor, ele carrega a mesma falha que eu. No início, não vi. Agora entendo porque suas dores e contusões são as mesmas que as minhas, e apenas como as minhas, não podem ser cuidadas com ataduras e comprimidos.

Ele anseia por amor, assim como eu.

Ele busca por conexão, assim como eu.

Ele precisa de toque físico tanto que rouba sua humanidade e transforma-o em alguém que não pode controlar.

Esse é o verdadeiro problema entre nós.

Não TOC[3].

Não abuso.

Amor.

E a única questão que não podemos superar.

* * * * *

Duas coisas: não dormi bem e Elder não me visitou – apesar da porta permanecer desbloqueada durante toda a noite.

[3] Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Depois de alguns dias em terra firme, a sensação de água rolando não é tão reconfortante como da primeira vez. O ligeiro enjoo me faz companhia, mesmo durante o sono, cutucando-me para acordar e olhar a porta, implorando-a para abrir.

Durante toda a noite, fantasias me atormentam: de Elder entrando, eu abrindo os olhos, tudo sombrio e nebuloso, imagino vê-lo de pé sobre mim com um olhar tão profundamente adorador que instantaneamente fico molhada. Ergo as cobertas, aceno para ele se juntar a mim e suspiro de alívio quando ele me aconchega em seu corpo.

O resto da fantasia tornou-se tão vulgar que bolhas e espuma de desejo me mantém hipersensível pelo resto da noite.

Com a mente cheia dele, tomo banho e visto uma simples roupa preta para começar o dia.

Não sei onde Elder está e tento não o procurar. Fiz uma promessa para deixá-lo e focar em todo o resto para manter a solidão presa.

Preparo meu café da manhã sozinha, graças a uma visita na cozinha e sou presenteada com dois croissants recém-assados, presunto e queijo cheddar e um copo de suco de maçã. Levo minha cesta para a plataforma superior e faço um piquenique – sentada de pernas cruzadas num dos botes salva-vidas envolto em lona.

Quando termino, estou quente pelo sol e vermelha.

Decido que preciso de uma proteção do sol e caminho para longe do meu café da manhã, explorando as plataformas em que nunca estive.

Não há ninguém para dizer não e nem Elder me avisou o contrário. Ao entrar no elevador, vou até o fundo e volto para cima.

Por horas, investigo baías do motor, instalações dos funcionários, escritórios de engenharia, despensas e quartos extras. De alguma forma, consigo focar em quão maravilhoso o Phantom é e não me torturo sobre seu proprietário.

Fico extasiada com uma pequena, mas bem abastecida biblioteca. Permito-me fascinar pelas caixas com comida suficiente para um exército e me mantenho ocupada. Mas então exploro o convés central e minha determinação em não pensar em Elder se desfaz.

Esse lugar...

Sigo pelos mesmos corredores largos e carpetes grossos como todos os outros níveis, mas por alguma razão, este tem um ar de desolação.

Tudo é preservado: paredes livres de manchas, os rodapés sem mácula. Parece que tudo foi decorado e depois esquecido – fechado à chave e deixado com seu propósito original não mais necessário.

Arrepios saltam por meus braços quando passo quarto após quarto, lentamente ficando cada vez mais gelada.

Uma grande suíte com telas japonesas e uma penteadeira adornada com trabalhos artísticos de flor de cerejeira lembra-me muito bem da mãe de Elder e a blusa com flor de cerejeira que usava enquanto gritou que desejava que seu filho estivesse morto.

Este quarto não pode ser para ela... pode?

Abraçando-me, continuo.

Sigo para outra suíte – completa com partes em couro e decoração masculina – destinada para um homem idoso, mas completamente sem uso.

Este lugar não pode ser para seu tio... pode?

Sinto arrepios na espinha.

Não deveria ver isso.

Não entendo como sei, mas esta área é privada.

Dolorosamente privada.

Eu devo sair...

Mesmo enquanto me repreendo, meus pés descalços afundam no tapete, me impulsionando para frente. Meus olhos encontram a próxima porta – uma explosão de cor me convidando a espreitar.

Prendendo a respiração, avanço mais e paro abruptamente na porta.

Um quarto de criança.

A colcha plissada bonita com um assoalho de carrossel e estantes com o Natal em cada cubículo. Brinquedos em suas embalagens perfeitas, esperando para serem usados. Um cavalo de balanço creme, completo com crina de prata e uma cauda e sela azul bebê com rédeas, esperando para ser montado.

Eu me afasto, a mão cobre minha boca.

Ah não...

Atrás de mim está outro quarto.

Este é rosa e caramelo com uma cama de princesa, casa de boneca de tamanho infantil, e uma torre de caixas fechadas de Lego.

Meu coração literalmente quebra.

Em pedaços.

Em pedaços quebrados e tilintantes.

Seguro as mãos fechadas contra o peito, fazendo o meu melhor para acalmar essas peças e afastar minha transgressão.

O que isso significa?

O que *é* esse lugar?

Elder meticulosamente projetou cada espaço para seus primos, tias e tios? Ele enviou convites para se juntarem a ele, pedindo-lhes para transformá-lo de ninguém em alguém novo? Um tio... um filho...?

Oh Deus, se ele esteve aqui, noite após noite, dia após dia, com apenas sombras como companhia? Há quanto tempo navega os mares com este lembrete agonizante que o amor foi roubado e nunca devolvido?

Não admira que lutou comigo sobre o assunto.

Não admira que seja tão difícil, tão espinhoso.

Engasgo com a blasfêmia de família. Sufoco na acidez do afeto.

Como ele sobreviveu?

O implacável desejar por algo que nunca ganhou?

Este é um segredo que não deveria ter visto. Sinto-me terrivelmente arrependida.

Tudo o que quero fazer é abraçá-lo. Beija-lo. Mostrar a ele que sua família pode tê-lo esquecido, mas eu nunca vou.

Vou espantar o silêncio; vou afastar as sombras. Passarei toda minha vida certificando-me de que ele nunca fique sozinho novamente.

Tenho que sair daqui.

O que ele fará se souber que estou aqui? Como posso olhar para ele sem ver estes indesejados quartos vazios?

Inalando com dificuldade, caminho de volta nas pontas dos pés.

É fim de tarde e ainda não ouvi dele.

Onde está?

O que está fazendo?

Pressionando o botão do elevador, tenho total intenção de voltar para o meu quarto, lavar esse terrível segredo e ter a certeza que Elder nunca saberá. No entanto, isso é antes de um grito me alcançar, direcionando minha atenção para o caminho oposto ao que explorei.

Um grito masculino.

Um grunhido.

Seguido por algo quebrando contra uma parede.

O que é isso?

O elevador para com um sinal sonoro suave, mas desvio, pulando quando outro grunhido irritado quebra o silêncio.

Não quero ver mais nenhuma dor privada de Elder, mas não consigo parar.

Outro grito seguido por uma resposta masculina.

Elder e Selix?

Achei que o escritório de Elder fosse nos níveis superiores, mais perto de seus aposentos.

O que ele faz aqui?

Meus dedos pisam de leve sobre o tapete branco, meu vestido preto flutuando em torno das panturrilhas. Dou um passo mais perto, desejando poder flutuar para minha violação em seu espaço pessoal permanecer secreta.

Tornei-me mestre na espionagem – graças a fazer meu melhor para antecipar o que Alrik e seus amigos bastardos fariam a seguir – mas desta vez, sinto-me suja tentando ouvir.

Essa conversa não tem nada a ver comigo ...

Eu devo sair.

Eu não saio.

Paro de repente, os gritos abafados ficam mais claros através de uma porta fechada à minha esquerda. Com meu coração arranhando a garganta, pressiono meu ouvido contra a parede.

"Não vai acontecer, Selix. Pelo amor de Deus."

Elder.

Minha barriga aperta só de ouvir seu timbre lindo.

Realmente não deveria fazer isso.

Luto contra o certo e o errado. Até me afasto um pouco e olho o elevador esperando. Mas, então, uma palavra me faz manter o ouvido na mesma posição e desisto de qualquer culpa por ouvir.

Chinmoku.

"Eles te encontraram. Você percebe isso, certo?" Pergunta Selix.

"Estou bem ciente desde que minha mãe decidiu ficar na casa sem me dizer. Ou não percebeu o número de vezes que estive no telefone, organizando uma fortaleza humana para proteger minha família?"

"Claro, eu notei. Você não é o único administrando toda essa merda. Tudo o que estou dizendo é que acho que devemos voltar – seguir direto para o armazém. Se vai fazer isso, precisamos de mais munição no Phantom."

"Há armamento suficiente neste barco para afundar dez Titanic," Elder rosna. "Se nos atacarem no oceano, nós vamos ganhar. Não me importo com isso."

“Então qual diabos é o seu problema? Você está irritado faz dias.”

“Meu problema é que não sei mais o que fazer. Velejar para casa e lutar contra os cães subalternos do Chinmoku, que estão brincando com a minha família ou permanecer em terra e caçar o chefe do grupo de onde tenho o melhor proveito.”

“Você já tem sua família protegida melhor do que jamais poderia fazer por conta própria. Não é só você que recebe atualizações, Prest. Ajudo a conciliar os seguranças e eles estão dizendo a você o tempo todo para não se incomodar em ir lá. Os Chin’s estão confiando que cairá nas armadilhas e é fácil matar em terra.”

Uma pequena pausa antes de Selix acrescentar, “Entendo que está indeciso. Isso de não ir para casa parece traição, mas está fazendo a coisa certa. Mantenha o curso. Lute contra a cabeça. Ignore a porra do rabo, porque tem homens para fazer isso por você. Concentre-se em colocar *sua* cabeça no lugar e-”

“Minha cabeça *está* no lugar.”

“Posso ter me enganado.” Selix suspira. “Seu humor? Está me dando nos nervos.”

Um resmungo de aviso vem através da parede seguido da resposta de Elder, “Bem, nós dois estamos.”

“O que está te incomodando?”

“Estou incomodado porque não entendo como sabem que ela está comigo.”

"O que?"

Minha testa franze com a mesma confusão que Selix.

Elder diz, “Quando eu invadi os registros policiais de Mônaco, não fui o único que se infiltrou no registro dela.

Alguém também procurou o arquivo dela." Uma ligeira pausa. "Eles não usaram o nome dela, embora ..."

"Qual eles usaram?"

"QMB."

"QMB?" Pergunta Selix.

"Quarterly Market of Beauties[4]." A voz de Elder se torna sombria. "O lugar onde Pim foi vendida."

Ninguém fala por um momento; meu coração batendo tão alto que ameaça ofuscar minha capacidade de ouvir.

"Oh, merda," diz Selix. "Não acha que ...?"

Quando Elder não responde, minha mente gira desenfreada com perguntas.

Acha o que?

Que o QMB tem a ver com o Chinmoku?

Por que alguém acessou meu arquivo?

Foi Monty?

Alguém ainda me caçando?

O encarregado do leilão de escravas caçando para me calar?

O que?

Elder finalmente murmura, "E se o Chinmoku for diretor da QMB?"

A pergunta fica pesada e sem resposta, apertando meu coração.

Selix não responde.

[4] Mercado Trimestral de Belezas.

Elder responde à própria ponderação, “Sempre soube que eles têm ligação com o tráfico. Era muito jovem para entender completamente o quão profundo seu círculo é. E se sabem que Pim foi vendida? E se eles a venderam? E se estão me perseguindo não só por quebrar meu juramento, mas também para levá-la de volta?”

Tropeço para longe da parede quando um súbito e *intenso* ataque de pânico me domina.

O pensamento de estranhos.

Uma facção cheia de traficantes de escravas sem coração.

Arrancando-me da segurança de Elder.

Vendendo-me para mais uma vida de miséria.

Quase desmaio de medo, fico gelada.

Meu coração para de bater.

Minha garganta fecha.

Elder e Selix continuam a falar, mas não posso ouvir mais.

Estou prestes a cair de joelhos e ter uma recaída completa.

Usando a parede de apoio, meio tropeço, meio caminho em direção ao elevador. Lá, aperto o botão, enquanto forço minha garganta a buscar ar quando as portas prata se abrem e me jogo dentro.

Por favor, por favor, por favor.

Sem folego e descuidada, mal consigo pressionar o número do andar antes de meus joelhos cederem e eu cair sobre eles numa crise dolorosa.

Não sei se o elevador se move, se as portas fecham ou se ainda estou sozinha.

Tudo o que sei é Alrik

E música clássica

E chicotes

E cadeias

E sangue

E agonia

E implorar

E o conhecimento de que se alguém, qualquer um, tentar fazer isso comigo de novo, não hesitarei em ver o quão ruim meu destino será.

Vou cortar os pulsos, comer uma bala, saltar para o vasto oceano e terminar com isso.

Direi que não.

Não ao Chinmoku.

Não ao mal.

Não!

Meus pulmões se esforçam para converter o ar em oxigênio, concedendo um gole muito necessário, misturado com asfixia. Minhas costas curvam quando fico de quatro, necessitando de mais ar, percebendo lágrimas escorrendo pelo meu rosto, caindo no chão. Minhas recentes contusões de chutes e punhos de Harold incham numa orquestra de velhas lesões – lembrando-me mais uma vez que só porque ignoro a dor não significa que ela não está lá... assombrando-me.

O elevador abre, revelando os acentos cor de ouro do meu corredor, como um santuário.

Fico de pé, limpo as lágrimas, tento respirar e me abraço quando tremores e arrepios são adicionados ao ataque súbito.

Pensei que tinha superado.

Que todos esses dias longe de tais eventos remendaram os buracos finais em minha psique danificada.

Odeio ficar tão fraca com o simples pensamento de voltar para onde escapei. É o suficiente para me empurrar diretamente para o suicídio novamente.

Entro no meu quarto, fecho a porta e deslizo contra ela até o chão. Soluço e permito que o resto do ataque me domine.

Não sou fraca por saber que prefiro morrer do que sobreviver a isso novamente. Sou egoísta, porque entendi como a vida e o amor são. Estou grata por ter uma comparação.

Não sou fraca por conhecer meus limites.

É força porque agora sei onde as linhas estão desenhadas. Até onde posso ser empurrada e quão longe posso dobrar antes de quebrar.

Se o que o Elder suspeita é verdade, quero que cada Chinmoku morra com a morte mais horrível e angustiante. De certa forma, quero que Elder pague a pequena parte que participou como o garoto de recados deles, não importa quão jovem e ingênuo ele fosse.

Culpa me domina com o pensamento.

O Chinmoku roubou sua vida do jeito que roubaram a minha. Eles levaram irmão e pai e o baniram de sua família. Eles levaram minha mãe e fizeram desaparecer a garota inocente.

Se o que Elder diz é verdade, nós temos uma razão para lutar.

Uma coisa é certa, não vou deixá-lo ir para a batalha sozinho e não vou perder mais tempo ansiando por algo que ele não está pronto para dar.

Coisas piores ainda estão lá fora.

Inclino-me contra a porta e meus olhos sobem até que vejo o bloqueio acima da minha cabeça.

Nunca vou usá-lo para bloquear Elder do lado de fora.

Nunca vou tratá-lo com desconfiança ou frieza.

Mas, por agora... levanto e tranco a porta.

O clique suave da barreira ajuda a erradicar o resto do meu ataque de pânico e dou uma respiração instável.

O bloqueio é tanto simbólico quanto real.

Não afasto Elder.

Não afasto memórias ruins, perigos futuros ou qualquer outro pesadelo que o mundo tem para oferecer.

Tranco meu medo.

Escondo meus ataques de pânico.

Finalmente consigo dizer... não mais.

Tive o suficiente.

Se os Chinmoku estão nos caçando... deixe que venham.

Eles que irão morrer, não nós.

Capítulo Quinze

Elder

Ela fez como pedi.

Trancada.

Suspiro e aperto minha testa contra a porta. Meus dedos saem da maçaneta que não abre e correm pela madeira lascada, desejando estar tocando Pim.

O que espero?

São três da madrugada e não a vi o dia todo. Depois de horas montando estratégias com Selix, não sou uma boa companhia. Foi por cavalheirismo que mantive distância. Ela não merece meu mau humor.

Será que o Chinmoku está envolvido em sua venda ou *será* que minha mente está quebrada – de tanto correr num labirinto sem respostas, tropeço em teorias, ricochetando em becos sem saída.

Honestamente não sei mais.

No entanto, não significa que não estou desesperado para vê-la.

A madeira de sua porta está suja sob meus dedos, quando repouso a testa contra ela e inspiro pela primeira vez no dia.

Solto meu estresse, preocupação e culpa e fico ali do lado de fora do seu quarto, encontrando um pouco de paz apenas estando perto dela.

Desde que meu cérebro decidiu descobrir quem acessou seu registro policial, não posso pensar em mais nada. Não consigo parar de procurar com binóculos para ver se o Chinmoku está nos rastreando. Não consigo parar de verificar o esconderijo bélico, garantindo que armas e outros poderes de fogo estão em bom estado caso haja um cerco no oceano.

Estou extremamente exausto de patrulhar o Phantom e procurar por qualquer fraqueza. O casco foi reforçado com fibra de carbono. A estrutura com titânio. A blindagem à prova de balas envolve cada um dos quartos e o sistema de defesa de mísseis é top de linha. Se querem uma guerra, meu iate suportará qualquer armamento que tenham. Mas se querem Pim, então acabarei com eles, membro por membro.

Ficarei selvagem e não vou apenas atirar neles, como planejei.

Eles levaram minha família.

De jeito nenhum vão leva-la também.

Pela segunda vez em dias, fico cara a cara com o pensamento de não ter Pim em minha vida. Tê-la deixado em Mônaco me mostrou a agonia que teria que suportar sabendo que ela mora no mesmo mundo que eu, que conversa com os outros, sorri para outros, se apaixona por outros.

Foi brutal o suficiente.

Mas o pensamento do Chinmoku levá-la, vendê-la, feri-la... isso me mostra um horror que não sou sequer capaz de contemplar, muito menos sobreviver. Fico furioso com o simples pensamento de que podem matá-la, de que ela *não* será capaz de falar com outros, sorrir para outros, se apaixonar por outros.

De não se apaixonar por mim.

De olhos vazios e alma perdida.

De morte.

E com este infeliz grupo de pensamentos encontro-me do lado de fora de sua porta, às três da manhã, quando deveria ter me anestesiado com um baseado e depois cair num sono agitado.

Não estou aqui para forçar minha presença. Não estou aqui para uma experiência sexual. As imagens dela morta e quebrada não me excitam nem de leve.

Não estou aqui por nenhuma das razões pelas quais coloquei a tranca em primeiro lugar.

Estou aqui para observá-la enquanto dorme – para lembrar a mim mesmo que ela ainda está viva e segura. Que está aqui comigo e não perdida em Monte Carlo. Estou aqui para sentar silenciosamente ao seu lado, inspirar seu cheiro, segurá-la, enterrar o rosto em seus cabelos e tentar encontrar alguma sanidade.

Encontrar conforto nela e não na erva na minha gaveta de cabeceira.

E o que ela faz?

Ela me tranca de fora.

Por minha ordem.

Foda-se.

Eu posso bater.

Posso esmurrar a porta e acordá-la. Posso agarrá-la no momento em que abrir a porta, toda morna, sonolenta e confusa pelos sonhos, e posso carrega-la de volta para a cama. Não tenho dúvidas de que ela me receberá de braços abertos. Ela passará os dedos por meus cabelos e será ambos, mãe e amante, por quanto tempo eu precisar. Ela me deixará segurá-la até que consiga respirar novamente.

Não posso pedir para fazer isso.

Eu é que devo ser o protetor neste mundo, não ela. Ela deve poder confiar que serei forte e saberei o que diabos faço. Não direi a ela que menti o tempo todo.

Menti sobre não ter nenhuma merda de pista sobre o que está acontecendo e que preciso de orientação. Que estou disposto a tentar tudo o que ela quiser, se isso significar que posso finalmente ser normal.

Saio de sua porta e balanço as mãos.

Mais cedo, tomei a agonizante decisão de não navegar para a América – de confiar nos homens que coloquei no comando para lidarem com a bagunça e concentrar-me na vida deste lado do globo.

Meu negócio não vai parar de funcionar apenas porque estou tendo uma crise de identidade e lealdade. Pim não deixará de existir apenas porque não sou capaz de colocar minha cabeça no lugar.

A vida segue em frente.

Tenho um trabalho para fazer.

Portanto, ordenei a Jolfer para voltar nosso curso ao original.

Temos alguns dias antes de chegar à Inglaterra. Pim será minha acompanhante no Hawk's Masquerade e também me acompanhará em algumas outras visitas pela cidade.

Mas antes de ancorarmos, tenho toda a intenção de voltar a ser gentil e generoso. Eu *sinto falta* dela.

Senti falta dela quando a deixei para trás, e sinto sua falta agora que ela está de volta na minha vida.

É ridículo.

Por que me mantenho afastado da única pessoa com quem quero passar o tempo?

Por que acreditar na ilusão de que quanto mais distância colocar entre nós, menos me apaixonarei por ela? Que há alguma maneira de evitar a queda e retornar a um terreno estável onde meu coração pertence a mim e não a uma mulher que detém todo o poder de destruí-lo?

Desço pelo corredor e volto aos meus aposentos, finalmente admito a mim mesmo. Nenhuma distância ou evasão serão capazes de me curar.

Porque não estou mais caindo.

Já estou estatelado e quebrado, sem maneira possível de me reerguer.



Capítulo Dezesseis

Pimlico

"Bom dia."

Olho para cima, estreitando os olhos contra o brilho do sol. A silhueta de Elder é negra e penetrante contra a bola de fogo brilhante atrás dele.

Ergo a mão e faço o meu melhor para bloquear a saturação excessiva de luz e foco.

Para estudar o rosto dele.

Para ver se algum resto de sua horrível epifania ouvida ontem ainda espreita nas suas feições.

Ele sorri meio triste. Um calor lisonjeiro em seu olhar. Ele fica de pé vestindo uma camisa de musseline aberta no pescoço e calças jeans de cor clara. Seus cabelos brilham com gotas de água do chuveiro e a forma como sua mandíbula se aperta enquanto ele me estuda, faz as batidas do meu coração erradicarem a distância entre nós.

Para pular por cima do barco salva-vidas coberto de lona e me jogar em seus braços.

Para dizer a ele que escutei sua conversa e sei de tudo.

Para prometer-lhe que não tenha medo e que farei o que for necessário para mantê-lo seguro.

Mas antes que possa lhe devolver a saudação ou deixar meu lugar empoleirado, ele se aproxima e senta ao meu lado. Suas coxas ficam tensas como se preparadas para se levantar novamente, seu corpo retesado com mais força do que qualquer um deveria estar a esta hora da manhã.

"Se importa se eu me juntar a você?" Ele me olha; seus olhos se estreitando contra o sol.

Seus cabelos são de um preto azulado enquanto a pele parece brilhar. O sol não é um inimigo para ele, pintando-o com calor e sinceridade enquanto, ao mesmo tempo, revela linhas finas em torno de sua boca e o estresse que não deveria estar lá.

"Claro." Escorrego para lhe dar mais espaço, de forma que as cordas não fiquem pegando em sua coxa.

Ele franze o cenho, parecendo sentir dor quando me afasto.

Preocupação borbulha. Dando um tapinha na lona ao meu lado, murmuro: "Venha mais perto. Não quero que fique desconfortável."

"Por que eu ficaria desconfortável?"

"As cordas." Aponto para sua perna onde a corda gigante, pontilhada de sal, está espremida contra seu jeans. "Estou fazendo você ficar esmagado contra elas."

Ele balança a cabeça, seus lábios se curvando num sorriso. "Não estou desconfortável."

"Ok." Olho para longe, incapaz de suportar a intensidade em seu olhar por mais de alguns segundos. Ele substitui o sol por seu olhar de ônix, e é igualmente ofuscante.

Apesar de garantir que não está desconfortável, ele se move na minha direção. Suas mãos agarram a lona, trazendo seu peso para mais perto de mim. Não posso desviar os olhos de seus dedos perfeitos, das unhas quadradas ou das veias correndo ao longo das articulações.

Essas mãos estiveram em minha pele.

Esses dedos estiveram dentro do meu corpo.

Este homem me tocou, me amou e não fugi gritando.

Então, por que agora, tudo com Elder parece como se voltamos a ser estranhos? Por que não consigo saber o que dizer? Como agir? Por que a autoconsciência arruína esse doce e simples momento de sentar calmamente ao sol?

Elder deve ter sentido a mesma coisa ao se mover inquieto, fazendo com que as polias gemessem um pouco. Ele limpa a garganta enquanto olha para o céu, para um membro da equipe que pula um corrimão, uma gaivota passando por cima – qualquer coisa além de mim. Olhando para qualquer lugar, menos onde realmente quero que ele olhe.

O silêncio não é mais uma coisa visível; é uma parede entre nós – grossa e à prova de som.

Isso não pode continuar.

Viro um pouco para encará-lo e coloco a mão sobre a dele.

Ele estremece, os dedos curvando-se mais sobre a borda do bote salva-vidas como se eu tocá-lo fosse fisicamente doloroso. O que pode ser o caso, visto que ele luta com desejos mais complicados do que eu. Um simples toque em mim pode ser uma promessa obscena para ele, algo que ele jurou nunca quebrar.

Meu coração dói enquanto rapidamente afasto minha mão. "Desculpe."

Ele engole um gemido grosseiro. "Sou o único que deve se desculpar."

Não sei como responder a isso. Minha mente considera muitas coisas pelas quais ele pode pedir desculpas. Mas não posso ver nada que seja sua culpa direta e não um esforço combinado de ambas as partes.

"Você não tem nada para se des..."

"Eu tenho." Saltando do barco salva-vidas, ele fica na minha frente. Suas grandes mãos pousam nos meus joelhos e sem pensar, ele afasta minhas pernas.

Hoje é o primeiro dia que aceitei um item de guarda-roupa diferente dos costumeiros vestidos largos. Não sofro mais de claustrofobia e gosto bastante da ideia de mudar meu estilo. Hoje, escolhi uma camiseta macia, azul, bem solta e short cinza com pregas na frente.

É estranho me acostumar com algo apertado na cintura e em torno da barriga, mas agora estou ridiculamente grata por usar short, quando Elder espalha minhas pernas e fica entre elas.

Ele não parece notar que lutei contra meu ódio por roupas e venci. Ele não nota que seus polegares circundam meus joelhos nus ou que seu toque aperta minhas coxas para me deixar mais próxima.

Tudo acontece muito rápido para a microanálise, mas é exatamente isso que meu cérebro faz.

Fico hiper focada em quão quente e duro ele está entre minhas pernas. Em como suas mãos flutuam sobre minhas coxas e se encaixam debaixo da minha bunda, apertando-me com um fio de violência. Já não estou mais sentada no barco salva-vidas. Eu me sento nele, e Deus, a *emoção* que isso me proporciona, o reconhecimento que ele me trouxe pra perto sem que eu tenha que lutar por isso...

Isso me transforma em pedra e em gelatina ao mesmo tempo.

Meu coração balança como uma ridícula sobremesa de frutas vermelhas enquanto meus membros travam como granito. Eu quero derreter. Quero atirar meus braços sobre seus ombros, tomar a parte de trás da sua cabeça e trazer seus lábios para os meus.

Em vez disso, espero. Estudo. Faço uma pausa até que ele pisca com força e suas narinas abrem, lentamente tentando entender como ele foi de sentar-se ao meu lado para se encaixar tão firme contra mim quanto possível.

"Ah, merda." Ele exala pesadamente, seus dedos afrouxando em minha bunda.

"Espere", murmuro quando ele começa a se afastar.

Ele para, os olhos se encontrando com os meus num pedido silencioso para lhe dizer o que fazer.

Esse olhar de incerteza em Elder é tudo menos incerto, mergulha no meu peito e fere meu coração.

"Não quero que você vá embora." Prendo a respiração, levanto-me e seguro sua bochecha com a mão trêmula. "Quis que me tocasse desde que eu te vi na delegacia."

"Eu quis te beijar desde que a vi na delegacia." Seus olhos se incendeiam nos meus. "O beijo que dei não foi suficiente. Duvido que algum seja, se quer saber."

Sua brutal honestidade me pega de jeito.

"Você pode me beijar novamente... se quiser."

"Eu não posso."

Minha cabeça flutua com o desejo. "O que te impede?"

"Você sabe o que está me parando."

"É apenas um beijo."

Ele lambe os lábios quando seu corpo cede, lutando com aa palavras. "Nós dois sabemos que não é apenas um beijo."

Minha mão sobe de sua bochecha até a testa.

Ele estremece quando passo os dedos pelos cabelos, acariciando-o. Tenho que me sentar mais ereta para

conseguir passar a mão pela parte de trás do seu pescoço. Minhas costas arqueadas, empurram meus peitos para fora, minha posição lhe dá todos os sinais que ele precisa.

"Beije-me." Aplicando um toque de unha, puxo sua cabeça para baixo.

A força de seu pescoço luta contra mim, não se movendo. Seus olhos dançam sobre meu rosto como se decidindo como me frustrar sem machucar meus sentimentos.

Então... é como se algo que estivesse dentro dele... Como se uma pequena caixa que ele trancou e protegeu fosse esmagada debaixo de uma marreta.

E então ele desaba para frente.

E sua boca cai contra a minha.

E seus lábios estão tão quentes, molhados e acolhedores.

E ele me *beija*.

Eu pedi pelo beijo, mas ele o doou com todo o coração.

Seus lábios são macios e fortes. Sua língua desliza em minha boca, não perguntando, não implorando, mas exigindo a entrada para me provar.

Deixo que o estresse se esvaia e que a luxúria aconteça. Tremo quando seus braços me envolvem, me segurando enquanto nossos lábios se fundem e o beijo torna-se primordial em sua intensidade.

O calor do sol da manhã está sobre nós enquanto meu gemido encontra o seu – alimentando-nos cada vez mais em algo que deveria ser terno, mas é violento.

Combino sua ferocidade com a minha. Meus dedos apertam seus cabelos, puxando mais, mais.

Eu me esqueço. Esqueço que estamos à vista da equipe. Esqueço sobre os últimos dias e o medo do que está por vir. Esqueço de tudo, exceto dele.

Mas Elder não esquece.

Ele se afasta, apoiando-se e esfregando a boca como se estivesse desesperado por outro beijo, mas determinado a ficar com apenas um. "Pim..."

Sua voz limita-se a uma censura. Como se o beijo fosse culpa minha.

Foi *minha* culpa?

Assumo a responsabilidade por parte dele, mas ele é muito forte para que eu possa obriga-lo a alguma coisa que não queira.

Salto do barco salva-vidas, fico de pé com as mãos nos meus quadris. "Se disser que foi um erro, que não acontecerá novamente ou qualquer outro clichê estúpido, eu vou... vou..."

Um leve sorriso lhe retorce os lábios. "Você vai o quê?"

"Eu não sei. Vou jogá-lo ao mar."

"O capitão impedirá." Ele cruza os braços, curtindo meu temperamento.

"Tudo bem, eu... eu acertarei sua cabeça com um remo."

Seu olhar vai para os remos do barco salva-vidas que estão cuidadosamente descansando nos suportes. "Eles pesam uma tonelada. Mesmo eu não posso usá-los como arma."

"Você está tirando toda diversão do meu hipotético ataque a você." Escondo um sorriso, mesmo quando uma

teimosia brota nos meus lábios. "Deixe uma menina ter algumas fantasias."

Ele inclina a cabeça. "Você tem fantasias sobre mim?"

E simples assim, voltamos para o dilema da atração, da luxúria de alta voltagem e da insuportável necessidade de tocar, empurrar e consumir.

Minha pele formiga com fantasias que enchem minha mente e que incluem nudez e nenhuma arma.

Os lábios de Elder se separam, enquanto minhas bochechas coram e eu movo meus dedos para tocá-lo novamente. "E então?"

Avanço em sua direção e assinto com a cabeça. "Não consigo parar de ter fantasias sobre você. Se conhece algum remédio, por favor... diga-me."

Qualquer tipo de brincadeira e jogo desaparece quando seus ombros se abaixam e ele esfrega o rosto com uma mão. "Se conhecesse esse remédio, tomaria eu mesmo."

Tento não me ferir. Ele não quis dizer que quer se curar de mim, assim como eu não quis dizer que quero curar-me dele. Nós dois queremos encontrar um caminho através deste campo minado do meu passado e sua obsessão e aprender a estar junto sem um caminhão de bagagem nos seguindo.

"Ah, senhor?" Aparece um membro da equipe, carregando uma pequena bandeja com duas xícaras de café. "Como pediu."

Elder assente respeitosamente enquanto aceita as bebidas. "Obrigado. Diga ao cozinheiro chefe que estamos prontos para o café da manhã se for possível."

"De imediato." O homem curva-se, sorri e volta da maneira que veio com a bandeja agora vazia.

Observo as novas posses de Elder. "Não dormiu ontem à noite?"

Ele gira para me encarar, suspeita por todo o rosto. "O que te faz dizer isso?"

Por algum motivo, tenho a nítida impressão que ele não dormiu. Que meu simples comentário atingiu um ponto doloroso. O que ele descobriu ontem depois de eu ter escutado sua conversa? Não ouvi seu violoncelo, mas isso não significa que ele não tenha tocado.

Depois de trancar a porta, dormi surpreendentemente bem. Não sei o que isso quer dizer sobre meu estado mental, mas, pela primeira vez, não fiquei em estado de alerta, esperando que alguém – amigo ou inimigo –passasse pela porta sem ser convidado.

"Café duplo." Aponto as xícaras.

Ele balança a cabeça, dissipando o que pensava. "Um deles é para você." Vindo em minha direção, ele estende a xícara.

Pego gentilmente, com cuidado para não estragar o design de flores feito com leite no topo. "Sabia que eu estaria aqui?"

"Eu te vi da ponte." Ele aponta para o ponto mais alto do iate, onde as sombras da equipe e do capitão sugerem que, só porque não estamos olhando para onde navegar, não significa que outras pessoas não estão.

Tomando um gole do café, ele acrescenta: "Fui ver Jolfer esta manhã. Quero confirmar a rota para a Inglaterra. Eu te vi sentada no barco salva-vidas e achei que lhe devia uma desculpa."

"De volta às desculpas."

Ele assente. "De volta a isso." Ele toma outro gole. "Lamento por tê-la abandonado nos últimos dois dias, e desculpe se fiz você se sentir qualquer coisa, menos bem-vinda. Eu... eu amo ter você aqui comigo e não fiz um trabalho muito bom em demonstrar isso."

Não quero dizer a ele que estou lendo entre as linhas por tempo suficiente e que entendo mais do que deveria. Que ele ama o fato de eu estar aqui, mas se amaldiçoa por não poder aproveitar. Que ele gosta de passar tempo comigo, mas não confia em si mesmo para manter nosso relacionamento puramente platônico.

Se esse beijo é qualquer coisa, diria que suas preocupações são fundadas. Não que eu vá dizer isso porque não quero que tais fronteiras ou medos se mantenham entre nós.

Junto-me a ele para beber a cafeína perfeitamente preparada. "Qual caminho disse para ele seguir?"

"Hmm?" Ele limpa a espuma do café dos lábios com uma lambida, fazendo meu estômago se contrair com uma fome carnal que apenas começo a entender.

"Ao capitão? Quantos jeitos diferentes há para navegar até a Inglaterra a partir daqui?"

Seu rosto se ilumina, grato por um tópico neutro onde as insinuações sexuais não podem habitar. "Dois, tecnicamente."

Quando continuo a beber, esperando que ele fale mais, ele diz: "Basicamente, podemos atravessar o Estreito de Gibraltar ou descer depois do Cabo da Boa Esperança."

"Qual é o melhor?"

Ele dá de ombros. "Ambos são excelentes jornadas, mas um é de aproximadamente seis a sete dias, e o outro é de mais de um mês."

"Oh, uau."

Ele sorri. "Acho que gostaria de chegar em casa antes de um mês, e temos uma solenidade para participar, então não tenho escolha senão seguir a rota mais curta."

Não menciono que voltar para casa já não é uma carta válida. Na verdade, a Inglaterra é o contrário disso. Não quero voltar. Minha mãe está trancada e intocável, enquanto memórias ruins continuam livres e desenfreadas. Se Elder não tivesse mencionado uma solenidade, sugeriria que fossemos para outro lugar.

Curiosidade se forma dentro de mim. "Temos uma solenidade? O que é?"

Ele franze o cenho. "Um baile de máscaras em uma propriedade inglesa monótona chamada Hawksridge."

Hawksridge... esse nome parece familiar, mas não sei o porquê.

Elder percebe minha ânsia por esclarecimento. "A família Hawk negocia diamantes. Eles fornecem para a maioria dos joalheiros em Londres e muito mais. Deve ter ouvido falar deles."

"Ouvi falar de diamantes Hawk."

"Isso mesmo." Ele termina o café com um olhar desgostoso. "Nós vamos participar porque sua clientela é muitas vezes minha clientela. A população endinheirada gosta normalmente das mesmas coisas. Iates, cavalos, diamantes... "

"Então... é uma reunião de negócios?"

"Algo assim."

"Por que tenho que comparecer?"

Seus olhos estreitam. "Você é minha acompanhante. No entanto, se prefere não ir..."

Levanto a mão. "Não, estou honrada em acompanhá-lo." Mas logo depois de dizer, me pergunto se serei capaz de me misturar numa multidão. A última vez que estive numa solenidade com um cavalheiro bem vestido e mulheres de roupas bonitas fui estrangulada e sequestrada.

Isso pode ser ainda pior se todos usarem máscaras.

Exatamente como no leilão do QMB.

Ai, Deus.

Meu coração dispara, mas escondo a trepidação.

Não darei a Elder qualquer motivo para suspeitar que não posso lidar com qualquer coisa que ele precisar de mim – incluindo ele mesmo.

"Nós só ficaremos lá por uma hora. Duas, no máximo." Ele termina o café. "Estou relutante em ir, mas tenho um juramento a manter, e esse juramento significa ganhar dinheiro até chegar ao meu objetivo."

Escondo minha risada surpresa. "Tem um objetivo de acumular *mais* dinheiro?"

Ele se encolhe um pouco como se percebesse como aquilo soa. Como se Elder – apesar de ter riqueza muito além do que posso imaginar – admitisse que tem compulsão para ter mais.

O que ele pode precisar que não possa pagar com sua posição financeira atual?

Balanço a cabeça um pouco, tentando entender. Ele não é uma pessoa superficial ou alguém que gasta com coisas apenas para aparecer e ter reconhecimento. Claro, o Phantom é mais do que luxuoso, e ele possui helicópteros e carros Mercedes-Maybach e de outras marcas caras que os ricos e

famosos tem, mas ainda assim, conserva uma aura de alguém que não está acostumado a riqueza.

Alguém que de alguma forma tropeçou nisso e ainda não se sente confortável gastando, a menos que seja para dedicar um determinado estilo de vida para sua família.

Uma família que nunca aprecia sua generosidade.

"Está quente hoje. Talvez devêssemos sair do sol." Tomando minha xícara vazia, Elder mantém o nível de sua voz, mas algo o atingiu – algo relacionado ao dinheiro, segredos e razões pelas quais ele é como é.

Quero desesperadamente saber as razões e finalmente estou pronta para lhe dar qualquer parte do meu passado por uma pequena parte do seu.

"El..." Movo-me em sua direção, colocando a mão no seu antebraço.

Ele treme, mas não se afasta. O olhar se fixa no meu e tudo o que estou prestes a sugerir voa fora da minha cabeça. Pensei em convidá-lo para minha suíte. Pedir um café da manhã tranquilo e fazer algo que nunca fizemos antes.

Conversar.

Conversar de verdade, e não como dois estranhos que não sabem nada um sobre o outro, mas tem uma coisa em comum: uma atração sexual – um fascínio mútuo e corações que sussurram a mesma mensagem desde o momento em que nos conhecemos.

Gosto demais de Elder. Amo Elder muito profundamente para o raciocínio lógico. E ainda não sei nada sobre ele.

Minha língua desliza sobre o lábio inferior enquanto faço o meu melhor para forçar meus pensamentos em

sentenças ordenadas e não nas acrobacias que eles se transformaram.

Só que, uma voz excitada badala na morna brisa do mar, quebrando o feitiço pesado e trazendo nossos olhos para a proa do navio.

"O que diabos ela está apontando?" Pergunto enquanto um membro da equipe com cabelos loiros salta para cima e para baixo. Seu rosto está luminoso com emoção. Seu dedo aponta para a água abaixo de nós.

Elder sorri. "Golfinhos provavelmente. Não sei por que a equipe fica tão entusiasmada. Não é como se fosse uma ocorrência rara." Ele diz de forma tão objetiva, como se golfinhos fossem tão comuns quanto moscas em uma casa.

Meus olhos se arregalam. "Eles surfam na esteira?"

"Exatamente. Eles estão apenas nos usando para sua própria diversão."

"Posso ver?"

Ele ri enquanto caminho até a garota, ficando intoxicada por sua alegria. Não vejo um golfinho desde que meu amigo teve sua festa de oito anos no SeaWorld e os golfinhos pularam e brincaram com grandes bolas vermelhas. Na época, fiquei hipnotizada. Agora, o lugar fechou para o bem-estar dos animais.

Não posso parar de mover meus pés, mas não quero deixar Elder. "Vem comigo?" Estendo a mão, olhando por cima do ombro enquanto continuo a caminhar na direção da proa.

Seu rosto cai apenas por um momento.

Minha garganta aperta com perguntas. Quero saber o que o aflige. Preciso saber como consertar isso.

Mas então ele sorri, afastando o pingo de melancolia. "Tenho uma ideia melhor."

Paro, completamente incerta. "Melhor do que ver golfinhos?"

"Melhor." Entortando o dedo, ele murmura, "Venha comigo."



Capítulo Dezessete

Elder

Não sei que porra estou fazendo.

Sem dúvida, Pim riria na minha cara ou, pior, reviraria os olhos para uma extravagância tão estúpida, ou pior ainda, passaria a me olhar de forma diferente por gastar um montante ridículo em algo que nenhuma pessoa normal deveria possuir.

Mas, quando entramos no elevador e pressiono o botão para o andar inferior, onde ficam as salas de armazenamento, as câmaras frias da cozinha e um jet sky, digo a mim mesmo que é uma boa decisão.

Comprei para momentos como este.

Originalmente, pensei que seria para minha família, na qual há primos para impressionar, mas isso nunca dará certo e, além disso... isso é ainda melhor.

Pim é melhor.

Pim é tudo.

Quando as portas do elevador abrem, Pim olha para cima. Em vez da pergunta esperada de "por que você me trouxe para a área de serviço do navio", ela parece à vontade – como se ela já tivesse vindo aqui antes.

Faço uma careta.

Ela tem passe livre no lugar – nada está fora dos seus limites. Bem, prefiro que ela, ou qualquer outra pessoa, não viesse ao nível onde eu, ontem, discuti com Selix. Não sei

bem como me sinto sobre ela estar bisbilhotando e aprendendo coisas sobre mim, sem eu contar a ela.

"Já esteve aqui antes?" Mantenho a voz leve, embora minha pergunta seja pesada. Se ela explorou, o que descobriu? Ela não viu o que estou prestes a mostrar, já que está atrás de uma porta trancada e só eu tenho a chave, mas ainda assim... minha privacidade foi minuciosamente analisada.

Ela esfrega o braço, com o olhar brilhando para as grelhas de madeira com uma infinidade de linguagens pintadas com spray na frente do jet sky amarrado e preso com cintas. "Hum, posso ter explorado um pouco."

"Quando?" Minhas narinas dilatam tentando ver a verdade.

"Ontem."

"Você foi em qualquer outro lugar ontem?" Sinto uma pontada nas costas. "Outros andares?"

Ela dá de ombros, rindo torpemente com uma aura culpada. "Apenas um ou dois. Fiquei com fome e fui à cozinha para o almoço e depois voltei ao meu quarto." Dando uma olhada para mim, ela caminha em frente, dando uma volta ao redor das cintas que mantém tudo preso aos seus lugares. "O que quer me mostrar aqui?" Ela balbucia por sobre o ombro, deliberadamente mudando de assunto. "Não posso acreditar que estou perdendo os golfinhos por isso."

Estou inclinado a forçá-la de volta ao meu interrogatório, mas depois de estar em desacordo por dias, quero deixar esse lugar feliz novamente.

Preciso disso.

O beijo no deck foi a única coisa boa na minha vida, e o desejo de continuar misturou-se com o vício por sexo e o conforto da conexão.

Eu quero tocá-la.

Mas simplesmente não quero que as coisas saiam do controle.

"Você não vai perder por muito tempo." Guiando-a em torno de uma fileira de freezers enormes e de uma imensa geladeira, busco a corrente com a chave no meu bolso. "Você vai ver."

Pim me segue, o rosto brilhando e curioso. "Você sabe... este não é o andar mais bonito, mas acho fascinante." Ela passa os dedos sobre uma caixa rotulada *frágil*.

Não faço ideia do que está ali dentro, mas pago meus funcionários o suficiente para isso. Eles têm carta branca para encomendar mais, comprar qualquer coisa e gerenciar as despesas.

"Por aqui."

Ela concorda com um sorriso suave enquanto caminho na frente pelo longo corredor formado por pacotes, caixas e recipientes empilhados. Este nível não tem quartos individuais além do espaço que estou prestes a mostrar.

Na minha profissão – no trabalho de fazer brinquedos para os mega ricos e constantemente ter que criar novas e únicas invenções para melhorar ainda mais o brinquedo de algum bastardo rico – faço experiências no Phantom.

Este iate foi o primeiro a ter isso. Está é a peça chave para ganhar mais negócios do que posso lidar. E é uma merda de luxo que nem vejo desde que construí.

"Oh, legal." Pim aponta para um jet ski que nem lembrava que existia, descansando debaixo de uma lona transparente.

Os brinquedos indesejados do milionário estão ficando cheios de pó.

E se esse outro brinquedo não funcionar? E se arrastar Pim aqui foi um erro completo e ela perdeu os golfinhos enquanto ferrei com algo que nunca deveria ter comprado em primeiro lugar?

Meu coração acelera com preocupação quando chegamos ao fim do longo corredor e paramos. Minha mão pousa na maçaneta de uma válvula de ar especial. O grande mostrador circular pode operar centenas de pequenas vedações e outros mecanismos de bloqueio, completamente desnecessários, a menos que alguém tente se infiltrar a bordo dessa maneira ou se tivermos uma infiltração.

"Pronta?"

Pim se junta a mim, seu corpo tão pequeno ao lado do meu. "O que há aí dentro?"

"Você está prestes a descobrir."

Ela cruza os braços, para se abraçar, tentando se proteger. "OK..."

Forçando-me a desviar o olhar e ignorar a própria autoconsciência, desenrolo o círculo, desbloqueio o último lacre com a chave e empurro a barricada até que abra.

O som do ar correndo pela câmara selada faz um barulho parecido com um tornado trovejante, apenas para terminar uma fração de segundo depois.

Pim balança a cabeça com admiração. "Meus ouvidos acabaram de fazer *pop*."

"Isso é porque este lugar tem sua própria circulação. Está completamente desligado do resto do navio."

"Por quê?"

"Por segurança."

Ela franze os lábios quando me afasto para deixa-la passar.

A sala em que entramos é cilíndrica e tem ganchos e prateleiras com toalhas limpas, roupões e uma série de equipamentos de natação brilhantes. Snorkels e máscaras, equipamentos de mergulho, biquínis e shorts.

Não houve economia aqui.

E nada nunca foi usado.

Espero que ela não perceba os equipamentos de natação infantis ou as boias infláveis que continuam em caixas.

As paredes prateadas não têm janelas ou portas. A única maneira de se entrar e sair são as duas portas – as que passamos e uma outra no final do quarto.

"O que é esse lugar?" Pim avança com admiração.

Viro-me e fecho a porta, estremecendo um pouco quando os lacres são recolocados nos lugares, isolando-nos do resto do iate.

A nova pressão do ar nos atinge - quente e úmida, convidando-nos a explorar o mundo de onde vem essa brisa.

"É um vestiário."

"Se é apenas um vestiário por que a porta à prova de bombas?" Ela se vira para mim, com as sobrancelhas levantadas.

"O quarto onde estamos prestes a entrar é especial. É seguro, mas no caso de uma emergência, pode inundar. A porta é para nos impedir de afundar se isso acontecer."

Ela engole. "Ter uma sala que inunda não soa como a ideia mais brilhante quando mora no oceano."

Eu rio. "Pode mudar de ideia quando ver o que há lá dentro."

"O que *há* lá?"

"Tão impaciente." Dando um sorriso a ela, viro na direção das estantes de biquínis e seleciono alguma coisa com amarrações cruzadas de cetim esmeralda. Jogo para ela. "Aqui, coloque isso."

Ela pega no meio do ar. "Por quê?"

"Pare de fazer tantas perguntas. Quer ver os golfinhos ou não? "

"Sim."

"Bem. Então me obedeça e coloque o biquíni."

"Mas..." ela toca a lycra brilhante e colorida. "Não há cortinas ou portas."

Engulo minha risada. "Está dizendo que de repente ficou tímida? A menina que fica mais confortável nua do que vestida?"

Ela me lança um olhar sujo, os dedos se dirigindo para a camiseta solta que mal fica sobre seus ombros. "Só estou dizendo que estou tentando facilitar pra você."

"Pra mim?" Aponto para meu peito com o dedo. "Como é que um vestiário vai me ajudar?"

Ela revira os olhos como se eu estivesse sendo deliberadamente burro. O que não posso negar, eu estou.

Não vim para cá com a perversa intenção dela se trocar na minha frente. Mas agora, confrontado com a oportunidade de vê-la nua e com sua permissão para olhar, mas não para tocar, fico completamente duro e incapaz de parar.

Realmente deveria ter pensado nisso.

Deveria tê-la mandado se trocar antes de entrar na câmara apertada.

Deveria tê-la mandado vestir uma parka e botas de esqui em vez de jogar um pedaço de tecido e então dizer para ela se despir.

Foda-se, apenas o pensamento dela se despindo deixa meu pau saltando, implorando por atenção.

Atenção dela.

Ideia ruim, muito ruim.

Não serei capaz de olhar sem tocar. Preciso tanto sentir sua pele que meu coração provavelmente vai parar se eu não o fizer.

"Merda." Engulo em seco, dando um passo para trás. "Eu... vou ficar de costas." Pego um calção de natação preto e vou o mais longe que posso e olho para o outro lado.

Não ajuda.

Minha mente assume o controle, proporcionando um show de strip privado onde Pim tira sua camiseta pelos ombros e rebola para sair do short.

Eu gemo, enfiando meus dedos nos olhos.

Vire-se.

Toque-a.

Beije-a.

Dobro meus joelhos e tiro a camisa, dando às minhas mãos algo para fazer.

Ela não se move por um momento, mas então os sons suaves de sua camiseta e short caindo no chão ecoam em meus ouvidos tão alto quanto o Big Ben. Sua respiração fica presa e as malditas paredes de metal refletem uma figura

ondulada e distorcida, inclinando-se para entrar na parte de baixo de um biquíni verde.

Maldição, mesmo parecendo uma pintura de Salvador Dali, ela ainda é impressionante. Não consigo afastar os olhos quando seu reflexo coloca as mãos para o alto e prende os cabelos num coque temporário na base do crânio antes de amarrar dois triângulos sobre os seios.

Só de saber o quão linda ela é nua, fica muito mais difícil me controlar.

Ela está certa.

Não é ela quem tem problemas com nudez. Eu tenho. E não é só um problema, é uma obsessão. Posso me virar e olhar. Posso ir até ela e tocá-la. Posso desfazer os pequenos laços e deixa-la nua novamente. Posso me sentar no meio deste túnel, puxá-la para o meu colo e entrar nela em segundos.

Podemos ficar unidos, conectados, em vez de em extremidades opostas desta câmara miserável.

Eu a desejo tanto que *dói*.

Mas não me mexo.

Venço o desejo desenfreado e, de alguma forma, consigo tirar minhas mãos dos shorts de natação retorcidos em que as prendi até perder a circulação.

Ficar longe dela é cada vez mais difícil.

Alguns minutos se passam antes de Pim perguntar calmamente: "Tudo bem?"

Aceno bruscamente. "Sim."

Sua voz quebra o feitiço, e rapidamente desabotoo e abro o zíper do meu jeans e então o empurro para baixo junto

com a cueca boxer de uma só vez. Estou com os pés descalços e chuto as roupas como se queimassem.

O mais erótico gemido penetra meus ouvidos.

Pim me acha tão atraente quanto eu a acho? Será que ela olha meu traseiro nu e não lastima minha carne masculina, mas na verdade me quer tanto quanto eu a quero?

Minha garganta fica seca quando meu pau – agora livre e não mais apertado nos jeans – está totalmente ereto.

A parte exibicionista em mim quer virar e encará-la. Para mostrar a ela o estado em que me deixou. Mas se fizer isso – se ela me olhar com o mesmo calor do nosso beijo, se ela se aproximar de mim e, Deus queira, agarrar meu comprimento e o apertar...

Poooorrra, quase gozo só de pensar nisso.

Tremendo, entro no short. Esforço-me para empurrar a enorme ereção dentro da roupa e fechar o velcro. Não há como esconder minha reação, mas acaba servindo.

Ela sabe como eu penso nela. Ela entende o quanto a quero. Ela tentou tornar mais fácil para mim, mas acabou fazendo tudo ficar fodidamente mais difícil!

Chutando as roupas descartadas numa das pequenas repartições, murmuro: "Venha. Preciso sair daqui."

Ela se aproxima, linda demais e muito marcada dentro do biquíni verde. São quilômetros de carne deliciosa coberta por uma infinidade de cores, causadas pelo desgraçado que a pegou roubando. Os globos de seus seios estão acima das costelas escurecidas por uma marca de bota, a ondulação de seu traseiro marcada com uma mancha que está desbotando.

Quero cometer um assassinato, bem como reverenciar esta mulher que nunca reclama, nunca é menos do que invencível.

Meus punhos se apertam enquanto dou meu melhor para controlar o temperamento. Ninguém a machucará de novo.

Ninguém.

Focando em sua beleza e não nas feridas, amaldiçoo o fato de que tudo que mais desejo ver está guardado pela lycra esmeralda e laços bem amarrados.

Suas bochechas coram enquanto luto para afastar o olhar.

Sua voz fica ofegante. "Concordo. De repente estou me sentindo claustrofóbica."

Ela está claustrofóbica? Tente estar na minha pele quando tudo o que quero fazer é pular em cima dela. Tê-la aqui num quarto tão pequeno – completamente à prova de som, completamente à prova de pessoas - deixa os instintos de me enfiar dentro dela bem loucos.

Caminho para a porta do outro lado e me concentro nos sons de várias trancas destravando para abrir a chancela e nos permitir entrar no lugar mais surreal que se pode imaginar.

"Oh, meu Deus, Elder." Pim passa por mim.

Eu deixo, afastando-me e fechando a porta.

Esta sala não é nada além de pura extravagância.

Madeira escura e polida acrescenta profundidade e calor às paredes. Um sofá convidativo adornado com uma série de almofadas que variam de tons terrosos à magenta implora para que alguém ali relaxe. Sob holofotes brilha um bar branco que armazena garrafas de licor caro.

Um elevador descansa ao lado da porta pela qual entramos. Está inoperante, mas disponível para quando eu parar de ser tão paranoico quanto a invasores ou inundações. Não é justo que um espaço tão incrível tenha acesso somente pela área de armazenamento.

Eventualmente, os hóspedes podem descer pelo elevador, mas por enquanto... este lugar é uma joia privada, escondida no fundo da minha casa.

"Nem sei o que dizer." Pim gira no local, absorvendo as obras de arte e os brinquedos caros orgulhosamente exibidos num grande retângulo submerso ao lado do sofá. Ele ocupa a maior parte do espaço, magnificamente pronto para ser a principal atração de qualquer festa.

"Isso é incrível." Suas mãos cobrem a boca quando um guincho puramente inocente escapa. "Não posso acreditar que tem um submarino!"

A tensão se liquefaz em minha espinha com o rompante indomável em seu rosto. Quando ela gira para me olhar, seus olhos tem uma alegria sem filtro que nunca esperei ganhar.

Nunca vi algo tão inocente ou angelical em minha vida. Ela está *feliz*. Pela primeira vez, a carga pesada que ela carrega foi erradicada. Qualquer experiência desagradável que tenha sido esculpida se transforma num maroto encantamento, permitindo que ela seja juvenil.

Hoje, aqui mesmo, vislumbro como ela pode ter sido quando criança. Uma linda trapaceira, com cabelos cor de chocolate e olhos com cor de folhas frescas.

Se essa é a magia de revelar o submarino para três pessoas, então o caro valor gasto vale a pena mil vezes.

O grande aventureiro aquático com cabeça de bolha parece desproporcional e meio cômico fora da água. Grandes

parafusos e portais rígidos lhe permitem tantos ângulos de visão quanto possível.

"Espere até estar lá dentro." Vou na direção do painel de controle que guarda o segredo do lugar. Tive um tutorial de uma semana sobre como usar tudo o que é necessário, incluindo a direção do submarino, mas foi há anos.

Provavelmente deveria ter trazido Jolfer ou alguém para ajudar, mas o sub representa pra mim muitas coisas que desisti. Meu coração mal suporta ter Pim aqui, muito menos funcionários insensíveis que não conhecem a dor na minha alma.

"Vamos ver os golfinhos nisso?"

Concordo, pressionando um botão. Instantaneamente, o ruído colossal da água do oceano surge e nos deixa atordoados. Pim dá um salto quando grandes bombas fazem vinte mil litros de água do oceano brotar no espaço.

"Santo..." ela recua, vindo em minha direção. "Por isso disse que poderia inundar."

"Os jatos hidráulicos servem para manter a água fora quando não é necessária, mas nunca confiarei em nada cem por cento." Toco o ombro dela com o meu. "Três minutos para preencher essa piscina até a borda. Se pode submergir tão rapidamente, imagine o que pode fazer com o resto do iate."

Ela estremece quando o submarino que está preso com almofadas de proteção, lentamente, começa a flutuar.

Não falamos enquanto o tanque de retenção de oito metros de comprimento passa de seco a submerso. Finalmente, a piscina atinge sua capacidade e o ruído de água jorrando diminui, deixando-nos num novo mundo brilhante. As paredes brilham com fios de água. Azul, prata, azul marinho e turquesa ondulam sobre o teto e o mobiliário – inclusive nós.

Pim estende a mão, girando os dedos enquanto os reflexos da água dançam sobre ela.

Sua beleza transforma-se de impressionante em algo que atinge o meu peito e arruína o meu coração inútil.

Limpo a garganta e pego o interfone. Espero que alguém na ponte atenda e depois digo: "Pare todos os motores até segunda ordem."

"Imediatamente senhor."

Penduro o receptor e espero que o constante chiado da potência diminua e que o ímpeto de avanço seja substituído por um balanço estacionário.

Só então pressiono o segundo botão.

Um alto clique e um sibilo soam, transformando lentamente a sala em que estamos.

"Oh, meu Deus, é uma garagem", Pim murmura enquanto uma lateral do Phantom se abre como qualquer outra porta de garagem – pronta para permitir a saída do submarino, e depois seu mergulho nas profundezas abaixo.

Isso deve ser feito sem nenhuma velocidade aplicada; caso contrário, a porta não abriria devido às correntes de pressão. É um risco cessar as ondas que o avanço do barco cria – os golfinhos podem nadar para longe – mas se nos apressarmos, Pim conseguirá ver algo extraordinário.

"Venha." Vou para o pequeno terraço onde as mesas e espreguiçadeiras estão.

O submarino paira perfeitamente nivelado e flutuante. Comprei essa coisa como um capricho estúpido, graças ao fato de seus inventores terem montado um showroom em Monte Carlo, bem ao lado do meu armazém. É uma coisa idiota para comprar, mas não senti nenhum arrependimento,

mesmo quando precisei fazer com que meus engenheiros dessem um jeito de criar esta garagem flutuante.

Pim gira para me encarar. "Quer saber? Estou tendo um daqueles momentos em que tudo isso parece familiar."

"Familiar?" Minhas sobrancelhas erguem. "Quer dizer que já esteve numa situação como essa antes?"

Merda, sou o dono desta porcaria e ainda nem brinquei com ela. Isso é tão novo para mim quanto para ela. Não posso negar uma pequena onda de ciúmes ao pensar que não sou o único com coisas chamativas para impressioná-la.

Um desejo tão superficial, mas onde Pim está em causa, já não tenho mais nenhum pensamento racional.

Ela ri, balançando a cabeça. "Não, não pessoalmente. Mas um dos meus filmes favoritos quando eu era criança foi *The Abyss*."

Congelo, meus pés descalços cavando no deck de madeira embaixo de mim. "*The Abyss*?" Faço o melhor para esconder meu interesse.

Finalmente.

Finalmente, um pequeno vislumbre de quem ela foi antes de mim e quais gostos nutre.

Ela assente com olhos brilhantes e felizes. "Sim. Adorava os alienígenas aquáticos e o modo como eles tinham aqueles robôs exploradores." Ela ri, balançando a cabeça. "Não que eu ache que este lindo lugar seja parecido com o laboratório branco estéril que eles tinham."

Não consigo me mexer.

Devo dizer a ela?

Devo admitir que depois de semanas passando nosso tempo juntos, desesperadamente querendo saber mais sobre

ela, ela finalmente me dá um pedaço do que mais desejo? Ela me nocauteou, me deu uma pílula e permitiu que uma parte viciada relaxe.

Se eu admitir que seu filme favorito também é um dos meus, o que ela dirá?

Que, quando criança – antes de jogar minha família em toda aquela merda – minha mãe me chamava de elfo das águas. Ela tinha dificuldades em me tirar do banho, do oceano, de uma piscina. Qualquer filme de mar era meu preferido. E *The Abyss* é uma bela trama.

Pim continua em direção ao submarino, um sorriso melancólico no rosto. "O romance entre os dois personagens principais... Bud e... não consigo lembrar o nome de sua esposa. Eles estavam divorciados, mas sabia que ainda se amavam." Ela olha para mim de novo. "Sempre amei os trechos em que discutiam. Em minha mente, essas brigas queriam dizer que se importavam. Eles simplesmente não sabiam como superar tudo que os mantinha longe."

Limpo a garganta novamente com a esmagadora necessidade que vejo em seu olhar. A maneira como ela lança suas palavras na água e as empurra para os meus ouvidos. Como se cada mensagem escondida e insinuação velada decidisse saltar de sua máscara e me acertar na maldita cabeça.

Ela disse que me ama. Ela escreveu isso numa carta. Ela disse que conquistei esse amor, mas nunca disse se esse amor vem sem obrigações ou porque seu coração imita o meu e não pode imaginar um futuro sem o outro.

Ela me amava, mas está apaixonada por mim?

Tenho uma necessidade palpitante de deixar as besteiras de lado e lhe fazer esta pergunta.

A questão.

A questão mais importante que anula qualquer outra.

Você me quer do mesmo jeito que eu te quero?

Limpando a garganta mais uma vez, faço meu melhor para evitar dar liberdade a um questionamento com tanto potencial de destruição para minha alma. Em vez disso, resmungo: "O nome da esposa era Lindsay." Mais perto, me inclino sobre ela para pressionar o botão no submarino que abre um pequeno cubículo impermeável. Ao acioná-lo, a espessa bolha transparente se abre.

Pim congela.

Ela para de respirar.

Meu braço permanece sobre seu ombro, meu corpo meio nu a uma fração do dela.

Ideia *estúpida*.

Deveria ter pedido que ela se movesse em vez de estender meu braço...

Gotas de água decoram seu corpo como lantejoulas. Minha boca fica seca como algodão.

Seus cílios se agitam quando ela deixa o olhar cair sobre minha tatuagem de dragão. "Sabe, quando se move, às vezes acho que pode voar. Que isso..." Ela estende a mão, acariciando as escamas entalhadas e o lagarto mítico com chifres que me protege. "Empresta suas asas para você."

Estremeço quando as pontas dos dedos se transformam em dedos e então na palma da mão. O calor de seu toque me desmancha. Minhas costas arqueiam, pressionando-me nela. Meu braço envolve seus ombros, trazendo-a para mais perto.

Ela ofega quando enterro o nariz no seu pescoço, inspirando seu cheiro, usando o aroma como minha nova droga para tentar manter a calma.

Mais uma vez, ela me dá acesso a uma pequena parte de seus pensamentos.

Ela não tem nenhuma pista do que faz comigo, como isso faz eu me sentir e o quanto me deixa completamente desesperado por mais.

Seus braços me envolvem, abraçando forte.

E eu a deixo.

Não me afasto ou tento avançar sobre ela. Luto contra qualquer instinto e me mantenho ereto, me saciando com um simples abraço, enquanto continuo tremendo e afundando em tanta merda na minha vida que não posso mais diferenciar o bem ou o mal, certo ou errado, sanidade ou loucura.

Pim acaricia meu peito, dando beijos suaves no focinho do meu dragão. "Eu amo qualquer sobremesa que tenha framboesa. Sou louca por comédias românticas, não importa o quão pastelão sejam. Costumava ler à luz de uma lanterna quando minha mãe achava que eu estava na cama. Eu fazia minha lição de casa no último minuto, pois gostava muito mais de observar minhas janelas e inventar histórias sobre onde as pessoas iam do que de aritmética."

Seus lábios deslizam em direção ao meu mamilo, me fazendo curvar à luxúria enquanto tremo de vergonha pela mulher que passou por tanta coisa estar me confortando.

Confortando-me da melhor maneira possível. Ao se doar. Não apenas seu corpo. *Ela*. Cada pequena coisa que as outras pessoas dão como certas, e que pretendo guardar até o meu último suspiro.

"Quando te vi pela primeira vez, soube que era diferente. Eu soube que era mais forte, mais bravo, mais homem do que Alrik poderia ser. Quando me tocou pela primeira vez, te odiei porque me mostrou que eu não estava

tão morta quanto achava. Quando você me salvou pela primeira vez, senti medo porque me jogou uma dívida que nunca poderia pagar. Quando me beijou pela primeira vez, te amaldiçoei porque soube que seria o único a me destruir. Não ele. Não qualquer um. *Você.*"

Ela treme tanto quanto eu; suas unhas afundando em minhas costas. "Elder, sei que isso é difícil para você. Sei que te pressiono. Mas preciso que saiba... eu só *preciso* de você. Se nunca transarmos novamente, ficarei bem com isso. Se quiser apenas minha amizade, ficarei em êxtase. Eu só... preciso estar ao seu redor. Direi tudo o que quer saber. Revelarei cada fato estúpido sobre como odeio leite no cereal e como torradas podem ser a comida mais chata que posso imaginar. Como em alguns dias prefiro a chuva ao sol, e algumas noites, prefiro as nuvens às estrelas. Eu me compartilharei completamente com você, não porque devo alguma coisa por tudo o que fez, mas porque eu *quero*. Você é o único que quero que saiba tudo de mim. "

Quase tenho um colapso.

A ternura corre por minhas veias junto com a violência constante. As palavras voam na minha cabeça e são descartadas. Gratidão e apreço desaparecem na beleza do que ela acaba de fazer.

Sentenças nunca poderão fazer justiça ao que ela acaba de me dar.

Mas ela precisa saber. Ela tem que entender o quanto a adoro por ter confiado em mim. Afastando-me o suficiente, uso o nó de meus dedos para levantar seu queixo.

Os olhos dela vêm até os meus, cautelosos e desejosos.

Ela é tão bonita.

Respiro fundo antes de meus lábios tocarem os dela.

Isso é totalmente diferente de qualquer outra coisa que já compartilhamos.

É suave e doce e gentil.

É tudo o que quero e tudo o que nunca imaginei encontrar.

Isso é a porra de um amor puro e estou afundado até o pescoço nele e não me importando por afogar.

A língua de Pim sai para me provar. Eu a encontro com a ponta da minha, docemente, com calma. Apenas uma vez, a pressa no meu sangue está ausente. Meu cérebro está quieto... satisfeito.

Meus braços se apertam mais à sua volta, em gratidão, trazendo-a muito perto. Seus seios pressionam no meu peito. Os ossos do seu quadril me tocam, lembrando-me que ela é menor e mais frágil do que eu. Outra onda de ternura me atinge e engasgo no beijo. Fico chocado com a beleza disso – com a *simplicidade*.

Sua mão pousa sobre o meu coração como para se certificar de que este músculo batendo pertence a ela, fazendo o melhor que pode para domá-lo.

Afastando-me, roço o meu nariz contra o dela. "O que está tocando costumava ser meu ponto menos vulnerável. Jurei não sentir qualquer coisa por qualquer um. Não poderiam me machucar novamente."

Ela me beija fugazmente, roubando minha voz. "El..."

"Mas então você apareceu. Um ladrão melhor do que eu jamais poderei ser."

Seus olhos se arregalam, avelã e esmeralda, lindos de tirar o fôlego a esta distância. Ela ri suavemente. "Mas fui pega. Sou uma negação como ladra."

"Você é a melhor.” Beijo seu nariz, suas pálpebras, suas bochechas e, finalmente, sua orelha, onde sussurro: "Você fez o que ninguém mais pode fazer: você roubou meu coração.”



Capítulo Dezoito

Pimlico

Estar dentro de um submarino deveria ser o ponto alto do meu dia – não, da minha *vida*.

Ter Elder ao meu lado num assento especial para submarinos e com seu peito de dragão em exibição deveria ser algo para gravar eternamente. Observá-lo puxar alavancas e pressionar botões para nos fazer sair do Phantom e pensar em afundar nas profundezas nesta excursão intrépida me enche de uma excitação vertiginosa.

Apenas ele, eu e uma imensidão de água que honestamente me aterroriza um pouco.

Sentir o pequeno submarino, com suas lindas luzes e uma grande bolha, deixar a superficialidade de sua piscina e revelar um vazio azul-negro abaixo de nós, deveria me deixar contorcendo com impaciência para perseguir os golfinhos.

Mas não estou.

Porque nada, *absolutamente nada* – não importa o quão estúpido ou extraordinário – pode ofuscar as palavras que continuam soando dentro da minha cabeça.

'Você roubou meu coração...'

Ele falou de um jeito dolorido. Conturbado, ferido e cauteloso.

Mas ele *disse*.

E, *Deus*, o amor esmagador no meu peito... não posso conter.

Quem se importa com a clareza cristalina da água abaixo de nós? Quem se importa com o mar que lentamente

vai subindo pela bolha à medida que ele aperta mais botões para descer o equipamento?

No instante em que ele me disse que roubei seu coração, ele me *arruinou*.

Ele me deixou inútil e de pernas bambas enquanto me pegou e com reverência colocou no submarino e somente depois entrou. Não disse mais nenhuma palavra enquanto selava a entrada e me prendia ao cinto de segurança. Então, abriu um sorriso dolorido enquanto suas longas pernas e o grande volume lutava para encontrar uma posição confortável no assento do piloto.

Será que esse momento realmente aconteceu?

Ele realmente me beijou tão suavemente? Sussurrou aquilo tão ardentemente?

Somente isto foi o necessário para fazê-lo se apaixonar por mim? Apenas compartilhar bocados inconsequentes do meu passado? Eu o deixei de joelhos e atormentado apenas ao contar que não gosto de comidas tradicionais no café da manhã?

Pela centésima vez, balanço minha cabeça numa mistura de admiração e obsessão. Quão estúpida sou ao achar que amo este homem? Quão ingênua por acreditar que alguém pode amar com tão poucas informações. Se Elder continuasse revelando diferentes lados de si mesmo, mostrando o cavalheirismo detrás do guerreiro e a compaixão detrás do ladrão, estaria completamente destruída.

Trocaria minha vida pela sua.

Nunca mais pensaria em suicídio, não importa o quão ruim fossem as coisas, porque finalmente não viveria mais para mim...

Eu viveria para ele.

O plástico moldado do assento do submarino se prende à minha pele nua, desconfortavelmente. Por que ele nos fez usar equipamento de natação nesta máquina seca? Ele pensou à frente, no caso de uma inundação? Vamos nos afogar aqui?

Meus pensamentos finalmente deixam o romantismo e se concentram no novo mundo em que entramos.

O céu desapareceu, a porta da garagem voltou para sua posição inicial, enquanto afundamos, afundamos e flutuamos.

Elder pega o rádio. "Aqui é o Viperfish, livre do Phantom. A porta está fechada. Reinicie os motores em marcha lenta."

"Entendido." A resposta enche a cabine pressurizada.

Não falo enquanto Elder brinca com alavancas e interruptores, ativando diferentes sons e propulsão. Uma vez que estamos a uma profundidade suficiente para me fazer sentir esmagada pela quantidade de líquido, ele me dá um sorriso. "Olhe para cima."

Eu solto um suspiro enquanto o comprimento total do Phantom flutua acima de nós.

Lentamente, quando o capitão retoma a velocidade, os lemes e as hélices despertam à vida e se transformam numa foz enorme, cortando o oceano em pedaços, empurrando a majestosa casa flutuante para um novo destino sem nós.

Elder mantém os olhos presos à superfície do iate, seu rosto à sombra do navio que bloqueia os pequenos raios solares que conseguem chegar até aqui. "É difícil acreditar que dormimos, comemos e tocamos nossas vidas acreditando que o Phantom é robusto e forte, mas ainda assim, parece tão frágil."

Meu cérebro o ouve, mas meu coração continua repetindo *"você roubou meu coração."* Não quero jamais esquecer o poder e o choque que esta pequena sentença causou.

'Você roubou meu coração.'

Mas você, Elder Prest... você roubou meu tudo.

Para todo lugar que olho, a água azul cristalina nos envolve. Do nosso ponto de vista, o oceano não tem nenhum fundo – apenas um azul mais profundo que se prolonga

eternamente para baixo. Grandes cardumes de peixes nadam muito longe para distinguir.

Não é como o mergulho de snorkel que fiz. Não há corais nem anêmonas; nenhum peixe palhaço ou peixe-anjo. Apenas nós... suspensos na água.

Dou um pulo quando sua mão toca a minha, enviando um fogo de desejo diretamente para o meu núcleo. Eu disse que serei sua amiga, companheira de jornada e confidente no violoncelo. E serei tudo isso. Direi qualquer coisa que ele quiser saber; irei pra onde quer que ele me guie. Até mesmo suportarei as músicas clássicas e as memórias terríveis – tudo por ele.

Mas se acredito que sou capaz de manter minha promessa de não precisar que ele me toque, que me beije, me ame, ou até mesmo que serei capaz de sobreviver sem fazer sexo com esse homem de novo, vou acabar enfrentando uma agonia total.

Empurrando tais desejos, curvo meus dedos em torno dos seus apenas para ele se afastar. "Golfinhos?"

Balanço lentamente minha cabeça. "Golfinhos." A única coisa que havia me deixado animada agora é ofuscada pela repetição do "*você roubou meu coração*."

Suas sobrancelhas descem sobre os olhos quentes que lembram queimaduras de carvão. Ele ouve tudo o que tento manter escondido. Mordendo o lábio inferior, ele dá certa velocidade ao submarino. "Golfinhos e depois conversaremos. Combinado?"

Solto um grande suspiro – não sei se é de alívio, frustração ou gratidão. "Conversar?" Como posso explicar a ele que conversas só me fazem cair ainda mais por ele e isso significa que minha recém-desperta sexualidade será ainda mais difícil de negar?

A resposta é, eu não posso. Já tornei sua vida um inferno.

Ele assente gentilmente. "Conversar. Como duas pessoas. Um encontro."

Eu coro. "Quer um encontro comigo?"

É sua vez de suspirar pesadamente. "Mais do que tudo."

O ar pressurizado que resta no submarino rapidamente se transforma num denso nevoeiro de luxúria. Podemos estar presos numa bolha de sede sexual. A pequena cabine treme com a sensação, como se ameaçando estourar os lacres e portas seladas à prova de água, deixando que os milhões de litros de água salgada apaguem o fogo.

Tentando mudar de assunto, para não me jogar em seu colo, rio sem hesitação. "Até agora, este é o melhor encontro que já tive."

Reconhecendo meu sorriso pelo que é – uma porta para fora do território intensamente perigoso e desconhecido – ele devolve "eu procuro agradar."

"E agrada."

Seus olhos se transformam de carvão para chamas pretas ardentes. Afastando o olhar, ele se concentra nos controles. Um pequeno zumbido enche a cabine, enviando-nos para frente. Sento mais ereta, lutando para manter a atenção em Elder, mas finalmente sucumbindo à incrível vista lá de fora.

Subimos, seguindo o Phantom enquanto ele vaga pelo mar, fazendo a espuma branca voar atrás dele.

E lá, na frente do iate em forma de míssil, estão os golfinhos.

Pulando e saltando, nadando e viajando. Divertindo-se nas ondas do Phantom. Seus corpos cinzas, retos, rápidos e sem esforços.

“Eles ainda estão aqui ", digo.

"Se eles estão se divertindo, é difícil fazê-los parar." Ele acrescenta um pouco de velocidade. "Eles são como cães... apenas querendo brincar."

"Devemos ensiná-los a buscar um graveto."

Ele ri.

Quanto mais perto chegamos, mais meu coração pula de alegria. Este dia. Oh, meu Deus, este dia é o melhor dia que já tive, e ainda não chegamos à parte da tarde.

"Há tantos." Tento contar, mas eles se movem muito rápido e numa nuvem. Com apenas um giro de seus corpos poderosos e um flash de barbatanas dorsais, eles apareceram a 20 metros de onde estavam há dois segundos.

"Vinte? Trinta?" Elder semicerra os olhos para as criaturas que se entrelaçam. "Não é o maior grupo."

"Quantos já viu?" A curiosidade aumenta junto com um leve toque de ciúme por Elder já ter navegado os mares com golfinhos sem mim.

Meu ciúme não faz sentido. Nossas vidas eram separadas como as de qualquer outro casal antes de se conhecerem. Talvez seja porque, enquanto ele foi livre, eu estive presa. Ou talvez seja porque apenas comecei a acumular cada momento com ele e sinto ciúmes de seu tempo sozinho. De não poder voltar e reivindicar esses minutos e horas de quando não nos conhecíamos.

Estou sendo ridícula.

Se isso é o que o amor faz às pessoas, não sei como funciona normalmente. Não é de admirar que as pessoas precisem de psicólogos – todo mundo enlouquece quando se apaixona.

"Provavelmente o maior grupo foi perto da costa da Austrália. Facilmente centenas, talvez mais."

"Deve ter sido incrível."

"Foi." Seus olhos ficam vidrados, lembrando. "No entanto, faltava algo."

"Faltava o quê? Não consigo imaginar algo tão extraordinário quanto... "

Ele me prende com um olhar brutal que me diz para parar de brincar. "Você não estava lá."

"Ah."

"Tudo no meu passado, de repente, parece sem brilho sem você."

Não tenho outra resposta senão a verdade. "Pra mim também."

Mais uma vez, a tensão se faz presente. Quanto tempo podemos dançar ao redor disso? Quanto mais podemos aguentar?

"Nós vamos nos aproximar." Ao nos guiar de espectador a participante, os golfinhos mais jovens do grupo acham que se trata de um novo brinquedo e vem investigar.

Num momento éramos o público, no outro, estamos envolvidos por uma massa cinzenta, corpos perfeitos e olhos brilhantes e inteligentes encarando nossa bolha.

Posso jurar que um deles olha diretamente para mim – através de mim. Ele não se importa com o que fiz ou de onde venho. Tudo o que importa é que estou viva. Ele está vivo. E isso é algo para comemorar.

Estou mais quente, mais feliz, mais sábia do que nunca.

Levanto o braço e coloco a mão contra a parede transparente do submarino. O golfinho que me deixou nua aperta o longo nariz para cutucar contra minha mão como se estivesse dizendo: *'Eu vejo você. Eu aceito você. Agora venha e brinque.'*

Outra onda de arrepios escorrega pela minha coluna vertebral.

Pode este dia melhorar?

O olhar de Elder faz minha cabeça formigar e viro para encará-lo. Rapidamente tiro minha mão do focinho do golfinho. Não sei bem porquê, mas culpa enche meu peito junto com a autoconsciência. "Desculpe."

Sua expressão muda de gelada para uma desagradável carranca. "Por que você está se desculpando?"

Por que pedi *desculpas*?

Dei de ombros. "Por ser boba? Por dizer olá a um golfinho?

Seus lábios perfeitos se repuxam num meio sorriso. "Nunca se desculpe por isso." Ele não explica mais, mas seu rosto escurece e ilumina ao mesmo tempo. "Eu preciso confessar, não está usando este biquíni puramente para eu olhar."

Minha pele aquece enquanto seus olhos baixam para os triângulos verdes que me cobrem. Sinto um desejo insano de afastar o material e mostrar a ele exatamente o que seu olhar faz aos meus mamilos. Quão duros ficam. Quão doloroso está cada centímetro meu.

"Quer fazer mais do que apenas dizer olá?"

"O que quer dizer?" Olho os golfinhos que nos rodeiam.

"Quero dizer... vamos nadar."

Meu coração pula de alegria já pronto, com nadadeiras e snorkel colocados. "Tem certeza que é seguro?"

"Alguma coisa é verdadeiramente segura?"

Ele tem um ponto.

"Se ficarmos aqui até eles desaparecerem ou voltarmos ao Phantom, você se arrependerá de não nadar com eles ou ficará aliviada por não ter sido tão imprudente?" Ele levanta uma sobrancelha.

Arrependimento. A resposta é imediata. Não há outra resposta que eu posso dar. "Vamos nadar."

"Achei mesmo que diria isso." Com um sorriso, Elder chama o Phantom e diz para desligar os motores e manter a posição. Uma vez que o iate desacelera e a onda de espuma diminui, ele pressiona outro botão e nos impulsiona para cima.

Para cima, mais para cima, brilho e mais brilho, a escuridão turquesa dá lugar a um sol brilhante.

Meu estômago revira um pouco quando aparecemos na superfície com um *pop* como se fossemos uma rolha. Considerando que o submarino tem a forma de um ovo, não perdemos o equilíbrio ou afundamos de volta. O zumbido constante dos motores e lastros nos mantém na posição correta.

Desabotoo meu cinto, me encolho um pouco quando uma nadadeira dorsal passa, imaginando por um momento que é um tubarão e não os golfinhos amigáveis que vimos abaixo.

Elder me imita, soltando seu cinto e girando desconfortavelmente para abrir outro portal acima de nossas cabeças. "Temos que sair pelo topo. A lateral ainda está submersa." Ele o empurra para longe e pisco com o brilho. Depois ele coloca as mãos na parte superior e se puxa para cima sem esforço.

Mais uma vez, minha mente pinta uma fantasia de seu dragão o fazendo voar. Como um homem tão grande pode ser tão leve e gracioso?

Lutando para ficar de pé, avalio como sair. Meus ossos são inúteis; meus músculos são um constrangimento depois de dois anos sem exercício e muita dor. Mas uma mão aparece, seguida do rosto deslumbrante de Elder enquanto ele bloqueia o sol. "Segure-se."

Meu coração transforma-se numa borboleta enquanto segura o antebraço e os dedos apertados em volta de mim. Ele me puxa para cima, através da abertura e direto para meus pés com um poderoso gemido.

Vacilo quando meus pés pousam na escorregadia parte externa do submarino. Dentro do Phantom, a embarcação parece prateada. Ali fora, sob o sol, brilha um azul luminescente mais frio, tão leve e reflexivo que quase se tornava invisível entre as ondas.

O Phantom aparece acima de nós com seus sistemas de cordas de bronze brilhantes e deques impecáveis. Lembranças de me amarrar a um deles enquanto o trovão e a chuva tentavam ao máximo me matar voltam a minha mente e apertam meu coração lembrando-me que Elder esteve lá

comigo. Elder me protege mesmo quando não quero ser protegida. Elder me puxou ao seu lado como igual e não como meu salvador.

Quero que todas as minhas lembranças o incluam.

Quero que todas as minhas experiências sejam com ele.

"Depois de você." Ele se curva, soltando meu braço enquanto se vira para o mar. Os golfinhos nadam de costas com seus flippers fora da água, enquanto outros ficam ao lado, seus olhos inteligentes nos rastreando.

Os golfinhos podem se tornar agressivos? Não conheço a etiqueta correta para nadar com esses mamíferos, mas Elder não me dá nenhuma escolha. "Vá. Pare de pensar. Isso arruína toda a diversão."

"A *preocupação* é o que arruína toda a diversão... não o planejamento."

Sua sobrancelha levanta como se quisesse dizer que às vezes as circunstâncias requerem preocupação, mas esta não é uma delas. "Faça como quiser." Com um sorriso, ele estende os braços e mergulha de costas pra longe do submarino.

"El..." Olho para o lado; meus pés escorregam e a gravidade faz seu trabalho.

Ah não!

Tomo a rápida decisão de pular ao invés de cair.

Minha barriga vira enquanto mergulho num voo livre, então seguro a respiração quando um oceano frio me suga em seu abraço.

Algo vivo dispara sob meu pé, seguido de uma rápida cutucada de algo que não é bem pele e nem muito viscoso.

Puta merda.

Pulei da superfície apenas para que Elder me envolvesse em seus braços e me arrastasse do fundo. A água fluí sobre meus olhos quando balanço em seus braços,

extremamente consciente de quão escorregadio estão nossos corpos agora molhados e colados um ao outro.

Lembranças de nadar sob a lua com ele fazem minhas entranhas apertarem. Meus olhos se prendem em sua boca, desesperados por um beijo.

Passei de normal para frenética em dois segundos cravados.

Minhas pernas envolvem seus quadris, em parte para flutuar, mas principalmente por causa da necessidade instintiva de me fundir a ele. Ele geme enquanto suas pernas continuam a bater, mantendo-nos à tona. Meus dedos se enroscam em seus cabelos molhados.

Eu preciso...

Seu braço direito me deixa, fazendo círculos na água para se equilibrar. Seu braço esquerdo me envolve, os dedos descendo até minha cintura. "Pimlico... o que está fazendo?"

Meus olhos ficam pesados. Minha voz engrossa. "Eu... eu... Apenas, me deixa... uma vez."

Eu o beijo antes que ele possa discutir.

A onda de carinho me deixa sem fôlego enquanto seus lábios frescos e salgados cedem aos meus.

Ele me deixa beijá-lo. Antes... ele não deixava.

Em uma respiração, vou de beijá-lo a ser beijada. Girando com um forte golpe, ele me empurra no submarino e pressiona contra mim, pele com pele.

Seu pau roça contra o meu núcleo. Relâmpagos ressoam. Esfrego-me contra ele, usando seu corpo como uma armação para escalada.

Fomos de nadar para nos atacar ardentemente numa fração de momento.

Esqueço como fazer tudo – tudo o que sei é que se não tiver *alguma coisa*, eu morrerei. Vou queimar. Explodirei com toda a pressão.

Com uma mordida selvagem, seus dentes capturam meu lábio inferior enquanto ele encaixa uma coxa entre minhas pernas. Seus dedos se prendem aos rebites e a pequena escada do submarino, de alguma forma nos segurando para flutuar.

Seu beijo torna-se violento quando sua coxa balança, deliberadamente roçando contra meu clitóris. Separando com violência sua boca da minha, ele rosna no meu ouvido. "Você quer jogar este jogo, ratinha? *Tudo bem.*" Ele se ergue, encostando seu pau contra mim enquanto sua coxa empurra mais forte entre minhas pernas. "Goza."

Gozar?

De jeito nenhum eu posso gozar. Não com golfinhos, oceano e submarino e...

Minha cabeça cai para trás enquanto ele afasta meus fios molhados, procurando acesso à minha garganta. Ele me morde, mas não desencadeia lembranças ruins; em vez disso, meu corpo transborda com calor líquido, o desespero dentro de mim atingindo níveis ardentes.

Meus quadris se movem sob o comando de outra pessoa: Elder, algum deus do mar, quem vai saber? Mas definitivamente não é sob meu comando, porque não reconheço essa pessoa. Por que de repente estou com tanta *fome*, tão imprudente e egoísta a ponto de usar Elder para minha própria satisfação?

Suspiro quando sua voz fica suja, quente e grossa na minha orelha. "É isso aí. Sabe que não posso te foder, Pim. Mas *porra*, eu gostaria. Quero tanto enfiar meu pau em você que não faz ideia. Sentir seu calor na minha coxa... estou usando todo o meu poder de controle pra não te espalhar e me afundar dentro de você. *Cristo*, eu quero você."

Meu coração se realoca para meu clitóris, trovejando com cada batida. Meus quadris balançam mais rápido, mais forte, com mais coragem.

"É isso aí. Pode me usar. Goze pra mim. Imagine que estou te fodendo. Que você não está vazia e que eu não sou louco, e que podemos fazer algo como foder como coelhos

onde quer que seja e sempre que quisermos.” Sua língua lambe minha orelha, pressionando um beijo próximo aos meus cabelos. "Goze, ratinha. Goze. *Goze*. Porra, goze antes que eu perca o controle.”

Sua coxa volta a subir e a monto.

Meu cérebro se esquece do certo e errado, dos golfinhos e da profundidade, e apenas... deixo tudo pra lá.

O biquíni não pode impedir.

Os golfinhos que nos observam não podem impedir.

Eu gozo.

O prazer nas ondas é diferente do que ele me proporcionou no hotel em Monte Carlo. Aqui foi uma explosão como uma arma de pressão. Foi armada a partir da intensidade e liberada com ferocidade.

Rápido, selvagem e louco.

No segundo em que o último aperto me deixa rodando, suas mãos pousam contra o submarino num golpe molhado. Com um grunhido, ele se afasta. Os seus olhos já não são mais de um homem; estão selvagens e primitivos, me invadindo para devastar meu coração e me fazer *implorar* por seu preenchimento.

Estou tão vazia, tão dolorida, tão necessitada.

Mais... eu preciso de mais.

"Não.” Sua voz é uma arma assassina para minha libido.

Balanço a cabeça, lágrimas brotando nos meus olhos por feri-lo dessa maneira. Pensei apenas em mim mesma enquanto ele sofre sob uma autocontenção épica. Esfregando a boca, luto para ficar à tona, abaixo meus olhos submissamente. "Sinto muito, Elder.”

"Não se desculpe por me mostrar quem é, Pim.” Ele ri, bruto e despedaçado. "Você está acordando. Você está encontrando o que deseja.”

"O que quero é você." Meu sussurro mal consegue superar a maré.

"Eu sei." Sua voz fica sombria. "E eu te quero. E isso é o que faz tudo ser tão fodidamente difícil."

Ouso olhar para cima. "Não posso pedir desculpas por te querer, mas posso me desculpar por te beijar. Eu... não vou fazer isso novamente."

Um golfinho nada por atrás dele, sua barbatana dorsal se aproximando. Ele olha para o míssil aquático apenas para que este se desvie no último minuto, deixando Elder suspirar e esfregar o rosto com uma mão molhada. "Isso está tudo ferrado."

Olhando para o céu com um grunhido atormentado, ele balança a cabeça. "Não quero que pare de me beijar. Não quero parar de te beijar. Mas voltando à garagem, quando me contou um pouco de você mesma... isso me deu algo que preciso. Aquilo me deu a paz mesmo que você tenha me levando ao nível máximo de stress."

Ele sorri tristemente, ainda se movendo na água para ficar na superfície. "Minha mente está... tranquila." Ele dá de ombros como se lutasse para verbalizar o que é diferente agora. "Agora está barulhenta novamente. Preciso de alguma distância. Por favor." O fato dele ter colocado isso como um pedido em vez de dar uma ordem me desmonta. Não é uma simples palavra. Ela vem junto com cada uma das dores que ele mantém dentro de si.

Isso é uma merda.

Isso dói.

Tudo por minha culpa.

"Considere feito." Forçando um grande sorriso no meu rosto, faço da minha missão de vida provar que sou dona dos meus desejos. Que posso me controlar em torno dele. Que não tornarei tudo pior.

Não importa que seja uma mentira.

Não importa que saibamos que algo acabará quebrando em breve.

Tudo o que importa agora é passar o dia juntos, nadar com golfinhos, acreditar em magia e esquecer que o amor pode causar a pior de todas as dores.



Capítulo Dezenove

Elder

Quatro coisas aconteceram hoje.

A primeira: de algum jeito acabei conseguindo manter meu pau nas calças enquanto Pim e eu terminamos de nadar com os malditos golfinhos e voltamos com o Viperfish para a garagem. Tive o autocontrole de um monge ao convidá-la para um jantar tranquilo sob as estrelas enquanto Jolfer nos recolocava na rota. Mal nos falamos, mas este não é o ponto. O ponto é provar a mim mesmo que sou capaz de estar na presença dela – mesmo inspirado por sexo e tomado pelo vício – e não me deixar abater.

É a coisa mais difícil que já fiz, e listei todos os truques imagináveis, mas consegui me manter são... eu acho.

Uma, duas, três pancadinhas na minha faca.

Um, dois, três amassados no meu guardanapo.

Uma, duas, três respirações antes de responder a qualquer uma de suas perguntas suavemente murmuradas.

A segunda coisa, que aconteceu esta noite – depois de um jantar tenso ao qual sobrevivi – foi que eu criei um golfinho com uma nota de cem dólares, trazendo rapidamente o total de animais de origami para mais de mil dólares. Ela me observou silenciosamente enquanto meus dedos vincavam e dobraram, aceitando meu presente com um sorriso para o meu coração.

Em terceiro lugar, caminhei de volta para o quarto dela depois da sobremesa de cheesecake de framboesa, mantendo minhas mãos, lábios e pau para mim mesmo, enquanto

atravessamos o convés sob a Via Láctea e entramos no elevador lado a lado. Quase quebrei cada um dos meus dedos de tanto apertá-los com força, tendo dificuldades com minha autocontenção, mas consegui acompanhá-la até a porta e me curvar respeitosamente quando ela entrou no quarto.

Não tentei beijá-la.

Não tentei passar a noite com ela.

Consegui manter o controle.

E em quarto lugar, quando entrei em meus aposentos solitários, e tudo o que conseguia pensar era em voltar para Pim, enrolei um baseado e tirei meu violoncelo da caixa. Com a fumaça fazendo meus olhos arderem e a falsa paz da droga circulando pelo meu sangue, coloquei os dedos sobre as cordas e toquei.

Eu toquei suave.

Eu toquei alto.

Alternei entre o clássico tradicional e o metal composto por mim mesmo.

Criei música até que minha articulação não fosse nada além de cinzas e meus dedos estivessem rijos. Meu arco mais uma vez destruído. E meus olhos se esforçaram para fitar para a porta, implorando por uma visitante noturna.

Pim pode ter trancado a porta dela, mas não tranquei a minha. E em vez de torcer para que ela fique longe, passei a noite pedindo que ela viesse me encontrar. No meio da música, imaginei que ela caminhava vestida com uma camisola que caia de seu corpo no momento que ela me visse. Apeguei-me à fantasia dela atravessar o quarto, imperturbável pela minha música, e sentar no meu colo, me beijando e implorando para eu fazer amor com ela.

Mas ela nunca veio.

E nunca fui ver se sua porta está mesmo trancada.

Finalmente adormeci e quando acordei ao amanhecer, tinha alguns e-mails do armazém para responder e algumas consultas solicitando conversas no Hawk Masquerade. Percebo que o caso inconveniente já havia circulado e a indesejável festa da noite será rentável.

O que me deixa grato, tanto quanto minha marca de seis meses. O próximo pagamento da minha dívida é devido e tenho toda a intenção de pagá-lo. Mesmo que o homem a quem pago não me conheça. Mesmo que ele não tenha ideia de como ou por que o dinheiro misteriosamente entra em sua conta bancária.

Olhando de longe, testemunhei o primeiro ser humano honesto quando a parcela inicial apareceu em sua conta. Em vez de ficar quieto como a ganância exige e reivindicar o dinheiro como seu, sem saber se é verdade, ele contatou a polícia para informá-los de um depósito incorreto.

Um depósito de uma conta criptografada em Monte Carlo no valor de trinta milhões de dólares.

Eu garanti que seu nome, endereço e número de telefone estivessem descritos na transferência, então ninguém pode duvidar que foi para ele mesmo. Como número de referência, tudo o que coloquei foi... "*de alguém que lhe deve mais do que sabe.*"

A primeira parcela foi a menor, mas a mais difícil. Se dependesse de mim, esse valor teria um zero extra em anexo. Mas Selix proibiu. Ele era mais sensato na época, então me contentei com trinta em vez de trezentos – esperando pagar minha culpa interminável, um pouco de cada vez.

De seis em seis meses, deposito outra soma – sempre maior do que a primeira, em constante multiplicação – sempre visando o valor total da minha dívida.

"Telefone para você.” Meu intercomunicador zumbe, permitindo que a voz de Selix interrompa meus pensamentos.

É quase meio dia e esbocei algumas alterações no iate de Alrik (agora de Pim) para garantir que a equipe de construção o deixe perfeito. Também investiguei mapas náuticos, tanto digitais como de papel, para descobrir se e quando os Chinmoku vão fazer sua aparição.

Será que se atreverão a me atacar no meio do mar? Possuem a armada certa para se transformarem em piratas, bem como em escravos? Ou esperam que eu chegue à costa novamente? O Hawk Masquerade é perigoso demais para levar Pim?

Jogando meu lápis, resmungo. "Não estou esperando nenhuma ligação.”

Oh espere.

Eu estou. Um segredinho azedo e discreto que tenho sem Pim saber na noite em que ela voltou ao Phantom. "Merda, ela ligou de volta.”

"Ela ligou. Você quer falar com ela.”

"Suas respostas mandonas não são bem-vindas nesta manhã, Selix.”

"Sua bunda teimosa e lógica também não.” Ele ri. "Venha até aqui.” Ele desliga antes que eu possa repreendê-lo.

Deixando meus retoques sobre a mesa, subo o corredor de uma sala para outra. Selix olha para cima quando bato a porta. Não sei onde Pim está, mas não quero que ela saiba o que estou fazendo.

Ainda não, de qualquer forma.

Ele estende o telefone. "Tive que aceitar a ligação a cobrar e só tem cinco minutos de acordo com os termos e condições transmitidos antes de trazer sua bunda até aqui."

Ele empurra o telefone na minha mão e praticamente desfila até a saída. "Ah, e Pim tem perguntado sobre você. Disse a ela que está trabalhando, mas essa desculpa expira em algumas horas. Vou dizer ao chef para esperar duas horas para o jantar."

Eu o saúdo com o dedo do meio enquanto levo o telefone para o meu ouvido.

Uma voz chata aparece na linha. "Prest? Sr. Elder Prest?"

De repente, todo ar nos meus pulmões some. Conheço essa voz. Essa mesma voz me deixou com fantasias, desejos e necessidades muito além do meu controle. No entanto, está mais dura, mais velha, menos amorosa e mais acusadora do que a de Pimlico.

Ou devo dizer de Tasmin?

Pim me matará ou agradecerá por isso?

Inspirando por mais oxigênio, aperto o telefone com mais força. "Olá, Sra. Blythe. Que prazer finalmente conversar com você."

Capítulo Vinte

Pimlico

O jantar começou tenso.

Elder está agindo de forma diferente.

Ao me servir de vegetais assados, seus olhos me seguem. No entanto, quando pego minha faca e garfo e o olho, ele afasta o olhar, como se seus próprios talheres fossem muito mais interessantes.

Ele parece quase culpado por alguma coisa.

Mas o quê?

Na maior parte do dia relaxei sozinha e aprendi o que é estar entediada. Nunca conheci o conceito antes ou depois de um destino tão incomum. Mas agora, enquanto estou aqui no Phantom desejando que Elder me encontre e me tire da miséria, aprendo que posso olhar o horizonte por várias horas, até que meus pensamentos me incomodam e estou pronta para uma tarefa.

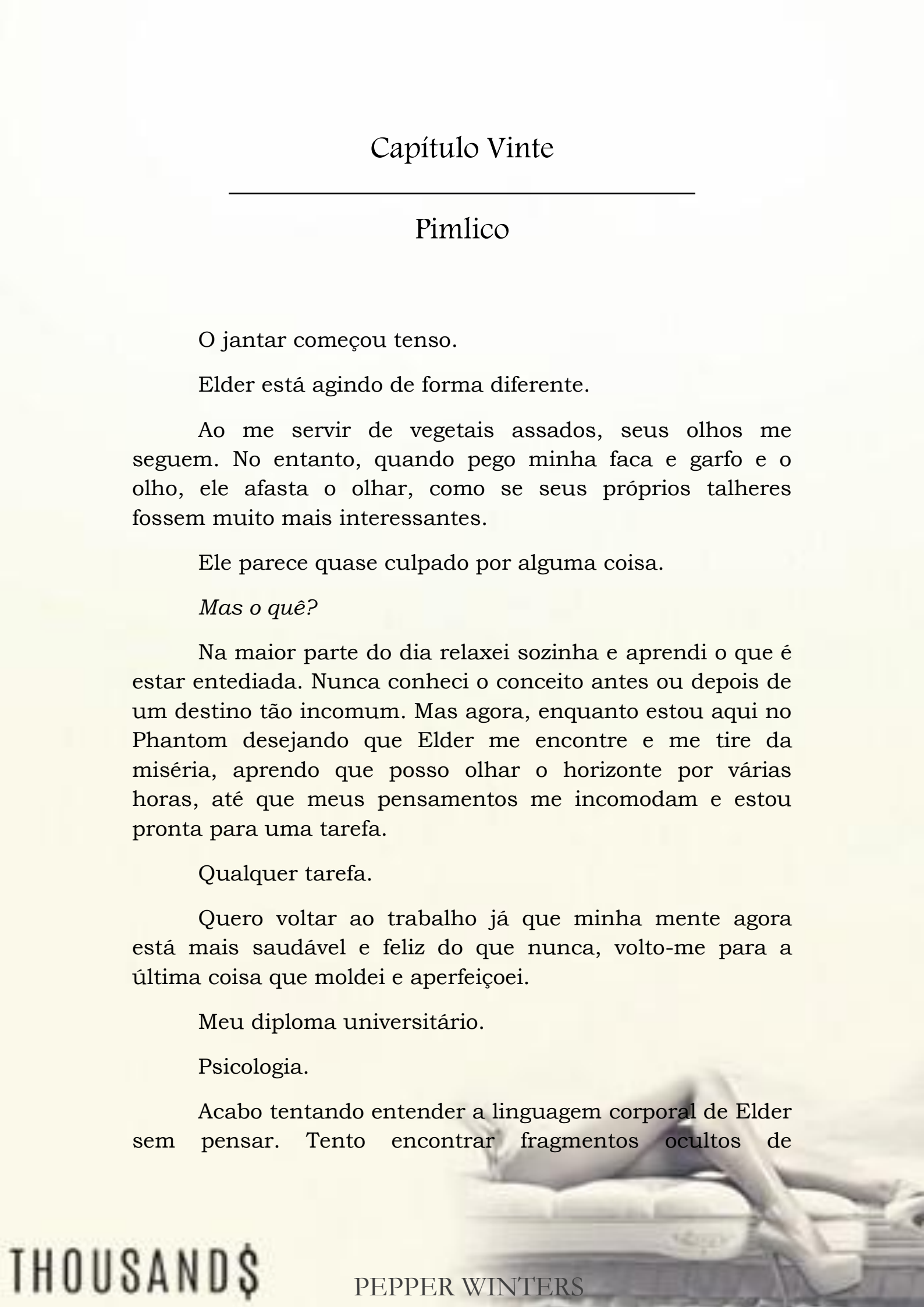
Qualquer tarefa.

Quero voltar ao trabalho já que minha mente agora está mais saudável e feliz do que nunca, volto-me para a última coisa que moldei e aperfeiçoei.

Meu diploma universitário.

Psicologia.

Acabo tentando entender a linguagem corporal de Elder sem pensar. Tento encontrar fragmentos ocultos de



compreensão na maneira como ele me toca, olha para mim e até agora, oculta coisas de mim com exagero.

Analiso nosso tempo no hotel, revendo os acontecimentos de quando dormi com ele, lembrando o jeito que ele me obrigou a amarrá-lo e a ler nas entrelinhas.

Ele não estava mentindo quando disse que teria machucado a nós dois porque não conseguiria parar. Ele não estava dramatizando seu TOC para me manter à distância ou ganhar a simpatia daqueles que o conhecem.

Tudo o que ele disse e fez foi verdade.

Com uma exceção.

E agora que vi isso, não posso *ignorar*.

É tão óbvio que quero me bater na cabeça por ser tão cega.

Três.

Elder pode ter um cérebro que beira o perfeccionismo de um gênio, mas mesmo ele, tem guardas de segurança no lugar. A vida tem regras e tudo – humanos, flora, fauna e qualquer micróbio seguem as regras especificas – permanecendo sempre dentro da fronteira de suas espécies, seguindo sempre em frente.

Elder apenas segue em frente mais rapidamente do que a maioria.

Esta noite, ele colocou no seu prato: três batatas assadas, três raminhos de aspargos e três medalhões de salmão.

Enquanto isso, me servi de duas batatas, um pedaço de salmão e nenhum aspargo.

Eu sou um caos.

Ele é uniforme.

Ele acha que é um caos.

Ele está errado.

Para provar minha teoria, que rapidamente se desenvolve, eu o observo comer. Três goles de água seguidos por três batidinhas do garfo contra o prato. Três mastigadas antes de engolir, seguido por três cortes de faca.

Será que ele conhece a si mesmo?

Será que ele percebe o que está fazendo ou isso está tão arraigado que nem nota?

Fico hipnotizada, observando-o. Ele não é mais apenas Elder comendo o jantar. Ele é um músico criando uma dança.

Um dois três.

Um dois três.

Uma valsa.

Para sempre seguir em frente, assim como a vida deve ser, mas em três passos, não como o resto de nós.

Meu coração para.

Ai Meu Deus.

Será que esta é a chave?

Será que isso é tudo que é necessário?

Não seja estúpida, Pim... não pode ser assim tão simples.

Mas então uma lembrança de muito tempo atrás, a voz da minha mãe volta para mim. Sobre como os livros didáticos e farmacêuticos e os chamados *profissionais* muitas vezes dão diagnósticos longos e tratamentos ainda mais complicados para dar a ilusão que sabem como ajudar e que os outros não. Como a terapia paga é regulamentada, enquanto a

verdadeira terapia – terapia real e que funciona – às vezes é a coisa mais simples.

Não há uma solução perfeita para todos. Cada pessoa é diferente. Alguns precisam de ajuda química. Outros apenas conversar. Alguns de um novo ambiente para se curar. Outros só precisam de seus amados à sua volta.

Minha mãe, apesar de suas falhas, sempre foi boa em seu trabalho, e seu lema era simples:

Literalmente S.I.M.P.L.E.S.

À**s** vezes, o

Impossível

Muito

Provavelmente, é

Largamente

Explicável, de forma

Sucinta

Ela quer dizer que os casos impossíveis normalmente vêm com razões pré-estabelecidas e essas explicações podem ser usadas – se não para encontrar uma cura, para definitivamente proporcionar um modo de vida mais fácil para aquele que sofre.

Ela estudou todos os setores da vida para entender e se concentrar nas forças de seus clientes e não em suas fraquezas – mesmo que essas fraquezas incluíssem crimes.

Elder tem uma fraqueza; não podemos negar isso.

Mas ele também tem muitos, muitos pontos fortes.

E estes pontos fortes podem ser a chave para que ele possa dormir comigo sem tentar nos matar com uma obsessão que pode nunca acabar.

Um, dois, três...

A repetição é seu ponto forte.

Pode funcionar no quarto?

Será que é consciente ou inconsciente?

Decidindo testar minha teoria, levanto meu copo de água e proponho um brinde. "Ao meu gracioso anfitrião e a tudo o que ele fez para mim."

Suas bochechas escurecem num rubor masculino suspeito enquanto ele me imita e estende seu copo. Com um sorriso régio, ele bate contra o meu e depois leva o seu copo aos lábios.

Bebo um gole.

Uma vez.

Como qualquer pessoa normal faria em um brinde.

Em seguida, deposito meu copo de volta na mesa.

Elder, por outro lado, toma outro gole, seguido por outro e outro antes de descer seu copo.

Isso podia ter sido coincidência. Ele pode estar com sede.

Precisando de outro experimento, lembro-me do que fui capaz de aprontar esta tarde. Senti-me muito mal por perguntar, mas o tédio me fez procurar maneiras de me entreter. Quando uma garota com quem venho fazendo amizade veio limpar meu quarto, perguntei com bochechas vermelhas brilhantes, se ela tinha notas de um dólar.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas não perguntou por quê. Não é como se um dólar pudesse comprar minha liberdade se essa fosse minha intenção. Em vez de me dar uma única nota, como pedi, ela me passou um pequeno maço e sorriu. Ela me deu o dinheiro como presente, mesmo

quando disse a ela que iria pagar de volta... mesmo que significasse desmanchar minhas próximas criações de origami e passar com ferro quente as notas para poder devolvê-las.

Pretendia aprender origami desdobrando um dos que Elder fez para mim. Tive visões de criar um guindaste perfeito e dar a ele como ele me deu animais de dinheiro e espero que ele fique tão feliz quanto fiquei.

Mas não importa quantas horas tentei... não fui capaz de fazer isso. As dobras não funcionaram, os vincos não são computados pelo meu cérebro. Fiquei muito frustrada e pronta para picotar o dinheiro ao invés de criar arte com ele.

Esta é a especialidade de Elder, e se for aprender, preciso que o próprio mestre me ensine. Não importa que esta lição também inclua outras intenções – pesquisa velada e secreta sobre ele como pessoa.

Alisando os vincos das minhas tentativas fracassadas, coloco deliberadamente quatro notas sobre a mesa e as empurro para ele.

Os ombros ficam rígidos. Suas mãos soltam sua faca e garfo. "O que é isso?"

"Quero que me ensine origami."

"Agora?"

"Não estou com muita fome."

Ele olha para cima. Nossos olhos se fixam, e mais uma vez, a tensão meio sensual que nos cerca fica perceptível.

Por favor, isso tem que funcionar.

Preciso de um pedacinho de esperança se alguma vez for tentar seduzir Elder novamente.

Seduzir?

Essa palavra... que palavra mais estranha.

Que conceito estranho esse em que posso *pensar* em seduzir alguém.

O orgulho imediatamente se sobrepõe à surpresa. Até onde sou capaz de chegar para tramar maneiras de conseguir sexo? Quão rápido superei meu passado para me apegar à paixão que Elder me faz sentir?

Deveria ter vergonha do orgasmo em sua perna ontem; em vez disso, estou aqui mais altiva do que nunca. Ele me deu alívio, mas se não o quisesse, de jeito nenhum teria conseguido.

Eu queria sexo.

Eu quero sexo.

Minha mandíbula afrouxa quando finalmente me deparo com uma epifania tão estranha.

Sou uma mulher, Elder é um homem e o amo e sinto desejo por ele.

Preciso saber tudo o que há para saber sobre o modo como sua mente funciona antes de fazer algo que nos coloque em perigo.

Somos uma receita para uma explosão... com o nosso pavio cada vez mais curto e volátil.

Além disso, tudo é por causa dele. Meu mundo está numa revolta só porque me apaixonei. E gosto de pensar que sua vida está agitada por minha causa também. Assumo a responsabilidade de arruinar sua paz, mas não significa que não vou fazer meu melhor para encontrar uma cura que funcione para nós dois.

"Tudo bem...” ele afasta o prato e aponta as notas. Se não estivesse atenta a um propósito; se não estivesse olhando

para ele como se fosse um experimento, eu poderia ter perdido.

Mas com certeza, quando ele conta as notas e encontra quatro e não o seu amado número três, seus lábios se torcem com desgosto. Seu corpo se torce como se a nota extra fosse abominável. Mas então, a desaprovação desaparece, e ele coloca as notas sobre a mesa antes de pegar uma delas do topo e segura-la entre os dedos. "Origami exige paciência."

"Eu tenho paciência."

"É preciso uma mão firme."

"Estou firme."

Sento sobre minhas mãos trêmulas, fazendo o meu melhor para esconder a mentira. Não tenho evidência concreta de que três é o número mágico com Elder, nem minha mente deve estar inundada de cenários sobre ele e com ideias de forçá-lo a fazer amor comigo apenas para ver se ele ficará satisfeito depois de me tomar três vezes.

Mas quanto mais eu o estudo, mais minha barriga se liquefaz e mais eu o desejo. Já não é mais racional. Eu me afastei para parar esse comportamento. Eu o deixei para protegê-lo do despertar dentro de mim.

Mas não posso mais ignorar minha fêmea para aquele macho. A luxúria para seu desejo.

"Você precisa se aproximar pra eu te mostrar." Sua voz fica obscura com um pouco de rouquidão.

Puxando minha cadeira, os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam quando Elder se inclina para mim e descarta o dólar na mesa. Se levantando um pouquinho, ele puxa sua carteira do bolso de trás de sua calça. "Vamos fazer isso em outra nota, ok?"

Eu esperava que ele tirasse algum papel sem valor – afinal, por que desperdiçar dinheiro quando sou uma iniciante. Em vez disso, ele pega uma nota de dez libras. A moeda da minha casa. As cores e os detalhes, do jeito como lembro.

"Libras esterlinas?"

Ele assente. "Nós estaremos lá em alguns dias. É apropriado."

Comecei com isso puramente para achar algum caminho para seu colo, mas agora ele puxa uma nota de dez e seus olhos brilham com uma inteligência áspera e me encontro desejando a falsa lição.

Seu cabelo desliza sobre a testa enquanto ele se curva e alisa a nota sobre a toalha de mesa. "Não é um quadrado, então esse é o seu primeiro desafio. A maioria dos origamis – ou pelo menos os projetos mais fáceis – são feitos com quadrados perfeitos."

"Eu quero fazer o que você faz."

Ele sorri com tristeza. "Acredite em mim... você não quer."

Pode acreditar... quero sim.

O silêncio acelera meus batimentos cardíacos e Elder de alguma maneira se afasta. Não fisicamente, mas algo mental e interno captura sua atenção, roubando-o da sala de jantar, do Phantom, deste momento.

O arrependimento sombreia seus traços, seguido por um encolher-se de negação e vergonha.

Ele toca o dinheiro como se não fosse dele, mas sim, algo que ele roubou. Não é mais apenas um pedaço de papel com seu valor estampado - para ele é um lembrete... um lembrete do que?

O que ele pode estar pensando para justificar tal ódio por si mesmo?

Coloco a mão sobre a dele, agarrando a nota de dez libras. "O que é?"

Agitado, ele pisca. "Nada."

"Tem alguma coisa."

"Nada que precise saber."

"Eu quero saber tudo."

Seus lábios franzem, seus olhos dançam da minha boca para o meu nariz até meus olhos. "Se te contar, você vai mudar o que pensa sobre mim mais uma vez."

"Nunca pensarei diferente de você – não importa o que me conte."

Seus dedos se encolhem debaixo dos meus, como se estivesse tentando negar a verdade. Nenhuma vez tive medo de sua honestidade, nem fiz com que ele se arrependesse de me mostrar o que esconde dentro de si. Não fiz perguntas sobre a morte do seu pai e seu irmão, mesmo que sua mãe o culpasse por isso. Não perguntei se ele é um cara bom ou mal porque meu coração já fez sua escolha.

"Conta..."

Ele suspira pesadamente, esmagando a nota sob sua palma. "Você já deve saber."

"Saber o que?"

"Que grande fraude eu sou."

Capítulo Vinte e Um

Elder

** Dez anos atrás **

A vida não foi sempre deste jeito para mim.

Eu nem sempre fui respeitado pela minha riqueza ou evitado por causa do meu passado desagradável. Isso é inteiramente novo.

Três semanas para ser exato.

Há vinte e um dias, eu era invisível. Os mesmos ricos de quem roubava as carteiras, agora estão batendo na minha porta querendo ser amigos. Meus dedos que foram ensinados a serem ágeis para pegar uma carteira depois de terem sido um maestro com um violoncelo, agora estão aprisionados com mais dinheiro do que eu jamais poderei gastar.

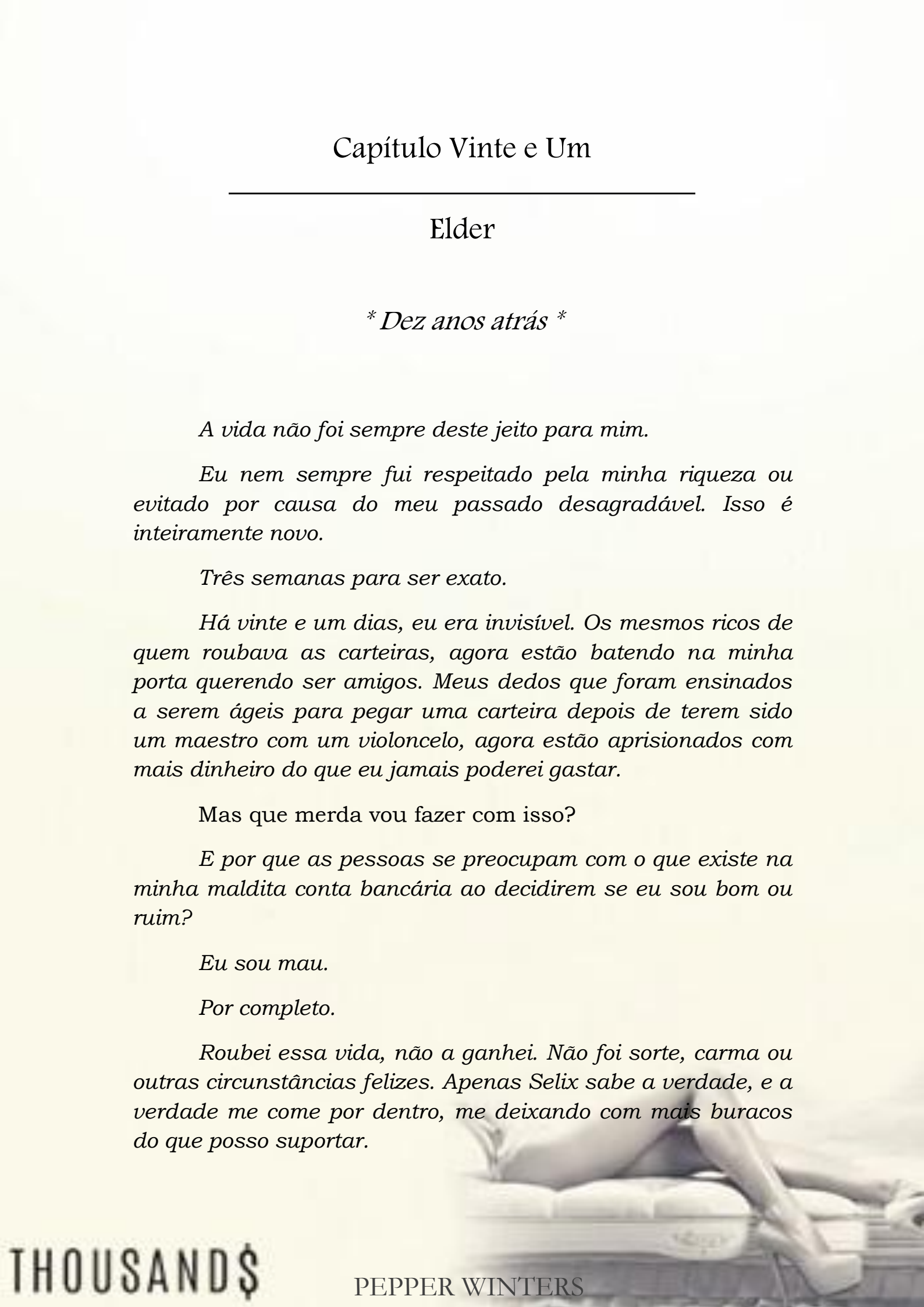
Mas que merda vou fazer com isso?

E por que as pessoas se preocupam com o que existe na minha maldita conta bancária ao decidirem se eu sou bom ou ruim?

Eu sou mau.

Por completo.

Roubei essa vida, não a ganhei. Não foi sorte, carma ou outras circunstâncias felizes. Apenas Selix sabe a verdade, e a verdade me come por dentro, me deixando com mais buracos do que posso suportar.



Eu já carrego muita culpa. Isso? Acabou de adicionar outro mundo de dor.

Eu quero devolver.

Tudo... cada centavo.

Mas isso foi antes de Selix pegar a roubalheira e retorce-la num conceito mais aceitável.

Um empréstimo. Uma mãozinha. Pegar empréstimos com alguém para consertar meu passado, absolver meus pecados e garantir que minha família nunca mais fique em perigo por minha causa.

Então, aqui estou eu na merda.

Engolindo minha vergonha, começando com um novo nome e fazendo meu melhor para manter a verdade trancada nas profundezas, mentindo para todos. Menti para o produtor da estação de TV. Menti para a âncora das notícias. Menti para todas as pessoas inúteis que assistem a esse programa.

Foi um maldito show de merda. E fiquei com raiva. Tanta raiva.

Esses ingratos querem me conhecer. Eles fingem gostar de mim para que possam ter uma chance de roubar o que agora é meu. Mas eles nunca me conhecerão. Nunca permitirei que cheguem perto de me conhecer. Minha crença na raça humana já era pequena antes que isso começasse. Agora, é inexistente.

"Sr. Prest."

Puxo o colarinho da camisa, odiando os apertados blazers e gravatas caras. Antes, vivia de moletons e calças jeans – coisas em que poderia me mover rapidamente, correr rápido e desaparecer em multidões sem ser pego.

Agora, estou enfeitado com um guarda-roupa de homem rico que me sufoca.

Essas pessoas querem me conhecer? Bem, que merda. Nunca contarei a eles sobre meus dias nas ruas, sobre a preocupação de não poder pagar cuidados médicos para mim ou para a minha mãe e a verdade terrível de que sou o motivo pelo qual ficamos sem-teto.

Não que essas circunstâncias tenham importado quando roubei a única coisa que mudou minha vida mais rápido do que uma fada madrinha dos contos de fada e garantiu que nunca mais ficarei sozinho se não quiser estar. Posso comprar carinho, subornar amigos e pagar por tudo o que desejar.

Tenho dinheiro, e as pessoas adoram o dinheiro, mesmo que eu seja um mentiroso, um trapaceiro e um charlatão.

Descobri que a única coisa que não posso comprar é a família.

E eu sei... eu tentei...

Depois de me acostumar com a ideia de pedir o dinheiro em vez de roubá-lo, decidi dar a maior parte para minha mãe. Imaginei que ela me receberia de volta, deixando-me retomar ao meu lugar e me perdoaria.

Ela simplesmente cuspiu em mim e me disse para nunca mais chama-la de Mãe outra vez.

"Ah, Sr. Prest?"

Estremeço quando algum idiota me toca no ombro.

"Você está pronto?", Ela perguntou com olhos úmidos e invejosos. Com inveja de eu ter ganho e não ela. Com inveja de eu estar vivendo a vida que todos sonham.

Ter dinheiro significa que todo o mundo está mudado. Incluindo quem eu era, meu nome e todas as outras partes que me identificavam. Precisei aprender meu novo endereço antes de ser pego e a farsa vir abaixo.

Limpando a garganta, assenti com a cabeça. "Sim... tudo bem."

"Por aqui, por favor."

Passo uma mão pelo meu cabelo, tento domar as grossas madeixas pretas, cortesia de minha herança e relutantemente sigo a organizadora que abraça uma prancheta.

Ela se move rapidamente, mas com um balanço sexy. Sem dúvida para minha apreciação. Não porque ela me deseja, mas porque quer os centavos e os dólares que magicamente apareceram na minha vida.

"Direto por ali. Você entra em três minutos."

Sem responder, entro no set, lutando contra o desejo de colocar as mãos nos bolsos. Minhas mãos são minhas posses preciosas. Todo ladrão sabe que se seus dedos estiverem feridos, assim estará sua vida e sua chance de sobreviver. Eu tenho outro motivo... meus dedos não têm preço porque me dão a música para acalmar meus pensamentos caóticos e, de alguma forma, me ligar ao meu pai morto, mantendo sua bondade viva.

Sinto falta dele.

Sinto falta de Kade.

Sinto falta de uma vida mais simples, onde as mentiras não são as únicas coisas que me impedem de ir à prisão por um tempo muito longo.

Cristo, por que estou fazendo isso de novo?

Porque é a regra.

Ganhe esse tanto e será submetido a uma entrevista televisionada. Principalmente para o benefício do público, para que possam ver que o sistema não é uma farsa, e todos

continuarão jogando, continuarão gastando, continuarão estupidamente sonhando.

Um dia, se tiverem sorte, poderão estar aqui... nos meus sapatos.

Não nos adidas sujos e desgastados dos meus dias nas ruas, mas os caros e pretensiosos mocassins de algum idiota chamado Givenchy.

"Sente-se, Sr. Prest." O entrevistador sorri, apontando para uma cadeira de veludo vermelho ao lado dele. Seremos apenas nós neste espaço em branco com o logotipo da loteria como pano de fundo, com suas cores festivas e notas de dólar flutuantes.

Sento, lutando contra meus instintos de correr. Um ladrão nunca mostra seu rosto. Por isso que nunca operamos no mesmo lugar em dias consecutivos. Nós seguimos os turistas, com cuidado para não sermos reconhecidos por algum local superzeloso ou um policial comedor de donuts.

Um operador de câmera se coloca nas luzes com uma placa mostrando meu nome e o número da apuração.

Quantos idiotas fizeram isso antes de mim? Quantos ainda tem o dinheiro? Não importa que já tenha grandes planos para meus ganhos roubados, recuso-me a ser um idiota. Vou usar isso para fazer mais grana. Vou planejar tudo o que preciso para me vingar.

E então estará acabado.

Vou pedir perdão e me certificar de pagar cada centavo de volta.

"No ar em três, dois, um." O operador de câmera fala, desaparece com a placa e some na escuridão por trás das luzes de gravação.

Foda-se, isso realmente está acontecendo.

Meu anfitrião não me olha, encarando as lentes com um sorriso brilhante e idiota, para uma audiência que não quero ver. "Bem-vindo, senhoras e senhores, à entrevista semanal dos nossos milionários da loteria. Vamos começar recebendo Elder Prest e parabenizá-lo calorosamente por sua recente vitória."

Quero partir as câmeras em pedaços. Dizer a todos em suas casas para pararem de assistir. Eles não precisam saber quem sou. Não precisam assistir um vergonhoso mentiroso.

O apresentador, com seu cabelo cheio de spray penteado em um topete – e, puta merda, ele está usando rímel? – *sorri em minha direção. "Primeiro, conte-nos, Elder, como se sente ao ganhar uma quantia tão grande?"*

Balanço minhas mãos. O que deveria dizer? É incrível, mudou a minha vida e sou fodidamente grato?

Estas são mentiras e já estou cheio delas.

Não me curvaria para estes idiotas. Se sou um ladrão de carteiras, então eles estavam envolvidos num roubo maior. A loteria é um esquema tipo pirâmide, e de alguma forma, me tornei o chefe disso.

Quando não respondo, o apresentador incita. "Eh, e pode contar aos nossos telespectadores qual foi seu primeiro pensamento quando soube que o bilhete de loteria que comprou foi premiado e você ganhou setecentos e noventa e oito milhões de dólares?"

Merda, esses números não parecem reais. Ainda não – mesmo tendo aparecido na conta bancária apressadamente aberta sob meu novo nome falso. Conseguir as falsificações para fazer isso foi mais uma história pra me dar dores de cabeça.

Eu murmuro: "Demorou para eu me acostumar."

E não comprei o bilhete, seu bundão, o roubei da carteira de um pobre cara.

A vitória teve um gosto amargo porque estava destinada a outra pessoa. Eles precisavam do dinheiro? Será que tem alguma ideia do que tinham nas mãos?

A habilitação do pobre diabo está no meu bolso até agora. Desde que entrei na loja de conveniência com sua carteira roubada, querendo comprar uma garrafa de água para acabar com a sede do meu dia, carrego sua licença comigo como um amuleto de boa sorte e uma lembrança do que é ser um bastardo.

Paguei pela bebida com uma nota de cinco dólares de sua carteira. Junto com a nota, saiu da carteira um bilhete de loteria amassado. A ousada funcionária da loja o pegou antes que eu pudesse guardá-lo de volta na carteira gasta e gritou enquanto verificou para mim. Sinos ecoaram, luzes piscaram e ela saltava para cima e para baixo como uma idiota.

Quase fugi da cena, pensando que se tratava de uma armadilha e que policiais estavam a caminho. Só então ela empurrou o monitor na minha cara e revelou os números aterrorizantes.

Eu era o vencedor.

Do maior prêmio em anos.

Eu ganhei.

Não, ele ganhou.

E eu, o ladrão, o roubei.

Eu tirei qualquer chance dele abandonar seu trabalho, mimar sua esposa e poder proporcionar aos filhos o tipo de futuro que apenas poucos privilegiados podem sonhar.

Não só roubei sua carteira.

Eu roubei sua vida.

E que merda, essa culpa? É tão ruim quanto matar meu pai e meu irmão - porque acabei com a possibilidade de uma vida alternativa para minha vítima. Uma vida que ele nunca conhecerá, graças a mim.

Nesta noite, fiquei bêbado como um gambá e contei a novidade para Selix. Se não fosse por ele, eu teria rasgado o bilhete vencedor em vez de oficialmente reclamá-lo no dia seguinte. Só porque lutamos por tanto tempo como inimigos, eu escutei seus sábios conselhos como amigo.

Ele é a razão pela qual estou vestido como um maldito pavão e aceito falsos parabéns. E o bastardo se recusa a aceitar a metade. Inferno, até lhe ofereci todo o dinheiro, motivado pela vodca barata. Que meu carma está muito sujo para aceitar outra conquista falsa.

Mas ele recusou.

Por alguma razão nobre que nunca me contou e ainda hoje mantém em segredo. Ele prefere ser o segundo, não o primeiro, mas sem ele... duvido que ainda estivesse vivo para pensar em aceitar quase um bilhão de dólares.

Depois dessa fatídica noite, minha vida foi um turbilhão de reuniões executivas, assinaturas em formulários e entrevistas iluminadas que amaldiçoei até as profundezas do inferno.

Nunca tive dinheiro. Fui feliz na minha família de classe mais baixa, com meu violoncelo batido, irmãozinho irritante e pais rigorosos, mas carinhosos.

Tudo o que já amei um dia desapareceu.

E quem foi culpado?

Chinmoku.

A entrevista de TV de repente passa de mentirinha para algo cheio de propósito.

Há anos estou queimando com a necessidade de me vingar e honrar as mortes da minha família. Agora, tenho uma maneira de fazer essa vingança se concretizar.

Num ataque de raiva, decidi usar a fama fugaz em meu benefício. Olhando ameaçadoramente para a lente da câmera, respondo as perguntas que o apresentador me faz. Dou esperanças aos otários em casa, fazendo-os desejar estar em meu lugar, sonhando com o dia em que teriam um golpe de sorte destes.

Enquanto isso, faço desafio após desafio ao Chinmoku.

Mudei meu nome, mas não meu rosto.

Se estiverem assistindo, saberão que não desisti. É eles ou eu. E eventualmente, eles me acharão. Comprarei todas as armas que puder e aprenderei todas as habilidades possíveis para poder usá-las, uma a uma, quando finalmente for a hora.

Vingança e devolver o dinheiro – duas coisas pelas quais dedicarei a minha vida.

Pela morte e pela dívida.

Depois daquela noite, continuei com a habilitação de Oliver Gold na minha carteira e paguei um investigador particular para descobrir seu endereço, número de segurança social e detalhes da conta bancária. Enviei-lhe trinta milhões de dólares.

Com o resto do dinheiro tinha um trabalho a fazer – multiplicar este valor três vezes, para então ter fundos para minha vingança, minha família e pagar minha dívida.

Algumas semanas depois, após extensas pesquisas sobre quais áreas pagariam melhores dividendos, decidi

comprar um negócio de super-iates. Os números gastos por bilionários em seus brinquedos chamativos eram obscenos.

Investiria os primeiros quinhentos milhões em fazer o melhor iate que fosse possível. Eu o venderia com lucro. Conquistaria uma reputação. Faria isso de novo e de novo até que tudo estivesse de volta a quem pertencia de direito.

No momento em que decidi que Monte Carlo era o lugar para me reinventar e traçar a aniquilação do meu inimigo, virei as costas para a América e embarquei num avião para Mônaco.

“Elder? El…você está me assustando.”

Eu pisco.

Pim lentamente volta a ter minha atenção. Os olhos dela estão arregalados; a boca comprimida. Olhando para baixo, tiro minha mão da dela. Eu a apertei tão forte que a ponta dos seus dedos está branca com a falta de sangue. "Merda, desculpe."

"Está tudo bem.” Ela esfrega os dedos, meio sorrindo, meio fazendo uma careta "Você viajou. Está bem?"

Eu estou bem?

Pensei que estivesse. Faz anos que não revivo tudo, de onde o dinheiro veio. Até mesmo consigo viver com a culpa – justificando o que fiz com a desculpa de que paguei a Oliver Gold e ainda consigo construir meus iates para ganhar mais.

Tocar o dinheiro para dar a Pim uma lição de origami de alguma forma despertou as amargas lembranças.

Por quê? O que tenho em mente?

Foda-se, tudo está em minha mente.

Talvez, foi porque estou cansado de esperar que Chinmoku desse o primeiro passo. Talvez já esteja cansado

de implorar por um novo começo com minha família. Talvez já esteja cansado de tentar me conter no que diz respeito a Pim.

Selix me disse uma vez para pegar mais leve comigo mesmo. Para aceitar o bem assim como o mal. Estou lutando com Pim desde o primeiro dia em que meu coração tomou conhecimento dela. Ela é o oposto de mim. Ela é tudo de bom e quanto mais eu me apaixono por ela, mais a arrasto para meu mundo e lhe faço mal.

Por Deus, estou exausto.

Coloco meus cotovelos na mesa e seguro minha cabeça entre as mãos. Minha mente formula mentiras e as descarta. Somente a verdade tem gosto de decência em minha língua. “Tudo o que vê? Tudo que conhece... é tudo uma mentira.”

Ela congela. “O que quer dizer?”

“Estou falando do Phantom, do submarino, do armazém em Mônaco... é tudo falso.”

“O que quer dizer com falso?”

“Quero dizer que roubei tudo isso.”

Pim fica em silêncio por um momento, antes de baixar sua voz. “O que você quer dizer com *roubar*?” Ela balança a cabeça. "Isso não é possível. Eu vi seu logotipo na parede daquele armazém. Vi como a equipe ama você. Eu vi sua casa na colina onde sua mãe estava. Eu vi..."

"Você não viu nada. É tudo roubado."

"Como pode dizer isso? Posso sentir seu suor e sangue em tudo ao nosso redor, Elder. Sei o quão duro trabalha. Quão meticulosos são seus projetos. Para quantos clientes já entregou seu produto. Algo assim não pode ser falsificado ou roubado."

Ficando mais ereto, me forço a ser racional e começar no início. "O armazém, a empresa... você está certa, são reais. Eu criei aquilo do nada, e eles geram uma riqueza incrível. Sou a razão da existência daquela empresa."

"Então, o que quer dizer com...?"

"Quero dizer que nunca teria conseguido comprar aquela casa, aquele armazém ou a madeira, a equipe e maquinaria necessários para construir esses navios sem primeiro roubar o dinheiro de outra pessoa."

Pego sua mão novamente, imploro com meus olhos para que ela me deixe tocá-la. Ela não se esquiva – se vale de alguma coisa, ela se inclina para frente sem julgamento ou crítica em seu rosto.

Se já não a amasse, a amaria por isto.

Seu olhar tornou-se denso, com uma aceitação honesta. "Conte-me."

A única maneira de fazer isso é cuspir tudo. "Eu roubei a carteira de um homem em Nova York. Dentro havia um bilhete de loteria. Acontece que aquele bilhete estava premiado com mais de meio bilhão de dólares." Minha cabeça curva. "Fiquei com isso pra mim, quando deveria ter devolvido."

Ela fica em silêncio absoluto. Ela parece irritada, com a cabeça tremendo ligeiramente.

Meu coração morre, acreditando que este é o instante em que tudo será demais para ela. Onde ela finalmente dirá... "*Obrigada, mas não, obrigada.*"

Em vez disso, ela pisca enquanto coisas passam em seu rosto, sua mente absorvendo os fatos e, novamente, tudo é aceito sem perguntas.

Quem diabos é essa garota? Como ela pode ser tão gentil e generosa em seus limites de certo e errado? Como posso compensá-la?

Apertando os dedos, ela murmura: "Isso faz tanto sentido".

"O que quer dizer?"

“A culpa que carrega. A vergonha que não posso entender. Você nunca aceitou o crime, então paga por ele o tempo todo."

Não admito que ela está completamente certa ou que em poucos anos pagarei na íntegra o homem que roubei. Devolverei o dobro do valor de seus ganhos. Em breve, minha dívida será liquidada e, finalmente, poderei admitir que o usei como um empréstimo sem juros para progredir, prover minha família – mesmo que não desejassem ser providos – e para corrigir os pecados do meu passado.

Inspiro profundamente, pronto para lhe entregar minha confissão final. Revelar verdades que guardo por anos não deve te deixar com o coração leve?

De alguma forma, me sinto mais pesado, mais cansado do que nunca.

Trazendo sua mão para meus lábios, sussurro contra os seus dedos, "O homem que te salvou é uma fraude que está fazendo o seu melhor para compensar toda a merda que já fez. Mas... nunca é suficiente.”

Lágrimas brilham em seus olhos. Ela abre a boca para falar, mas a interrompo, precisando terminar, precisando acabar com isso. "Até meu nome é uma farsa".

Ela ofega.

"Você é Tasmin Blythe. Esse é o seu verdadeiro nome, mesmo que não o queira. Entendo isso mais do que pode

imaginar. Desde que te conheci, fiz o meu melhor para descobrir suas cartas, roubar seu passado e aprender tudo sobre você. No entanto, sou um maldito hipócrita."

"El..."

"Não. Ouça, Pim. Entendo que não esteja pronta para usar seu antigo nome. Assim como provavelmente nunca usarei o meu. Não sou mais aquele garoto. Graças a Deus por isso."

Coloco as mãos em suas bochechas, não consigo separar meu olhar de seus lábios. Quero muito beijá-la, mas depois dessa confissão – essa confissão completamente imprevista e chocantemente estúpida – não tenho mais força de vontade.

Bastará que ela se incline para frente e pressione a boca contra a minha.

E tudo estará acabado.

Os pratos vão no chão, Pim estará na mesa e teremos um jantar completamente diferente do esperado.

Minha voz se dilacera com um grunhido enquanto luto. "Exijo saber tudo de você. Cada pedaço de pensamento e fragmento de memória, eu quero guardar. *Preciso* torná-los meus. Mas para ser justo numa demanda destas, devo estar disposto a compartilhar minha parte. Mas não estou pronto. Talvez nunca esteja. Tenho tanto que gostaria de apagar. Tantas coisas que nunca quero que saiba. E por isso, o que quer que venhamos a ter, nós dois nunca estaremos em pé de igualdade. Sempre exigirei mais do que posso dar e essa é mais uma dívida que estou lutando para suportar."

Preciso sair antes de contar mais falhas incriminadoras.

Soltando seu rosto, fico de pé e beijo o topo de sua cabeça, prolongando-me ali sobre o cheiro suave de baunilha

e sal marinho. "Eu preciso ficar sozinho, Pimlico. Não venha atrás de mim."

Saio antes que possa mudar de ideia.

Antes que possa arrastá-la para o meu colo, pedindo perdão e me enterrando dentro dela.

Eu a deixo antes que possa criar novos erros enquanto tento corrigir os antigos.



Capítulo Vinte e Dois

Pimlico

Durante quarenta e oito horas, faço o meu melhor para dar a Elder algum espaço.

Eu o encontrei em seu escritório no dia seguinte, mas depois de uma conversa artificial e distraída sobre o tempo, o deixei afogar-se no trabalho.

Pelo resto do dia, relaxei no deck e vi o horizonte borrar numa linha mágica onde a maré encontra o céu e morre com o sol.

Na tarde seguinte, fui para o convés apenas para ver Elder na proa com binóculos pressionados nos olhos, as costas rígidas e o esboço leve de outro navio no horizonte.

Quando me aproximo na ponta dos pés e olho o navio distante, minha pele arrepia com o crepitar de energia que ele exala. Ele está tenso, pronto para quebrar a qualquer momento. Só que, quando quebrar, tenho a sensação horrível que eliminará cidades inteiras com a sua raiva e arrependimento ao invés de apenas implodir.

Fico ao seu lado durante vinte minutos antes de ter coragem de perguntar se ele sabe quem maneja o barco atrás de nós.

Ele tira o binóculo dos olhos e me dá um olhar tão negro e sombrio, que luto para respirar.

Um momento depois, ele volta a olhar através do binóculo e murmura algo sobre uma reunião urgente com o capitão, em seguida, desaparece pela ponte.

Algo desagradável o corrói. Algo que não tem nada a ver comigo e tudo a ver com seu passado.

Chinmoku.

Ele espera que nos encontrem aqui? Sua preocupação é sobre ir para a guerra ou o envolvimento deles na QMB e meu destino?

Minhas perguntas afundam nas profundezas da minha barriga e causam náuseas.

Nesta noite, janto sozinha, embora ele se sente ao meu lado. Trocamos sal e pimenta, comentamos sobre quão cheirosa está a sopa com frango e mais uma vez, compartilhamos cortesias embaraçosas sobre o clima.

Desde a aula fracassada de origami, ele mal faz contato visual comigo. Sei que em sua mente é por respeito... para me dar tempo para me acostumar a ideia de que toda sua existência rica é baseada numa mentira, mas sua falta de amizade me deixa tensa e fria.

Estou sozinha, mesmo quando compartilhamos o jantar.

As perguntas no meu estômago tremem até que tudo o que quero fazer é abraçá-lo e dizer que não me importo se seu nome é falso e sua fortuna foi roubada. Tudo o que importa é ele. O homem que conheço aqui, agora. O homem que poderia não ter nada nem ninguém e eu ainda o amaria porque sua alma é o que valorizo e respeito.

Quando o jantar acaba e queimo mais calorias com o estresse do que as que consumi, tento perguntar o porquê da presença de outro barco preocupa-lo tanto. Seus olhos mais uma vez escurecem com proteção e temperamento, soltando uma risada dura projetada para soar alegre e despreocupada, mas é o riso mais gelado que já ouvi.

Pela primeira vez, não encontro conforto em sua presença; só frustração por não poder compartilhar seus fardos.

Levanto, desejo boa noite e ele só me escolta sem uma palavra até meu quarto.

E então, depois que nos separamos dolorosamente na porta, a tranco pela segunda vez.

Aceito de bom grado o que Elder me disse para fazer e recuo um pouco. Tranco a porta, porque ele me disse para fazer. Porque ele quer essa barreira entre nós. Bem, ele com sucesso ergueu uma ao me cortar de seus problemas.

Com meu coração em fúria, saio para minha varanda e olho o céu estrelado. Sem sinais de um outro barco. Sem luzes no horizonte ou velas balançando.

Passamos por outros iates e escunas antes, especialmente quando saímos do Marrocos. Portanto, não consigo entender por que Elder mudou de trocar buzinadas amigáveis para encara-los através de binóculos.

Se ele realmente acredita que o Chinmoku atacará no mar, por que está preocupado? Ele mesmo disse que o Phantom tem mais armas que o necessário.

Naquela noite, não dormi bem. Sonhos de piratas, sequestro e homens em máscaras pretas me fizeram companhia. Quando a manhã chegou, fiquei aliviada de abrir minhas cortinas para um sol brilhante e um horizonte vazio.

Mais uma vez, tomei café da manhã sozinha.

Minha mente voltou para o segredo que Elder me contou. Seu maior segredo talvez. Se não fosse, não sei como suportarei ainda mais revelações. Se eu fosse qualquer outra pessoa, poderia julgá-lo por tirar a vida de segurança financeira de um homem e reivindicado para si. Se eu não

tivesse visto quão puro ele é embaixo do seu temperamento, eu poderia ter caído fora.

Mas não fiz.

E então Selix me encontrou e contou as partes que Elder não fez.

Depois de terminar um café da manhã simples com muesli e iogurte, fui passear no convés procurando algo para me manter entretida. Olho por cima do corrimão e vejo Elder enquanto ele nada no oceano abaixo, cortando a maré como um grande tubarão branco.

Descanso os cotovelos sobre a balaustrada e me acomodo para assistir o homem que amo esmurrar sua frustração e raiva em ondas desavisadas. Selix me encontra remoendo erros e acertos e como poderia aceitar alguns, mas não outros.

Ele imita minha posição, observando e me fazendo companhia enquanto Elder faz seu melhor para nadar seus demônios para fora. Por alguns minutos, fico tensa, ainda levemente desconfortável por causa de Selix.

O que ele quer?

Duvido que queira falar. Ele é muito leal a Elder para isso. No entanto, não significa que tenho que obedecer a essas regras.

“Você sabe, não é?” Viro para encará-lo. “De onde veio o dinheiro?”

Sua sobrancelha levanta enquanto mantem os olhos em Elder. "Você?"

Olho de volta para o mar, onde pequenos salpicos dos braços e pés de Elder desaparecem sobre a aparência de mármore do oceano. "Ele me contou."

“Ele também disse que este crime o fez reavaliar tudo? Que deixou de ser um ladrão brilhante para alguém renovado da noite para o dia?”

“Não em tantas palavras.”

Selix fica em silêncio.

Não sei se devo perguntar que outros esqueletos descansam no armário de Elder, mas Selix me dá um pedacinho de informação que tira do meu coração a âncora que Elder colocou.

Sua voz é baixa — quase inaudível sobre a brisa do mar. “Você também sabe que ele já quase pagou de volta o que roubou?”

“O quê?” Meu queixo caí.

“Ele nunca teria aceitado se eu não tivesse o convencido a ver o dinheiro como um empréstimo, em vez de um assalto. Ele se refere ao seu sucesso como uma dívida desde então.”

"Uma dívida?"

Ele dá de ombros. "O crime."

Meus olhos se arregalaram conforme suas palavras afundaram em mim. “Você quer dizer ... Elder encontrou o cara e o pagou de volta?” A ideia de que alguém faria isso, e de alguma forma poderia pegar a riqueza e duplica-la fundiu minha mente.

“Ele quer dar tudo de volta, mas coloco senso nele.” Selix sorri. “Então, ele quer dar a maior parte e manter alguns milhões para sua família. Eu lhe disse que a vida tinha lhe dado esta pausa. Que poderia pegar emprestado sem problema, já que não conseguia roubá-lo.”

"Não sei o que dizer."

Então, é por isso que Elder trabalha tão duro. É por isso que navega o mundo lidando com bandidos e criminosos e cria essas belas peças de arte flutuantes. Não porque tem a necessidade de estar no mundo subterrâneo, mas porque sabe o crime que cometeu e precisa de remunerações para quitar a dívida.

“Sei que ele lhe disse sobre o Chinmoku, então vou dar um conselho.” Selix se vira para mim, olhando por cima do ombro para se certificar que Elder ainda está nadando em volta do iate. “Ao longo dos anos, ele construiu uma reputação temível, irritou pessoas, fez amizade com outras e mentiu até os malditos dentes. Tudo o que quer é ir para casa e viver em paz, mas não é assim que a vingança funciona. Ele está jogando um jogo longo e o grande jogo está chegando.”

Afastando-se do corrimão, ele faz uma pausa quando seu ombro encosta no meu. "Eles estão vindo. Ele sabe. Eu sei. Você deve saber também porque quando vierem atrás dele, ele vai precisar de toda a porra de ajuda que puder ter.”

Minha mão dispara quando ele se afasta, segurando seu antebraço.

Ele olha para baixo com um olhar interrogativo, como se chocado que eu o toquei.

Antes que possa pedir para eu soltar, pergunto, “O que posso fazer? Como posso ajudá-lo?”

“Não cabe mim a dizer.” Ele dá de ombros, seu rosto distante e ligeiramente frio. “Você se afastou porque pensou ser a coisa certa para ele. Isso faz de você uma pessoa boa, e não vou tentar impedi-lo de estar com você. Mas precisa encontrar uma maneira de parar de machuca-lo. Ele precisa estar com a cabeça limpa quando vierem. Porque estão vindo, Tasmin Blythe. Marque minhas palavras. E se não estiver pronto, ele vai morrer. E, em seguida, a família dele vai morrer. E você vai morrer. E toda a porra que ele criou partindo do nada? Tudo não *será* nada — ele poderia muito

bem ter queimado com seu pai e irmão como sua família desejou."

Tirando minha mão, ele murmura, "Ele está mentindo para você. Não aceite suas besteiras e você o ajudará muito mais do que lhe dando o que ele quer."

Meu coração para com o seu conselho, enchendo-se com desesperada sede de conhecimento. "É o que você faz?"

"É o que amigos fazem. E sou muitas coisas, mas primeiro e acima de tudo, sou amigo dele."

Ele se afasta, enfiando as mãos nos bolsos, como se nunca tivéssemos nos falado. Como se ele não tivesse me dado pistas sobre como seduzir o mesmo homem que se sujou com o sangue do meu antigo mestre e me reivindicou.

Uma rajada levanta do mar abaixo, revelando Elder conforme ele completa mais uma volta. Envolvo os braços a minha volta quando um arrepio corre por minha espinha.

Selix usou meu nome real.

Não foi reconfortante ou inspirador.

Foi ameaçador, inquietante e fez exatamente o que suas palavras não fizeram.

O Chinmoku não vai deixar Elder escapar com o que fez.

E não vou deixar Elder.

Finalmente eles entrarão na minha vida e não tenho mais tempo sem fim para descobrir se Elder pode dormir comigo de forma segura e, finalmente, encontrar um lugar de paz.

Um cronômetro foi ligado.

Correndo rápido.

Correndo em direção a linha de chegada que não sei se terminará em vitória ou derramamento de sangue.

* * * * *

Nesta noite, acordo assustada.

Num momento estou enrolada em cobertores quentes, no outro a porta abre, passos vem até minha cama, lençóis são arrancados e sou empurrada para braços poderosos.

Meus olhos se arregalam.

Minha mente desliga.

Terror e pânico me enchem.

Eu não tranquei a porta.

Realmente deveria ter feito isso.

Minha voz faz duas coisas ao mesmo tempo: tenta se esconder e ficar muda. Tento gritar e fazer barulho.

Escolho uma combinação. Um grito gago cheio de sono e horror. “Coloque-me para *baixo*!” Grito e chuto, fazendo meu melhor para atacar o agressor. "Não! Pare! *Solte-me*!"

“Pim ... sou eu.”

Pisco de volta aterrorizada, agarrando-me à voz que sussurrou palavras doces em meus sonhos. "Elder?"

Que diabos ele está fazendo?

“Não vou te machucar.”

Poderia ter me enganado.

Salto dolorosamente em seu ombro enquanto ele corre do meu quarto, pelo corredor, e voa descendo as escadas em

vez de esperar o elevador. O Phantom é um borrão de tapete e arandelas, me deixando doente. "Para onde está me levando?"

Que diabos aconteceu com ele? Por que ele está voando pelo Phantom a sabe Deus que horas da madrugada?

"Quase lá. A maioria dos funcionários está em posição." Selix aparece de um andar acima, nos seguindo para baixo. "A metralhadora está pronta para o seu comando."

"O que?" Grito quando Elder empurra com o ombro a porta bloqueando um andar que explorei, mas achei chato, correndo comigo em seu ombro como um saco de açúcar.

Ele ignora Selix.

No final do corredor, ele para, me balança da horizontal para vertical, e me coloca de pé. Tropeço no lugar conforme meu cérebro fica tonto.

Engulo a náusea.

Com a mandíbula tensa, Elder abre um armário simples, revelando uma porta à prova de bombas grossa por trás.

Meus olhos se arregalam quando ele esmurra a barreira com o punho. "Abra."

Ela abre instantaneamente por uma menina que reconheço como da equipe da cozinha. Seu cabelo loiro bagunçado como uma aureola em volta da cabeça de se esfregar no travesseiro durante o sono. "A lista foi conferida. Todos estão aqui exceto a equipe operando a ponte."

Elder passa a mão sobre o reluzente suor na testa. "Mantenha-os aqui até o alarme de tudo certo ser dado." Empurrando-me para frente, ele não me toca, beija ou sussurra algo bom. Não sou nada mais do que alguém para proteger enquanto sua mente está numa batalha em outro

lugar. “Mantenha-a com você. Não a deixe sair. Você está me ouvindo?"

Eu me irrito. Não gosto que ele fale sobre mim como se eu não estivesse lá ou tivesse cérebro insuficiente para compreender comandos simples. A chefe da limpeza - uma mulher idosa com bobes no cabelo - pega o meu bíceps, puxando-me a contragosto para a sala. “Cuidaremos bem dela, senhor.”

Elder grunhe em reconhecimento, já focado em outra tarefa.

Em vez de me ver como um aliado e alguém que pode ajudá-lo a lutar, ele me vê como um passivo para remover para que não precise se preocupar.

Como *se atreve?*

Sei que estava fraca quando nos conhecemos. Sei que ainda estão desaparecendo as contusões de Harold e sei que ainda tem outras questões a superar, mas como ele ousa não confiar em mim o suficiente para ajudar?

Depois de tudo.

O que quer que esteja acontecendo, quero estar com ele – não enfiada num armário e esquecida.

Agarro sua mão. “El, deixe-me ir com você. Eu preciso-"

Seus dedos apertaram ao redor de meu pulso, soltando meu aperto. “Preciso que você fique aqui, Pimlico. Entendeu?"

Olho para a porta. Ou melhor para a entrada da fortaleza - não é de madeira laqueada como o resto das entradas do Phantom. Essa é totalmente à prova de balas com dobradiças grossas, fechaduras de segurança, e revestimento de metal na frente e atrás.

Empurrando-me mais uma vez para a senhora, ele late, “Mantenha-a aqui. Entendeu?"

A mulher assentiu. “Entendi.” Agarrando meu cotovelo novamente, ela me puxa para longe de Elder.

Puxo meu braço contra o seu aperto, travando meus joelhos. “Elder, espere. O que está acontecendo?"

O ar de apreensão e preocupação me contagia. Cada membro da equipe do Phantom está preocupado atrás de mim.

Isso só pode significar uma coisa.

Oh, meu Deus, eles estão aqui.

Os olhos negros de Elder encontram os meus, brilhando com remorso, brutais com violência. "Nada. E pelo amor de Cristo, Pimlico, fique aqui e faça o que digo.” Com uma sacudida da cabeça como se lutando contra a mesma necessidade que tenho em tocá-lo e encontrar alguma sanidade nesse despertar louco, ele sai pelo corredor, deixando-me aprisionada com os membros da equipe.

No momento em que desaparece na escada, a menina com cabelo louro fecha a porta e vira para a mulher me segurando. "Solte-me."

Ela abre os dedos, recuando para o aposento. “Apenas mantendo-a segura.”

“Bem, não faça isso. Minha segurança não é sua preocupação.” Meus olhos a seguem. Meu humor piora conforme assimilo o espaço. Assim como a porta não é apenas uma porta, este não era apenas um quarto. As paredes não têm janelas, há sofás em volta, mas estreitos e pouco convidativos em comparação com o luxo dos outros móveis do Phantom. A mesa comprida com caixas amarradas guarda centenas de garrafas de água e pacotes de comidas, mas é a peça central que me chama a atenção.

No meio do grande espaço, escondido atrás de várias pessoas, há um barco. Não um barco qualquer, mas um

barco blindado com armas e teto, grande o suficiente para abrigar todos na sala.

O que é isso?

Meu olhar salta para a parede de trás, onde uma pequena inclinação no chão desapareceu para lugar nenhum. Não há janelas, mas a parede não é apenas uma parede. É uma porta — uma rampa grande de saída para o bote salva-vidas.

"Que lugar *é* esse?" Pisco para os funcionários da equipe — alguns excitados e acordados, outros com os olhos borrados e cochilando nos sofás desconfortáveis.

Um cara que vi cuidando do helicóptero diz, "É a sala de segurança."

"Segurança do que?"

"Piratas, é claro."

Minha boca abre. "Não existe isso."

"Não os típicos de livros de histórias. Mas há muitos navios falsos que embarcam, roubam, estupram e matam. É uma exigência marítima ter uma sala-cofre com comida e água suficiente para todas as almas a bordo. Normalmente, o protocolo é pedir ajuda e esperar os piratas tomarem o que querem e saírem. Mas o Sr. Prest foi um passo além e garantiu que tenhamos uma maneira de sair no caso de algo catastrófico acontecer."

Meu coração é o que fica catastrófico. Bombas detonam dentro de mim, enviando estilhaços por meu sangue.

Por que Elder está lá fora e não aqui? Quem vai protegê-lo e aos homens na ponte?

Quanto mais tempo fico em segurança com alimentos e fuga ao meu alcance, mais, não posso suportar. Elder. O capitão. Eles estão lá fora ... lutando por nós.

Que diabos estamos fazendo?

Por que nossas vidas valem mais do que as deles? Por que devemos estar fora de perigo quando eles o enfrentam?

E-eu não posso ficar aqui.

Preciso estar com ele. Se o Chinmoku está fazendo uma visita, não posso deixá-lo enfrentá-los por conta própria.

Eu não deixarei.

Não me importa se é estúpido me colocar em perigo. Não importa que Elder ficará furioso comigo por estar no caminho.

Literalmente não posso ficar aqui enquanto ele está lá fora, enfrentando quem sabe o que.

Uma buzina alta de nevoeiro quebra os murmurinhos tensos na sala, levando nossos olhos para o teto. Um alto-falante soou, mas as palavras são truncadas e difíceis de ouvir.

"Oh Deus. Estamos sendo abordados," diz a chefe de limpeza, andando perto do barco salva-vidas.

Os membros da equipe esquecem de mim conforme outra buzina soa — desta vez vibrando e ecoando pelo Phantom. O capitão responde com seu próprio chamado.

É um chamado para a guerra ou rendição?

Elder nunca vai se render.

Ainda não sei todos os seus segredos, mas se é o Chinmoku, então é matar ou ser morto. Há apenas dois cenários disponíveis e me recuso a ficar aqui e deixá-lo enfrentar essas escolhas terríveis sozinho.

Fingindo manter os olhos no teto como todos os outros — à espera de outro estrondo de tiros ou buzinas de retaliação, avanço para a porta. Ninguém presta atenção

quando me envolvo com o mecanismo de bloqueio e viro várias trancas.

Segurança faz isso com as pessoas. O conhecimento que são intocáveis em seu bunker especial permite-lhes se concentrar na forma como a vida sumiu. Eles contra nós. Os serem extintos e os que irão sobreviver.

Minhas mãos trabalham mais rápido com o pensamento de Elder ser ferido.

Por favor, deixe-o ficar bem ...

Outro alto-falante soa, picado e incompreensível. O que quer que estão dizendo a Elder e sua tripulação para fazer, não acho que ele vai obedecer. Minha pele arrepia com a primeira rodada de tiros, já imaginando carnificina e pedindo a Deus que minha imaginação criativa nunca se torne verdadeira.

Com dedos trêmulos, finalmente consigo abrir a porta. A maldita coisa pesa uma tonelada. Luto para puxá-la o suficiente para passar. Empurrando primeiro a minha perna por ali, passo meu quadril e me esgueiro.

No último segundo, uma jovem empregada me vê. Ela abre a boca para dizer algo, mas balanço a cabeça, pressionando meus dedos nos lábios.

Esta é minha decisão. Não dela.

Se quero arriscar a vida, é minha escolha. Já perdi muitas escolhas para deixá-la tirar isso de mim.

Ela faz uma careta, mas assente com a cabeça, observando-me sair.

A equipe tem que ficar. Sua lealdade ao patrão funciona em troca de dinheiro, nada mais, nada menos. Minha lealdade a Elder é algo completamente diferente. Ofereço meu amor esperando o dele em troca. Ele nunca me

faria enfrentar algo terrível sozinha. Portanto, não vou deixá-lo.

Nunca vou me perdoar se não estiver lá quando-

Afasto esses pensamentos.

Deslizando o caminho final para a liberdade, engulo minha frustração por ser tão lenta e me apoio na enorme paralização para deslizar de volta na posição.

Sei que é seguro quando o som de trancas clicando no lugar ecoa no corredor.

Não tenho arrependimentos. Sem segundas-suposições.

Levanto a camisola rosa clara e dou uma última olhada para a sala-cofre depois corro pelo corredor.

Cabelo voando.

Coração voando.

Subo a escada — para cima, para cima, para cima em direção a Elder e o Chinmoku.



Capítulo Vinte e Três

Elder

Tudo que quero fazer é dizer a esses bastardos para saírem da porra do meu iate.

Mas não farei isso, porque me dará um bilhete só de ida para a prisão.

Estou de frente para o homem encarregado — chefe para chefe — de olho em seu uniforme, odiando o ar arrogante, e franzindo o cenho para as manchas em seus braços. Marcas celebrando o seu cargo como se eu desse a mínima porra.

Jolfer está à minha direita, com os punhos cerrados, e Selix está à esquerda — sua cara zombando da minha expressão ilegível.

Minha noite vai de mal a pior, e agora espero para ver que outro inferno virá.

Que merda, eles não podiam ter acenado? Eles têm que embarcar depois de me dar a porra de um ataque cardíaco achando que é Chinmoku prestes a aterrorizar toda a minha equipe?

Engolindo a irritação, rosno. “Olha, você nos conhece. Não precisa—”

“Espere!” Algo rosa, rápido e suicida rola pela porta da ponte e sai em disparada em direção a mim.

“Oof.” Tropeço conforme Pim corre para o meu lado, me tirando o equilíbrio.



Ela se esquiva com um olhar de desculpas, em seguida, leva seu olhar para os intrusos uniformizados. “Não me importo com quem são, mas se machucarem alguém nesta embarcação, vou garantir que paguem.”

Que.

Porra.

Adorável.

É.

Essa?

Sua voz pura e perfeita arranca minhas bolas. Sua força e ferocidade atravessam meus joelhos e coluna vertebral.

Não consigo me mover.

Que *diabos* ela está fazendo? Que diabos está *pensando*?

Ela podia ter se matado com uma manobra dessa. Sou encarregado de protegê-la e não o contrário.

Cristo, esta mulher!

Meu coração gela ao mesmo tempo que jorra com carinho até os ossos com a tragédia que ela quase causou. Tudo porque ela prefere morrer para me manter vivo do que me permitir fazer o mesmo.

Não tenho o luxo de descobrir quão torcido isso me faz sentir.

Quão impressionado estou. Quão irritado estou. Quão surpreso, chateado, feliz e furioso estou.

Sorte para nós, esta noite não é o que pensei. Tranquei todos na sala-cofre por nada. Na verdade, todos teriam que sair do esconderijo e encontrar os visitantes. Perguntas

seriam feitas e respostas seriam dadas apenas como a lei marítima ordena.

Culpo a paranoia, insônia e a confusão caótica do cérebro por minha reação exagerada.

Estudei o horizonte com muita suspeita, vendo o Chinmoku em vez de outros viajantes e felizes navegadores. Pintei a polícia marítima como os maus.

Agarro o braço de Pim e a puxo para mim. “Mantenha a boca fechada.”

Mesmo que a sala-cofre tenha sido um alarme falso, ainda teria escondido Pim porque tecnicamente, ela não está liberada para estar no Phantom. Ninguém seria assassinado esta noite, mas alguém — principalmente eu — responderei um mundo de interrogatório e repreensão de regras.

Como se não tivesse o suficiente na cabeça.

“Uma convidada, Sr. Prest?” O homem encarregado olha Pim de cima a baixo, seus olhos redondos não permitidos nela. Meus punhos enrolam quando seu olhar de suspeita vira apreciação. A camisola rosa não exatamente esconde muito do seu corpo esguio, tentador, especialmente com as luzes brilhantes na ponte destacando suas curvas.

Minhas mãos enrolam, mas mantenho meu rosto profissional. “Ela não é importante.”

Pim perde a respiração. Aperto meus dedos em volta do seu braço.

Nunca disse coisa mais hedionda. Ela é importante. A porra de importante demais. E é por isso que ela tem me arruinado totalmente por desobedecer uma ordem direta e vir lutar minhas batalhas.

Meu coração literalmente se mata com o pensamento do que teria acontecido se fosse o Chinmoku e não a guarda costeira.

Ela precisa de disciplina. Ela precisa aprender as repercussões de não me ouvir.

“Todos, independentemente da importância, devem ser registrados e liberados para viagem. Você sabe disso,” o OM —oficial marítimo — em comando murmura. “Não me diga que precisa de uma reciclagem sobre etiqueta no mar, Sr. Prest?”

Um grunhido se infiltra na minha barriga.

Preparo-me para mentir, mas se falar que ela é da equipe, eles saberão instantaneamente. Não posso, graças aos registros meticulosos e passaportes de funcionários que temos de apresentar.

Meus dentes querem cerrar, mas digo, “Ela é uma convidada.”

“Ah, então apenas mentiu quando disse que não havia ninguém novo a bordo?”

Levanto meu queixo, desafiando-o a seguir por este caminho. O caminho onde jogarei todos para fora da minha embarcação — as consequências que se danem. “Lapso momentâneo de julgamento.”

Pim me olha e ao capitão da guarda costeira. Seu belo rosto contorcido de confusão, fazendo o seu melhor para compreender.

É um erro bastante simples. Pensei que estávamos sob ataque e ordenei uma parada de rotina e armas. Não vi o logotipo da guarda costeira e Jolfer não me disse que passaram um rádio com o pedido para embarcar e realizar uma inspeção comum.

Estou no limite desde que descobri que alguém acessou o arquivo de Pim. Nenhum barco pode navegar perto sem eu instantaneamente entrar em defesa e acreditar que é a porra de uma guerra.

"Madame?" O inspetor-chefe tira um caderno. "Pode me dizer seu nome?"

Pim estreita os olhos; sua garganta trabalhando conforme engole. Ela não responde, e mais uma vez, sou lembrado de como o silêncio é seu amigo, quando ela está incerta ou com medo.

Se é para eu sair dessa sem uma prisão ou uma multa grave, ela tem que fazer o que pedem, inclusive abrir mão de seu verdadeiro nome. Balançando a cabeça suavemente, a encorajo, "Está tudo bem. Responda."

Ela franze a testa enquanto olha de mim para ele, tentando ver uma armadilha. Finalmente, ela endireita a coluna e diz com um toque de aço, "Meu nome é Tasmin Blythe."

"E há quanto tempo é convidada no Phantom?"

Ah, Cristo, receberei uma multa esta noite, não importa o que ela diga. Outra regra que quebrei: me recusei a contar qualquer um de seus detalhes. Nenhuma menção de embarque ou lugares visitados. Não registrei uma única coisa ou autentiquei de que país ela era para os portos e imigração.

Por que fiz isso?

Porque Pim tecnicamente não existe? Que se alguém soubesse que eu a tinha, poderiam me ligar ao tráfico de sexo e ao QMB? Talvez fosse porque mesmo quando a resgatei, soube que queria muito mais do que deveria e uma mulher como Pim faria falta. Ela seria procurada.

Deliberadamente mantive sua presença em segredo para meu benefício.

“Umm,” Pim se esquiva, os dedos dos pés descalços ficando brancos conforme ela os cava no piso de madeira. “Não tenho certeza....” virando-se para mim, ela procura o meu rosto por orientação.

Ela é muito óbvia.

O oficial revira os olhos, me dizendo o que já sei — que sou um idiota por não seguir o protocolo. Isto poderia ter sido uma embarcação simples, verificação cruzada, passeio e partida.

Agora, com a chegada de Pim e as armas a bordo, significa um festival de total espionagem.

“Responda, garota,” o oficial pressiona.

Balanço a cabeça para ela continuar, não dando quaisquer sugestões sobre como precisa responder. Isso é sobre ela. Tentei impedi-la de estar nessa confusão, mas ela me ignorou.

Você está por sua conta, Pimlico.

E então, quando estivermos sozinhos ... você e eu vamos ter uma conversa séria.

Desviando o olhar do meu, Pim limpa a garganta. “Eu não sei exatamente. Algumas semanas. Alguns meses? O tempo parece passar de forma diferente sobre o oceano.”

“E você tem um passaporte? Vistos?”

Ela tensiona. “Não estava ciente de que precisava deles.”

“Qualquer pessoa navegando em águas internacionais deve estar preparada para a imigração.”

“Oh.” Ela olha seus pés, em seguida, de volta para o homem em questão com rebelião no olhar. “Posso não ter um

passaporte, mas tenho um arquivo da polícia com as minhas impressões digitais e quem sou. Isso é suficiente?"

Engulo um gemido, fazendo o melhor para não me dar um tapa na cara.

Caralho. Ela acaba de admitir que foi processada por um crime.

O OM me dá um olhar sarcástico. “Cumplicidade de criminosos agora, Sr. Prest? Isso só fica melhor e melhor.” Ele caminha para frente, seu caderno preso a si com arrogância. “O que mais está escondendo aqui?”

“Nada para você se preocupar.” Cruzo os braços. “Olha, só me multe e—”

“Ele está apenas tentando me proteger,” Pim oferece, avançando para encontrar o oficial no meio da ponte. Botões e monitores brilham no painel de controle, pintando a camisola com uma variedade de cores. “Ele me salvou e está me levando de volta para a minha mãe na Inglaterra.” Ela me dá um olhar rápido como se para reiterar em particular, que ela não tem intenção de ficar para trás no Reino Unido, enquanto vou embora.

Fico feliz porque apenas o pensamento dela partindo dobra os meus joelhos — mesmo quando estou fodidamente *furioso* com ela.

“Bem, não é nobre da parte dele?” O policial pergunta, embora olhe para Pim como se tivesse contado uma história para boi dormir. “Que tal me dar o nome, endereço de sua mãe e o registro policial que mencionou, e vamos ver se isso é suficiente para te limpar para viajar.”

“E se não for?” Ela pergunta, cruzando os braços como uma garota valente e estúpida.

O cara estreita os olhos, olhando por cima da cabeça dela para mim. “Se não for, alguém pode ser preso ou pior, seu barco confiscado.”

Oh inferno não.

Pago qualquer multa — merda, até passo uns dias na prisão. Mas tomar meu barco? Não sobreviverei.

Meu corpo fica frágil com a agressão. Imagens de jogar estes homens da popa e corta-los em sushi com as hélices enchem minha cabeça. “Ela está dizendo a verdade. Vou levá-la para casa. Nada mais. Nada menos.” Olho do OM para Pim, encarando-a meticulosamente, fazendo o meu melhor para colocá-la em seu lugar.

Tudo isso é culpa dela.

Se ela tivesse ficado onde eu disse, isso não seria um problema. Ela me desobedeceu, e merda, pagará uma vez que não estivermos sob inspeção.

Cruzo os braços e pego de volta meu poder como comandante do navio. “A guarda costeira fez seu dever ao embarcar às quatro da manhã?”

“O mundo nunca dorme, Sr. Prest. Sabe disso."

“Eu sei, mas uma simples chamada de rádio teria bastado.”

"Nós fizemos isso. Não pode culpar-nos se a mensagem não foi passada.”

Olho para Jolfer que dá de ombros tensamente. Posso ser o comandante do navio, mas ele é o capitão. Confio nele para lidar com coisas como conversas de rádio sem microgerenciar. Além disso, às quatro da manhã, deveria estar dormindo e não olhando o horizonte à espera de um ataque.

Suspiro, aceitando a derrota. “Diria que foi um prazer, mas estaria mentindo novamente. Terei a certeza de registrar a Srta. Blythe a bordo corretamente. Mais alguma coisa?” Reprimo o desejo de bater o pé, duas, três vezes. Ou torcer o seu pescoço insignificante.

“Sim, há algo mais. Acho que uma inspeção de rotina está em ordem, não é?”

Engulo meu gemido. “Nada de novo para ver.”

“Oh, ouso discordar.” Ele sorri friamente. “Nunca gosto de perder uma oportunidade de inspecionar navios tão bons como esse sob minha responsabilidade.” Ignorando-me, ele aponta para Pim. “Passe seus dados para o meu colega, senhorita.” Com um sorriso pomposo em seu rosto marcado pelo tempo, ele esfrega as mãos. “Agora, capitão. Passe-me os diários de bordo e destranque as portas. Vamos ver o que têm feito desde nossa última visita.”

* * * * *

Três horas.

Três longas e intermináveis horas até a guarda costeira finalmente satisfazer a sua curiosidade.

Os membros da equipe voltaram da sala-cofre e confirmaram seus direitos de navegarem com o diário que fornecemos em cada porto. Oficiais marítimos assinalaram seus nomes num registo e verificaram se os passaportes e vistos ainda estavam válidos.

Fiquei com Pimlico quando ela entregou sua libertação da Polícia de Mônaco e a declaração assinada provando que nenhum crime foi cometido.

Jolfer mostrou nossos roteiros e atividades anteriores, enquanto outra equipe de homens inflados de falso poder, graças a seus uniformes, invadiu cada quarto no Phantom.

Enquanto isso, esperei as acusações.

Efetivamente, por volta do amanhecer, fui chamado para uma reunião com o chefe OM quando ele listou as armas extras que instalei e não avisei.

A multa foi substancial. O tapa no pulso bastante doloroso.

Durante toda a inspeção, consegui manter o meu corpo imóvel e reto — desmentindo a raiva no meu estômago. Meus dedos, no entanto, não foram tão facilmente domados, e qualquer um observando, teria visto as notas musicais e cordas de violoncelo que pratiquei para manter meu cérebro focado e não ir em direções que não posso controlar.

Por volta das sete horas da manhã, Pim nota minhas mãos sempre em movimento. Seus lábios franzem, a testa franze - não apenas me observando dedilhar um acorde, mas me estudando como se estivesse tentando decifrar as respostas às perguntas complicadas que ela tem.

Ainda não consigo falar com ela sem querer estrangulá-la, então enfio meus dedos nos bolsos e caminho para o outro lado da ponte onde um guarda novato está tentando tabular os botes salva-vidas da tripulação e determinar se estão corretos.

Quando estamos bem e verdadeiramente invadidos, Pimlico recebe um passe temporário para entrar na Inglaterra, com a condição que ela fale com a imigração no momento em que desembarcar e peça uma substituição do passaporte.

Ela concorda, mas não tenho a intenção leva-la a um escritório cheio e desperdiçar mais um dia da nossa vida à espera de formulários para serem preenchidos.

Temos coisas para fazer. Lugares para ir. Pessoas para visitar. Não há tempo para quaisquer desvios no meu plano.

Meu estômago se agita com o pensamento do nosso primeiro encontro quando chegarmos a Grã-Bretanha. Ainda não contei a Pim que falei com sua mãe. E agora, não sei se me desculparei se ela ficar brava ou feliz porque se me der motivo, finalmente serei capaz de soltar a raiva causada por ela ser tão imprudente.

Minhas narinas abrem conforme a raiva fica mais quente. É provavelmente uma bênção que essa ladainha levou somente três horas. Deveria ter me dado bastante tempo para esfriar e ver sua chegada valente como idiota, mas de bom coração. Em vez disso, só me deixa pior, porque não fui capaz de gritar com ela com companhia.

Tudo o que sei é que ela se colocou no caminho do perigo. E se fosse o Chinmoku? E se ela tivesse corrido diretamente para uma bala destinada a mim? E se eles a matarem bem na minha frente? Ela não vê que a coloquei em algum lugar seguro para que pudesse ser quem preciso ser? Ela me deixa fraco e isso não pode ser tolerado quando se trata do meu passado.

Nunca.

Minha raiva vibra mais grossa e mais louca quanto mais tempo a guarda costeira leva. Quando finalmente saem, assentindo em aprovação e vão embora da porra do meu navio, sou uma maldita confusão.

De pé na proa, mantenho meus punhos cerrados contra as coxas conforme o barco da polícia se afasta com um banho de espuma. O Phantom se eleva sobre a desculpa deles para trabalhar, lançando-os numa sombra do novo sol.

Pim esgueira-se ao meu lado, protegendo os olhos com a mão para o brilho do novo dia.

No segundo, na porra do *segundo*, que a guarda costeira está suficientemente longe do meu território, a seguro pelo pulso e a arrasto pelo convés.

“El-” ela puxa, tropeçando e pulando no meu ritmo. "O que-"

“Nem uma palavra, Pimlico.” Consigo dizer. "Nem. Uma. Palavra."

Os funcionários nos veem chegando e desviam para outra direção. Jolfer nos vê e segura a língua. Selix estreita os olhos, mas dá um aceno firme.

Todos sabem que Pim está em apuros.

Até mesmo ela.

Ela fica em silêncio enquanto a arrasto pelos botes salva-vidas e aparelhos no spa do convés. Não paro até chegar ao meu quarto. Silêncio mortal é nosso método de comunicação conforme abro os controles deslizantes e a jogo para dentro. Girando, fecho as portas, tranco a fechadura, aperto o botão para ligar o vidro opaco, então falo. “Você cruzou a linha, Pim.”

Ela recua, seus pés nus lutando. Fogo verde arde em seu olhar, tentando negar seu crime, mas sabendo muito bem o que fez. “E-eu não sei do que está falando.”

“Você sabe *exatamente* do que estou falando.”

Seus dedos fazem o melhor para colar no carpete grosso, recusando-se a correr de mim, mas seu corpo continua balançando para trás como se meu temperamento a atingisse como o vento. "Estava preocupada com você-"

“E eu com você. É por isso que a coloquei no cofre.”

“Mas você estava em perigo. Se esses homens te machucassem... não posso ficar escondida num quarto enquanto eles mata-”

“Você pensa tão pouco de mim que serei eu quem morre e não eles?”

Ela congela, sua boca abrindo. “Não... mas é perigoso. Não posso tolerar o pensamento de você se machucar.”

“Exatamente!” Rosno. “Você não acha que é a mesma coisa para mim? Saber que estou te colocando em perigo apenas por te ter na minha vida? Que não posso lhe oferecer um futuro seguro até que eu tenha acabado com o meu passado?” Ando, fazendo meu melhor para não agarrá-la e sacudi-la com força. “Esta não é sua batalha, Pimlico.”

“É, no entanto, porque estou com você agora e não vou te deixar enfrentar as coisas sozinho.”

“Nunca diga isso.” Meus olhos estão em chamas. “Os erros que cometi não são seus. Entendeu?"

"Mas-"

"Sem mas! Você me desobedeceu. Eu a coloquei num lugar seguro, mas você saiu correndo como se pudesse me proteger. Esse é meu trabalho, Pim. Não seu. Você me *obedece*. Você faz o que eu digo.”

“Minha segurança não é seu trabalho, Elder.” Ela bufa com condescendência. “E se acredita que vou te obedecer em tudo ... bem-”

“Merda, você me testa.” Puxo meu cabelo, soltando a violência em mim e não nela. “Se fosse da minha equipe, eu a demitiria por ser insubordinada.”

“Menos mal que não sou da equipe.” Seu queixo levanta, arreganhando os dentes. “Eu não iria trabalhar para um homem como você.”

“Menos mal,” a imito, cerrado minha mandíbula, já me amaldiçoando por isso. Por estar tão tenso, meu controle está a segundos de explodir. Por me deixar tão obcecado com obediência, que estou prestes a quebrar todas as porras das regras e repreende-la como uma criança travessa e castigá-la inteiramente como uma mulher.

Como uma mulher por quem sou apaixonado.

Uma mulher com quem quero dormir.

Uma mulher que tento me negar repetidamente só para quebrar porque não posso lutar contra sua influência mais. Não posso suportar sua propagação na minha vida cuidadosamente estruturada.

“Menos mal o que?” Ela faz uma careta, sua garganta trabalhando, desmentindo sua luta com a verdade. A verdade é que ela está com medo de mim. Como deveria.

“Menos mal que não é minha funcionária.” Minha voz é um melaço grosso com uma ponta de lâmina. “Caso contrário, poderia me processar pelo que estou prestes a fazer.”

Sua respiração fica rápida e superficial. “O que *está* prestes a fazer?”

“Acho que seria chamado de assédio sexual.” Eu a sigo, parando antes dos seus membros travarem e a incerteza aparecer. Suas bochechas ficam rosadas com uma mistura de desafio e terror. Ela cambaleia em minha direção mesmo enquanto se inclina para longe; uma estranha luz iluminando seu interior.

Incrivelmente, sua luta e medo se transformam em reconhecimento, derretem em aceitação e solidificam em determinação.

Seu corpo inteiro passa de combate a convite em questão de segundos.

O fato de que ela pode me colocar para baixo, enquanto meu temperamento ameaça fazer o que outros homens abusivos fizeram, então, de alguma forma, muda para crepitante desejo e maior confiança quebra o resto do meu controle.

Lanço-me para ela.

Ela não foge.

Ela é leve quando a esmago contra mim.

Ela está ansiosa conforme minha boca bate na dela e cada pensamento explode para o nada.

Não há nada mais além de nós.

Sem guarda costeira, Chinmoku, funcionários, amanhecer, anoitecer ou qualquer coisa.

Somente ela.

Apenas Pim.

O barulho no meu cérebro cede de um milhão de coisas ao mesmo tempo em se concentrar na única coisa que ele quer acima de tudo, mas foi veementemente negado.

As correntes nos meus dedos caem conforme seguro seu seio. As cordas em volta da minha língua caem conforme eu a beijo profundamente. Os cadeados em volta do meu pau não têm chance quando fico duro pra caralho e me enterro contra sua barriga macia e quente.

Ela engasga quando a levo para a cama.

Suas pernas entrelaçadas com as minhas.

Nós tropeçamos.

Nós nos beijamos.

Nós nos agarramos.

Tiro-a do chão e caio sobre o colchão.

Caímos juntos. Ela embaixo. Eu no topo. Caímos em uma pilha de membros bagunçados e desesperados. Tudo está em chamas. Tudo está em dor. Dores e contusões – desejo torturante minando cada centímetro conforme meus lábios dominam os dela e suas mãos patinam nas minhas costas.

Paixão que nunca deixei entrar nos acende e faz *queimar*. Chama. Ardendo sob o domínio da saudade.

Suas pernas se separam, permitindo-me encaixar contra ela. Suas costas se curvam quando os quadris arqueiam, pressionando tudo o que quero lhe dar no único lugar que não consigo parar de desejar.

Suas unhas cortam minhas costas, fazendo minha pele queimar embaixo da camiseta branca que coloquei no primeiro sinal da guarda costeira. Minha calça de corrida não faz nada para evitar o calor nas minhas bolas ou limitar a necessidade rapidamente fora de controle.

Ultrapassei o senso comum ou a racionalidade.

Não tenho nenhuma supremacia ou domínio sobre minhas regras inquebráveis - elas viraram pó.

“Você me desobedeceu.” Mordo seu lábio inferior. “Você deliberadamente colocou-se em risco.”

Ela se contorce debaixo de mim. “Fiz isso porque me importo.”

Importa-se?

Porra, essa palavra é patética comparada com a riqueza de emoção que ela causa.

Preciso dela. Não consigo respirar se não a tiver.

De alguma forma, ela sabe disso sem eu falar. Suas pernas abrem mais, as unhas afundando mais nas minhas costas com comando dessa vez e não apenas reação. Ela balança contra o meu comprimento, gemendo baixinho, docemente, inteiramente sedutora.

Se fosse qualquer outra mulher, acharia que é uma forma tímida de dizer *'leve-me... agora'*, mas com seu passado, pode ser um grito de socorro. Mesmo na minha situação atual, não aceitarei seu convite a menos que tenha certeza...

Através da névoa vermelha no meu cérebro, faço o meu melhor para olhá-la e não ver sexo, sexo, sexo, mas uma mulher que roubou meu coração e, portanto, é devida a civilidade mesmo quando não tenho nenhuma.

Em vez de ver os olhos grandes de alguém desesperado para fugir ou a pele branca de alguém petrificado, ela parece suave e calma e pronta - o exato oposto de como me sinto.

Sua mão sobe para segurar minha bochecha - chocando-me com a ternura disso. “Elder... sou sua. Faça o que quer que precise.”

Engulo uma resposta suja. Uma frase terrível aceitando o presente dela mesmo sabendo como estou errado em fazê-lo, mas, em seguida, seus olhos cheios de amor, envolvem-me em redenção e aprovação.

Ela me derruba.

Caio sobre ela, arranhando, agarrando, maltratando, empurrando.

Meus lábios procuram os dela novamente conforme afasto nossos corpos e empurro minhas calças para fora do caminho. Não quero fazer isso tão rápido, mas não tenho escolha. Preciso estar dentro dela.

Agora!

Afastando a boca dela da minha, ela se contorce debaixo de mim, puxando a camisola por cima dos quadris.

Pele nua toca pele nua.

Estremeço, minhas bolas se apertando com ansiedade e o mais macio dos sussurros cai nos meus ouvidos conforme alinho minha ereção em sua entrada. A voz dela entra no meu cérebro como algodão doce. "Confio em você..."

E é isso.

As três pequenas palavras que a maioria dos homens mataria para ouvir. Mais do que *'eu te amo'* ou *'eu te adoro*.'

Confio em você.

Porque essa noção intocável e altamente tangível é inestimável e tantas vezes não merecida.

Confiança é a epítome do que uma mulher pode dar.

A confiança é Pim me dando carta branca para fazer o que quero, porque confia em mim para mantê-la segura. Posso beijá-la, foder com ela, fazer todo tipo de degradação e ela deixará porque *confia* em mim. Posso levá-la para nadar à meia-noite no grande oceano com predadores sob as ondas, e ela irá, porque *confia* em mim.

Ela irá me deixar perder-me nela e usá-la sem piedade de novo e de novo, porque confia que, eventualmente, posso parar. Que não vou machucá-la. Que não cruzarei certos limites.

Confio em você...

Cristo.

O fogo furioso no meu sangue de repente obstrui meus pulmões com fumaça. Tusso com horror, rastejando de volta para o precipício de onde quase saltei e cai em cima dela.

Não é o suficiente.

Ainda podia sentir cada curva de seus seios e cada engate de sua respiração. Estou muito perto do calor e umidade de sua buceta.

Agarrando a cintura da minha calça, a levanto conforme rolo de cima dela, caindo com meu braço sobre meus olhos, respirando martirizado de costas.

Ela não se move.

Ela não fala.

A cama balança conforme ela se senta hesitante e me encara. “O que - o que aconteceu?”

Você aconteceu.

Você e sua confiança perfeita aconteceram.

Não posso tê-la aqui por mais tempo. A necessidade de disciplina e minha raiva desapareceram.

Estou acabado.

Sento num movimento rápido, então pulo da minha cama. “Vá para o seu quarto, Pimlico.”

Ela puxa as pernas para cima, sentando-se sobre os joelhos - tão parecida com a primeira vez quando exigi uma noite com ela e passei a maior parte do tempo vasculhando sua mente. Suas mãos enrolam como uma bola contra o seu estômago. "Simples assim?"

Olho o teto e não para ela. "Simples assim."

"Mas por que?"

“Porque não posso ter você por perto agora.”

Seu olhar vai para o armário onde guardo o meu violoncelo. "Você vai tocar?"

O pensamento de palhetas e arcos não faz nada para acalmar o caos na minha cabeça. Arranhando as unhas sobre o meu couro cabeludo, balanço a cabeça. "Não."

O que tenho que fazer para domar a necessidade se rebelando no meu sangue? Como exterminar a culpa ácida nas minhas veias?

“Você pode me tocar.” Sua voz suave vacila como se sua oferta não fosse dada inteiramente de bom grado. Como se a confiança a fizesse dizer isso e não sua luxúria. Dor e confusão mais uma vez passam por seu olhar.

Eu fiz isso.

Tomei sua confiança e a coloquei em dúvida.

Virando para ela, aponto para a porta. "Saia."

"Mas-"

"Mas nada. Saia. Agora.” Não consigo olhá-la sem quebrar. Não posso tocá-la sem quebrar. Preciso tanto dela, mas não posso tê-la. Ela confia em mim para mantê-la segura. Este sou eu honrando essa confiança, mesmo quando ela me pede para quebra-la.

Ela é o pior tipo de criatura.

Nunca confie em mim, Pim.

Eu não confio em mim.

Minha família não confia em mim.

Nunca confie em mim, porra.

Lentamente, ela desce da cama e vem na minha direção.

Viro-me, ficando de costas para ela, fazendo meu melhor para manter a barricada e o pedido frio para ela sair.

Ela suspira baixinho. “Eu não quero ir. E acho que você não quer que eu vá, também.”

“Não importa o que quero.”

“Importa, El.” Seu toque pousa no meu ombro me fazendo tremer de desejo. Meu estômago se contorce conforme a afasto. “Tudo importa.”

A agressão na minha espinha virou arame farpado quando a palma da sua mão volta, aquecendo os músculos, entregando amor mesmo quando sou cruel.

Por favor, Pim ... saia.

Pressionando sua testa contra minhas costas, ela murmura, “Eu quero te dizer uma coisa.” Sua voz permanece baixa como uma canção de ninar, como se pudesse de alguma forma me convencer a voltar para a cama e provar que ela tem razão em me dar sua confiança.

Não aceito essa ideia.

Não relaxo apesar de me matar não virar e tomá-la em meus braços. Quero pedir desculpas e explicar, mas não posso, porque, como dizer que ganhar sua confiança é a única coisa que nunca quis segurar? Que preciso que ela me trate com desconfiança. Quero que ela esteja constantemente ciente de mim, para nunca abaixar a guarda.

Posso me apaixonar por ela, mas nunca poderei confiar nela porque nunca poderei confiar em mim mesmo.

Antes que possa manda-la sair novamente, ela sussurra para minha tensão, “Tenho uma teoria.”

Minhas orelhas levantam apesar de tudo. “Uma teoria?”

Seus lábios pousam na minha coluna, almofadas quentes gêmeas ligeiramente úmidas e trêmulas. Ela fala nas minhas costas. “É apenas uma teoria, e como todas as teorias, precisa ser testada. Mas... eu quero testá-la.”

Beija um caminho em volta da minha caixa torácica pelos lados, ligeiramente fazendo cócegas, ela muda para a minha frente, onde meu dragão chia. Fico congelado no tapete enquanto seus olhos suplicam aos meus. “Preciso de você tanto quanto você precisa de mim. Não quero sair. Eu quero ficar. E quero te beijar, tocar e deitar com você em cima de mim. Quero fazer sexo com você. Acho que você quer isso também e minha teoria é que se você deixar acontecer-”

Seu toque me coloca sob seu feitiço só para quebrar no segundo que ela diz *‘deixar acontecer*.'

Fico ereto, dou um passo para trás e quebro seu domínio sobre mim. “Você espera que eu deixe acontecer?” Rio com descrença. "Simples assim. Vou estalar os dedos e... *deixar* ir.”

“Sim.” Ela assente com a cabeça. “Deixe qualquer desejo dentro de sua mente solto. Não tente lutar contra. Não tente controlá-los. Apenas ... fique comigo. Dê-me tudo."

Sorrio friamente, apertando a ponta do meu nariz para tentar combater a dor de cabeça causada por sua insanidade. “Nunca sairíamos deste quarto novamente.”

Suas mãos fecham. “Não acredito nisso.”

“Não acredita que não serei capaz de parar? Que não te arruinarei? Que não vou tirar proveito de você?” Sorrio novamente com todo o ódio que sinto por mim mesmo. “Sei o que acontecerá Pim e não estou disposto a ser seu pequeno experimento para provar que estou certo e você errada.”

Ela aperta os lábios, um toque de raiva destacando suas bochechas de querubim. Seu cabelo brilha por causa da claraboia acima, a luz do sol ao redor dela como se fosse uma deusa inocente tentando me seduzir para a condenação. “Isso é no que você acredita. E sobre o que *eu* acredito?”

“O que *você* acredita?”

A única coisa em que posso acreditar é como essa mulher é insensata. Ela precisa sair. Em vez disso, ela está lá, tendo a ousadia de debater comigo uma condição que conheço por dentro. Tentando me ensinar minhas próprias malditas teorias quando ela não tem ideia do que está falando.

Minha testa franze, aprofundando a dor de cabeça. “Diga-me, vendo como me conhece tanto em poucos meses. Diga-me o quão errado estou e dramatizando demais essa condição depois de viver com isso por toda minha vida inútil.” Aceno minha mão condescendente. “Por favor, vá em frente.”

Ela fecha os dedos como se reunindo coragem. “Você acha que vai cair na obsessão. Você acha que vai-”

“Já errou. Eu não acho. Eu *sei*. E obsessão é uma palavra muito leve.”

“Qual usaria, então?”

Dou uma gargalhada para o teto. "Não sei. Vício de consumo de vida? Abdicação de senso comum?”

“Seja o que for-” Pim rosna. “Você mesmo disse que encontrou maneiras de dominá-lo. Não o vejo obsessivamente limpando, dobrando ou pequenos tiques e espasmos que não pode impedir.”

“Isso é porque não olhou o suficiente.” Mesmo agora, meus dedos se contraem num acorde de um A menor para B bemol, dividindo meu cérebro em duas metades para não poder formar um pensamento conciso e me dominar. Essa é uma ferramenta que sempre uso, desde criança.

Seus lábios se apertam em frustração quando ela olha para meus dedos em constante movimento. “Eu olho mais do que pensa.” Ela me olha de cima a baixo quase com pena. Maldita pena. “Tenho te observado, Elder, e tenho minhas próprias teorias sobre você.”

“E até agora essas teorias têm sido inteiramente baseadas em fantasia e não em fatos.”

Ela balança a cabeça tristemente. “Não acho que sejam. E estou disposta a testá-las. E me usar como experimento se isso significa ajudá-lo.”

“Ajudar-me?” Rosno. “Eu disse, não preciso de ajuda.” Quanto mais tempo esta conversa continua, mais fraco me torno. Já sou uma fraude - admito isso. Ela cortar meus joelhos e me fazer cair ainda mais não é somente cruel, é bárbaro.

Apontando para a porta, amaldiçoo o tremor no meu braço. "Saia. Agora."

"Eu irei. Desta vez.” Suas bochechas aquecem. “Mas da próxima vez? Não vou te deixar dizer não.”

“Da próxima vez?” Rio. “Não haverá próxima vez. Isso foi um erro causado por você me desobedecer.”

Ela se dirige para a porta, olhando por cima do ombro. “E como disse antes... se acha que vou obedecer em tudo ... bem.” Ela sorri tristemente. “Respeito você, Elder. Gosto de você e estou disposta a confiar em você para ver se podemos trabalhar juntos e ter um outro elemento com essa conexão entre nós. Mas se acha que não vou desobedecê-lo novamente? Se acha que não vou correr para seu assessor quando tentar me banir ou que não vou falar o que penso quando estiver sendo um idiota, então pode muito bem seguir a todo vapor para a Inglaterra e dizer adeus, porque garanto que isso é apenas o começo. Encontrei minha voz, e sob nenhuma circunstância vou calar a boca só porque você não quer ouvir a verdade.”

“Caralho.” Vou em sua direção. “Não tenho paciência para colocar senso na-”

Ela ergue a mão, dando um passo atrás pela porta como se eu fosse um touro furioso e ela a bandeira vermelha brilhante que quero rasgar em pedacinhos. “Você não precisa de paciência. A minha foi embora de qualquer maneira, então eu vou também. Mas tenho uma teoria. Vou dizer quantas vezes for necessário. Esta teoria é baseada em fatos, linguagem corporal e outras ferramentas que minha mãe me ensinou – não fantasia ou capricho. Pode não gostar dela. Pode argumentar contra até ficar desmaiado no chão. Mas um dia *vou* descobrir se essa teoria está correta.” Seus olhos brilham com tenacidade. “Vou colocá-la à prova, e então um de nós terá que fazer ao outro um enorme pedido de desculpas.”

Cruzo os braços para evitar colocar os dedos em seu pescoço.

Quem é esta atrevida autoconfiante enviada para me prejudicar? Como ela me deixa tão duro e meus ossos frágeis e corpo totalmente estranho e vivo?

Forço-me a falar, “Vamos ver sobre isso.”

“Sim, nós vamos.” Com o queixo erguido, ela me dá um pequeno aceno. “Boa noite, Elder. Espero para o nosso bem que durma bem esta noite.”

“Posso dizer com segurança que não vou.”

"Eu também não."

"Bom."

"Bom!"

Fazemos careta. Mais argumentos juvenis ardem em minha língua. Quero pegar o seu braço e arrastá-la de volta para o quarto. Quero agarrar seu cabelo e beijá-la de forma estúpida.

Mas com uma fungada condescendente, ela olha mais uma vez para a ereção extremamente visível na minha calça, joga o cabelo sobre o ombro e caminha pelo corredor sem olhar para trás.

Bato a porta.

E não durmo a porra de uma piscada de olhos.



Capítulo Vinte e Quatro

Pimlico

INGLATERRA.

A terra do meu nascimento.

A terra de meus pais - um morto, um na cadeia.

A terra da minha morte e escravidão.

Velejar em South Hampton me enche de medo em vez de retorno para casa. Por que estou aqui quando meu apartamento de infância foi vendido, minha mãe está presa por mais de vinte anos e não tenho uma amiga com quem ficar?

Elder se junta a mim no convés conforme o Phantom lentamente sai do mar aberto para a costa sombria de uma cidade industrial. Um chuvisco cai das nuvens acima; uma memória perfeita dos humores mercuriais da Inglaterra. Já sinto falta da ondulação suave do oceano e o sol sem impedimentos salpicando o navio com raios.

Desde nossa discussão há dois dias, Elder cuidadosamente me evitou. Peguei-o fumando um baseado fora de seu quarto na noite seguinte. Dividimos um jantar muito artificial e meio que esperei que ele me encontrasse no barco salva-vidas e parasse para olhar as estrelas uma vez que acabasse de fumar e fosse gentil o suficiente para estar perto de mim sem querer gritar.

Mas ele não fez.

Olhei as estrelas sozinha.



E minha raiva e mágoa cresceram de uma picada irritante para uma contusão latejante.

Tivemos nossa primeira discussão e ninguém pediu desculpas ou caminhou para acabar com a rixa.

Não estou acima de ser a primeira a admitir a derrota e retirar minha ameaça de testar a teoria inconclusiva. Isso é - se Elder parar de me evitar ou, quando estiver na minha presença, parar de aumentar o constrangimento com comentários mundanos sobre gaivotas, manutenção do navio e os próximos empreendimentos em terra.

Ele diz que está exausto de viver do jeito que vive. Bem, estou exausta de implorar-lhe para se apoiar em mim um pouco e me perdoar por querer estar ao lado dele quando o perigo aparece. Não vou pedir desculpas por desobedecê-lo, e definitivamente não pedirei desculpas por correr para o seu lado.

Isso devia fazê-lo sentir-se amado, não sufocado.

Meu sangue congela de novo com aborrecimento, persuadindo-me a dar um gelo nele, mas a Inglaterra se espalha diante de nós. Temos que nos entregar a conversas e suportar passeios turísticos.

O que quer que aconteça no futuro, hoje tem que ser o momento em que arrancamos os Band-Aids de nossas feridas e limpamos o ar.

Algo vai quebrar se não o fizermos.

Algo já está se desgastando.

Não posso continuar a acenar a bandeira branca sem avançar, porque não podemos continuar a coexistir desta maneira. As barricadas e distância só funcionaram quando ainda estava me curando mentalmente, fisicamente e sexualmente. Elder pôde me segurar em seu barco porque

não tinha me curado o suficiente para dizer-lhe quem realmente era.

Inferno, até recentemente, tinha esquecido quem era. Ou talvez eu tivesse sido roubada muito jovem para desenvolver plenamente quem deveria ter me tornado.

Poderia nunca saber quem Tasmin é. Agora, fui moldada por essas experiências que fraturaram a antiga eu. Perseverei, amadureci e descobri que tenho um temperamento para brigar com o dele. Tenho sonhos para desafiar os dele. Tenho necessidades que correm paralelamente às suas, se ele confiasse que posso lidar com o que quer que ele me dê.

Dando um olhar para ele, meu coração para um pouco conforme a brisa do mar emaranhava seus cabelos escuros, e a garoa cinza adiciona gravidade ao rosto já grave. Seu nariz, as bochechas, seu queixo com começo de barba - tudo grita a mesma mensagem que seus olhos: fico no meu lugar e não desvio. Não deixarei a vida mais difícil do que é mesmo que isso possa ser ótimo se eu realmente desistir e tentar.

Apenas tentar.

Se ele está tão aterrorizado por dormir comigo sem nenhuma barreira final e em seguida dizer a Selix para ficar perto com uma arma tranquilizante. Colocar seguranças a postos para experimentar diferentes métodos, porque o que ele está usando atualmente... não funciona.

Para qualquer um de nós.

Curei-me o suficiente para que a distância não fosse mais bem-vinda, e pena para ele, aprendi a lê-lo e sei que não quer ficar longe de mim.

Para uma menina que implorou por uma vida sem conexão física após o estupro, mudei de ideia rapidamente quando se trata dele. Minha adaptabilidade surpreende até a

mim. Minha tenacidade para seguir em frente, deixando a escuridão para trás, onde não tem poder sobre o meu futuro é minha verdadeira força.

Posso não ter músculos para dominar o mal, mas tenho força de pensamento para garantir que não seja abatida. Já não quero ser Pimlico, a ratinha. A garota que pode ter dentes, mas é ainda mais feliz em não usá-los.

Quero mais do que isso.

Meus dentes viraram presas.

E embora esteja livre do meu passado, ainda sou prisioneira.

Elder agora é meu mestre e ainda estou numa gaiola.

Quero sair dessa gaiola.

Não sei como assumimos os papéis para os quais fomos projetados, agora que abri meus olhos, é dolorosamente óbvio.

Posso estar em uma gaiola pelos seus atos, mas ele está numa gaiola de sua própria fabricação. Uma gaiola onde nasceu apenas pela maneira como seu cérebro se formou desde o ventre. Não é culpa dele e tenho que me lembrar para não tomar seu mau humor ou teimosia pessoalmente.

Minha teoria de que ele pensa em trios - meu conceito baseado em observar seus dedos dançando e a valsa comum sempre quando faz algo... está desesperada para ser testada.

Se ele me ouvisse, teria dado a ele minha hipótese. Teria listado todos os motivos pelos quais acho que vai funcionar. Gostaria de salientar que o que quer que ele faça é rebatido facilmente no momento em que ele atinge esse número mágico.

A obsessão também tem leis.

Só preciso aprender mais sobre isso para convencê-lo.

"Mais de dois anos e está finalmente em casa," Elder murmura, seus ombros arredondando conforme afunda mais profundamente na jaqueta de pele que usa. O tecido marrom fica mais escuro com pequenos círculos conforme a névoa constante vira chuva.

Também uso uma jaqueta – a minha até as coxas com um grande cinto e uma fivela enorme. Roupa já não é opcional, mas desejada - especialmente para afastar o frio familiar na Inglaterra.

"No entanto não parece como se estivesse fora um dia." Continuo olhando o horizonte, recusando-me a vê-lo. Meu coração soluça com a verdade. Tudo o que aconteceu e a razão para eu ter estado longe por tanto tempo é de repente nada mais do que um único parágrafo numa longa carta da minha vida.

Dois anos não são nada.

Podem ser riscados fora, apagados ou rasgados da página e queimados.

A Inglaterra não significa nada para mim porque ela tomou tudo com o que me preocupei e me expulsou. A única coisa que quero aqui está trancada e fora de alcance.

Você não pode risca-lo fora, no entanto.

Olhando para Elder, não acho que posso um dia apagá-lo ou rasgar as cartas que ele escreveu no meu coração. Não importa o quanto ou quão pouco tempo passamos juntos.

Ele é permanente. Printado. Tatuado.

E se não começar a confiar em mim para compartilhar sua vida e ajudá-lo, ele também será jogado ao mar.

Seus lábios apertam conforme olha o porto e os outros navios atracados ao longo da costa. Não há barcos de

propulsão a vapor ou navios de carga movidos a carvão nestes dias, mas a névoa da classe trabalhadora pinta South Hampton com uma luz sombria, não importa o novo brilho e glamour dos restaurantes e cafés misturados aos armazéns que estão em pé durante séculos.

Um relógio enorme, alojado em sua torre de tijolos coberta de carvão bate duas horas.

Elder rapidamente olha o relógio, uma carranca aparecendo em seu rosto. “Merda, estamos atrasados.”

"Atrasados?"

“O baile Hawks é hoje à noite.”

Meu coração dispara. “Hoje à noite?” Olho o sobretudo preto que uso, escondendo o vestido simples azul de manga comprida embaixo. Pareço parte da herdeira elegante chegando na sua ilha cara flutuante, mas sob o tecido rico de lã pesado, não uso roupa de baixo.

Ainda sou um pouco selvagem. Ainda uma pagã de coração. Mais feroz do que provavelmente devo ser e lentamente reaprendendo quem sou. Posso não ser Tasmin e estar saindo de Pimlico, mas ainda não sei quem quero ser.

Tenho opiniões. Quero expressá-las.

Tenho sonhos. Quero vivê-los.

Tenho desejos. Quero desfrutá-los.

Tenho medos. Quero matá-los.

Sou tão diferente de todo mundo ou sou normal? Sou sã no meu desejo de colocar minha segurança em risco para provar um ponto a Elder? Qualquer mulher apaixonada faria o mesmo por uma chance de consertar quem quer? Há outras garotas que odeiam o aperto de elástico e rendas? Que nunca terminaram a universidade? Que foram iniciadas no sexo da pior maneira possível, apenas para descobrir que em seus

próprios termos, ela é uma fêmea de sangue quente que precisa de sexo em sua vida? Que precisa ser tocada, beijada e sentir um homem enchendo-a?

Sou tão diferente?

E se eu for exatamente igual ao que me faz projetada para Elder?

Por que acho que tenho o direito de conserta-lo? Por que acredito que posso testar uma teoria boba? Outra mulher faria tal coisa?

Como alguém encontra uma alma gêmea se somos todos iguais?

“No que está pensando?” Elder vira para mim, sua sobrancelha levantada e os lábios meio inclinados. O sorriso não alcança seus olhos como se tivesse se colocado atrás das grades e estendido a mão para mim por trás delas em vez de me dar uma chave para me juntar a ele.

Afasto-me de tais perguntas irrespondíveis. "Nada."

“É alguma coisa.”

"Nada importante."

“Seu rosto parece como se estivesse tentando resolver os problemas da fome no mundo.”

Dou de ombros, consciente que minha mente torceu numa tangente. “Nada tão importante quanto isso.”

Ele faz uma pausa, os olhos procurando os meus, fazendo seu melhor para ir além dos meus segredos. Lentamente, sua mandíbula aperta e ele coloca a mão sobre a minha na balaustrada. Lambendo seu lábio inferior, ele sussurra, “Você está feliz?”

A pergunta não é algo que espero. Meus olhos travam nos dele, cautelosos, protegidos, mas rogando-lhe para me

deixar roubar seus segredos. O que o deixou tão incerto que ele teve que perguntar? Sou mais feliz que jamais estive, e tudo graças a ele. Minha voz combina com a dele em decibel. "Por que pergunta?"

“Porque preciso saber.”

Deveria tê-lo tirado de sua miséria, mas respondo a sua pergunta com outra. “E quanto ao que eu preciso saber? E isso?”

Seus dentes rangem, entendendo instantaneamente o que sugeri. “Sua teoria?”

"Sim."

Tirando a mão da minha, ele aperta os dedos no corrimão como se desejando que fosse meu pescoço que ele torce. Ele olha de volta para o porto. Sua altura lhe dá vantagem, me impedindo ver seus olhos e decifrar o humor tempestuoso.

Ele parece tão forte e inabalável - um verdadeiro desastre em forma de gente esperando para causar estragos em qualquer coisa e todos, mas agora que comecei a olhar... *realmente* olhar, vejo dor profunda até os ossos debaixo daquela raiva. Provo a dor esmagando sua alma sob o temperamento. E sinto o desejo ardente, não por prazer corporal, mas pela beleza de deixar acontecer completamente e cair.

Apaixonado.

Ardendo de desejo.

Entendo mais do que ele sabe.

Talvez seja isso que me faz perfeita para Elder onde nenhuma outra mulher vá entender? Passei pelo meu próprio trauma. Aprendi as facetas mais sombrias e a menor das

menores. Sei que tipo de pessoa sou quando confrontada com o mais puro veneno e sei o quanto luto para sobreviver.

Poucas pessoas sabem as respostas para essas lições - com a sorte de uma vida fácil ou a falta de horizontes - mas *eu* sei.

Entendo quem sou nos piores momentos.

Só preciso saber quem sou nos melhores.

Elder é como eu. Ele sabe o quão errado pode ser. Como suas falhas o transformam de perfeito para perigoso e o que acontece quando ele deixa acontecer.

Ele nunca poderá ser normal, mas ao contrário de mim, não cataloga tudo o que sabe de si como uma força. Ele as olha como derrotas. Ele não entende a si mesmo; portanto, nunca poderá saber como pode estar nos melhores momentos.

Quero mostrar a ele.

Quero uma vida onde eu seja alguém coerente, sexual e capaz de rir de um estranho e não me esconder nas sombras. Quero um sonho onde seguro a mão de um homem que os outros podem chamar de quebrado e beijá-lo sem medo da sua mente estourar ou nossa confiança quebrar.

"Não vou empurrá-lo, Elder. Mas saberei as respostas... logo."

"Não se eu deixá-la aqui."

Meu coração para. "Você *quer* me deixar aqui?"

Minha pergunta é um poço cheio de pontas afiadas prontas para atacar. Se ele responder com sinceridade, será espetado com o conhecimento que não irei deixá-lo manter as paredes entre nós. E se ele mentir, estará perdido porque já sei que não quer me deixar.

Ele conhece tão bem quanto eu a dor de estar distante e a esmagadora sensação de injustiça quando não estamos ao lado um do outro. Qualquer coisa é melhor do que isso. Incluindo ser empurrado por quem não quer afastar.

Ele engole em seco, olhando o horizonte cinza. “Sabe que não quero isso.”'

A agonia retumbante no seu tom reinicia meu coração num ritmo totalmente orquestrado por ele. Ele pode tocar o violoncelo, mas neste momento, dedilha minha alma e faz as cordas vibrarem através de mim.

Pressionando contra ele, coloco minha mão sobre a dele, mais uma vez tomando a iniciativa de tocar e interagir e falar. Fiquei tanto tempo em silêncio e agora é natural conversar com ele.

Ele.

Este homem que quero que seja meu mais que tudo. “Você sabe que não vou parar. Se isso me torna egoísta e cruel... que seja. Estou fazendo isso por outros motivos além dos meus.”

Sua cabeça pende. "Eu sei."

“E sabe que sou forte o suficiente.”

Ele fecha os olhos. “Essa é a parte que me assusta.”

“Todas as coisas que valem a pena são aterrorizantes.”

Ele bufa baixinho, olhando para mim com o cabelo preto azulado dançando sobre a testa. “Então deve ser a melhor coisa na terra, Pimlico, porque você me petrifica pra caralho.”

Minha barriga dança, arranhando-me para liberar a vibração de mariposas e coisas com asas. Para subir em seu corpo alto e reivindicar sua boca. Para sussurrar contra os seus lábios todo tipo de promessas - algumas que tenho a

força para guardar e outras que ainda sou muito frágil para conceder.

Mas não posso fazer qualquer uma dessas coisas conforme Jolfer entra na nossa paixão, estourando-a como uma agulha faria numa bolha. “Senhor, atracaremos em quinze minutos. O carro está preparado e pronto para ir. Selix já tem seu itinerário e os compromissos que pediu ao pessoal estão organizados.”

Elder se arruma, retornando das profundezas da meia-noite de seus olhos para a triste garoa inglesa. “Obrigado, Jolfer.”

Jolfer, com seu rosto gentil e envelhecido, assente com a cabeça educadamente, bate na testa para mim em respeito, em seguida, segue suas obrigações em levar o Phantom para um merecido descanso.

Incapaz de voltar para o lugar profundamente puro que estávamos antes, pergunto. “Compromissos?”

Elder rola o pescoço como se fazendo seu melhor para esconder o que acabou de acontecer e realinhar-se no agora. “Vestido apropriado para você. Smoking apropriado para mim. Em seguida, cabelo e maquiagem antes do baile de máscaras em Hawksridge.”

“Por que tem que ser máscaras?”

Odeio não ser capaz de ver os rostos das pessoas... ver suas conspirações.

“Sou da mesma opinião. Se não fosse pelo trabalho, eu cancelaria.”

Muito longe, memórias de máscaras de papel machê e homens sem rosto dando lances por mim no leilão escorrem como piche. Brigo contra tais coisas. Esta noite será diferente. Esta noite, estarei com Elder e segura.

Forçando-me para a claridade, cutuco seu ombro com o meu. “Vou ganhar um vestido novo?” Sorrio como se fosse superficial o suficiente para só me preocupar com um guarda-roupa.

Ele não compra isso. “Da próxima vez que fingir excitação, tente fazê-lo sobre algo que sei que não odeia.”

Rio baixinho. “Não odiei quando me fez usar aquela lingerie.” Coro e olho para o convés polido debaixo dos nossos pés. “A maneira como olhou para mim... fez a claustrofobia valer a pena.”

Elder respira fundo pesadamente e cheio de lamento – isso fura meu coração com inúmeras flechas, suas hastes sem penas tremendo dolorosamente.

“Eu...” ele aperta a parte de trás do seu pescoço enquanto os ombros relaxam. “Porra, Pim.”

Por alguma razão, lágrimas ardem nos meus olhos. Não são lágrimas de tristeza, mas de frustração. Tenho o poder para aliviá-lo de seu stress, se ao menos ele confiasse em mim como confio nele.

O instinto diz para eu me afastar, mas luto contra e oscilo para ele ao invés.

Ele congela conforme passo meus braços em volta dele, me contorcendo entre ele e o corrimão para colocar a cabeça contra seu peito. Fico tensa quando seu coração enche meus ouvidos. Não é o trovão constante que espero, mas uma tempestade com relâmpagos. Rápido e fugaz como se ser tocado por mim fizesse seu coração trabalhar o triplo para mantê-lo em pé.

Ele apoia o queixo no meu cabelo enquanto os braços hesitantes me envolvem.

Ficamos assim por não sei quanto tempo. Respirando um ao outro. Ouvindo os estragos que causamos no corpo

um do outro. Incapazes de dizer o que realmente queremos, mas sabendo de qualquer maneira.

Finalmente, ele beija meu cabelo, murmurando: “Há um compromisso que não é tão superficial. Ele não inclui roupas ou maquiagem ou bailes ridículos chamativos. Vai comigo?"

“Irei a qualquer lugar com você.”

“Nesse caso... vamos.”

* * * * *

Estou fora de uma entrada indescritível, obscurecida por torres. Arame farpado e correntes altas brilham na chuva, cercadas por paredes de tijolos e janelas pintadas de branco.

Poderia ser qualquer edifício corporativo: um hospital, uma universidade - algum lugar onde fios e pontas são necessários para manter seus habitantes seguros, não para prendê-los dentro.

Prefiro pensar dessa forma: uma escola. Uma escola onde minha mãe ensinou e estudou seus pacientes criminais favoritos, mergulhando nas mentes dos psicopatas antes de caminhar de um lugar tão deprimente e ir para casa para um apartamento quente cheio de familiaridade confortável.

Mas não é uma escola, e isso não é uma fantasia.

Nunca entendi o amor da minha mãe de mergulhar profundamente no que forma um carrapato criminal e agora... *ela é um deles*.

Hesito quando Selix bate a porta do carro atrás de mim e Elder estende o braço. Não sei o nome da prisão ou mesmo o subúrbio para onde fomos levados.

Tudo que Elder me disse é que é importante e para confiar nele.

Na maior parte do caminho através das autoestradas congestionadas inglesas e depois nas estradas pitorescas da aldeia, ponderei sobre a hipocrisia de tal pedido.

Quando lhe dei minha confiança na noite que a guarda costeira veio, ele se fechou para mim e se recusou a dormir comigo. Ele agiu como se dar-lhe minha confiança fosse uma abominação.

No entanto, aqui está pedindo o mesmo presente que jogou na minha cara.

"Pim?" Sua voz suave interrompe meus pensamentos.

Pisco, trazendo-o em foco, em pé com o braço vazio e pedindo minha mão, seu olhar suplicando para eu *confiar*.

Tremo conforme um vento gelado chicoteia pelos cantos duros da cadeia. Minha mãe está lá. Ela está lá por causa de algo que fez por mim. Estou tão perto de vê-la, mas a culpa me faz recuar. "Eu... por que me trouxe aqui?"

Ele não precisa me dizer quem estamos aqui para ver ou como conseguiu isso. Soube no momento que coloquei os olhos neste lugar. Este lugar abriga minha mãe assassina.

Não preciso saber *como*. Preciso saber o *porquê*.

Por que?

Especialmente quando ele leu minhas notas para Ninguém. Ele viu o quanto eu a culpei pelo que me aconteceu. Ele testemunhou o ódio colocado em lugar errado, que joguei nela no modo que meu lápis rabiscou mais forte quando eu escrevi o nome dela.

Joguei por aí a fantasia de visitá-la, mas na realidade... eu não estou pronta.

Duvido que jamais estaria pronta.

“Porque ela pediu para te ver,” Elder murmura. “E mais importante, você precisa vê-la.”

“Ela perguntou por mim?” Balanço a cabeça, meu cabelo enrolando em volta do rosto como se me protegendo da violação da intromissão dele na minha vida. "Quando? Como?"

Ele estremece, soltando o braço desconfortavelmente. "Eu liguei para ela. Deixei uma mensagem dizendo quem era e que estava segura. Não achei que ela fosse me ligar de volta.”

“Mas ela ligou?”

"Ligou."

“E?” Exclamei. “O que disse a ela?”

Oh Deus... imagine se ele disse tudo a ela? Como me encontrou com Alrik a dias de cometer suicídio. Como minha língua estava metade cortada. Como meus ataques de pânico me deixaram tão fraca.

Ela está na prisão. Ela não precisa de tais pensamentos terríveis quando já vive num lugar terrível.

Elder anda lentamente na minha direção, remorso aparecendo em seu rosto bonito. “Sinto muito que não lhe disse. Sei como isso deve te fazer sentir.” Ele balança a cabeça com uma tosse severa. “Se alguém falasse com minha mãe em meu nome... eu ficaria puto.” Raiva queima em seu olhar, dirigida a si mesmo. “Realmente sinto muito, Pimlico, mas tem minha palavra, nem uma vez contei a ela como nos conhecemos, de onde veio ou o que temos feito desde que encontramos um ao outro.”

Sua mão se arrasta para fora, roçando a minha levemente. “Ela não sabe nada além de que está viva. O resto é com você para dizer... se e quando estiver pronta.”

Afasto meus dedos dos seus. “Mas as coisas que pensei sobre ela... o ódio que guardei enquanto aquelas coisas eram feitas-”

Elder avança, pegando minha mão e apertando-a com força. "Pare. Você não sabia. Você estava sozinha. Você foi abandonada aos caprichos daquele desgraçado. Não sabia que era amada e procurada. Assim como ela não sabia o quanto te amava até você sumir. Ela não mostrava e isso te fez duvidar.” Ele segura minhas bochechas, pedindo-me para compreender. Seu rosto duro e mordido pelo vento, mas ainda tão adorável. “Você não fez nada de errado.”

Engulo o nó na garganta. "Eu fiz. Eu a culpei... por tudo isso.”

Continuo a fazer mesmo quando não devo.

“Culpar é bom. Precisa de alguém para culpar.”

“Eu o culpo também.”

"Ele merece. Ele merece apodrecer no chão de sua cozinha pela eternidade.”

“Mas como posso olhar para ela sabendo o que fez por mim, enquanto todo o tempo nutria suspeitas de que ela poderia ter sido quem armou isso? Que inventei ideias que era apenas um experimento para ela ver como sua filha reagiria com os mesmos monstros que ela estuda?”

Elder me puxa para perto, me colocando contra sua jaqueta quente. “Porra, Pim.”

Tremo, derramando minhas mais sombrias confissões - mesmo as que não ousei escrever nas minhas notas a Ninguém. “Eu a odiei por não me abraçar como as outras

mães. Eu a desprezei por fazer parecer errado que eu queria ser uma menina brincando com bonecas. Dizia a mim mesma que eu tinha sorte de ser tratada como uma igual e adulta, mesmo quando era nova o suficiente para ter medo do escuro. Em vez de me balançar para voltar a dormir, ela me dava livros para ler sobre a psicologia do motivo pelo qual as crianças se fixam em coisas que não podem machucá-las. Que as fobias por coisas irracionais podem ser superadas se a pessoa crescer e enfrentar o que realmente têm medo."

A jaqueta de Elder é quente e inebriante como o sabor de incenso que ele carrega na pele. O aroma rico entra no meu nariz, fazendo seu melhor para me acalmar quando não mereço ser acalmada.

Minha voz fica fraca. "Tudo o que queria é um pequeno sinal de que ela me amava e muitas dessas inseguranças infantis iriam embora."

"Nós amamos de nossas próprias maneiras, Pim." Sua voz é profunda e rica, totalmente apaziguando, enquanto, ao mesmo tempo, não faz nada para acalmar os nervos. "Você precisa se perdoar por pensar essas coisas, assim como precisa perdoá-la por te fazer se sentir assim."

Empurrando-me para fora de seu abraço, ele cutuca meu queixo com os nós dos dedos. "Vou com você. Se quiser."

Meus olhos se arrastam para o edifício baixo, envolto por arame farpado. Como posso ir lá? Como posso falar com ela depois do tanto que aconteceu para nós duas?

"Pim ..."

Forçando-me a olhar para ele, espero pelo que quer que ele queira dizer.

Seus olhos apertam, as linhas de tensão ao redor da boca aprofundando. "Quando ela me ligou de volta e eu disse sobre você..." ele para, colocando o cabelo chicoteado pelo

vento atrás da minha orelha e sorrindo com amor nascido de ser negada a afeição de sua própria mãe. "Ela quebrou. Eu nunca ouvi a voz de alguém mudar de reservada para perturbada tão rapidamente. Tudo o que ela queria saber era se você estava bem. Ela não perguntou mais nada. Só se *você estava bem*. E então ela me implorou para trazê-la. Eu não pude recusar."

Eu quero tanto acreditar que será fácil. Que ela vai me perdoar e eu perdoá-la, e nós de algum modo teremos um relacionamento que nunca tivemos antes, mas tudo que posso imaginar é sua falta de abraços e a abundância de frieza, e mais uma vez, sou inundada por medo de estar quebrada. Que só sou capaz de odiá-la quando tudo o que sempre quis foi amar e ser amada por ela.

Sou uma pessoa horrível, horrível.

Mesmo agora, mesmo sabendo o que ela fez, ainda não posso deixar a dor da minha infância ir.

Algo desagradável entra no meu cérebro. Algo totalmente fora do personagem, mas tenho que cuspir para evitar que me corroa. "Você não pode recusar. Mas eu posso. Não tenho que ir lá se não quiser. Não tenho que fazer qualquer coisa que não queira de novo."

"Isso é verdade. Foi obrigada a fazer muitas coisas ruins." Sua comiseração vira repreensão. "Mas pode ser essa pessoa? Depois de tudo o que sabe? Agora que sabe a verdade sobre como ela procurou e matou por você?" Ele balança a cabeça com orgulho e tristeza. "Ainda tenho muito para aprender sobre você, Pimlico, mas já sei que não é capaz de fazer isso. Você é muito pura."

Dou-lhe um olhar penetrante.

Num momento, ele me faz soar como um anjo e no próximo, uma pirralha ingrata - algo que minha mãe me chamou muitas vezes no passado. Se qualquer coisa, esse

lembrete me ajuda a ficar mais alta; a assumir minha responsabilidade no que se refere a ela.

Se não a visitar, estarei provando seu direito de me chamar de pirralha ingrata. Se não a ver, sempre me odiarei por ser tão fraca e sem coração.

Sou eternamente grata a ela, mesmo que nunca fomos mãe e filha. Seu amor vem de um lugar complicado e a colocou no inferno.

Mesmo que tenha me enroscado por dentro, Elder está certo.

Não posso recusar porque não sou aquela pessoa.

Não sou egoísta.

Não sou cruel.

Sou melhor do que isso.

Minha mãe é minha mãe.

Eu sou sua filha.

Para o bem ou para o mal.

Sou uma Blythe.



Capítulo Vinte e Cinco

Elder

Se alguém me perguntasse qual o meu maior sonho, teria dito um encontro.

Um perdão.

A cerimônia me transformando de Ninguém para alguém de novo e ser recebido de volta na minha família.

Sei que isso nunca acontecerá para mim, mas ter a sorte de testemunhar tal reunião e não ser a minha é agridoce. Mas, novamente, é de alguma forma ainda melhor por ser para alguém que amo mais do que a mim mesmo.

É alguém que merece mais do que eu.

E alguém de quem vou ficar ao lado durante o tempo que ela me quiser.

Durante os últimos vinte minutos, permaneço firme por Pim, ajudando a preencher os formulários de visitante, respondendo aos guardas quando ela fica muda e tocando suas pequenas costas conforme fomos guiados da entrada para o centro de um lugar tão sombrio.

Quis dizer o que disse lá fora. Sinto muito por ter ido atrás dela pelas costas e falado com Sonja Blythe.

Na época, pensei estar fazendo algo corajoso e romântico. Intrometendo-me em seu futuro, acionei uma reunião que queria mais do que qualquer coisa, mas ultrapassei os limites.

Não perguntei o que Pim queria...

Não pensei em incluí-la no meu grande gesto de interferir em seus relacionamentos.

Talvez muita água e tempo passaram sob a ponte para reconstruí-la.

Não parei para perguntar.

Assim como não parei para pensar nela quando fiz outras ligações no mar. De uma forma ou de outra, cada uma das minhas conversas irá afetá-la - apenas de maneiras diferentes.

A primeira é com sua mãe.

A segunda com Jethro Hawk - nosso anfitrião no baile de máscaras de hoje à noite. É um fato bem conhecido que ele lida com diamantes - pedras preciosas requintadas que às vezes tem um preço barato de compra enquanto outras são tão raras que as torna totalmente inestimáveis.

Quero dar a Pim algo melhor do que animais de origami em notas de um dólar. Quero mostrar a ela a profundidade do meu afeto. Enviei a Hawk o design que esbocei e pedi a Deus que ele tivesse tempo para criá-lo.

A terceira foi para o meu tio Raymond. Como de costume, ele filtra seus telefonemas através da secretária eletrônica, então fui forçado a deixar uma mensagem concisa, advertindo ele e minha família que os guardas de segurança em volta são para sua proteção. Que os primos assassinados pelo Chinmoku na semana passada foram apenas o começo e para não serem estúpidos de ouvir o ódio da minha mãe por mim. Ele precisa ficar alerta mesmo que aumentei a segurança. Ele tem que proteger as crianças mesmo que eu adicionei cuidado de vinte e quatro horas para os membros menores à medida que vão para a escola.

Fiz o meu melhor para todos e ainda não é o suficiente.

Mesmo agora, quando sento ao lado de Pim numa sala privada à espera de sua mãe, desejo poder ter feito mais.

O uso exclusivo deste espaço só foi concedido depois de horas de discussão no telefone com o diretor e fazer uma doação enorme para o programa educacional para garantir que o primeiro encontro em anos de Pim e sua mãe seja atrás de portas fechadas e não com barras as separando ou com outras presas por perto para ouvir.

Mais uma vez, esfrego meu pescoço das pontadas de tensão e consciência correndo por minha carne. Ofereci-me para ficar de fora. Quis dar privacidade a Pim. Mas conforme caminhamos através da monótona e deprimente prisão, cruzando portões trancados e sendo levados por seções do lugar por nossa escolta, Pim pegou minha mão, mesmo estando rígida e régia.

Ela tem sua própria força, mas não é orgulhosa demais para pedir emprestado um pedaço da minha.

Isso me faz cair ainda mais duro. Saber que ela tem força para fazer isso depois de tantas coisas terríveis que fizeram a ela. Meus sentimentos em relação a ela não são de obrigação e o desejo de protegê-la porque a acho fraca.

Merda, não.

Meus sentimentos são apaixonados porque ela usa sua cura como uma escada.

Um degrau de cada vez.

Cada um subindo mais e mais do seu passado e dificuldades, ficando lentamente mais ousada e mais bonita a cada altura que escala.

Eu sei, sem sombra de dúvida que ela conseguiria sem mim. Teria encontrado uma maneira de matar Alrik. Teria encontrado uma maneira de voltar para casa. E teria encontrado uma maneira de continuar a viver.

Ela não está viva por minha causa.

Eu estou vivendo por causa *dela*.

Se há qualquer dívida entre nós, é minha com ela. Não o contrário.

Sentamos em silêncio mortal por cinco minutos antes da porta se abrir e entrar um guarda rígido seguido por uma versão mais triste, mais velha e mais cruel de Pimlico.

Pim congela.

Meus olhos se estreitam, absorvendo a mãe da mulher que amo mais do que eu mesmo.

Sonja Blythe não é como as fotos que estudei online. Ela já não tem acesso a maquiagem e cabeleireiros. Ela não usa ternos de negócio nem tem ares e graças. O olhar quase esnobe que aperfeiçoou - a presunção de saber o que os outros estão pensando e que nenhum segredo está a salvo ao seu redor – está enterrado debaixo de um desafio difícil com o qual foi confrontada.

Nunca admiti, mas Pim parece muito com ela – não em aparência - mas na forma como assume o mundo e ganha.

Apesar de Sonja Blythe não usar mais ternos ou maquiagem, prefiro esta versão - a mais magra, mais dura - porque é honesta. Seus braços foram arrancados de quaisquer passatempos com que ela se mantinha ocupada. Seu corpo magro debaixo do macacão cinza, mas não fraco.

Se ela escolhesse lutar, colocaria meu dinheiro nela para ganhar.

Seus olhos castanhos esverdeados, tão parecidos com os da filha por quem sou apaixonado, travam em mim em reconhecimento do nosso telefonema logo em seguida indo para Pim.

Pim não se mexe um centímetro, seus dedos ficando brancos sobre a mesa.

O oficial bate na prisioneira no ombro, quebrando a conexão por um segundo enquanto remove as algemas. Quando Sonja Blythe está solta, ele diz, “Quinze minutos. Tudo que disser e fizer será gravado para uso futuro.”

Parte da política da prisão é um oficial permanecer na sala para segurança do visitante. Depois que perdi a paciência e apontei que a visitante seria a filha por quem a presa matou e paguei um bônus extra para mais um programa da casa, consegui garantir total privacidade - menos as escutas e gravador de áudio e vídeo.

O oficial olha para mim em seguida Pim e finalmente concorda com relutância e sai da sala. O som da porta fechando reverbera em volta de nós.

Alguns intermináveis segundos passam conforme Sonja Blythe se move em nossa direção e senta no lado oposto da mesa.

Não há abraços explosivos.

Nem lágrimas caindo.

Nada para sinalizar que as duas mulheres têm qualquer fundamento de afeto físico.

O único sinal de história é um brilho no olhar de Pim e um tremor em suas mãos.

Sonja Blythe distraidamente esfrega os pulsos onde as algemas estiveram, sem tirar os olhos da filha.

Pim vibra ao meu lado, mas não é de medo ou tristeza. Não posso colocar meu dedo nisso. Raiva, talvez? Perdão?

Não tenho ideia do que estou fazendo ali ou como quebrar a súbita tensão insuportável na sala.

Sua mãe dá um meio sorriso, como se - apenas como eu - ela não soubesse a etiqueta correta sobre como começar.

Finalmente, ela sussurra, “Tasmin, Min, Ratinha.” Lágrimas brotam nos olhos dela só para recuar conforme ela limpa sua garganta. “Como senti sua falta.”

A respiração de Pim engata, em seguida, ela balança a cabeça freneticamente como se tivesse perdido o controle de sua capacidade de responder. Ela para rápido, limpando a garganta apenas como sua mãe. “Eu-eu soube o que fez.” Sua voz está empolada e impessoal como se lutasse para voltar a uma era de criança depois de odiar sua mãe por tanto tempo. “Devo-lhe o maior pedido de desculpas.”

Nenhuma das mulheres me olha.

Como deve ser.

Estou aqui por Pim, mas em termos de contribuição, quero permanecer invisível.

Cruzando os braços, me inclino para trás na cadeira, extraindo-me mais da conversa. Não tenho a porra da ideia de como isso irá. Ficarei lá se Pim precisar de mim, mas não a desonrarei entrando antes dela pedir.

“Você não me deve nada.” Sua mãe enrola o lábio superior com desdém. "Fui eu. *Tudo* eu."

Pim endurece, perguntas tóxicas derramando de seus lábios. “Você quer dizer... *teve* algo a ver com o meu sequestro?”

Os olhos de Sonja Blythe se arregalam de horror. "Não! *O que*? Não, nada. Só quis dizer que não fui uma mãe para você.” Sua voz baixa. “Min, você não tem ideia de quantas vezes gostaria de poder voltar e fazer tudo de novo. Ser uma mãe melhor. Quando pensei que tinha ido embora...bem, eu quis matar todo mundo que já coloquei diante de você. Cada consulta que fiz quando deveria ter te levado à escola. Cada

sessão que reservei quando deveria ter te levado para a aula de dança."

Seus ombros cedem conforme seu rosto fica abatido com a confissão. "Fui uma professora, treinadora e diretora quando deveria ter sido apenas sua mãe. Arrastei-a para funções e te obriguei a agir como meus olhos e ouvidos e me dizer o que via. Você não queria estar lá - não pelas longas horas que ordenei. Eu sabia. Sabia que mantê-la fora até tarde arruinava sua concentração na escola no dia seguinte. Sabia que ensiná-la a ver coisas que as pessoas querem manter oculto a faria um pária na escola, mas mesmo assim eu fiz."

A postura de Pim suaviza um pouco, ainda incapaz de aceitar. "Então matou para compensar seus erros? Fez isso para aliviar sua consciência?"

Os olhos da mãe envidraçam novamente. "Você sabe... eu me fiz a mesma pergunta. Realmente me estudei. Procurei e procurei para ver se sou tão cruel quanto me sentia. Mas posso dizer com segurança, pela minha vida e pela sua, eu matei porque aquele bastardo te roubou. Eu matei porque ninguém tinha direito de ter você, só eu. Matei porque você é tudo que sobrou de seu pai e eu estraguei tudo. Matei porque ele machucou meu bebê quase tanto quanto a tinha machucado e roubado qualquer chance de eu fazer isso direito."

O silêncio cai como chuva, chiando sobre a mesa enquanto feridas são lambidas e verdades aceitas.

"Você não estragou," Pim finalmente murmura. "Nós somos apenas pessoas diferentes."

"Outras filhas são diferentes de suas mães e elas não são vendidas ou feridas." Sonja bate em seus olhos, manchando de lágrimas as faces magras. "Outras mães são diferentes, mas pelo menos elas colocam o bem-estar de seus filhos em primeiro lugar."

Pim sorri tristemente. “Você fez isso, no entanto. Você nunca parou de procurar por mim. Você *matou* por mim.”

“Eu teria queimado o mundo inteiro por você.” Ela rosna, soando cada parte como uma prisioneira feroz.

Posso entender por que Pim luta para ver a progenitora atenciosa em sua mãe. Ela fala de vingar o desaparecimento de sua filha, mas com uma justiça nascida de uma pompa egoísta de ter sua própria vingança. Ela mata pela sua filha – não há como negar esse sacrifício - mas faz isso para sua própria satisfação, também.

Ela fez isso para gritar que ninguém pode tomar o que é dela e não sofrer as consequências disso.

Ela é implacável.

Ela tem sangue frio, assim como quente.

Mas também não há como negar que ela ama Pimlico com tudo que nasce da tragédia e tristeza e agora isso brilha mais do que as outras partes dela.

Ela se redimiu. E agora é com Pim reconhecer e julgar se é suficiente.

Pim inclina-se um pouco para trás, estudando sua mãe. Tenho a estranha sensação de que nossos pensamentos estão em sincronia - que ela chegou à mesma conclusão que eu e reflete sobre essas coisas.

Lentamente, ela se inclina para frente e coloca as mãos sobre a mesa, esperando sua mãe ligar os dedos. No momento em que se tocam, Pim diz, “Vou te dizer a verdade, porque merece isso. Vou ser honesta, porque isso é o que sempre exigiu de mim. E vou ser indiferente porque é como você disse que um bom psicólogo deve ser para ver realmente a verdade.”

Meu coração para de bater, meus olhos indo sobre ela.

Estava preparado para ser informado disso? E se Pim esqueceu que posso não estar contribuindo, mas que ainda tenho ouvidos - ainda ouço coisas que ela pode não querer que saiba?

Mas antes que eu possa ficar em pé e me desculpar, ela respira fundo, olha o teto para se fortificar e visivelmente estremece. Quando volta a falar, sua voz é fria, mas apaixonada, expositiva, mas frágil. “Ele me matou a poucos metros de você, mãe. Ele me pediu para dançar, e eu fui com ele. Sabe por que? Porque me dizia para não julgar os outros pela aparência. Que as primeiras impressões eram muitas vezes erradas e para conceder um pedaço de mim, mesmo que meus instintos estivessem gritando para eu correr. Ele me levou para fora. Roubou meu relógio da Minnie Mouse. Ele envolveu as mãos no meu pescoço.”

Minhas pernas fecham com fúria.

Quero tirar as tripas dele.

Pim continua em sua narração incolor. “Não sei por que ele fez o que fez e não vou saber. Foi puramente por dinheiro? Por causa da necessidade de abrir as mentes dos assassinos e estupradores? Foi porque gosto de perder tempo no caminho para a escola e atrair a atenção de alguém que não devo? Nós nunca saberemos, e ninguém é culpado.”

“Quando ele me reviveu – me trouxe de volta dos mortos com seus lábios nos meus e seu hálito rançoso em meus pulmões e me disse meu destino – eu te *odiei*. Quando ele balançou o relógio do papai e me disse que iria guarda-lo como um seguro, te amaldiçoei. Quando fiquei presa num hotel esperando para ser vendida, eu gritei por você. E quando fui leiloada como um pedaço de carne e aquele bastardo do Alrik me levou de avião para sua casa e roubou minha virgindade, eu chorei por você. Eu chorei por mim. Eu chorei por tudo o que foi roubado porque sei que não importa

o que acontecesse a partir daquele ponto, nunca mais seriamos as mesmas."

Lágrimas escorrem pelo rosto de Pim, mas ela não chora. É como se sua alma se purificasse neste momento, mas não a afeta exteriormente. Ela está mais forte do que já vi e mais quebrada do que posso suportar.

Meu coração troveja por vê-la dividida entre tantas coisas.

Quero matar cada memória e apagar toda a dor.

Luto para ficar na minha cadeira e não pega-la em meus braços e beijá-la, fazer amor com ela, fazer o que for necessário para levar seus pensamentos para outro lugar.

Qualquer lugar exceto aqui.

Isso não é o que eu tinha em mente quando arranjei para ela ver sua mãe.

Não quero que ela se corte profundamente e arranque a escuridão ainda a sufocando por dentro.

Porra!

Pim abaixa a cabeça por um longo momento, sua respiração dura e torturada; quando olha de volta para a sua mãe, ela sussurra: "Por dois longos anos, vou admitir que lancei um monte da minha dor e sofrimento em você. Escrevi cartas. Tantas cartas. Coloquei para fora meus pensamentos e medos, exatamente como me ensinou numa de nossas muitas lições sobre ser o mestre sobre nossas emoções. Fiz a escolha que não importa o quanto ele me machucasse, eu nunca falaria uma palavra. Vivi em silêncio, mãe. Suportei cada um de seus espancamentos e estupros. Deixei ele me quebrar, me brutalizar, o tempo todo gritando para eu falar com ele. E nem uma vez fiz o que pediu."

Sua mandíbula aperta conforme o queixo levanta. “Sabe por que?” Ela dá um olhar para mim, encolhendo-se como se só agora lembrasse que estou aqui.

Sua voz vacila um pouco, mas ela repete a pergunta a sua mãe. “Sabe por que fiquei em silêncio? Por que me recusei a dar-lhe a minha voz? Por que tranquei essa parte e preferi morrer do que falar com aquele filho da puta?” Ela rosna as últimas palavras com mais veemência do que pensei ser capaz.

Todo esse tempo, Pim parece estoica, fazendo-me acreditar que com ele morto ela encontrou um grau de encerramento.

No entanto, com essas palavras, sei o quão errado estou. Quanto ela ainda tem que trabalhar. Como as fases do luto estão seguindo através dela sem a minha ajuda. A raiva é este estágio. Desespero, descrença, negação.

Qual será o próximo e como posso ajudá-la através dele sem ela ficar em tanta agonia?

Sua mãe balança a cabeça, suas lágrimas escorrendo mais rápido e seus dentes pressionam fundo no lábio inferior. Ela mal consegue dizer: “Oh, Minnie Mouse...” ela aperta os dedos de Pim, puxando-a mais perto para beijar os nós dos dedos dela, implorando por perdão. “Não é de admirar que você me odeie.”

Não entendo.

O que sua mãe entendeu que eu não?

Qual ligação de família acaba de voar sobre minha cabeça?

Ela não está apenas se referindo a acusação de Pim sobre sua educação. É algo pior do que isso.

Pim suspira, apertando as mãos de sua mãe, aliviada que ela entende, mesmo que eu não o faça. “Continuei sua filha, embora te amaldiçoasse. Escolhi a morte sobre a fala, porque, graças a você, sabia o que ele realmente queria de mim.”

Sonja lamenta. "Eu sei. Eu sei. Eu sinto tanto, tanto, Min. Por favor... eu sinto muito.”

“Não é o meu corpo, a minha dor, meus apelos que ele queria... era, mamãe?” Pim engasgou, sua própria tristeza virando soluços.

O fato de que ela mudou de mãe para mamãe derruba a última das barreiras e sua mãe entra em colapso sobre as mãos de Pim, caindo no chão de joelhos. Sua cadeira cai para trás enquanto Pim permanece sentada como uma rainha com um sorriso atormentado no rosto.

Ela não espera sua mãe responder, entregando a sua pergunta viciosa como uma lâmina, me esfaqueando direto através do coração. “Era minha mente. Ele queria minha mente. Ele queria saber como me sentia ao ser estuprada. Ele queria que eu dissesse a ele como seus punhos machucavam, como suas correntes doíam, como cada pequena coisa que ele fazia me mudava do meu passado para o seu futuro. Ele queria pegar meus pensamentos e junta-los, arranca-los, lentamente levando-os ao pó. Ele queria levar minhas memórias e mancha-las com sua possessão, então eu não teria mais nada. Ele queria cada pedaço que me fazia minha e arruína-lo até que me tornasse nada mais do que dele.

“E graças a você, mamãe, entendi isso, mesmo quando não entendia. Fiquei em silêncio para irritá-lo. Fiquei muda para proteger os pedaços de mim que achava que estavam há muito perdidos, mortos e enterrados. Mas agora compreendo que fiz isso por outro motivo. A razão que talvez superei tudo isso.” Sua voz estrangula, saindo de seus lábios. “Ainda te obedecia... mesmo ali.”

Sua mãe chora mais.

Outro soluço arranha através da garganta de Pim. "Você está orgulhosa de mim? Fiz a coisa certa? Se estivesse no seu sofá agora, iria franzir o nariz como fazia com os mais fracos ou olharia com orgulho para o mais forte? Sou forte aos seus olhos? Eu fiz bem? *O que*, mãe? Diga-me, para eu saber se finalmente ganhei sua admiração."

Meu coração filho da puta quebra.

Isso é o que Pim carrega?

Isso é o que a consome por dentro?

A necessidade de aprovação de sua mãe? Uma mãe que a torceu muito antes dela ter sido roubada?

O fato de que ela sobreviveu a mais abusos do que qualquer um e em vez de precisar ser hospitalizada por uma mente quebrada, ficou lá exigindo admiração dos pais me *desfez*.

Quem do caralho se importa se sua mãe aprova?

Nunca estive tão orgulhoso. Tão acanhado. Tão traumatizado pelos desejos de outro.

Foda.

Não posso... eu não posso...

Porra, porra, porra.

Minha mente explode com barulho, vergonha, humilhação e auto repugnância.

Sua mãe deixa cair a cabeça entre as mãos e chora lágrimas profundas, feias, que pingam no chão.

Meus próprios olhos ardem de pensar quão parecido devo parecer a Pim. Como minhas ordens para conhecer sua mente devem tê-la petrificado. Como minhas exigências para

ela falar e me dar tudo deve ter substituído tantas memórias terríveis de Alrik exigindo a mesma coisa do caralho.

Fiz exatamente o que aquele estuprador fez.

Salvei-a e a entreguei a mais uma batalha de vontades.

Posso não tê-la machucado fisicamente, mas fui tão mau quanto.

Tão cruel.

A porra de tão mau.

Cristo!

Quero socar algo.

Quero jogar minha cadeira pela sala e me destruir.

Quero ficar de joelhos e colocar uma arma na minha cabeça por um dia pensar que tinha o direito dos pensamentos mais íntimos de Pim.

Quem diabos sou para exigir seus segredos para a passagem segura no meu iate?

Quem diabos sou para esperar seus pensamentos mais íntimos em troca de tira-la da câmara de tortura branca nojenta?

Não sou nada.

Não sou ninguém.

Já ganhei tudo o que tinha mantido dos outros lendo suas cartas como o ladrão que sou.

Uma vez ladrão, sempre ladrão.

E Pim roubou a minha humanidade.

Luto para respirar, um redemoinho dentro de mim, me afogando em arrependimento quando a mãe de Pim diz entre soluços: “Não posso estar mais orgulhosa de você, Tasmin.

Nunca. Nem um dia se passou que não implorei por seu perdão por como te tratei. Nem uma hora passou, quando desejei que pudesse rebobinar e abraçá-la, em vez de brigar com você. Beijá-la, em vez de repreendê-la. E mostrar-lhe o quanto me importo."

Ela fica de joelhos ao lado de sua filha, segurando as mãos de Pim. "Eu te amo tanto que me assusta. Eu - a mulher que passou toda sua carreira manipulando seres humanos como se fossem insetos sob um microscópio - ficou petrificada por você. Eu pensei que o amor era fraco. Eu acreditei que se me deixasse mostrar o quanto significa para mim, seria apenas como as pessoas que vinham para mim quebradas e implorando por respostas." Ela balança a cabeça, o cabelo emaranhado voando. "Eu estava errada. E descobri tarde demais."

Seu rosto fica turvo com memórias. "Preciso que saiba que cacei as mesmas pessoas que tentei ajudar. Torturei pessoas para encontrá-la, Minnie Mouse. Quis tanto matar Kewet no momento em que o encontrei, mas me contive apenas no caso dele saber mais do que dizia. Saqueei seu apartamento. Encontrei o relógio da Disney que papai lhe deu. Ainda o tenho - desejando que pudesse dá-lo para você - mesmo sabendo quantas vezes te atormentei para parar de usar uma coisa tão juvenil. Tantas coisas que fiz, mas quando esse assassino tentou fugir e te imaginei morta ou pior, explodi."

Suas lágrimas lentamente param enquanto a respiração iguala. "Nunca vou me desculpar pelo que fiz com ele. Por tirar sua vida. Faria tudo de novo. Faria por você. Não me importo se significa que vou apodrecer aqui. Não tenho nenhum remorso. Não sinto remorso." Ela aperta os dedos de Pim. "Mataria um exército se isso significasse que nunca fosse levada e nunca tivesse de viver a vida que teve."

Ela traz os dedos de Pim à boca. "Estou tão orgulhosa de você. Tão de coração partido que fiz isso mais duro para

você. Espero que um dia possa me perdoar. Espero que um dia seu pai possa me perdoar. Se nunca vier me visitar de novo, isso é suficiente. Ficarei feliz em cumprir meu tempo sabendo que de alguma maneira, mostrei a você o quanto me importo. Quão profundamente lamento. Por tudo."

Pim fungou, suas próprias lágrimas evaporando em faixas salgadas, deixando sua pele branca e os membros trêmulos. “Eu perdoo você, mamãe.” Sua voz era dolorosamente macia. “Mas depois de tudo ... você me perdoa?”

Sua mãe sugou em um soluço molhado. “Oh, Min, você ainda precisa perguntar?”

Pim desabou, curvando-se na cadeira para cair no abraço de sua mãe. As duas mulheres agarram uma a outro, e porra, eu não podia mais ficar aqui.

Eu não deveria ter testemunhado nada disso.

Eu não era digno depois de tudo o que eu tinha exigido de Pim.

Eu nunca seria digno ou teria fôlego suficiente no meu corpo para me desculpar por ser o mesmo que os monstros que fizeram ela sofrer.

Sua mãe deveria me matar também por quão cruel eu tinha sido. Quão insensível e filho da puta egoísta.

Eu queria tudo dela, mas não à custa de sua felicidade.

Não mais.

Meus olhos caíram sobre a forma de Pim ainda envolta nos braços de sua mãe.

Eu não posso mais fazer isso.

Minhas pernas se juntam, me levantando da minha cadeira.

Eu tinha que correr.

Antes que eu explodisse.

O tique-taque no meu cérebro estava obcecado.

Eu estava regredindo.

Eu explodiria logo e soltaria minha miséria para fora na mulher que eu amava.

Minhas pernas se esqueceram como trabalhar conforme eu segui em frente de forma dolorosa para *correr*. Conforme eu andei em direção às duas no chão, meus olhos bloqueados na porta e fuga, os dedos de Pim prenderam em volta do meu pulso, me injetando com ainda mais auto aversão.

"Elder?" A maneira que ela olhou para cima, os olhos brilhantes e confiantes, o cabelo derramando sobre os ombros, e tão brilhante, porra, eu não poderia fazer isso.

Minha voz falha quando puxo o meu braço. "Eu estou tão arrependido, Pimlico."

Sua mãe sacudiu com o nome. O nome que eu sabia que não devia continuar a chamá-la. Era um nome ligado à escravidão e à dor, mas para mim, ela não era Tasmin.

Ela era Pim.

Ela era Ratinha.

Mais uma vez, as lembranças me batem no peito.

Não admira que ela se encolhesse sempre que eu a chamava de ratinha. Não admira que ela ficasse irritada e magoada quando eu exigia que ela me dissesse por que esse apelido a afetava tanto.

Um relógio.

Um relógio de sua infância roubada na noite em que ela foi assassinada.

Maldição, eu tinha sido um *tolo* tão insensível.

Com a mão trêmula, eu me inclinei e segurei seu rosto. Com os lábios torturados, beijei a sua testa desejando e esperando que ela pudesse sentir minha agonia através do meu toque. Que ela pudesse entender como eu desejava que pudesse desfazer quem eu era, quem eu tinha sido para ela, e cada maneira que eu a tinha tratado.

Como eu implorava ter tido autodisciplina e nunca tê-la tocado. Como eu queria que pudesse desfazer o fato de que eu tinha a manipulado para ela falar comigo e me dado coisas que ela queria manter privadas.

Seu abraço no submarino.

Sua confissão de gostar de nuvens mais do que estrelas e chuva mais do que sol.

Como ela odiava torrada-

Eram coisas que eu não tinha ganho. Coisas que eu tinha roubado.

Tenho que sair daqui.

Imediatamente.

Nunca falei da minha herança mista. Eu escolhi inglês ao invés de japonês como uma forma de homenagear meu pai, em vez da minha mãe. Mas naquele momento, o inglês parecia lamentavelmente incapaz de transmitir o quanto eu sentia.

Não era o suficiente.

O idioma inglês só tem uma maneira de pedir desculpas.

O japonês tem mais de vinte.

Usaria todas se significasse que o peso no meu peito fosse aliviar.

Irei murmura-las para sempre se puder de alguma forma encontrar a redenção.

Mas, por agora, tudo o que posso oferecer é uma delas.

Beijando-a novamente, suspiro em seu cabelo, “Owabi shimasu.”

A tradução: por favor, aceite este pedido de desculpas do fundo do meu coração.

“El...” Pim estende a mão para o meu pescoço, mas recuo, curvando-me para a mulher que amo mais do que tudo, em seguida, saio da sala.

Não olho para trás.



Capítulo Vinte e Seis

Pimlico

Quem diria que quinze minutos tem o poder de mudar completamente uma pessoa, uma vida, um relacionamento?

Quando entrei naquela sala, sabia que seria difícil e emocional, mas não tinha *ideia* de que comandaria o desafio, desenterraria cada agonia e nadaria através de tantas feridas históricas e atuais.

Eu fiz isso.

Ninguém me forçou.

Mas, conforme toquei minha mãe depois de uma vida de tapinhas no ombro e acenos frios em vez de abraços e beijos, tudo o que guardei, tudo o que nem sabia que fermentava dentro de mim, jorrou numa nociva honestidade.

Não fiz isso para machucá-la.

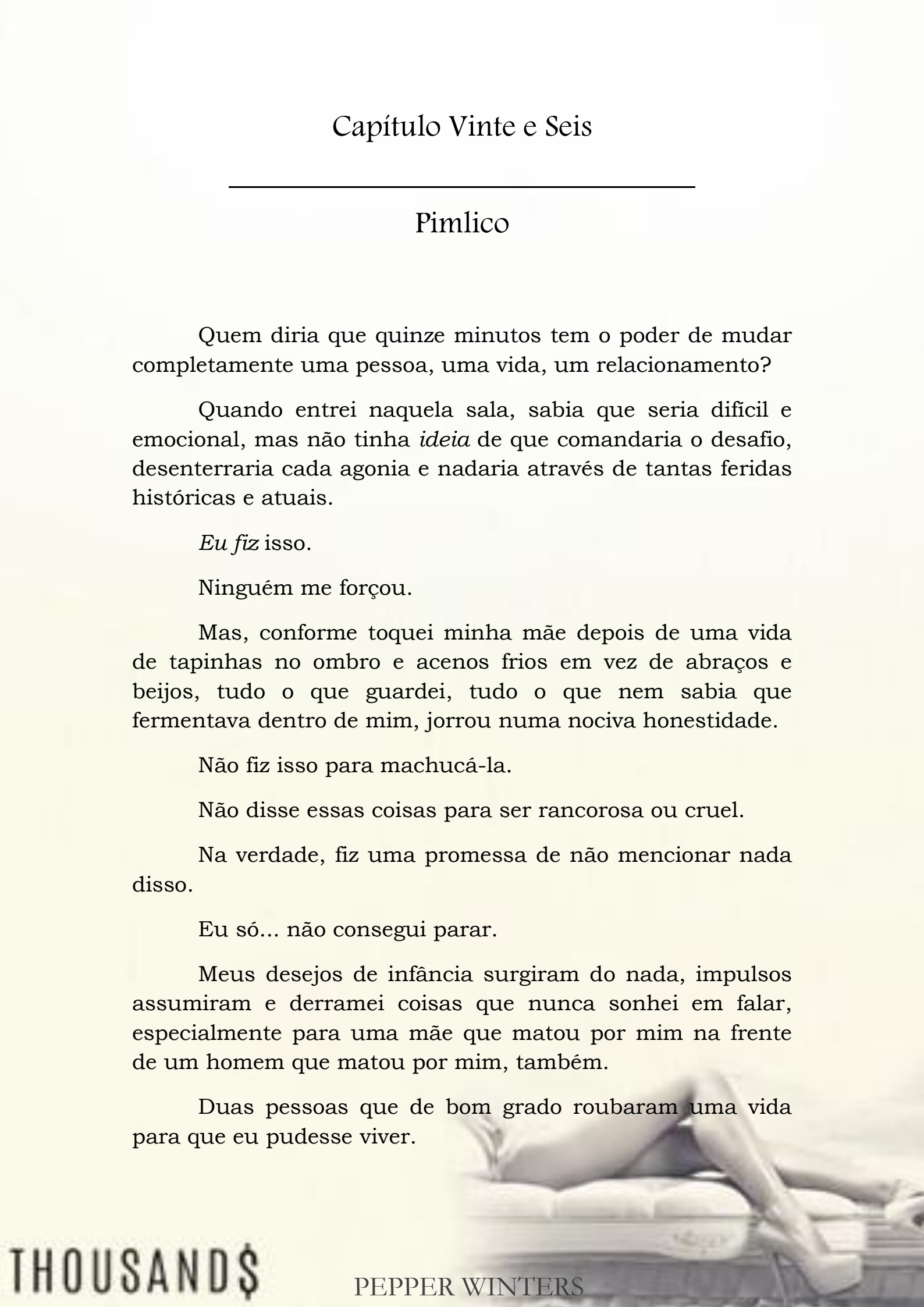
Não disse essas coisas para ser rancorosa ou cruel.

Na verdade, fiz uma promessa de não mencionar nada disso.

Eu só... não consegui parar.

Meus desejos de infância surgiram do nada, impulsos assumiram e derramei coisas que nunca sonhei em falar, especialmente para uma mãe que matou por mim na frente de um homem que matou por mim, também.

Duas pessoas que de bom grado roubaram uma vida para que eu pudesse viver.



Duas pessoas que tem uma mancha em suas almas para a eternidade.

Devo a eles mais do que jamais poderei pagar.

Devo protegê-los de memórias desnecessárias e ser sempre grata.

Eles não merecem ouvir o que sofri antes do seu sacrifício deixar minha existência melhor.

Essa é minha cruz para carregar - eles têm muitas outras e tudo por minha causa.

Eu *sei* tudo isso.

Odeio que isso não tenha me impedido.

E trazer tal maldade, espalhando sua escuridão nas pessoas que mais amo, não deixou nada mais fácil.

Isso não me deixa melhor. Não me cura. Purgar-me dessa maneira não solta a sujeira que ainda se contorce dentro de mim como uma cobra que não posso pegar.

Isso só me deixa triste, com raiva e cansada.

Tão, *tão* cansada.

E quando Elder murmura em japonês no meu cabelo, em seguida, curva-se como se fosse um cavaleiro colocando sua espada aos meus pés, meu coração cai sobre sua lâmina de terror.

Não entendo o que ele diz, mas pela angústia em seu rosto, não é bom.

Tento segurá-lo... pedir-lhe para explicar... apresentá-lo à minha mãe agora que a roupa suja foi sacudida, lavada, e espero que limpa o suficiente para afastar, mas ele me beijou e saiu correndo da sala como se fosse morrer se ficasse mais um minuto.

Se meu coração foi perfurado pela espada hipotética que ele jogou aos meus pés, então, bem, ele realmente ficou na miséria quando a porta se fechou atrás dele, nos separando.

Minhas entranhas se enrolam conforme horror espirra através de mim como vinho azedo.

O que eu fiz?

Como esqueci que ele ouvia também? Que tudo que tentei esconder dele apenas surgiu e manchou todos na sala.

Quero correr atrás dele.

Quero consolá-lo.

Quero apagar a crucificação em seus belos olhos negros.

Sem pensar, me desembaraço do abraço da minha mãe e cambaleio ficando em pé.

Dou um passo tropeçando em direção à porta, minha mente consumida com consertar o que acabei de quebrar, mas então olho minha mãe. Na maneira como ela me consome. Na maneira que ela se ajoelhava no chão da prisão com tanto amor, admiração e temor - três coisas que desejei ver em seu rosto desde que nasci e não importa o que acabei de arruinar com Elder, não posso arruinar isso.

Não agora.

Não quando é tão novo.

Lentamente sento novamente, apontando para minha mãe para se juntar a mim nas cadeiras em vez do chão sujo.

Ela se levanta com uma careta e senta, plantando suas mãos no meio da mesa, os dedos segurando os meus.

Mais uma vez, olho para a porta.

Elder…

Ele está bem?

O que *aconteceu?*

Minha lealdade está dividida. Indecisão me mantém presa.

“Você pode ir atrás dele.” A voz da minha mãe levanta minha cabeça. "Eu entendo."

Eu tenho sua aprovação.

Meu peso passa da bunda para os dedos dos pés, pronta para me lançar da minha cadeira, mas mais uma vez, olho seu rosto - o pesar e a tristeza e um estranho e confuso orgulho - e recosto-me na posição.

Tenho que aceitar que Elder me machucou, mas minha mãe também.

Eu também os feri.

Não posso me dividir em duas e acalmar ambos. Tenho que ficar aqui, por agora, e dar toda minha atenção para ela. Tenho que fazer isso para que possa pelo menos enfaixar um pouco da minha própria dor curando algumas das delas.

Então, uma vez que não estiver tão arruinada, posso encontrar Elder e fazer o mesmo.

Saber que tenho que curar os outros antes de me remendar acrescenta outro esforço esgotante.

Estou exausta.

Torcida, a mente em branco, o coração machucado.

Mas isso é culpa *minha*.

Ninguém quer a viagem terrível nessas memórias.

Tenho que ser a única a corrigir.

Segurando as mãos da minha mãe, suspiro profundamente. "Sinto muito. Não quis machucá-la dizendo-lhe essas coisas."

Um aperto suave seguido por um deboche maternal. "Min, poderia cortar o meu coração agora e não me machucaria mais do que eu fiz quando percebi que falhei em te amar."

Compartilhamos um sorriso emaranhado, deixando o silêncio preencher os buracos dentro de nós.

Finalmente, ela sorri, de alguma forma mudando dos assuntos terríveis e escolhendo um muito mais fácil. "Ele parece ser legal. Estranho... mas honrado."

Meus ossos doem quando olho para a porta. "Ele me salvou."

"Ele é bom para você?"

A fala torna-se grossa com lágrimas, então concordo.

"Nesse caso, ele tem minha benção eterna para vir à família e gratidão."

Balanço a cabeça novamente, mordendo meu lábio para estancar ainda mais líquido. Há tanta coisa para dizer, tantas coisas melhores para discutir. Coisas como Marrocos, Monte Carlo, o Phantom e nadar com golfinhos. Tantos momentos mágicos todos concedidos pelo homem que me comprou uma garrafa de gênio de um vendedor sujo e desdentado semanas atrás.

Ele é meu verdadeiro gênio.

Melhor do que qualquer anjo da guarda ou amante juntos.

Tenho tanta sorte.

E o feri terrivelmente.

Uma batida soa na porta, que abre amplamente para revelar, não Elder como meu coração espera, mas o guarda que presidiu a reunião. “Os quinze minutos acabaram. Hora de dizer adeus."

Tão cedo?

Tão rápido?

Quem diria que quinze minutos não só tem o poder de mudar uma pessoa, uma vida, um relacionamento, mas também passa mais rápido do que qualquer outro momento num relógio?

Minha mãe aperta minhas mãos novamente. “Não posso dizer o quanto significa para mim vê-la. Vê-la viva, saudável e com um homem que, obviamente, se preocupa profundamente com você.” Ela suspira. “Quero muito para você, Tasmin. Universidade, uma carreira, uma vocação... mas sou mais sábia agora do que era. Olhando para trás na minha vida, apenas duas coisas se destacam para ter qualquer importância real.”

“Quais são as duas coisas?” Realmente não queria perguntar. Temo que ela diga seus clientes e prêmios que ganhou em seu campo, mas quero ser solidária, por isso dou um sorriso falso e aceno brilhantemente quando ela admite.

“Você e seu pai,” ela sussurra.

Congelo, meus ouvidos buzinando com o choque.

“Nada mais importa. Vejo isso agora, e é tarde demais. Amei muito seu pai e ele foi tirado de mim muito jovem. E você, minha menina preciosa, te amei e empurrei para longe só para te perder, também.” Seus ombros rolam enquanto as lágrimas mais uma vez enchem seu olhar. “Ainda sou sua mãe, então vou dar mais um conselho... se me permitir.”

Escondo o espanto dela colocar a família acima da carreira e sorrio incerta. "Claro."

Apontando para a porta por onde Elder correu, ela diz com firmeza: “Se você se importa com ele e ele cuida de você, então, ignore o resto. Esqueça tudo o que já lhe disse. Desconsidere tudo que a sociedade força. Você quer ter filhos; tenha. Você quer bolo; coma. Quer ir para as Olimpíadas, por Deus, divirta-se pra caralho.” Ela ri da última, deliberadamente iluminando o humor mesmo que meu coração arda com mais verdades. Não posso ter filhos de modo que esse ponto é discutível - não importa quão aterrorizante.

“Sob nenhuma circunstância deixe os ‘*devo fazer*’ ditarem e roubarem sua vida. Ela é muito curta, Min. É muito fácil de estragar. Seja fiel a si mesma e siga o seu coração. Só então, poderá olhar para trás e não ter arrependimentos.” Ela se levanta, mantendo minhas mãos nas delas, colocando-me em pé.

Movendo-se em torno da mesa, ela me puxa para seus braços.

De mãe para filha.

De mulher para mulher.

Sua estrutura rija se ajusta contra a minha, como se fosse uma imagem de espelho, ambas pagando por nossas escolhas com diferentes cicatrizes de batalha.

“Eu te amo, Tasmin.” Ela beija o meu rosto, seu cabelo escuro misturando com os meus por um segundo. “Mantenha contato... se quiser. Mas não fique na Inglaterra se não for onde quer estar. Viaje, explore, encontre onde sua alma é mais feliz.”

“Mas e as visitas-”

Ela bate no meu nariz, afastando-se. “Telefonemas e Skype. Estou na prisão, mas eles permitem liberdades com

entes queridos e familiares. Até agora, não tive ninguém para colocar no meu registo. Vou corrigir isso hoje."

Ela me joga um beijo conforme o guarda a espera mostrar seus pulsos para recolocar as algemas. "Estou tão orgulhosa de você, Minnie Mouse. Tão orgulhosa."

Pressiono meu punho contra o meu coração para impedi-lo de rachar sob a pressão desse presente. Não consigo parar o fio de lágrimas quando ela é levada.

Só que as lágrimas não são cáusticas e queimam.

Estas são frescas e consertam.

Ainda estou exausta.

Ainda estou drenada, paralisada e esgotada pelo dia.

Mas, pela primeira vez, solto um pedaço do meu passado e deposito o peso terrível. Descartando uma pequena bagagem - jogando fora uma bolsa ou uma mochila cheia de gritos e silêncio - e finalmente tenho coragem de seguir sem ela.

* * * * *

Espero encontrar Elder fora da sala, mas em vez disso, encontro um oficial que me leva silenciosamente de volta pelo caminho que vim.

Não posso discutir sobre ser escoltada da prisão sozinha, mas não posso tolerar a ideia de Elder ir embora sem mim.

Nervosismo se forma na minha barriga. Um calor ansioso ronda minha pele.

Onde ele está?

O que aconteceu para justificar ele me deixar sozinha na cadeia?

Mesmo que o medo pressione e o cansaço nuble a minha mente, mantenho a cabeça erguida e sigo o meu guia. Passando pela segurança, aceno ao sair e abro as portas para voltar à liberdade. A ironia de que fui cativa junto com minha mãe não é algo que acho bem-humorado. Tenho minha liberdade agora, mas quanto tempo será até ela ter a dela?

Meu coração se enche de afeto raramente sentido por ela.

Nós duas entramos nesta calamidade e sobrevivemos com diferentes hábitos e nos tornamos alguém totalmente novo.

De certa forma, estou feliz. Talvez esta nova existência de mãe e filha tenha um vínculo muito mais próximo do que a versão anterior de nós mesmas. Pela primeira vez, estou ansiosa para falar com ela, responder a suas perguntas curiosas e lembrar-me de como é ser membro de uma família.

Família...

Elder.

Ele é minha família. Ele é o único que amo acima de todos os outros, inclusive eu mesma.

Ainda assim... ele desapareceu.

Estreitando os olhos para o raio de sol surgindo e dando um último viva antes de anoitecer, vejo uma figura vestida de preto em pé ao lado do sedan que viaja com o Phantom.

Meu coração pula em seguida cai conforme o reconheço.

Não é Elder.

Selix.

Movendo-me em direção a ele, luto para conter a preocupação dentro de mim. “Onde está Elder?”

Selix inclina a cabeça quando abre a porta de trás para mim. “Ele me disse para informá-la que algo urgente aconteceu e teve que resolver.” Seus olhos brilham com a mentira. “Ele vai encontrá-la em algumas horas e acompanhá-la até Hawksridge Hall, onde o baile ocorrerá.”

Parte de mim quer bater o pé e exigir a verdade. Descobrir por que Elder correu e deixou seu amigo para me encher de mentiras. No entanto, a outra parte entende o porquê.

Posso entender como assistir minha mãe e eu revivendo nossa relação pode ser cansativo para qualquer um. O que disse lá não é agradável ou revestido de açúcar. Minhas lágrimas não foram controladas ou bonitas.

Mas ele me conhece.

Sabe de onde vim. Ele esteve lá. Ele nadou através do sangue e remendou meus ossos quebrados.

Se ele pôde fazer tudo aquilo - ficar ao meu lado firme até hoje - então o que o colocou para fora? O que o fez correr quando enfrentamos muito pior juntos?

Talvez ele se arrependa de fazer o que fez por mim. Talvez ele repensou sua vontade de se envolver e precisa de um tempo sozinho para reavaliar seu compromisso agora que sabe mais.

Ou talvez... *ele não pensou em mim*? Talvez ele tivesse se afundado na própria agonia - sua dor particular em nunca ter uma reunião de braços abertos com sua família. Minha mãe guardou seu amor, mas matou por mim. Sua mãe esbanjou sua afeição e em seguida o baniu.

Tenho muita sorte.

Ele ainda está sozinho.

Meu coração se contrai e rasga com o pensamento.

Sou tão egoísta. *Claro*, ele ficaria perturbado ao ver duas pessoas que nunca foram próximas superarem suas diferenças e se unirem.

Sou uma idiota.

Esfrego meu peito, fazendo o melhor para acalmar o músculo apaixonado conforme aceno para Selix. “Diga a ele para ter o tempo que precisar.” Coloco uma perna dentro do carro. “Se falar com ele entre agora e hoje à noite, pode por favor dizer que sou eternamente grata por tudo que ele fez. Que ele é minha família como espero ser a dele, mas se ele chegou ao limite e precisar de espaço, então...” desvio o olhar, fortalecendo-me para tais palavras traumatizantes. “Diga a ele que entendo e ele não está sob nenhuma obrigação.”

Ele sorri rígido. "Vou fazer. Agora entre no carro.”

Deslizo para dentro do veículo e seguro a tristeza vacilante e o cansaço quando Selix bate a porta. Isso é o que gosto nele. Ele é prático. Ele viu que estou chateada, mas não toma para si me persuadir ou acalmar.

Sua lealdade é com Elder, embora não entenda por que o vínculo deles beira a violência com uma pitada de respeito mútuo.

No início, achei que Selix fosse um servo leal ao seu empregador. Que ele fosse nada mais do que uma ajuda paga.

Não há nenhuma maneira de pensar assim agora.

Agora, acredito que Selix está lá com seu próprio propósito, e Elder prefere que sejam iguais ao invés do papel de segundo no comando que Selix prefere manter.

Isso é o que é... um papel.

Uma pantomima.

Assim como Elder está fazendo o papel de meu protetor.

Ele tem seu texto e apresentação - seguindo o roteiro que escreveu para si mesmo. No entanto, duvido que me abandonar dentro de uma prisão enquanto estou emocionalmente perturbada foi planejado.

Ele deve estar sofrendo terrivelmente.

Quero estar com ele.

Desejo que ele me permita ajudá-lo.

Selix sobe no banco do motorista, e, sem uma palavra, me leva para onde quer que eu deva estar.

* * * * *

O quarto de hotel é opulento, mas não privado.

Quando entro na suíte de algum estabelecimento de luxo, espero ter algum tempo sozinha. Selix fez minha entrada e deu o cartão-chave. Ele me acompanhou no elevador e me deixou com minhas coisas, uma vez que estava em segurança fora do quarto.

Aceitei feliz. Prontamente ansiosa para um banho, um cochilo e, talvez, algum tempo para escrever uma carta a Ninguém.

Meus dedos coçam para colocar meus pensamentos no papel depois de falar em voz alta por tanto tempo. Além disso, a necessidade de apagar o que escrevi sobre minha mãe é a única coisa que me impede de cair em letargia.

Sim, uma carta ajudaria.

Elas sempre ajudam...

Quando a porta se fecha atrás de mim e entro no quarto, eu congelo.

Estou no quarto errado?

Este já tem hóspedes e nenhum deles é Elder.

"Oi?" Minha voz soa oca para os meus ouvidos. Um leve choque que falei falado sem pensar quase me faz querer ser muda, mais uma vez.

Não quero palavras.

Quero cartas.

Eu quero Ninguém.

Quero Elder.

Viver com trauma é uma coisa sorrateira. Alguns dias sou invencível - capaz de me comprometer com Elder e todos os obstáculos no meu caminho. E alguns dias... alguns momentos... essas forças desaparecem, deixando-me tremula, em pânico e buscando todas as fugas possíveis.

Este é um desses momentos.

Recuando, tudo o que vejo são duas mulheres que não foram convidadas, que não conheço, que podem ser parte de qualquer tráfico ou esquema de extorsão.

"Saiam." Amaldiçoo a oscilação no meu tom.

Uma mulher, com cabelos castanhos enrolados e batom vermelho, levanta-se habilmente de onde está empoleirada no sofá cinza e marinho perto da janela. "Ah, você está finalmente aqui." Batendo palmas, ela chama sua amiga para levantar. Elas usam blusas creme combinando

com saias pretas sob medida e aventais com agulhas, fitas, e giz saindo dos bolsos frontais.

“Quem são vocês?” Pego um abridor de cartas da mesa ao meu lado, brandindo-o. "O que querem?"

As mulheres trocam um olhar. A mais velha com cabelo ruivo arrumado num coque francês levanta as mãos. “Não estamos aqui para te machucar. Pode baixar isso.”

“Vou baixa-lo quando souber quem são.” Olho para trás, para a porta. Selix desapareceu no quarto duas portas adiante. Se for rápida o suficiente, posso correr até lá antes que elas possam me pegar. "Falem. Agora mesmo."

A mulher mais velha com cabelo ruivo aponta para si e, em seguida, a amiga, seguindo para o símbolo bordado em seus bolsos no peito. “Eu sou Mel, e esta é Nat. Somos da Social Art.”

“Social Art?” Minha mão fica escorregadia ao redor da arma. "O que é isso?"

A senhora com batom vermelho riu. “Obviamente alguém não lhe passou a mensagem.”

Quando dou um olhar vazio, ela acrescenta, “Fomos contratadas pelo Sr. Prest para te ajudar a se preparar para o baile de máscaras.”

“Ah.”

Uma resposta com que posso lidar.

Uma resposta que meus desejos de fuga ou luta podem aceitar.

Lentamente, coloco o abridor de cartas para baixo, meus dedos rastejando para a garganta onde pontadas de ansiedade permanecem.

O baile de máscaras.

Esqueci completamente sobre isso.

Tudo o que quero fazer é descansar. Reagrupar-me de alguma forma desta tarde e descobrir o que aconteceu com Elder. Deus, o pensamento de me misturar com estranhos... todos usando máscaras?

Engulo em seco.

Eu não consigo.

Não estou com a cabeça no lugar. Se meu medo sempre presente surgiu com duas mulheres, o que acontecerá num salão de baile cheio de centenas?

Tenho um melhor controle sobre meus ataques de pânico, mas e se alguém me encontrar no meio de uma multidão? E se eu desabar, chorar, gritar e Elder tiver que me arrastar para longe? Arruinarei sua reputação e seus encontros com quem planeja fazer negócios.

Balançando a cabeça, passo por elas, espiando um banheiro. “E-eu não estou me sentindo muito bem.” Tiro minhas sapatilhas e sigo passando uma pequena mesa onde um bloco e caneta com o logotipo do hotel me pede para rabiscar.

Pegando o papel de carta e a caneta, não me importo para qual hotel Selix me trouxe ou o lugar em Londres que estamos. Estamos na Inglaterra e isso é tudo que sei. De volta ao país que conheço melhor do que qualquer outro e ainda me encontro completamente perdida.

“Acha que pode ligar ao Sr. Prest e dar-lhe as minhas desculpas?” Avançando em direção à porta do banheiro – passo pela soleira da porta e quase livre dos olhares afiados - dou de ombros. “Desculpe, realmente não estou me sentindo-”

Algo sussurra sobre meu couro cabeludo, quente e pesado.

Oh Deus.

Terror salta. Autopreservação me atinge. Viro pronta para atacar quem quer que tenha me atacado, apenas para enterrar meu rosto numa onda de tule.

“Ah, você o encontrou.” Mel avança, seus saltos silenciosos sobre o tapete. "Seu vestido."

Abraçando meu bloco de notas e caneta, recuo, meus lábios abrindo enquanto estudo o vestido pendurado num armário desmontável. Pequenas prateleiras com os saltos vermelho-sangue mais deliciosos e uma caixa com o emblema da Victoria Secret’s descansa ao lado da incrível criação de cetim e renda.

“É uma das nossas peças de assinatura”, Nat diz enquanto meus braços são negligentes e deixo cair o bloco de papel. Meu corpo inteiro amolece com admiração. Choque. Espanto.

Um sussurro soa atrás de mim; seguido por uma voz suave. “Esse é o vestido que ele pediu. É de uma coleção chamada Ferida pela Beleza da Nila Weaver.”

Mel ri. “Bem, é uma criação Weaver, mas o designer da empresa mudou seu sobrenome alguns anos atrás. Na verdade - ” A mão leve toca no meu ombro. “Você vai encontrá-la hoje à noite no baile. Ela é casada com o dono - Jethro Hawk.”

Mesmo ser tocada por um estranho não pode parar meu espanto enquanto estudo o vestido. Ele está pendurado impessoal e sem vida, mas *brilha* com magia. Feitiço que promete que quem use não será mais um simples mortal, mas alguém transcendendo da humanidade. Alguém etéreo.

A parte inferior da saia é de grandes dimensões e em forma de sino com metros de faixas elegantes de todas as cores no espectro entre vermelho e azul. Do ocre ao sangue e

à meia-noite à miosótis. As cores torcem e fixam borradas e lutam para parecer exatamente como um hematoma sobre a pele humana. Lentamente, as cores param de lutar, subindo pelo vestido até que a guerra termine e o vermelho seja o verdadeiro vencedor.

Vermelho - a cor da paixão.

Vermelho - a cor da dor.

Ele brilha, acena e sorri com o mais rico carmesim, o mais profundo que já vi, como se o sangue tivesse caído em cascata do coração de alguém. Fora do ombro com alças bordadas de pérolas e renda azul-preta tecem como veias.

É a coisa mais linda que já vi.

E a mais mórbida.

Quem quer que use este vestido está gritando para o mundo que não é pura. Ela não é inocente. Ela é rude, sangrando, ferida e é muito mais forte por isso.

Engasgo com imenso amor por Elder - que mesmo fugindo de alguma forma encontrou uma maneira de me dizer como ele está orgulhoso.

A mão no meu ombro aperta suavemente. “Seja qual for o cansaço, preocupação ou doença que esteja sofrendo, temos que encontrar uma maneira de consertar isso. Este vestido exige ser usado. *Você* tem que ser a única a usá-lo. Será um pecado não usar.”

Nat passa por mim, em direção ao móvel onde as fileiras de maquiagem já descansam em corredores de veludo preto. Vidros e pincéis, paletas e cremes tudo pronto para pintar a escolhida.

“Oh, quase esqueci.” Mel pega uma grande caixa do chão e estende-a para mim, abrindo a tampa. “Isso vai com ele. O conjunto todo é chamado de a Rainha Que Sangrou.”

Com o coração na garganta, meus olhos caem sobre o ingrediente final. E, pela primeira vez, sinto-me fraca por boas razões em vez de ruins. O fechamento familiar dos meus pulmões e a onda de pânico em minhas veias só trazem admiração e um toque de ansiedade que nunca poderia ser bonita o suficiente para essa máscara.

Uma máscara sem dúvida escolhida por Elder.

Uma máscara que vai me conceder proteção, beleza e poder de uma rainha.

Irei esta noite.

Usarei o vestido.

Encontrarei Elder e vou agradecer por tudo o que ele é.

E então vou beijá-lo.

Porque presentes como estes... merecem uma centena de beijos.

Mil.

Mais.

“De repente estou me sentindo muito melhor,” sussurro.

“Nesse caso.” Mel sorri. “Vamos prepará-la para o baile.”

Capítulo Vinte e Sete

Elder

COMO UM COVARDE, eu me escondo.

Fujo de toda a responsabilidade e corro para que possa de alguma forma colocar minha cabeça nos eixos e não levar minha auto aversão para Pim.

Pretendo voltar ao hotel e pegá-la. Tenho um grande plano para encontrá-la no foyer, trajado em meu smoking com gravata preta, colete preto e máscara preta e esperar que ela desça as escadas como qualquer herói de romance faria.

Isso foi antes de minha fuga da prisão se recusar a acalmar meus nervos. Isso foi antes da minha perseguição através dos subúrbios ingleses me deixar pior do que estava antes.

Constantemente verifiquei meu relógio, atormentado por perguntas. Onde está? O que está fazendo? Será que Selix a levou de volta ao hotel? Será que ela permitiu que a equipe da Social Art a vestisse ou se recusou - muito ferida pelo meu desaparecimento e cansada pela verdade?

Correndo irregularmente e desesperado por um baseado, encontro meu caminho para o hotel e me visto. Deixo a mágica da maconha me transformar no mais normal quanto possível e me desligo da palestra de Selix de quão perigoso foi vagar pelas ruas sem proteção com o Chinmoku me caçando.

Tenho o suficiente para me atormentar sem incluir a bagunça do meu passado.



Não ajuda que no instante em que estou mentalmente e fisicamente apropriado para a máscara indesejada, não consigo parar de andar pelo quarto de hotel.

Apenas a alguns metros de Pim e tudo o que quero fazer é interrompê-la e exigir que ela me ouça. Mas não sei o que direi a ela, o emaranhado no meu cérebro muito confuso para se ajustar.

Não posso superar o ódio por tudo o que fiz; a pressão sob a qual a coloquei, a frustração com seu silêncio, ou o desejo rançoso que me levou a forçar-me nela pela primeira vez.

Quem sou?

E por que diabos ela me suporta?

Eu.

Não mereço nada.

Eu a fiz roubar para mim.

Eu a fiz vir me salvar.

Ultrapassei todos os limites que podia, porra.

Então, não... pela forma como estou me sentindo, não posso esperar por ela como um cavalheiro. Tenho que correr como um animal e lamber minhas feridas auto infligidas em particular.

Vou para Hawksridge Hall por conta própria, preso em um carro sem Pim por mais de uma hora.

Olho impressionado a propriedade gigante quando chego ao fundo de uma entrada incrivelmente longa para uma das mais antigas propriedades da Inglaterra.

Tanta permanência em terra me faz ficar ansioso. O oceano vive em minhas veias e já sinto falta.

Não me importo com torres, cúpulas de cobre ou treliça de grama que crescem acima das torres impressionantes. Não sorrio quando agradeço ao motorista e entro na recepção calorosa de um hall tão antigo. Não foco nas tapeçarias de senhores e senhoras antigos ou tento descobrir os muitos segredos acenando para serem descobertos.

Meu fascínio com segredos me meteu nessa confusão. Não é meu direito cavar por respostas de qualquer um; pretendo neste momento parar um hábito tão desagradável.

Movendo-me através da multidão já embriagada, evito as mulheres em trajes de gala acenando laconicamente para homens de smoking, caminho para o bar repleto de garrafas e taças e me permito uma.

Apenas uma.

Minha regra de degustar uma gota para abster-me de toda a garrafa.

Enquanto bebo a vodca pura, não consigo tirar os olhos da entrada enquanto a espero.

A garota a quem devo mil desculpas.

Como posso limpar minha consciência? E se ela não aparecer? E se ela desapareceu no seu país de origem, decidindo que nós dois já duramos o suficiente?

Sabe que ela não fará isso.

A conexão entre nós é muito forte para ser falsificada. Estamos comprometidos – tanto que falamos que o compromisso não importa.

Sei no meu íntimo que Pim não vai desaparecer, assim como sei que nunca serei capaz de expiar minhas necessidades de dominar seu corpo e alma.

O elegante salão de baile, com seus imponentes pilares e piso com monograma de mosaico foi feito para abrigar um

evento como este. As cortinas douradas brilham, e os convidados parecem tão esplêndidos como a riqueza que goteja de lustres de cristal enquanto dançam em sincronia com a orquestra.

Mas não me importo com nada disso porque não significa nada para mim.

A única coisa que significa algo está atrasada.

Minha bebida está vazia, mas meus dedos permaneceram apertados ao redor do vidro aquecido - necessitando agarrar alguma coisa... esperando.

Pensei que estaria preparado para sua chegada. No tempo que levei para beber a vodca, um script rabiscado às pressas se formou. Estou preparado com o meu pedido de desculpas e explicações.

Mas quando ela finalmente chega?

Foda-me.

Meus joelhos viram água e a minha respiração pedra.

Não posso me mover.

Cristo, eu não posso me mover.

Ela aparece com Selix atrás. Seus olhos deslizam sobre o salão, se misturando na multidão, estreitando os olhos contra rubis e diamantes brilhando nos lustres pendurados.

O grande salão de baile com suas janelas de mármore e quatro andares empalidecem a um nada além de tijolo e argamassa conforme a vejo entrar.

Se não tivesse uma conexão de alma com ela impresso em cada nuance - se não tivesse estudado cada contração e maneirismo, não poderia tê-la reconhecido.

A máscara.

Ela esconde seus olhos e testa completamente, transformando-a de mulher em uma rainha.

O tempo que levei cinco noites atrás, para percorrer os designs exclusivos graças à linha de moda da esposa de meu anfitrião, totalmente valeu a pena.

Ela não é mais prisioneira de ninguém... ela não é a princesa de ninguém.

A máscara brilha num rico vermelho escuro, para combinar com seu impressionante vestido azul e vermelho, as asas da máscara escondem as maçãs do seu rosto, erguendo-se para a linha dos seus cabelos numa tiara real. Pedras preciosas vermelhas pendem sob seus olhos como lágrimas de sangue, enquanto penas negras adornam a coroa de renda.

O vestido balança quando ela se move para frente, com o olhar em busca de algo, alguém... Eu.

Quando pedi o vestido, revirei os olhos para o nome *Ferido pela Beleza*. Até hoje, outro chamariz empregado por uma loja para vender seus produtos nada extraordinários.

Porra, como eu estava errado.

Pim parece como se florescesse de uma contusão. Uma flor consideravelmente aberta e ainda de pé, mesmo depois que cada pétala ter sido danificada por dedos humanos tentando arranca-la.

Ela parece envolta em dor e sangue; uma rainha de agonia e tudo o que tem vivido.

Quero me curvar a ela. Pegar sua mão na minha e beijar os nós dos dedos com reverência. Prometer minha lealdade, fidelidade, fortuna e coração.

E então ela me vê.

E se transforma mais uma vez.

Seus lábios vermelho-pecado se inclinam num sorriso nervoso. Seus olhos verdes brilham incertos atrás da máscara, e o cabelo rouba a luz das velas, absorvendo-a, brilhando como chocolate líquido girado e amarrado com uma fita preto-azulada.

Nunca vi alguém tão bonita ou tão quebrada.

Em vez de entrar em colapso em sua homenagem, minhas pernas se movem em direção a ela.

Não posso respirar quando ando no meio da multidão, movendo-me mais perto a cada vez, preso dentro do seu feitiço. Quando nos encontramos no centro do salão, a música muda para uma valsa apaixonante e casais começam a se fundir em um, girando em torno de nós como se tivéssemos voltado no tempo e entrado num baile do século passado.

Tenho tanto a dizer e não há palavras dignas.

Tenho tanto para sentir e nenhum coração capaz de tais coisas.

Então, eu fiz a única coisa que podia.

Inclino-me com o braço dobrado sobre a cintura. Inclino-me para a direita de suas saias e espero a vibração de sua mão sobre a minha cabeça. No momento que ela me toca, não posso ficar distante por mais tempo.

Varrendo meu braço em torno dela, a puxo para perto. Grunhindo com a sensação perfeita de seu corpo magro envolto em metros de cetim pressionado contra o meu, a balanço numa valsa.

Não sei dançar.

Escolhi a música no lugar dos passos, mas meu TOC, por uma vez, serve como um presente, em vez de uma falha.

Todo filme que já assisti e espetáculos que vi, lembro-me do ritmo, o fluxo, e meus pés caem facilmente na batida.

E, assim como eu tinha ficado intimidado e sem fôlego por Pim, estou mais uma vez deslumbrado pela forma como meu cérebro se acalmou, melhor do que qualquer articulação.

Um dois três.

Um dois três.

O ritmo da valsa corre em minhas veias, ouvidos e sangue.

Um dois três.

Um dois três.

Um ritmo perfeito, nossos pés se movendo em uníssono, num movimento terciário.

Estremeço com o alívio de me mover em sincronia em vez de lutar para permanecer dentro de restrições. Meu cérebro para de ser tão caótico. Suspiro quando tudo faz sentido racional e compreensível.

Meus dedos enrolam em volta da sua cintura conforme jogo meu tudo na dança e a agarro com força.

O gemido mais suave cai de seus lábios, sua boca se abre, os olhos brilhantes como estrelas. Ela se mexe comigo, fluindo inteiramente suave e disposta a ser minha marionete. Para que eu a guie, a ensine, assuma o controle total.

Esqueço onde estamos ou por que estamos aqui e me deixo cair completamente. Para finalmente admitir que não há fundo quando se trata de se apaixonar. Que cada vez que pensei ter chegado ao fim, outra fenda aparece para eu tropeçar.

Quantas vezes cairei por esta mulher?

E quantas vezes poderei pedir desculpas?

Puxando-a para mais perto, meu corpo tensiona com a delicadeza que ela sorri, com sua beleza, com sua força. Esfregando os lábios sobre sua orelha, murmuro, “Sinto muito por deixá-la esta tarde.”

Começo com o pedido de desculpas mais fácil, minha voz áspera e irregular. A música é alta, mas meu sussurro a anula sem falhas.

Ela se abala, em seguida, o menor sorriso aparece. “Eu quero saber o porquê... se quiser me dizer.”

Um cacho de seu cabelo solta quando a faço girar. Colocando-a de volta no meu abraço, o alcanço e coloco atrás da orelha. Meus dedos formigam em sua pele aquecida, empurrando a máscara um pouco, insinuando que a garota que amo está debaixo desta coroa e ela me escolheu apesar de como agi.

“Sou um filho da puta insensato e egoísta.”

Ela balança a cabeça, o ritmo da valsa me mantendo centrado com seu um, dois, três.

“Você é muitas coisas, mas isso nunca. Nunca conheci alguém tão altruísta como você.”

Sorrio sombriamente e não respondo. Que argumento posso usar onde não tenho que provar minhas falhas, enquanto imploro por perdão?

“Sinto muito por exigir sua voz, Ratinha.” Concentro-me em seus lábios. Eles se contraem com o apelido familiar - o mesmo apelido que roubei, assim como a tinha roubado. O mesmo nome que complementa o que usei tanto tempo atrás de maneira que não posso suportar. “Sinto muito por empurrá-la antes que estivesse pronta para ser empurrada. Sinto muito por esperar coisas que não estava pronta para dar. Sinto muito por não te encontrar mais cedo. Sinto muito por exigir seus pensamentos. Sinto muito por acreditar que

tinha acesso aos seus segredos. Sinto muito por não trazer você para casa desde o início." Minha cabeça está curvada. "Sinto muito por tantas coisas, mas acima de tudo... sinto muito por ser como ele."

Esse é o principal pedido de desculpas no meu coração. A única coisa que sei, sem dúvida, mas quero ignorar.

Roubando Pim, me tornei como Alrik. Não abusei dela fisicamente, mas tenho continuado a abusar com minhas exigências.

Nunca mais.

Se ela não quiser me contar algo sobre si, tudo bem.

Se ela quiser construir nossa vida com experiências compartilhadas, que seja.

Vou trabalhar em minhas necessidades estúpidas e nunca pedir-lhe para abrir-se novamente.

Porque eu a amo.

Não posso imaginar deixá-la ir embora. Se nunca mais a ver ou nunca conhecer a verdadeira Pim, então é um preço que estou disposto a pagar.

A música aumenta e uso o ritmo para girar, girar e jogá-la num mergulho. Ela não tem chance de responder e meu coração dolorido tem mais tempo para acreditar que as coisas podem ser reparadas.

Em seguida, a música termina.

Chegamos a um impasse.

E o anfitrião da noite, nos recebe oficialmente em sua casa.

Capítulo Vinte e Oito

Pimlico

"OBRIGADO POR participarem hoje à noite."

Uma voz profunda e melancólica puxa minha atenção de Elder para o palco na frente do salão.

Estupidamente, acho que a música vem de um CD ou leitor de música, mas não poderia estar mais longe da verdade. Uma orquestra completa está sobre o palco. Os músicos estão relaxados e limpam os instrumentos enquanto o anfitrião alisa seu smoking e se prepara para fazer o discurso.

Piano, violino, violoncelo e flautas.

O conhecimento de que Elder pode pegar um violoncelo e tornar-se parte deles me dá arrepios em cima dos que ele já causou.

Não tive tempo para responder. Não me foi dada a oportunidade de acariciar sua bochecha e erradicar o ódio auto imposto em seu olhar.

Por que diabos ele está se desculpando? E o que o fez pensar que é como ele?

Ele não é.

De maneira nenhuma.

Minha mente está tumultuada; tenho que encontrar uma resposta que possa curar a vergonha de Elder. Andamos em círculos por muito tempo. Ele está nos deixando loucos em vez de nos permitir crescer. A papelada solta e

experiências vagas da minha curta vida não têm a sabedoria necessária para nos reparar uma vez por todas. Não tenho ninguém a quem perguntar qual é a melhor coisa a fazer ou dizer.

Só tenho a mim e meus pensamentos confiantes, então aterrorizados e caóticos, em seguida, confiantes.

"Bem-vindos..." o anfitrião diz em seu tom barítono e sombrio, cortando meus pensamentos, exigindo atenção.

O salão de baile se aquieta quando as centenas de pessoas se focam no homem vestido com um smoking impecável. Ele usa uma máscara simples, preta, lisa como de um vilão, similar à máscara negra de veludo de Elder, não querendo ser conhecido. No entanto, os olhos de topázio brilham nas sombras, dançando sobre sua família em pé ao lado.

Uma mulher com o vestido mais incrível que já vi - menos o que uso - sorri encorajadoramente. Ela parece um corvo se transformando num cisne com seu vestido de chiffon branco e penas pretas espalhadas por toda a saia. Sua máscara é diferente da máscara de todo mundo e só cobre um dos olhos, reduzindo o rosto a um queixo em um intrincado arabesco de pérolas.

Mas é o colar que a diferencia.

Velas e candelabros tornam quase impossível estudar a pesada gargantilha de diamantes brilhando em torno de sua garganta. Isso a corta pela metade, quase ofuscando sua beleza, se não fosse pelo porte real que ela mantém – o domesticando, em vez de usá-lo.

Nunca pensei em joias se tornando alguém, mas tenho a estranha sensação de que o colar significa muito mais do que apenas um simples ornamento para uma noite elegante.

Desviando os olhos, vejo as duas crianças que estão bem comportadas na frente do anfitrião e da anfitriã, de mãos dadas. Um menino que imagino ser parecido com seu pai com uma máscara preta correspondente sobre os olhos e uma menina que é uma versão mais jovem do cisne.

"Esta noite é uma ocasião significativa para nós, e estamos honrados que possam estar aqui." Nosso anfitrião, Jethro Hawk, lança um olhar para a esposa. "Esta é a primeira vez que o salão está sendo usado para festas mais alegres, e tenho certeza que não será a última." Sua garganta trabalha como se uma frase tão simples carregasse um peso particular.

Sua mulher estende a mão e pega a mão dele. Eles ficam ligados conforme ele continua, "Convidamos vocês para nossa casa e estamos ansiosos para conversar durante toda a noite. São mais do que bem-vindos a caminharem pela propriedade, visitarem os estábulos ou pomar, ou explorarem os vários quartos de Hawksridge. Enquanto forem nossos convidados, pedimos que respeitem as câmaras trancadas e não acreditem nos boatos que há muito tempo circulam no nosso salão."

Uma ligeira ondulação de murmúrios segue pela sala.

Uma risada feminina soa, guiando minha atenção para uma mulher vestida com um vestido turquesa gotejando com safiras e uma máscara que brilha opalescente com pedra da lua. Ela é tão impressionante como a anfitriã; só que está sentada numa cadeira com rodas embrulhadas em pedras preciosas e fitas, segurando a mão de um homem alto, de cabelos escuros que usa um smoking branco ao invés do costumeiro negro.

Ela ri de novo, surpreendendo o salão em silêncio. "Vamos lá, irmão. Acho que a fofoca é muito mais divertida do que a verdade, não é?" Ela sorri para a multidão. "Por que

mais há tantas pessoas aqui esta noite, do que para ouvir o conto de dívidas transformadas em casamento?"

"Aqui, aqui", alguém diz, levantando uma taça quando garçons e garçonetes caminham através das massas distribuindo champanhe. "Ouviremos felizes um conto de ninar ou dois."

Todos riem além de Elder e eu.

É como se todos soubessem algo sobre esta família que nós não. Elder tensiona quando seus olhos se prendem no anfitrião. O Sr. Hawk se endireita com a piada, um olhar estranho cruzando seu rosto. Ele é tomado pelo riso, e não é divertido para ele, mas doloroso.

Sua voz aquieta o salão de baile com o comando tenso. "Hoje à noite, há coisas muito melhores para nos entreter do que ouvir histórias. Temos negócios a tratar, afinal de contas." Ele aquece o discurso. "Os diamantes que estão atualmente à venda têm transparência e cor certificadas e estão em exposição na sala de estar. O Sr. Elder Prest está aqui para discutir pedidos de iates com aqueles que têm inclinações náuticas. Eu, pessoalmente, estou disponível para conversar com qualquer pessoa que pretenda comprar um cavalo de polo bem-treinado ou dois, e acredito que o Sr. Sullivan Sinclair está aqui para ajudar com qualquer ilha de luxo para viagens que possam querer reservar em seus muitos estabelecimentos."

Com um aceno breve, Jethro Hawk diz: "Por agora, desfrutem da música e do champanhe. Aproveitem ao máximo sua noite." No segundo que ele termina, aponta para a orquestra, que inicia a música imediatamente. Apertando a mão de sua esposa, ele guia sua família para fora do palco e desaparece do salão através de uma das muitas portas.

A mão de Elder pousa na parte inferior das minhas costas.

Estremeço com seu toque; um pouco surpresa de ser capaz de uma luxúria tão rápida e poderosa, fico instantaneamente molhada para ele.

Virando para encará-lo, me preparo para dizer coisas que não acredito, mas garantias que precisa ouvir. Quero conceder meu perdão por todas as coisas que ele pediu desculpas - não porque acredito que ele tem qualquer coisa para se desculpar, mas esperando conceder-lhe uma pitada de paz.

Seus olhos ônix queimam os meus, cheios de amor complexo, ódio, desejo e arrependimento, sua voz tão emaranhada. “Vamos encontrar um lugar tranquilo. Preciso falar com você."

Pego sua mão e balanço a cabeça.

* * * * *

Não fomos muito longe.

No momento em que saímos do salão de baile e evitamos perfume, tule e elegância, nos encontramos praticamente esbarrando em nossos anfitriões.

O Sr. e Sra. Hawk estão nas sombras do corredor, a mão dela no rosto de seu marido, a testa dele tocando a dela. Seus filhos estão longe de serem encontrados, e minha pele cora pelo momento íntimo que interrompemos.

“Concentre-se em mim e só em mim,” sua esposa murmura. “Eu disse que era uma má ideia, Jet.”

Ele geme baixinho. “Estou farto dos malditos sussurros, Nila. Sabe tão bem quanto eu que isso deve impedi-los para sempre. Kes e Emma não precisam desta merda crescendo cada vez mais.”

“Eles vão ficar bem. Eles sabem a verdade. Quem se importa se as fábricas de fofocas ainda estão dizendo” – a Sra. Hawk nos nota. Afastando-se, ela deixa cair o toque do rosto de seu marido e abre um grande sorriso, amigável, inteiramente profissional em seu papel como anfitriã. “Ah, Olá. Já explorando? As bebidas apenas começaram a circular.”

Jethro Hawk pisca, sacode a cabeça levemente, em seguida, esconde o olhar tenso com uma elegância suave. “Ah, Sr. Prest.” Ele avança com a mão estendida. “Prazer em conhecê-lo em carne e osso.”

Elder aperta seus dedos nos meus quando alcança o outro para completar as amabilidades. Ele baixa a cabeça respeitosamente. “Digo o mesmo, Sr. Hawk. Obrigado pelo convite.”

“Jethro, por favor.” Ele sorri firmemente. “Temos a sorte de nos misturar nos mesmos círculos de riqueza e decadência. Tenho a intenção de fazer amizades com todos eles agora que estou no comando da propriedade de minha família.” Virando-se para mim, seu sorriso se aquece. “E você deve ser Pimlico. A acompanhante.”

Balanço a cabeça. “Eu sou.”

“Você tem um sobrenome?”

Elder fica tenso. “Ela tem tanto um primeiro e último nome, mas por agora é só Pim.”

Jethro nos estuda como se Elder tivesse entregado muito mais do que apenas meu nome. Ele abre a boca para responder, mas duas crianças aparecem, um vestido de gala em miniatura e um smoking voando enquanto fogem através do labirinto de corredores, gritando de alegria.

O rosto de Jethro amolece com carinho absoluto.

A mesma agonia que me bateu na delegacia de polícia me encontra novamente.

Engasgo com o anseio em meu coração - a forma como ele estendeu os braços por algo que nunca quis e agora daria qualquer coisa para merecer.

Nunca tive nada contra crianças antes, não que tenha estado em torno de muitas. Elas são apenas minúsculos seres humanos que pertencem a outras pessoas. Apenas olhar o amor de Jethro por sua prole não faz o meu coração bater com desejo.

Mas isso é porque não sou apaixonada por Jethro Hawk.

Estou apaixonada por Elder Prest, e cometi o erro de olhá-lo, graças ao aperto de seus dedos ao redor dos meus com o som do riso das crianças.

Seu rosto fica branco, os olhos escuros como breu. Com apenas um olhar sei para onde seus pensamentos foram: para o seu irmão mais novo que foi queimado. Para os seus primos que ele não tem permissão de entrar em contato. Para a sua família, para quem abasteceu um iate inteiro com presentes.

Deparo-me com um Elder tão solitário - navegando pelos mares, satisfeito fora da terra. Apenas sua solidão faz furos gigantes, infectando-me, fazendo-me desejar que possa estalar os dedos e dar-lhe tudo o que falta.

Essa nova mudança dentro de mim despertou um desejo maior. E desta vez... é ainda pior. Incapacitante. Mutilante. Um conhecimento terrível e horrível que se posso ter um despertar para querer filhos... imagine quão terrível seria para um homem que coloca a família acima de tudo.

Quero nos unir. De repente uma desesperada e atormentada necessidade de nos fundir e dar-lhe um filho.

Esse pensamento me choca estupidamente.

Quero ter filhos.

Elder quer ter filhos.

Nunca poderei lhe dar filhos.

Nunca poderia devolver-lhe a família que o condenou ao ostracismo e estou muito danificada para dar-lhe uma nova - uma que pertença inteiramente a ele.

Meu coração chora mesmo enquanto meus olhos permanecem secos.

A conversa continua ao meu redor, mas perco a noção.

Tudo o que posso pensar é como irrevogavelmente apenas mudei e a rapidez com que isso aconteceu. Quão rápido fui do singular ao plural. Como Elder é meu agora, por completo. E não o mereço, porque nunca poderei dar-lhe o que, em última análise, ele necessita.

Meu amor nunca será suficiente.

Eu nunca serei o suficiente.

Oh Deus...

A dor dele.

A injustiça -

"E você? Está gostando de Hawksridge Hall?"

A questão contorce um caminho dentro da minha mente, interrompendo meus pensamentos desenfreados. Tento trancá-lo, mas sou arrastada novamente.

Conheço a dor. Dor imensa, dor catastrófica.

Mas nunca senti algo tão nítido ou rápido como o desgosto de saber que nunca poderei dar a Elder uma criança. Que este novo tique-taque dentro de mim está

correndo como um relógio quebrado. Um relógio que nunca será capaz de mostrar a hora ou entregar o que suspeito ser a única coisa que Elder quer no mundo.

E se ele finalmente me odiar?

Lágrimas escorrem do meu coração para os meus olhos com o pensamento de não ser completa. De não ser capaz de dar-lhe tudo o que precisa e muito mais.

Preciso sair...

A dor está cada vez pior.

Minhas unhas afundam no tecido denso em volta da minha cintura.

O bom senso tenta me tirar disso.

Mesmo se eu *puder* ter filhos, sou jovem. Não quero continuar sendo jovem? Não há pressa.

Quase zombo da ideia. Por dois anos, vivi querendo nada mais do que morrer. Agora que estou vivendo, quero aproveitar. Quero rir a cada minuto e sorrir a cada hora. Não deixarei prazos certos ou errados influenciarem minha vida.

Nunca mais.

Até minha mãe me aconselhou o mesmo.

E não posso fazer absolutamente nada sobre isso.

"Pim?" Elder roça os lábios sobre minha orelha, puxando-me de volta para o meu vestido requintado, me encharcando em fios de música orquestrada, e deixando-me em pé diante dos donos desta antiga mansão.

Engulo em seco, esfregando a dor em meu coração antes de deixar cair meu toque protetor sobre um estômago que será para sempre plano e inútil.

Recomponha-se.

Esqueça.

Você está viva. Concentre-se nisso e pare de pedir mais do que merece.

"Desculpe? O que?"

Elder faz uma careta. "Você está bem?" Ele se afasta, plantando as mãos nos meus ombros. "Ataque de pânico?" Seus olhos fitam sobre a minha cabeça para o salão de baile ainda caótico com dançarinos e grupos. "Merda, eu não pensei. Multidões - elas são demais para você."

Engraçado que ainda não pensei nisso.

Cheguei com Selix me protegendo e encontrei o rosto impressionante de Elder meio escondido atrás de uma máscara cara de veludo, e fiquei feliz, não com medo.

Não tinha nada que temer até este momento, e a única pessoa de quem tenho mais medo é de mim mesma.

Estou com medo de perdê-lo, porque não estou inteira.

Estou com medo das coisas que gostaria de fazer para garantir que ele nunca saiba meu horrível segredo.

Estou com medo que os sussurros insidiosos o seduzam para ver se os médicos estão errados. Que o usem para descobrir de uma maneira ou de outra, se estou realmente danificada irreparavelmente.

Até onde irei se me deixar seguir esse caminho?

Sem esperar pela resposta, Elder agarra o meu cotovelo e vai em direção à saída. "Nós vamos embora. Esta foi uma má ideia."

Sair?

Eu não posso.

Ainda não.

Não até eu ter tempo de tapar meus buracos e esconder as rachaduras.

“Não, espere.” Inclino-me contra o puxão, arrastando-nos a um impasse. "Estou bem. Sinto muito, minha mente apenas se afastou.”

Não veja minhas mentiras.

Elder faz uma careta, descrença em seu rosto quando olha meus olhos. “Você tem certeza?”

Seu olhar negro, como de costume, é muito perspicaz e tem uma maneira estranha de pescar do mar profundo em minha alma, enganchando a verdade, mesmo quando ela tenta ao máximo se esquivar.

Forçando um sorriso, eu assinto. “Eu tenho certeza.” Toco seu pulso delicadamente. “Fiquei pensando que minhas doenças são confidenciais, mas estava lá quando tive o ataque de pânico nas escadas.” Não é a coisa certa a fazer - trazer nossa primeira reunião com Alrik mais uma vez, mas prefiro lançar sua mente para aquele lugar terrível do que este novo que não consigo definir. “Você me deu seu casaco. Você fez meu coração bater novamente. Prometo que no momento que tiver outro ataque, vou te dizer e te pedir para me levar para longe, onde seremos só nós dois.”

E, possivelmente, nunca três ou quatro.

Esmago a voz da esterilidade.

Seus olhos estreitam. Os dentes afundam em seu lábio inferior com deliberação. Ele me deixa fraca e querendo, me fazendo palpitar.

“Você sabe...” baixo os cílios, deixando que um pouco da minha dor apareça. "Pode estar certo. Eu posso ter tido um pequeno ataque de pânico, mas agora estou bem.” Olho para cima, forçando coragem e falsidade no meu rosto. “Sério, El.”

Leva uma eternidade - uma eternidade onde quero morrer por deliberadamente mentir, até que ele assente bruscamente. "Tudo bem."

Minha língua treme para dizer mais mentiras, precisando consertar o constrangimento entre nós. Só que o nosso anfitrião dá um passo adiante, inserindo-se na conversa.

“Sinto muito por ouvir, mas disse que tem problemas com estar em multidões também?” Jethro Hawk pergunta numa voz enganosamente entediada.

Meus olhos se estreitam, ouvindo mais do que devia em seu tom. Não importa a polidez distante em seu rosto, ele não consegue esconder o súbito interesse escondido.

Sua esposa faz uma careta, flutuando perto e colocando a mão em seu braço, como se em algum código sutil para ele se comportar.

Forçando meus olhos da inspeção detalhada de seu marido, que dá de ombros como se essa coisa toda fosse um enorme desperdício de tempo e mal-entendidos. “Como qualquer um, tenho momentos de medo, bem como qualquer outra emoção. Quem não tem?”

Jethro coça o queixo, seu cabelo grisalho o deixando jovial, bem como sábio. “Todo mundo tem, mas alguns mais do que outros.”

Ele fala como se fosse mais velho e não estivesse nos seus trinta anos como suspeito. Ele expressa as coisas de uma maneira que sugere que não está falando apenas sobre o nosso tema atual.

Ele me deixa nervosa.

“Assim como o medo, algumas pessoas azaradas sofrem mais traumas no seu passado do que outras.” Respondo, não querendo deixá-lo vencer. Não sei por que

minha irritação aumenta quando ele me encara. Minhas costas arrepiam como se ele pudesse ver mais do que deve. Como se ele entendesse exatamente por que fiquei tão quieta e porque meu coração dispara tanto agora.

"O trauma pode vir de várias formas, não há dúvida disso." Sua esposa sorri.

Meu queixo levanta. "Concordo. Só não existe tal trauma agora." Pressionando-me para perto de Elder, mais para meu benefício do que para o dele, adiciono, "Elder é a razão pela qual não suporto mais essa palavra." Sentindo-me muito estudada e despida, fico cada vez mais na defensiva. A pergunta de Jethro se repete em minha mente. O fato de que ele perguntou se me sentia mal em multidões *também*, significava que ele tem o mesmo problema.

Ele pode ser o mestre desse castelo, mas não deixarei ninguém me abalar novamente. "Por que *você* não gosta de multidões, Sr. Hawk? Se prefere menos companhia, porque convidar tantas pessoas hoje à noite?"

Sr. Hawk mantem o rosto indiferente. "Não é que não gosto de multidões. É que elas fornecem muitas oportunidades como esta." Ele acena com a mão conforme sua esposa limpa a garganta. Atirando-lhe um olhar, ele disse: "De qualquer forma, é assunto para outro momento. Para responder à sua pergunta, simplesmente prefiro a companhia daqueles em quem confio muito mais do que daqueles em quem não confio."

Sua esposa dá um passo adiante, tomando o centro das atenções e a mão do marido. Sua risada é brilhante depois de tanta escuridão. "Todos temos segredos e histórias, não é? Se todos falassem a verdade, tenho certeza que nunca deixaríamos o conforto de casas por medo do que poderia acontecer."

Elder ri baixinho, aceitando o fim desta estranha conversa no corredor. “Você está certa, Sra. Hawk. O mundo é infinitamente perigoso.”

A estranha tensão desaparece quando Jethro sorri mais facilmente e menos complicado desta vez. “Quase me esqueci.” Desembaraçando os dedos de sua esposa com um olhar amoroso, ele caminha para um aparador elaborado com centenas de pequenas gavetas e arabescos. No topo há um candelabro de bronze segurando pelo menos trinta velas tremeluzentes.

Puxando uma chave do bolso, Jethro a insere numa das gavetas e a abre. Espalmando o que quer que seja, ele tranca o armário e vira para Elder. “Esta é sua, acredito.”

Elder inclina a cabeça, mas aceita a caixa longa e estreita. O veludo azul profundo tem um diamante prata bordado no topo - o logotipo dos Diamantes Hawk. Agora que vi isso, o reconheço de cartazes em lojas de joias nos arredores de Londres. Até mesmo vi anúncios em estações de trem com cartazes pingando diamantes e seu logotipo simples, mas poderoso, no canto.

Meus olhos desviam para a gargantilha da Sra. Hawk e memórias me inundam.

Já vi este colar antes, ou pelo menos uma réplica dele num outdoor na estação de metrô Pimlico. A revista lançou um artigo sobre algum rumor fantástico que uma herdeira de uma fortuna de família em produtos têxteis foi sequestrada e mantida em cativeiro para pagar as dívidas de sua família com a família de seu sequestrador.

É isso o que as pessoas estão insinuando no salão de baile? Tentando se intrometer no mundo privado do casal? Não admira que não estejam à vontade em meio a multidões se foram atormentados por tais fofocas.

“Obrigado, Sr. Hawk.” Elder coloca a caixa no bolso superior do smoking. “Aprecio o retorno rápido.”

“Por favor, como disse, me chame de Jethro. E de nada.” Olhando para mim, ele sorri bruscamente. “Vejo por que o queria pronto tão rapidamente.”

Elder franze a testa. “Sim... bem.” Ele procura uma mudança de assunto. “Temos tomado o suficiente do seu tempo.” Segurando meu cotovelo, ele inclina a cabeça. “Vamos deixá-los aproveitar o resto da sua festa.”

“Antes de ir -” Jethro estende a mão para o corredor. “Não me importaria de discutir algumas coisas sobre a potencial compra de um iate. Você se importa? Acredito que Sullivan Sinclair também quer conhecê-lo.”

Elder me olha com relutância.

Meus olhos desviam para a caixa agora escondida na jaqueta do seu smoking. Quero perguntar o que diabos é, mas seguro a língua. As coisas aconteceram no espaço de poucos momentos e me fazem imaginar onde estou com ele e o que isto significa.

A testa de Elder franze e os olhos escurecem com a frustração. Ele aceita o convite para o negócio. E o negócio está chamando-o para longe. “Vai ficar bem se eu deixá-la sozinha por um tempo?”

Sorrio, fazendo o meu melhor para parecer uma mulher normal que não se importa nem um pouco em ser deixada sozinha com estranhos. Só porque não vi mal nesta mansão resplandecente ou olhei para os rostos dos convidados mascarados com suspeita, não significa que serei forte o suficiente para estar cercada por pessoas que não conheço.

Mas já fui uma pessoa terrível esta noite. Não gostaria de acrescentar mais vergonha por fazê-lo se sentir culpado e ficar comigo. Eventualmente, tenho que enfrentar

circunstâncias como esta, e esta noite é tão boa quanto qualquer outra. “Sim, claro.” Já me coço com o pensamento de estar vulnerável a outro ataque, outro estrangulamento, outra venda.

Isso não vai acontecer.

Porque tanto quanto tenho remendado buracos com minha mãe, não sou tão ingênua quanto fui uma vez. Gostaria de ouvir meus instintos sobre sua tutela. Eu mataria antes de dançar voluntariamente com outro assassino.

E, além disso, é assunto de Elder.

Sob nenhuma circunstância vou estragar tudo ou ser uma inválida fraca arruinando seus sucessos.

"Vá. Honestamente, vou ouvir a orquestra até que volte.”

Errado. Vou me esconder num canto em algum lugar onde minhas costas e lados estejam protegidos e possa ver qualquer um que chegue perto de mim.

Jethro me dá um olhar curioso, as narinas dilatadas como se pudesse cheirar minha mentira.

Elder me puxa para perto, sussurrando em meu ouvido: “Sei que está mentindo, mas não vou diminui-la te arrastando comigo ou pedindo a Selix para te proteger. Em vez disso, vou te dar uma tarefa para manter sua mente entretida e as mãos ociosas ocupadas.”

Engulo em seco quando minha respiração fica quente com o comando. “Furte algo para mim, Ratinha. Estamos no salão dos diamantes, afinal de contas.”

Recuo, estudando seu olhar negro. “Não pode estar falando sério.”

“Mortalmente.”

A última vez que furtei, eu acabei presa.

E foi numa tentativa de furtar uma carteira. Qual diabos é a pena por roubar um diamante caro de uma família que tem uma mina? Talvez eles cortem a minha mão se os rumores que favorecem punições medievais por crimes forem verdadeiros?

Não sei porquê, mas o pensamento me faz rir nervosamente, a ansiedade se infiltrando. Balanço a cabeça, para lhe dizer que de maneira nenhuma no inferno faria o que pediu. Mas Jethro limpa a garganta, terminando nossa guerra de encarar. “Se você puder, Sr. Prest.”

Elder me solta, um sorriso malicioso nos lábios. “Faça o que peço, Pim, e o item que Sr. Hawk me deu será seu.” Ele bate seu bolso do smoking. “Quer saber o que está dentro dessa caixa bonita, não é?”

Maldito seja.

Antes que possa argumentar e alcançar o bolso eu mesma, ele e Jethro giram e saem.

No momento em que os homens desaparecem ao virar da esquina, a senhora Hawk suspira docemente. “Tenho que me certificar que meus filhos não estão fazendo algo que não devem. Vai ficar bem? Sinta-se livre para explorar, sempre que as portas estiverem abertas.”

Balanço a cabeça, engolindo em seco com a ideia de ser deixada sozinha num lugar gigante com muitos cantos e recantos para o crime e bolsões de escuridão e terror. “Obrigada, Sra. Hawk.”

Ela acaricia minha mão quando passa. “Por favor, me chame de Nila.” Sorrindo com um toque de charme conspiratório, ela acrescenta: “A propósito, parece exatamente como eu esperava que alguém tão bonita como você parecesse nesse vestido.”

“Desculpe?” Magoada, aliso o corpete azul e vermelho timidamente.

Nila suspira melancolicamente. “Desenhei esta roupa há apenas alguns meses em minha estadia em Hawksridge. Realmente o roubei de um ancestral que o esboçou na mesma revista que me foi dada nesse momento.” Seu olhar se apaga. "Espero que goste. Acho essas linhas bonitas... a variedade de cores me fascina, mesmo que a pigmentação seja das cores que o corpo fica quando se cura da dor. Talvez por isso eu os amo.”

Não sei o que dizer. As mulheres que me vestiram no hotel mencionaram que a criadora deste vestido estaria aqui. Planejei elogiá-la por sua atenção aos detalhes e visão de moda, mas Nila sacudiu a cabeça e trocou de assunto tão rapidamente quanto começou este. “A tarefa que seu homem te deu? Vale a pena fazer. Amo desenhar roupas e ter a emoção de ver as mulheres usando minhas criações, mas não é nada comparado com a intensidade de ver um diamante Hawk encontrar sua casa para sempre.”

Ela baixa a voz como se os retratos de parentes mortos há muito tempo nos escutassem. “Vi o que seu homem solicitou a Jethro. Vai querer ver por si mesma, então faça o que ele pediu. Vale a pena... confie em mim.”

Com esse incentivo enigmático para que eu a furte, ela desliza de volta para o salão de baile e me deixa.

Sozinha.

Capítulo Vinte e Nove

Elder

A REUNIÃO COM Jethro Hawk não dura muito.

De uma maneira estranha, parece que ele está ouvindo mais do que eu não estou dizendo que o que digo. Conforme listo estatística e números de meus iates, os elogios que ganhei, os desenhos que fiz, ele fica batendo com o dedo contra seus lábios, fazendo-me sentir como uma exibição de um maldito jardim zoológico.

No momento que ele assente com a cabeça e admite estar interessado num iate de tamanho menor para diversão e lazer ao invés de viagens marítimas, estou drenado de fazer o meu melhor para manter a minha mente no trabalho e não em Pimlico.

Toda vez que penso nela, a agonia de como a tratei sobe mais uma vez, rapidamente seguida pelo amor com o qual ela me enfraqueceu.

Pedi desculpas, mas ainda não é suficiente.

Não ganhei uma resposta.

Não dei tempo para ela me dar uma.

Mas subestimei minha necessidade de tê-la aceitando o meu pedido de desculpas e me absolvendo dos pecados.

Porra, nunca deveria tê-la deixado sozinha.

Ela se distraiu no corredor, mas foi diferente de seus ataques de pânico. Estou acostumado a exibições físicas de

terror - de segurá-la quando ela inspira inutilmente e busca os seres monstruosos que a ameaçam.

Desta vez, o inimigo com que ela lutou é um que não entendi. Ela sofre por causa de algo desconhecido. Algo que não posso ver, ouvir ou tocar.

Preciso saber o que é.

Preciso dizer-lhe para parar de mentir para mim.

Mais tempo se passa quando listo as embarcações menores disponíveis, em vez daquelas com preço de quinhentos milhões e extravagâncias como trinta quartos, e Jethro escolhe alguns exemplos dos modelos das fotos no meu telefone para uma prévia.

Ele se despede, assim que combinamos discutir suas exigências via e-mail.

No momento em que ele sai da reunião, sob o pretexto de encontrar sua esposa e filhos, bato na caixa queimando um buraco no meu coração e caminho até a porta eu mesmo.

Não abri o presente.

Eu não quero. Foi feito para Pim, e apenas é certo que ela seja a primeira a vê-lo.

Esta reunião de vinte minutos parece durar muito, mas agora estou livre e tenho toda a intenção de encontrá-la. Ela estará muito aterrorizada após o que aconteceu da última vez que esteve numa grande recepção.

Por que diabos a deixei e que porra me possuiu para pedir-lhe para furtar de novo?

Não tinha intenção de fazer uma coisa dessas. Ela acabou na prisão, pelo amor de deus. Seu nome entrou numa base de dados e seu arquivo foi encontrado por quem está caçando as meninas da QMB.

Ela se tornou conhecida por pessoas de quem quero escondê-la.

E a culpa foi minha por apresentá-la à ideia do furto.

Maldição, seu idiota.

No momento em que a encontrar, nós sairemos. Direi a ela para ignorar quaisquer idiotices futuras sobre furtar em meu nome e a proibirei de pegar o que não é seu novamente, não apenas para salvar seu karma e reduzir qualquer chance dela ser presa, mas porque ela não tem motivos para furtar.

Eu a sustentarei.

Terei orgulhoso de cuidar dela em todos os sentidos que ela precisar.

Se ela deixar.

A única coisa que ela precisa furtar é o meu pedido de desculpas. E, em seguida, assim que souber que ela me perdoou, podemos seguir em frente e decidir para onde navegar depois daqui.

África, América, China? Onde estaremos a salvo e onde é o melhor lugar para entrar em guerra com o Chinmoku?

Quando saio da pequena sala de estar, onde Jethro e eu conversamos, quase colido com outro cavalheiro.

Ele estende a mão e vejo um flash de dentes brancos e afiados ameaçando, bem como sendo respeitosos. "Sr. Prest, presumo?"

Aperto a mão com relutância. "Presume corretamente. E você é?"

"Sully Sinclair. Hawk disse-me que está no negócio de criação de iates personalizados?"

Seguro o impulso de arrancar a máscara do estranho. Tolerei a máscara preta de Jethro porque vi fotos dele e sei o suficiente de sua história para fazer negócios.

Este homem nunca ouvi falar ou conheci.

Um baile de máscaras não é o lugar ideal para discutir trabalho ou aquisições e não porque as bebidas estão fluindo e há coisas muito melhores para fazer do que conversar sobre fatos e números, mas porque não tenho ideia de como esse cara é.

Ele é bom ou mau?

Inimigo ou confiável?

Ele é da minha altura, usa uma máscara cinza que cobre toda a cabeça. Uma fileira de contas de marfim decora a testa, formando chifres que descem por seu crânio. Seu smoking combina com cinza de sua máscara, o transformando em metálico, misterioso e desconhecido.

Seus olhos azuis são as únicas coisas visíveis, junto com sua mandíbula.

“Você está no mercado?” Forço-me a perguntar, mantendo as aparências quando tudo que quero fazer é empurrá-lo de lado e perseguir Pim.

"Por acaso, sim. Possuo algumas ilhas no Pacífico, e meus clientes estão acostumados a certo nível de luxo.” Ele dá um sorriso de tubarão. “Vamos apenas dizer que... eu gosto de mantê-los felizes.”

O nível de escuridão em sua voz me diz tudo o que preciso saber.

Ele se envolveu em negócios que provavelmente não aprovo. Ele é um cliente típico - um malandro do submundo que se esconde nas sombras escuras e paga com dinheiro sujo.

Um cliente que procuro de bom grado porque pagam melhor do que os bilionários de colarinho branco, o que significa que posso quitar a minha dívida mais rapidamente e financiar melhor minha vingança.

Escondendo meu desdém para sua ocupação, finjo interesse. “Então está atrás de embarcações menores?”

“Estou atrás de algumas. Grandes e pequenas. Se tiver tempo para conversar.”

Cada centímetro em mim quer dizer a ele que não, eu não tenho tempo. Não essa noite. Quero dizer-lhe que se ele planeja fazer negócios será em meus termos, quando minha mente não estiver em minha mulher.

Marcarei outra reunião de preferência on-line depois de ter investigado quem ele é, que ilhas possui e que negócio tem. Provavelmente invadirei suas contas bancárias para ver se ele tem os fundos antes de pedir-lhe para me enviar um e-mail da lista de compras que tem em mente.

Mas vim esta noite por isso.

E este senhor pode comprar mais de um, se tiver dinheiro.

Pode valer a pena.

Espero que Jethro Hawk tenha feito o suficiente para verificar os seus convidados, e que esteja seguro em perder meu tempo com Sully Sinclair, fico calmo e sorrio educadamente. “Tenho dez minutos.”

Capítulo Trinta

Pimlico

Estou cercada por diamantes.

Todos soltos e maduros para a colheita, como morangos aninhados em palha. Só que estas frutas foram feitas de beleza antiga sob alta pressão, facetada e aninhada em veludo preto.

Onde está a segurança? Por que não há fechaduras e chaves?

Durante os últimos vinte minutos, fico amedrontada com a riqueza espalhada em torno das mesas como bijuterias. De pequenas pedras até coisas caras, qualquer um podia entrar, pegar um diamante, e sair.

Isso me petrifica por algum motivo, como podem os Hawks confiar que seus clientes não roubariam? Horrorizava-me sua falta de cuidado, insinuando a quantidade de riqueza que devem ter para amortizar esta sala inteira se alguém tiver mãos leves.

Em quanto foram avaliados, se podem deixar uma sala cheia de diamantes em sua casa com homens e mulheres mascarados? E quanto é que investiram em vida humana para justificar a mineração de tantas pedras? Será que praticam técnicas de mineração éticas ou são diamantes de sangue sobre os quais tanto ouvi falar?

Você está correndo contra o tempo novamente.

Assim como no armazém quando Elder me ordenou sobre o que furtar, me encontro com a perna travada no

centro da sala, totalmente suspeita e nem um pouco disposta a furtar algo que não me pertence.

Fui curada dessa estúpida vocação.

Fiz uma promessa de parar minha carreira bem sucedida como ladra.

Então, ignore.

Minhas mãos se fecham e assinto.

Farei isso.

Ele deu uma tarefa, mas pela primeira vez, desobedecerei.

Não furtarei nada. Recuso-me a fazê-lo novamente.

Virando no lugar, levanto o queixo, feliz com a decisão de ignorar Elder embora ainda lute com a total insubordinação.

Uma figura captura meu olhar, batendo meu coração numa parede de tijolos. Levito por um segundo enquanto cada músculo salta.

Inferno.

O homem parado na porta permanece camuflado pela sombra; uma leve risada enche o espaço. “Desculpe, pensei que tinha me visto.”

Instantaneamente, agulhas cortantes e pernas de insetos rastejadores passeiam sobre a minha pele.

Seguro ou perigoso?

Agradável ou desagradável?

De qualquer maneira, estou sozinha, com um homem estranho num quarto vazio, numa casa desconhecida, cercada por convidados mascarados.

Não.

Meu coração acelera e balanço a cabeça violentamente, decidindo que este cenário não pode ser permitido. De novo não.

Fico feliz em aceitar minhas deficiências sobre multidões e espaços estranhos. Gostaria de trabalhar em minhas falhas remanescentes do passado.

Mas não aqui.

Agora não.

Recuando, olho rapidamente por cima do ombro para outra saída que leva a um lugar que não conheço. Será algum lugar no corredor, pelo menos algum lugar longe deste estranho, diamantes brilhantes e uma ameaça em potencial. “Eu, eh... eu estava de saída.”

Meus pés suam nos saltos, fazendo-me tropeçar. Minhas mãos seguram as saias voluptuosas, desejando que possa rasgá-las e correr.

O homem dá um passo adiante, empurrando as mãos dentro da calça smoking. Ele balança a cabeça, sua máscara tremendo um pouco. "Não precisa se preocupar. Não quero te fazer mal.”

Paro de recuar.

Eu o reconheço agora que ele entra na luz. Diamantes pintam pequenos arco-íris sobre seu traje preto fazendo-o parecer quase um sonho.

O anfitrião deste baile de máscaras.

Jethro Hawk.

Enrolo meus dedos para ocultar os resíduos dos tremores por sua chegada. "Sr. Hawk, lamento muito que me assustou. Estava apenas admirando -”

Ele inclina a cabeça com um sorriso afiado. “Eu sei o que está fazendo.”

Ele não pode saber.

Eu sorrio. Eu nunca sorrio.

Odeio positivamente a maneira como ele me deixa nervosa, agitada e tão consciente e a cada encontro aumenta mais. Ele não está aqui apenas para discutir diamantes, assim como não é apenas um homem que herdou a fortuna de sua família.

Ele é alguém que não confio.

Mesmo Elder, quando me roubou, não me deixou tão desconfortável.

Vindo em minha direção, Jethro arranca um diamante de tamanho médio de uma bandeja e o joga na palma da mão. “Você não está aqui para admirar.” Ele me dá um olhar sombrio através da máscara. "Está?"

Dou de ombros. "Claro que estou. Isso e me escondendo da multidão.”

"Ah sim. Lembro-me de você dizendo que vai voltar ao baile e ouvi música...”

“Não tenho o direito de mudar de ideia?” Meus dedos se contraem nas saias.

“Todo mundo tem o direito de mudar de ideia; embora já tenha mudado a sua, enquanto mente para Prest.”

Como ele pode saber disso?

Engulo em seco, determinada a não deixá-lo ver quão agitada me deixa.

“Por que voltaria voluntariamente para algo que odeia?” Ele inclina a cabeça. “Você está evitando o salão de baile

assim como eu, embora por razões diferentes. Não há necessidade de mentir."

"Quem disse algo sobre mentir?" Estreito os olhos, desesperada para desviar a conversa estranha para ele e perguntar suas razões para evitar as pessoas que convidou. Não posso vê-lo tendo medo de nada, não com seu título, hall majestoso e família incrível.

Ele não se move, observando-me com muita perspicácia.

O silêncio se estende, adicionando mais vibração à minha barriga. Não posso suportar isso. "Bem... suponho que, apesar da minha relutância em me misturar, fui rude o suficiente." Movendo-me para a saída, dou um pequeno sorriso. "Foi um prazer vê-lo novamente. Obrigada por sua hospitalidade."

Preciso fugir. Não gostei das bolhas nervosas em meu sangue. Não gosto de ser vigiada como se ele soubesse muito mais do que deve. E definitivamente não gosto do jeito que ele parece tão culto, enquanto meus instintos sussurram que ele não foi sempre tão bem comportado.

Tenho uma necessidade indescritível de encontrar Elder e velejar no Phantom.

As ondas salgadas do mar têm me infectado da mesma forma que fizeram com ele. A firmeza constante do solo sob meus pés já não é reconfortante. Quero o constante fluxo e refluxo e liberdade encontrada no mar.

"Ele te ama, sabe."

Paro, quase sem respirar.

"Acho que você sabe disso, mas duvido que seja porque ele disse."

Girando lentamente, o encaro com os olhos arregalados. “Como sabe que ele me ama? Ele falou com você sobre mim?” Como pode esse estranho conhecer os pensamentos do homem por quem sou apaixonada?

Jethro sacode a cabeça numa elegância lânguida. “Ele falou, sim, mas não no sentido verbal.” Aproximando-se mais, ele para a alguns centímetros, dando-me a sensação de privacidade ao criar um espaço íntimo entre nós. “Fiz uma promessa há muito tempo de não espionar as pessoas. É ruim para mim e para a pessoa que pega meu interesse. No entanto, também não posso ficar parado e não dizer a verdade quando nenhuma das partes faz isso.”

Seus lábios se curvam quase em desculpas. “Prest te ama tanto quanto eu amo minha esposa. Ele está devastado com isso, atormentado, torcido pra caralho e se afogando em culpa por algo que fez.” Ele inclina a cabeça. “Não tenho o direito de perguntar... mas o que ele fez?”

Irrito-me, defendendo Elder enquanto este homem acredita que pode ser capaz de causar danos. “Ele não fez nada.”

“Alguém fez algo.” Ele examina-me da cabeça aos pés. “Você fala, também. Bastante alto, posso acrescentar.”

Cruzo os braços. “Quase não disse nada para você.”

Ele apenas sorri e olha o diamante conforme o equilibra sobre os nós dos dedos antes de capturá-lo na palma da mão. “Se ele não foi a pessoa que te machucou, quem foi?”

Meu coração para, equilibrado como um cervo pronto para saltar para a segurança dos arbustos. “Por que acha que alguém me machucou?”

Seu olhar tensiona. “Está dizendo que não o fizeram?”

“Não tenho o hábito de mentir, mesmo que ache o contrário. Também não tenho o hábito de dizer tais coisas para estranhos.”

Ele assente respeitosamente. “E não tenho o hábito de bisbilhotar a privacidade das pessoas. Desculpe-me.”

Bufo disposta a perdoá-lo por essa conversa louca.

Limpando a garganta, ele estende o diamante. “Por favor... tome isso.”

Descruzo os braços, deixando-as cair ao lado. “O que?”

“Por favor”, ele insiste. “Pegue.”

Minha mão sobe, aceitando a joia antes que eu possa argumentar. Espero que ele esteja quente de seu toque, mas é apenas tão frio quanto os outros brilhantes desprezados que estão sobre a mesa. Ele deu a mim, mas por quê? Talvez para emprestar, para segurar, para colocá-lo de volta com seus irmãos e irmãs.

Viro para um cavalete, pronta para deixar a pedra preciosa cair na bandeja.

Ele balança sua cabeça. “Não faça isso. É para você."

“Para mim?” Minha boca abre. “Está me dando um diamante?”

“O diamante é para ele. O presente é para você.”

Minha cabeça dói tentando acompanhar o que ele diz. “O que? Como assim?”

“Quero dizer à tarefa que ele te deu.”

Minhas veias se transformam em gelo. “Como sabe sobre isso?” Minha pele eclode em arrepios, combinando com o gelo no meu sangue. Este homem é telepático? Não há outra explicação para ele saber sobre o pedido pecaminoso de Elder por um furto.

O que está acontecendo aqui?

Ele dá um passo para trás, colocando as mãos nos bolsos. “Eu o ouvi no corredor. Ele lhe disse para furtar um diamante.”

Minhas bochechas queimam com o calor. “Oh, meu Deus, é claro.” Minhas entranhas jorram com alívio pela explicação racional. “Eu sinto muito. Eu não ia... eu juro. Eu estava prestes a sair quando você -” Largo o diamante na bandeja mais próxima, abrindo as mãos amplamente em evidência de que não tenho o que não é meu. “Não, veja... ele está de volta onde pertence.”

Passos soam atrás de Jethro. Ele não se vira para ver quem é nosso visitante, mas todo seu corpo relaxa, a boca torna-se menos tensa, os ombros relaxados. “Olá, Nila. Estava tendo uma conversa com nossa convidada.”

Sua esposa desliza para a sala com seu vestido de corvo e cisne. Ela pode estar numa passarela de tão impressionante e elegante que parece. Não tenho dúvida de que desenhou o vestido que usa, assim como fez o meu. Ele é uma mágica em pano e organza. “Jethro, pensei que concordamos que você não iria aterrorizar ninguém.”

Ele ri quando ela se aproxima e beija sua bochecha.

“Aterrorizando não. Apenas atormentando.” Ele inclina seu queixo para mim. “Sra. Pimlico aqui não aceitou o diamante que dei a ela.”

“Ah sim, o Sr. Prest disse a ela para furtar um.”

“Você ouviu, também?”, pergunto mortificada.

Nila assente. “Difícil não ouvir quando uma voz de homem carrega tanta dor como a sua.”

Os músculos das minhas costas relaxam um pouco. Então é assim que Jethro sabe coisas sobre nós. Ele deve ser

um mestre em dialetos ou especialista em linguagem corporal.

Meu Deus, o que minha mãe daria para estudá-lo e aprender suas habilidades em ler as pessoas.

Jethro passa um braço em torno de Nila, seus dedos afundando no vestido como se tocá-la não fosse apenas sobre amor, mas também apoio.

Ela olha para ele com tanta adoração nos olhos, que estou inquieta pela intrusão.

Afastando o olhar para mim, Jethro murmura, “Pegue o diamante, Pimlico. É seu. Troque-o pelo item que o Sr. Prest fez a minha equipe criar com urgência.” Guiando a esposa para a saída atrás deles, acrescenta, “Além disso, meu conselho... se você o ama, não espere que ele estrague qualquer coisa que tenham. Pela minha experiência os homens pensam demais nas coisas. Às vezes, tudo o que é preciso é uma mulher que lhes mostre que não importa o quão ruim as coisas estejam, o perdão é fácil se houver amor.”

Nila sorri para mim, uma mistura de emoção e compreensão no rosto. “Seja o que for que meu marido mencionou, confie nele. Fale com seu homem, ou se isso não funcionar... seduza-o.”

Rindo calmamente com as cabeças inclinadas, eles saem da sala deixando-me sozinha mais uma vez com suas pedras inestimáveis.

Só que agora, não tenho a tarefa de furtar. Tenho a importante missão de aceitar um diamante que me foi oferecido.

Realmente não quero reivindicá-lo.

Mas agora me sinto rude se não fizer.

Será que eles saberão se eu o deixar?

Será que se importarão se fizer isso?

Tantas pedras de arco-íris foram espalhadas ao redor da sala, duvido que eles sequer saibam.

Enquanto vou para a saída, pego o diamante e o agarro firmemente.

Seja o que for que Jethro quis dizer sobre Elder me amar, qualquer coisa de errado que ele acredita que Elder fez... não posso permitir que continue.

Elder me deixou na prisão porque pensou que eu o odiei por me fazer falar. Ele ouviu o que eu disse à minha mãe sobre Alrik querer controlar minha mente e torceu isso para suas próprias ações.

Ele não é inocente a esse respeito.

Ele me obrigou a falar.

Ele me afundou em ultimatos e prazos.

Mas fez tudo isso enquanto se apaixonava por mim.

Ele me ama...

Sigo através da porta em transe.

É inteligente confiar na declaração de Jethro? Como pode um completo estranho saber?

Mas ele está certo - Elder pensa demais e estraga o que é simples entre nós.

O amor é simples.

A vida é que o torna complicado.

E cansei de esperar que ele descubra isso.

Gostaria de encontrar a coragem para lhe perguntar se ele me ama, porque eu o amo, e não é um amor platônico, patriótico ou problemático.

É honesto, verdadeiro e totalmente entrelaçado com a luxúria.

Amo-o como meu amigo e protetor.

Amo-o como meu parceiro romântico.

Amo-o como qualquer mulher amaria seu marido.

Se puder olhar nos olhos dele e o fazer acreditar que... talvez então ele seja capaz de aceitar tudo aquilo do que foge.

A voz de Jethro se repete enquanto sigo pelo corredor sob enormes tapeçarias costuradas a ouro: “Ele te ama, sabe.”

Tanto quanto gostaria da confirmação de Elder, não preciso.

Sei que ele me ama a cada vez que me toca. Eu o sinto em seu olhar, seu toque, sua voz, seu beijo. Mesmo em sua recusa e raiva.

Sei que ele me ama a cada vez que me pede desculpas, me empurra ou fere meus sentimentos, tentando me proteger mesmo quando nós dois ardemos de desejo mal contido.

Eu sei que ele me amava antes que percebesse.

Ele me ama.

Eu o amo.

Não preciso de mais ninguém para me dizer.

Eu sei.

Eu confio.

É verdade.

Ele me ama...

E essa é a coisa mais incrível de tudo.



Capítulo Trinta e Um

Elder

ENCONTREI PIM caminhando pelo corredor com a mão apertada contra o corpo e um olhar distante no rosto. Sua máscara esconde ainda mais seus segredos; o vestido cobrindo as muitas contusões a que sobreviveu.

Mais uma vez, o impulso de saber seus pensamentos me toma. Perguntas exigem serem feitas. Um interrogatório sussurra para ser realizado.

Sua máscara de coroa me deixa louco. Odeio que ela esconda partes dela de mim. Desprezo que seu rosto impressionante seja escondido.

Sei que minha tensão é devido ao meu cérebro acelerado e complicado, mas não posso parar de culpá-la por fazer isso comigo. Por entrar no meu coração onde não tenho defesas. Por me fazer cair quando não posso me dar a esse luxo.

Nunca estarei livre dela; portanto, mereço saber tudo. Mas se a conhecer, terei que erguer seus segredos um por um.

E fiz um juramento de nunca tomar o que não é meu novamente.

Não importa a dor.

Não importa a pressão.



Mantenho a decisão de amá-la, mas à distância. Sexo só minará meu controle. Não seria capaz de me impedir de vasculhar suas memórias. Não seria capaz de me parar.

Adicione mais tentação ou proximidade entre nós e não tenho dúvida de que quebrarei todas as promessas e serei como os monstros do seu passado.

Parando, espero que ela olhe para cima e me veja.

Dou alguns passos; seus olhos focados em algo que não consigo entender antes que ela pisque e chegue a um impasse. “Elder”. As partes do seu rosto bonito não abrangidas pela máscara mudam para um sorriso sensual.

Fico instantaneamente duro.

“Estava indo encontrá-lo.” Seus dedos apertam sobre o quer que fosse que ela segura.

Onde estava? Quem encontrou? Ela fez o que pedi?

Por favor, me diga que não o fez.

“Sinto muito por te pedir para furtar de novo, Pim.” Destravando meus joelhos, ignoro o desejo instantâneo por ela e sigo em frente. Enrolando as mãos, faço um esforço consciente para não chegar até ela ou fazer perguntas sobre o que ela pensava antes de eu a encontrar.

Foi esta casa? As tapeçarias e histórias sussurrando em suas muitas salas? Ou algo aconteceu enquanto estive fora? Algo que não posso controlar ou impedir por deixá-la sozinha?

A caixa que está dentro do meu smoking – a caixa feita para ela - se transforma numa âncora me segurando para baixo. A falta de ar em meus pulmões fez parecer como se estivesse me afogando em terra seca. Deveria ter olhado o trabalho artesanal dos joalheiros de Hawk. Deveria ter

estudado o presente antes de dar. Pelo que sei, pode ser uma tragédia terrível e um erro enorme.

Encontrá-la no meio do corredor cavernoso, me para antes que possa tocá-la. Enquanto mantenho distância física, posso manter o decoro e dignidade.

Infelizmente, ela não opera sob tais regras abnegadas. Inclinando-se para frente, ela captura minha mão com dedos frios, sorri gentilmente enquanto abre o meu punho, em seguida, coloca um diamante brilhando na palma da minha mão.

Ah, merda.

Ela assente resolutamente quando o diamante rola um pouco na minha mão. "Aqui. Todo seu."

Ela furtou novamente.

Tudo porque pedi.

Droga.

Meus ombros caem com remorso em vez de orgulho. “Eu esperava que não furtasse.”

Seus olhos verdes encontram os meus. "Você furtou?"

Cerrando os dedos em torno do diamante, me odeio pelo stress e tormento em que a envolvi. “Nunca mais, Pim. Não vou pedir nada de você que não esteja confortável em fazer.”

Incluindo sexo, segredos ou qualquer outra coisa inapropriada.

Vou me redimir daqui em diante.

Um sorriso suave contrai seus lábios. “Eu não furtei.”

Corro o polegar sobre as facetas da pedra. "Isso é real. De que outra forma eu o seguraria se não tivesse furtado?”

Os olhos dela se enroscam com coisas que não faço parte. “Admito que não furtei. Iria te desobedecer. Mas quando me dirigia para fora da sala, o Sr. Hawk me encontrou.”

Minhas costas tensionam com o pensamento dela sozinha com o dono desta propriedade.

“Ele me disse para levá-la.” Ela revira os ombros como se negando outras coisas que ele disse, coisas que quero desesperadamente saber. "Então a peguei. É sua. Dada livremente, não tomada.”

Por que ele deu a ela?

Por que ela tem um brilho que não tinha antes?

Cristo, não posso mais fazer isso.

As perguntas são demais. A necessidade é muito forte.

“Venha.” Agarrando-lhe o pulso, puxo-a para frente enquanto minhas pernas avançam pelo chão. A música do baile está muito perto. A melodia de risos e pessoas muito próxima. Minha cabeça dói e meu pau lateja. Estou perdendo para a luxúria, e Pim está tornando impossível dizer não. "Precisamos conversar. Sozinhos.”

Ela não fala enquanto a arrasto para longe da música, invadindo passagens que nunca vi. Analisando quartos à esquerda e a direita, não tenho ideia do que estou procurando. Quartos de desenho e salas de estar. Salões e solares. Sem parar até que uma sala de estar pitoresca aparece com um grande sofá estampado, abajures, e uma lareira crepitante com cervos e fadas esculpidas.

Tenho espaço para ir com calma. Tenho privacidade para me controlar novamente.

Puxando Pim para dentro, fecho a porta e giro a chave antiga descansando na fechadura.

Não espero que o mecanismo funcione num salão tão antigo, mas vira tão facilmente como se fosse novo. Ter uma barreira - uma barreira com chave - entre nós e o resto dos ocupantes de Hawksridge me permite finalmente inspirar e relaxar um pouco.

A única pessoa que tolero é Pimlico. E ela está fazendo minha vida intolerável.

O ideal seria que minha fachada aguentasse até voltarmos no Phantom. Esperar até deixarmos o porto e navegar para longe da convivência humana. Gostaria de garantir que estamos seguros, armados e temos um lugar para acalmar o arranhão irracional em minhas veias.

Mas, quando ela se move mais profundamente no quarto e o vestido sussurra no tapete, o vermelho de sua máscara obscurece todas as peças que preciso dela, me esforço para permanecer humano.

Esqueço-me de como ignorar o fascínio e compulsões do meu cérebro.

Regrido o suficiente para que imagens de sexo, nudez e prazer sejam mais do que apenas uma tentação, mas um desespero imediato.

Meus dedos agarram o diamante furtado-doado. Esforço-me para compreender a verdade. Adivinhar como ela está realmente se sentindo. Por que está mais suave e mais silenciosa na forma como me estuda? Por que seus olhos brilham com convicção, bem como hesitação?

É como se tivesse chegado a uma conclusão enquanto estivemos separados - uma conclusão que não sei e não posso perguntar.

Minhas mãos tremem quando empurro a pesada pedra no bolso da calça, em seguida, tiro a caixa do meu blazer. Ela

me deu um diamante como pedi. Ela me deu tudo que sempre quis e merda, ainda não é suficiente.

A culpa vai me comer vivo se esperar mais um minuto.

Tenho que dar-lhe algo para equilibrar a balança no meu cérebro deformado e lutar contra a luxúria arrogante se transformando rapidamente num incêndio dentro de mim.

Darei a ela o meu presente.

Farei esta noite justa.

E então vou levá-la para casa, onde amanhã é um novo dia com regras e regulamentos mais fortes.

Pim me olha por cima do ombro enquanto seus dedos se arrastam sobre o verniz polido de uma mesa, deslizando em torno de bustos de mármore de homens há muito falecidos e toca cavaletes antigos com bordados semi-acabados. Ela nunca tira os olhos de mim enquanto flutua ao redor da sala, olhando em desafio, em reconhecimento, concordando que tudo o que passamos e nos trouxe aqui.

De alguma forma, não há mais estrada, não há como evitar o peso esmagador da sedução.

Ela sabe disso.

Eu sei.

Não entendo como aconteceu.

Por aqui, por que agora?

Qual foi o catalisador para este súbito e pesado convite para esquecer, para soltar, para ser livre?

Não.

Balançando a cabeça, afasto meu olhar do dela.

Não é disso que se trata.

Tratava-se de equilibrar nossa relação.

Ela me deu algo. Por isso, tenho que lhe dar algo.

Tenho toda a intenção de impedir o desejo frenético e acelerado de fazer-me realizar algo que nós dois lamentaremos.

A caixa range em minhas mãos enquanto a agarro com força. Tudo o que preciso fazer é dar-lhe isso e estaremos quites. Então ela não estará em dívida comigo por furtar o diamante. Então, não estarei em dívida com ela por todas as peças que roubei até aqui.

Um presente dado simplesmente porque ela é a mais bela criatura sobre a terra.

Sem uma palavra, ela se instala convidativamente no sofá.

Seu vestido ondula ao redor, enchendo a sala com o farfalhar suave de cetim. A impressão multicolorida entrando em confronto com o seu vestido, fazendo parecer que ela transformou a alegria em tormento.

Quero ficar do meu lado da sala. Quero paredes entre nós e correntes em mim. Mas preciso confiar que tenho autocontrole. Que sou humano o suficiente para ignorar o desejo avassalador e levá-la de volta ao Phantom, onde é o seu lugar.

Engolindo em seco, movo-me rigidamente em sua direção. Com dores nas articulações por me negar o que realmente quero, sento lentamente no sofá. Ele me envolve, a nós dois, as almofadas antigas nos compactando para que nossos joelhos se toquem e a gravidade tenta nos estender um sobre o outro.

Cristo, tocá-la... mesmo com milhas de vestido entre nós é o suficiente para me fazer quebrar.

Nós fechamos os olhos, mas não falamos uma palavra.

Ambos lutamos para ficar sentados e não desistir das regras em que nos envolvemos. Quero desesperadamente beijá-la.

Ela lambe os lábios, seu olhar se agarrando a minha boca.

Engulo um gemido quando todo o resto desaparece. Nada mais tinha o mesmo peso ou importância do que beijá-la.

Isso é tudo.

Beije-a.

Balanço para mais perto.

Ela respira mais rápido.

Meu coração arde de desejo.

Beije-a...

Porra, essa é a coisa mais difícil que já fiz - pairar nessa magia formigante de um quase-beijo.

Beije-a...

Eu não posso.

Leva todo o meu autocontrole, custa cada dor, mas me afasto. Do jeito que meu humor está esta noite, não posso garantir que pararei em um beijo.

Sei que não posso.

Um beijo vai se transformar em dois.

Dois vão se transformar em dez.

Dez se transformarão em eu dentro dela e toda regra se partirá e quebrará.

Aperto a ponta do meu nariz, contando minha respiração, concentrando-me em meu coração.

A maior parte da noite, foquei em coisas que posso controlar. Contando as cortinas, os mosaicos no chão, as taças de champanhe descartadas ao redor da sala. Pequenos truques que há muito domino para manter a sanidade.

Contar não vai me ajudar agora.

Nada pode me ajudar.

A caixa.

Dê-lhe a caixa.

Mesmo que não ofereça a mesma segurança que já teve outra vez.

Merda, deveria ter ficado em pé. Deveria tê-la jogado do outro lado da sala.

O silêncio se estende, ficando mais espesso no segundo que empurro o retângulo do meu colo para o dela. Recuo a mão antes que possa esmagar seu vestido em meus dedos e puxá-lo. Antes que possa despi-la e levá-la. “Abra.”

Ela ainda não fala, como se o turbilhão de desejo roubasse suas cordas vocais. Ela me lembra mais uma vez da mulher que salvei. A escrava com a língua cortada e bravura esfarrapada.

Tremo de paixão e dor. Estou debilitado com a necessidade e maldade.

Cristo...

Seus dedos tremem um pouco enquanto ela acaricia a caixa de veludo antes de abri-la. Uma mão voa para cobrir sua boca enquanto a outra treme mais forte, distorcendo as joias dentro. “Oh...”

Como pode um pequeno som chegar às minhas calças e me socar?

Como pode uma mulher chegar ao meu peito e arrancar o meu maldito coração?

Um aperto em volta do meu pescoço que não tem nada a ver com a falta de jeito de dar a alguém um presente ou a agonia de impedir o desejo de vencer.

Será que ela gostou?

Ela odiou?

Será que ela vai usá-lo ou é muito rico em memórias dolorosas?

A tensão cai em meu coração, envolvendo faixas de ansiedade fria no músculo fumegante. A mesma pressão entra em meus pulmões, pernas e dedos. A pressão exige que eu a toque, beije, conforte.

Que tipo de amante sou quando não posso sequer beijar sua testa, sem medo de exigir mais? Que tipo de homem sou quando não consigo me controlar em torno da mulher que amo mais do que tudo?

Aperto meus lábios quando ela toca a pulseira. Minhas mãos se juntam, encontrando outro fio de força para sentar ao lado e não explodir num milhão de pedaços quebrados.

Não preciso me preocupar com a habilidade de Hawk. É como se ele tivesse enfiado a mão no meu cérebro e roubado a ideia diretamente da fonte.

Os dedos de Pim passam sobre as moedas de ouro brilhantes penduradas na pulseira. Não é de cobre, latão ou qualquer outro pouco precioso. Estas moedas são de ouro puro para se assemelhar como, mesmo no início, quando tentei dar-lhe um centavo por seus pensamentos, ela valia todas as riquezas no mundo para mim.

Incrustado na cara das moedas de um centavo perfeitamente estampadas está um diamante. As pedras brilhantes distorcem o rosto das moedas, alterando o valor numérico de um centavo a valor incalculável.

Porque é assim que a vejo.

Sua liberdade é inestimável.

Seus segredos são inestimáveis.

Cada parte dela, preciosa e cobiçada.

Não importa quanto dinheiro tenho ou quanto tempo possa roubar, nunca poderia mostrar a ela o quanto me apaixonei.

Seus olhos brilham com o choque quando ela me olha, realmente olha e vê além das guardas e barreiras a agonia em que estou. “Eu não sei o que dizer.”

Até meus dentes doem por estar tão perto e não tê-la. “Então não diga nada.”

“Mas tenho que dizer. Tenho que encontrar uma maneira de agradecê-lo. Mostrar quão grata -”

A gravidade é o último elemento a esmagar o meu autocontrole. As almofadas do sofá, há muito tempo quebradas pelas pessoas que sentaram anteriormente, desabam debaixo de mim. Meu quadril colide com o dela; nossas pernas encostam umas nas outras.

E é isso.

Minha mão ignora meu comando tímido para não tocar e sobe para segurar sua bochecha. “Sou o único grato.”

"Mas -"

"Sem desculpas. Preciso dizer isso...” meus dedos apertam sua pele, já desejando mais. Nego esses impulsos. Não planejei isso. Não quero me despir até o osso. Mas

segurar seu rosto, olhando-a nos aros dos olhos da máscara com rubis pendurados como lágrimas por baixo, não posso impedir mais.

"Preciso te dizer como estou arrependido. Que corri da prisão, porque finalmente me vi como você deve me ver." Balanço a cabeça em consternação. "Depois de tanto tempo em silêncio, por que me deu o que nunca deu a ele? Por que me deixou fazer a coisa exata que ele tentou fazer?"

Ela franze a testa como se estivesse num sonho que não consegue entender ou controlar. "Você nunca foi como dele. Nunca."

"Eu fui. Eu sou. Disse no início que estava atrás da sua mente, em vez do seu corpo. Não sabia o porquê, na época. Culpei minha necessidade de conquistar coisas que não entendo, mas agora eu sei."

Sua pele aquece sob minha palma. "Sabe o que?"

Correndo meu polegar sobre o lábio inferior, sussurro, "Não é óbvio?"

A ponta da sua língua prova meu dedo, enviando uma convulsão completa através de mim. Sua voz ecoa com cada desejo que sinto. "Não para mim."

Estreito os olhos, lutando para não beijar, tocar, tomar. Comecei isso. Tenho que terminar. Tenho que dizer a verdade. "É porque sou apaixonado por você."

Ela engasga, tremendo em meu aperto.

Poderia parar por aí.

Poderia beijá-la e mostrar através de ações quão verdadeiro sou. Mas agora que abri o cofre, tenho que contar-lhe tudo.

Tudo.

Pressionando a testa contra a dela, nossas máscaras amassam e se unem. Penas da dela e seda da minha, nós dois disfarçados, mas ainda tão consciente de quem somos. Tão cientes de que encontramos um ao outro, apesar de toda a merda no mundo.

Minha voz engrossa quando ela agarra o meu pulso, segurando-me enquanto eu a seguro. “Acho que me apaixonei por você no primeiro momento que a vi. Quando se recusou a apertar a minha mão. Quando ficou nua e me desafiou a te machucar. Quando não quis o meu centavo por seus pensamentos. Porra, Pim...”

Ela treme; a pulseira de moedas em seu colo dança com a luz do fogo. Minha voz ecoa pela sala, não desaparecendo. As palavras contundentes que estou apaixonado por ela ecoando em todos os cantos.

“Apaixonei-me por você quando nadou comigo no escuro. Apaixonei-me quando compartilhou a tempestade comigo. Apaixonei-me tantas malditas vezes por você, Pimlico, e não sei quantas vezes ainda tenho que me apaixonar.”

Penso em outras coisas para lhe dizer - coisas para preencher o silêncio terrível dela não falar. Sou fraco. Acabei de esfolar meu coração e não sei se ela está feliz ou chateada.

Afastando-me um pouco, a estudo.

Pela primeira vez, não há respostas ou segredos para eu reclamar.

Acariciando seu rosto, deixo cair o olhar para as moedas com diamantes aninhadas em suas saias. “Disse que estou apaixonado, mas você não responde. Meu amor por você é uma má -”

Libertando seu rosto da minha mão, ela fecha a caixa de joias, joga a pulseira no chão e esmaga a boca contra a minha.

Num segundo, estamos separados.

No próximo, somos um.

Quente.

Molhada.

Conexão.

Meu cérebro esquece letras, linguagem e é revertido ao toque e gosto.

Maldição, ela não devia ter feito isso.

Eu perdi.

Total e verdadeiramente perdi.

Meu autocontrole dos últimos dias quebra e a beijo de volta.

Porra, eu a beijo de volta.

Agarrando seu queixo, a inclino mais perto. Sua boca abre, a língua dando boas-vindas e caímos juntos. Ela cai para trás; eu caio para frente, sufocando-a no sofá.

Nossas bocas travam, as línguas dançam, nossa respiração enroscada junta. Nunca fui tão diabólico na maneira que ataquei e ela nunca foi tão feroz. Nós batalhamos, lutamos, nossas pernas entrelaçadas em seu vestido, suas mãos em todos os lugares ao mesmo tempo.

Beijo-a profundamente.

Beijo-a com força.

Meus quadris empurram por vontade própria enquanto subo em cima dela e aperto cada centímetro do meu corpo contra o dela.

Preciso dela.

Droga, preciso dela.

Nossos lábios escorregam e machucam. Nossos dentes beliscam e mordem. Devoramos um ao outro, sem nos importar sobre vestidos e smokings e o fato de esta não ser nossa casa.

Merda, esta não é a nossa casa.

Não somos livres para fazer isso aqui.

Não estamos sozinhos.

Não estamos seguros.

Está a única coisa que a salva.

Que me salva.

Com um gemido feroz, me afasto. Minha respiração é selvagem, meu pau perfura o cós da calça. Tudo o que quero fazer é transar com ela. Uma e outra vez. A obsessão apareceu e de maneira nenhuma no inferno estou satisfeito com um beijo.

Não ficarei satisfeito com um toque ou impulso.

Não ficaria satisfeito até que nós dois desmaiássemos de exaustão sexual.

Isso não pode acontecer.

Não posso machucá-la dessa forma.

Sentando, embalo a cabeça em minhas mãos, afundando os dedos nas têmporas para afastar o vício.

As almofadas se deslocam quando Pim passa de deitada para sentada. Ela não me toca, mesmo que eu esteja tenso. Por um momento longo, ela olha enquanto mantenho os olhos fixos no tapete rosa e dourado debaixo dos meus sapatos brilhantes.

Nosso beijo é uma coisa viva, respirando; muito viva e apenas esperando uma faísca para reacender.

Meus músculos imploram para agarrá-la e terminar o que começamos. Dane-se o fato de que esta não é nossa casa. Foda-se que centenas de convidados festejam no corredor.

Mas não posso porque sei o estado em que ficarei se me deixar levar. Se alguém ouvir os gritos de Pim quando eu a foder novamente e novamente. Se um membro da família Hawk tiver que quebrar a própria porta para salvar Pim do meu cio viciante.

A dor de não tê-la é brutal. Mas é melhor do que a dor de levá-la sem nenhuma maneira de parar.

Pim se move ao meu lado, mas não olho. Eu me concentro nos redemoinhos de fios de ouro, seguindo o carpete artesanal -

Mas, então, o carpete é obscurecido por cetim vermelho e azul quando Pim desliza de joelhos na minha frente, abaixa-se sob a gaiola dos meus braços e envolve os delas no meu pescoço. “Acaba de dizer que está apaixonado por mim, e só me beija uma vez?” A voz dela acaricia meus lábios enquanto acrescenta força em seu toque, me guiando em direção a ela. “Beijar-me é tão ruim -”

É minha vez de não a deixar terminar.

Meus braços vão para frente, esmagando-a contra mim, conforme meus lábios caem contra os dela.

Ela geme quando a arrasto para mais perto, de joelhos diante de mim, o sofá cavando sua barriga conforme a puxo mais forte entre as minhas pernas.

Esse beijo é mais selvagem do que o último. E ela sabe o porquê. Ela sabe que meu autocontrole quebrou antes e apenas um pequeno pedaço de cola permanece. Tenho precisamente três segundos para beijá-la antes de ter que parar.

No primeiro segundo, eu a beijo profunda e amorosamente.

No segundo, beijo-a áspero e desesperado.

No terceiro, eu a beijo com selvageria e implorando.

Então me afasto e a afasto ao mesmo tempo.

Consigo fazê-lo.

Mantenho minha promessa.

Fecho meus olhos para não ver a umidade vermelha da sua boca ou o desejo corando a sua pele. Eu os mantenho fechados para não enxergar tudo o que quero e falar foda-se às consequências.

Mesmo sem visão, sua respiração não para de atingir meus ouvidos com necessidade desenfreada ou sua voz oscilando com a luxúria. “Por favor, El... não pare.”

Engulo um gemido esfarrapado. “Não me peça isso, Ratinha.”

Suas pequenas mãos pousam em minhas coxas, trazendo cada mania pecaminosa a superfície. “Por favor, El...” Seus dedos deslizam até a seda da calça do meu smoking, não provocando ou abrandando quando ela segura minha ereção e aperta minhas bolas doloridas de agonia. “Estou dizendo para não parar.”

Meus dedos travam brutalmente ao redor de sua mão. Quero empurrá-la para longe. Quero repreendê-la e levantar-me. Quero acabar com isso.

Em vez disso, aperto a mão com mais força contra mim, fazendo-me gemer com o quão malditamente bom é.

Ela balança contra mim, seus dedos vibrando com enlouquecedora intoxicação.

Meus olhos incendiam, minha mandíbula aperta, a primeira onda de liberação ondula por meu comprimento. “Pare, Pim.” Mesmo quando dou o comando, mantenho sua mão contra o meu pau, tornando o seu toque mais profundo em mim, encontrando punição e prazer.

“Pare você.” Ela ofega. “Pare de lutar contra isto. Nós.” Sua voz parece uma mordida. “Pare de lutar contra mim.”

Estou tão perto de ceder. De deixá-la abrir o meu zíper e fazer o que ela bem quiser. Mas eu a amo. Ela não pode ver? Ela se transformou de uma garota que mal conhecia na menina por quem farei qualquer coisa. Ela é família para mim como minha própria carne e sangue e tenho um histórico de ferir minha família.

Matar minha família.

Porra.

Saindo do seu aperto, me curvo com o vazio que arranha dentro de mim. A luxúria dilacerante me rasga aos pedaços. “Fique longe de mim, Pim. Precisamos ir. Agora mesmo.”

Luto para ficar de pé. O quarto ondula. Minha cabeça lateja.

E ainda assim, Pim repousa sobre os joelhos diante de mim parecendo o sacrifício perfeito. Lábios entreabertos, faces coradas, os olhos implorando.

Ela me desfaz - vida, amor e sanidade.

“Não vou sair. Não até que me beije de novo.” Com a beleza fluida, levanta-se do tapete, tira a máscara e a deixa balançar em seus dedos. Ver seu rosto pela primeira vez esta noite, ver como ela é bonita, inocente, mas tão mundana, é o último prego no meu caixão de autocontrole.

Ela precisa saber.

Um último aviso.

Ela precisa entender o que acontecerá se fizer isso.

Arrancando minha própria máscara, eu a jogo no chão. “Você está empurrando demais, Pimlico.”

“Eu não estou empurrando com força suficiente.” Deixando de lado a máscara, ela descansa a mão no meu peito. “Se estivesse, estaria debaixo de você agora e você dentro de mim.”

Estremeço, rangendo os dentes contra a imagem. “E te machucaria quando não pudesse parar. Então pare. Antes que eu não possa -”

“Não possa o que? Lutar mais? Negar mais?” Seus lábios sussurram sobre os meus, o pequeno corpo equilibrando-se na ponta dos pés, orientando-me em tentação. “Desista, Elder”. Inclinando para perto, ela murmura em meu ouvido: “Nunca disse essas palavras para ninguém. Nunca pensei que o faria. Mas então você foi e se apaixonou por mim, e eu me apaixonei por você, e você tornou possível para mim dizer.” Ela engole em seco antes de lamber minha orelha com a língua.

Eu tremo. Quase gozo.

“Tudo isso é por sua causa e minha e a necessidade inegável de estarmos juntos; posso dizer essas coisas porque

você me trouxe de volta à vida e, portanto, tem que honrar isso."

Meus ouvidos queimam para ouvir as coisas que ela quer dizer agora, mas não pôde dizer antes. Positivamente morro por ouvi-las.

Mas ela faz uma pausa, ofegante contra minha bochecha. Negando-me no pior momento possível.

Não devo comprar seus truques, mas estou muito longe. Muito afogado na luxúria. "Que coisas..."

Ela beija o meu rosto. Suas unhas cravam em meu peito. Ela inala rápido e confiante e com um sussurro de comando totalmente me aniquila. "Foda-me, Elder Prest. Seja um homem e me foda."

E esse é o fim.

Não há mais lutas.

Não há mais negociação.

Sem mais certo ou errado.

Eu perco.

A obsessão ganha.

Ela ganhou.

Meu corpo se mexe por conta própria, livre da prisão que me coloquei. Minhas mãos agarram sua cintura, os dedos afundando na caixa torácica. "Você tinha que continuar a insistir, não é?"

Um lampejo de preocupação cruza seu rosto antes da rebelião o substituir. "Sim."

Eu a aperto contra mim, envolvendo-a com força no meu abraço, alegando sua boca com crueldade selvagem.

Beijo-a possessivamente, brutalmente, de forma rápida, insensivelmente.

Beijo-a em gratidão por me empurrar para a decência.

Beijo-a com raiva para provar que não tenho controle.

“Foda-me, Elder.” Seus lábios se movem sob os meus, gemendo quando meus braços apertam mais. “Por favor, foda-me. Preciso que você me foda.”

“Oh, Pim...” afastando-a, me viro e a jogo no sofá atrás de mim. “Nunca deveria ter dito essas coisas.”

De pé sobre ela, pau duro, coração batendo rápido e com a mente numa bagunça, rosno. “Vou te foder. Vou te foder até que não possa ser mais fodida.

“E então vou transar com você novamente. E de novo. Porque de maneira nenhuma na terra posso parar agora.”

Capítulo Trinta e dois

Pimlico

Ele cai sobre mim.

Essa é a única maneira de descrever.

Ele para de lutar.

Ele tomba.

Ele me esmaga entre o desejo e almofadas e separa minhas pernas sob o vestido para ajustar seu calor duro entre elas.

E então ele me beija.

E é diferente de todos os outros beijos no mundo.

Diferente de como ele me beijou em Monte Carlo. Diferente de como me beijou no Phantom.

Nem melhor.

Nem pior.

Apenas *diferente*.

Seus lábios estão quentes. Sua língua molhada. Seus dentes fortes. Sua respiração rápida. Seu gosto absolutamente viciante.

Eu provoquei isso. Finalmente sou a única a exigir sexo, não o contrário, e a emoção rapidamente desaparece por uma paixão paralisante.

Pedi para ele me foder.



Usei a linguagem bruta para quebrar sua restrição final.

E estou feliz.

Estou em êxtase debaixo dele.

Estou alegremente presa debaixo dele.

Não há medo com o que vai acontecer ou pensamentos sobre minha cura. Vou foder Elder tão certa quanto ele vai fazer o mesmo.

Isso é mútuo, e não unilateral.

Não sinto medo.

Eu não estou com medo.

Fico sem fôlego quando ele aprofunda ainda mais o beijo.

Estou inquieta e quente, molhada e dolorida e tão impaciente por mais.

Não há retenção desta vez. Sem cordas em torno de suas mãos para evitar que ele destrua o meu vestido. Seu toque confuso e empolgado quando reúne punhados de cetim, para cima, subindo, subindo, ondulando ao redor da minha cintura, deixando o ar beijar minhas coxas e quadris. Não há correntes para parar seus dedos de arranhar as ligas e lingerie vermelho sangue, que as mulheres da Social Art me fizeram vestir.

Nada para alterar seu toque incrível ou abrandar nosso ritmo frenético. Isso não é fazer amor ou mesmo o termo bruto foder — o mesmo termo que joguei em sua cara como um desafio e exigência.

Não, isso é urgência no seu melhor.

Infectando a ele e a mim.

Está ao nosso redor, nos bloqueando do mundo, transformando esta sala em nossa e este momento em eterno.

Enquanto Elder puxa a renda entre as minhas pernas, arrancando as ligas sem ao menos se importar, rasgando a meia-calça sem olhar, rosnando para a quantidade de tecido entre nós, eu me atrapalho com o botão e zíper de suas calças.

Não há palavras doces ou sentimentos sussurrados. Sem beijos suaves ou sedução sensual.

Nós temos um objetivo.

Uma necessidade.

Unir.

Juntar.

Unir.

O fecho de metal abre; seu zíper prende no meu vestido apenas a tempo dele puxar para baixo com um rasgo no tecido.

Não tenho ideia do que foi danificado. Não sei se meu vestido está em pedaços, ou se suas calças estão em pedaços, mas não importa.

Nada importa.

Tudo o que importa é

ele

dentro de

mim.

Nada mais está em minha mente; nenhum outro pensamento é permitido para o meu corpo.

Preciso dele mais do que necessito de água, comida ou ar.

Preciso que ele me penetre, me preencha, me machuque.

Preciso dele para reclamar cada parte escura em mim e trazê-la para a luz, porque é isso que *quero*. Quero ser sexual. Eu quero ser depravada. Quero ser atrevida e depravada e gritar livremente quando ele me penetrar e mordê-lo quando ele começar a empurrar.

O desejo avassalador aumenta, aquece e queima.

Deus, isso queima.

Mais rápido.

Mais forte.

Mais quente.

Nossas mãos se atrapalham com o mesmo comando, arrancando a roupa, afastando barreiras.

Não consigo explicar, nem mesmo me incomodo em entender, mas se não o tiver dentro, conectado e junto, eu morrerei.

Morrer literal e espiritualmente.

Estou morrendo.

Estou ofegante.

Estou tão… tão.

"Elder… agora." Arqueio, buscando seu pau, revelando o puro prazer de ser eu mesma. De não antecipar ou censurar. De não me preocupar com os punhos ou abuso. De não ter medo de estupro ou qualquer abuso sexual.

Elder é perfeito.

Ele é meu.

Ele não está dentro de mim.

"Elder..." eu o agarro, abrindo as pernas, minha cabeça caindo para trás enquanto dou gemidos em total desespero. "*Por favor...*"

"Porra, ratinha. Você está me deixando louco." Sua voz se mistura com beijos enquanto sua boca trava sobre a minha. Meus lábios se tornam sensíveis pela aspereza da sua barba crescendo. A picada da sua afeição se junta com a dor em minha buceta exigindo atenção.

Agora.

Agora.

Deus, agora!

Meus dedos trabalham em suas calças, empurrando para baixo da sua cintura. Minhas unhas arranham na pressa. Meu controle está chegando ao limite quanto mais tempo tenho que esperar.

Suas costas se curvam quando empurro mais rápido, mais confusa, completamente fora de mim com a necessidade. No momento em que suas calças estão no meio da coxa, luto contra o algodão de sua cueca boxer.

Ele geme quando o pau salta livre.

Grito quando finalmente, *finalmente* toco sua pele quente. Finalmente, *finalmente* o acaricio nu e duro.

Ele estremece quando agarro sua ereção, bombeando com força. Um grunhido primitivo sai de seus lábios enquanto ele me beija impiedosamente, deslizando minha calcinha até os joelhos e se contorce para acabar de arrancá-las com o pé.

Elas prendem no calcanhar dos meus saltos vermelho sangue, fazendo com que ele arranque o sapato junto com a lingerie. Ambos desaparecem por cima do ombro, para nunca serem vistos novamente.

Uma vez, acreditei ser a Bela Adormecida acordada por seu beijo e Branca de Neve liberta da maçã envenenada. Agora, sou Cinderela faltando um sapatinho de cristal, mas ao contrário desse conto de fadas, sei exatamente quem é o meu príncipe e precisamente o que pretendo fazer com ele.

Contorço-me mais debaixo dele, descaradamente espalhando as pernas enquanto ele pressiona fortemente em mim.

Seus quadris queimam minhas coxas.

Seus lábios nunca param de beijar.

Sua mão desaparece sob meu vestido.

Sua língua nunca para de dançar.

Seus dedos travam em torno de sua ereção.

Sua boca nunca deixa de exigir a minha.

Os nós de seus dedos machucam minha pele macia quando ele arqueia seus quadris a procura da minha entrada.

E então congelamos.

Momento indescritível.

Feliz. De tirar o fôlego. Brutal.

Paralisamos naquele segundo com a ponta do seu pau na minha entrada.

Um segundo onde nada e nem ninguém pode nos machucar.

E então ele empurra.

Solto um gemido.

Ele também geme.

O mundo quebra em dois.

Estou acostumada à violência. Estou acostumada a ser fodida rapidamente. Estou acostumada a estar vazia e, em seguida, cheia. Sozinha, em seguida, montada com força e rapidez.

O que não estou acostumada é com o raio de perfeição quando Elder empurra dentro de mim, depravado e completamente sem remorso. Não estou acostumada a reação das minhas pernas fechando em torno de seus quadris, e comigo arqueando para encontrá-lo, causando hematomas, exigindo mais, ordenando-lhe que vá mais forte, mais rápido, mais profundo.

Ele parece tão certo.

Tão bom.

Tão verdadeiro.

Mais.

Mais.

Mais.

Nossas bocas se espalham uma contra a outra, lutando para respirar através do prazer indescritível de unir, lutando para permanecer viva com carne sensível e mentes dispersas.

Deixamos de existir quando nossos corpos ajustados se unem e calor corre dele para mim na forma de batimentos cardíacos e compreensão de que agora estamos juntos, mas não acabou.

A corrida se inicia agora.

Se não tivesse minhas suspeitas sobre o vício de Elder, poderia estar assustada. Aterrorizada com o brilho negro em seu olhar e o franzir determinado de suas sobrancelhas. Não é só sexo para ele. Esta é uma competição a ser superada apenas para começar repetidamente.

Estou disposta a ser essa competição — e permitir que ele me use na busca do seu prazer com a esperança de provar que está errado.

Acredito que ele pode parar.

Ele acredita que não pode.

Neste ponto, não me importo com quem está certo.

Ele empurra de novo, e todos meus pensamentos se voltam para o impossível.

Ele entra em mim, me enterrando nas almofadas macias, apertando os dentes no meu pescoço.

Cavalgo com ele, voando, inclinando a garganta para que ele possa me morder mais forte. Em nenhum momento sofro pânico, terror ou qualquer coisa, mas apenas a sensação esmagadora de ser possuída por Elder e estar completamente satisfeita por isso.

Seu ritmo fica frenético.

Impulso.

Impulso.

Impulso.

O sofá bate e raspa o carpete. Meu vestido flutua ao nosso redor, rodeando o chão em ondas vermelhas e azuis. Seu cabelo negro se agarra a testa, suor escorre em seu rosto enquanto fodemos com fúria e frenesi.

Seus quadris prendem partes do vestido contra o clitóris e cada impulso traz promessas brilhantes na construção do meu orgasmo.

Minhas costas arrepiam.

Meus quadris relaxam.

Minhas pernas tensionam pelo prazer sussurrado.

Estou perto.

Tão perto.

Tão rápido.

Tão pronta.

Elder muda de caos para inferno, quando suas mãos agarram meu cabelo, me mantendo prisioneira enquanto seus quadris investem mais rápido, cada vez mais forte. “Sinto muito. Porra, eu sinto muito.” Ele me cavalga como se os segundos em contagem regressiva fossem os segundos até sua morte.

Ele não me toca. Ele não me beija. Ele só me fode por que o desafiei.

Ele me fode porque tem que fazer.

Ele me fode porque não existe outra escolha para nós.

E com cada impulso, escalo mais alto, oscilando no pedestal de um orgasmo que furiosamente desejo.

Meus olhos saltam em pressão. Minha cabeça dói de necessidade. Meu interior atado e emaranhado, pronto para explodir em delírio.

Só que ele alcança a linha de chegada antes de mim.

Jogando a cabeça para trás, sua coluna curva quando ele empurra mais uma vez, e um rouco gemido animalesco salta de seus lábios. Umidade quente derrama

profundamente dentro de mim, fazendo meu corpo cerrar para coisas que sei que nunca poderia ter.

Desmoronando em cima de mim, ele respira com dificuldade no meu ouvido.

Ele não fala, e não menciono o estado de formigamento em que estou — sob o fio da navalha de um orgasmo. Não estou preocupada. Eu vou gozar. Ele ainda não terminou.

Eu espero.

Espero um pouco mais enquanto seu batimento cardíaco clama contra o meu.

Preocupo-me que possa ter me enganado.

Esse Elder de alguma forma descobriu como dormir comigo uma única vez. Possivelmente por isso foi tão furiosamente rápido — para acabar logo antes dele realmente ceder.

Decepção incha em meu peito; um toque de raiva que não esperava e provavelmente não aconteceria se isso fosse verdadeiramente uma foda rápida para ele apenas conseguir o controle novamente.

Só que seu pau não amolece dentro de mim.

Seu corpo nunca se move para parar de esmagar o meu.

Seus dedos nunca soltam meu cabelo.

Lentamente, seus quadris balançam novamente, delicadamente no início com um silvo insinuando sensibilidade. “Pensou que eu tinha acabado com você, ratinha?” Seu rosnado queima em meu sangue, meus mamilos, meu clitóris.

Estremeço enquanto ele impulsiona para cima, empurrando contra a minha parte mais íntima, me machucando com prazer.

"Eu não terminei." Seus dedos apertam ainda mais o meu cabelo. "Eu não acabei." Seus dentes beliscam o meu queixo. "Eu nunca ficarei totalmente satisfeito enquanto te fodo."

Meu orgasmo escaldante assenta e presta atenção. "Apenas me foda. Quantas vezes precisar." Minhas mãos descem por suas costas, amando o poder da ondulação de seus músculos enquanto ele impulsiona mais e mais. "Uma vez não é suficiente."

Seus olhos brilham. "Você quer mais disso?" Ele empurra para cima moendo em mim.

Suspiro quando a luz das estrelas enche minha visão. "Sim. Deus, sim." Agarro sua bunda, com a intenção de puxá-lo mais contra mim. Para me esfregar contra ele e encontrar meu prazer, mas num puxão ele se retira, deixando-me vazia e sedenta por mais.

"El—" Faço beicinho e arranho o ar para ele voltar.

Seus dedos agarram minha cintura, me puxando facilmente entre as almofadas. Num movimento deliciosamente primitivo, ele me puxa para o braço do sofá e me empurra contra ele.

Respiro com dificuldade enquanto suas mãos se viram para rasgar os pequenos ganchos que prendem o meu corpete no lugar. "Preciso te ver, Pim. Preciso provar você."

Ele arranha e puxa, rasgando meu vestido quando cada gancho se solta. O corpete afrouxa em volta do meu corpo, revelando rapidamente que posso ter usado calcinhas vermelhas, ligas e meias sob o vestido, mas agora não resta nada.

O corpete é o que ainda segura meus seios.

E agora esse corpete está arruinado e pendurado como asas rasgadas ao meu lado.

“Cristo, Pim.” Seus olhos travam em meus seios, sua língua corre entre os lábios. Sua cabeça abaixa e a boca captura o meu mamilo esquerdo e depois o direito.

Fico balançando com uma mão segurando em seu quadril com as calças em torno de suas coxas e a outra mergulhando numa confusão de dedos em seu cabelo.

“Oh, Deus.” Gemo com a língua entre os dentes.

Ele beija e suga, atraindo mais excitação a minha necessidade através do cordão invisível do meu clitóris ao mamilo. Meus joelhos tremem quando ele morde mais forte, então se levanta e me beija asperamente.

Com uma mão segurando minha garganta, ele me vira e empurra por cima do braço do sofá. Algo parecido com um pedido de desculpas sai de seus lábios enquanto seus dedos pulsam ao redor do meu pescoço. “Lembre que eu tentei parar e você não aceitou um não como resposta.”

Afastando meu vestido, ele trava os quadris nus contra minha bunda, sua mão torcendo entre o tecido pesado e nossos corpos escorregadios para encontrar mais uma vez minha buceta.

“Tentei lutar contra, Pimlico, mas você é linda demais, porra.”

A cabeça do seu pau me encontra.

Respiro fundo, minha barriga esmaga e meus pulmões lutam na posição de bruços em que ele me coloca.

“Digo que eu estou apaixonado por você e em vez de aceitar o meu presente... você me faz fazer isso.”

Choramingo enquanto ele me penetra, me forçando a curvar totalmente sobre o sofá, empurrando tão forte que meus pés saem do chão.

Com um pé no sapato e o outro equilibrado na ponta, entro inteiramente em sua sintonia. Suas mãos capturam meus seios que balançam livres e soltos sem o corpete. Seus dentes beliscam minha nuca, e meu cabelo que foi meticulosamente penteado pelas assistentes caem em torno de nós.

Não há nada atraente ou bonito sobre este momento.

Ele me penetra como um monstro.

E eu me inclino e aproveito.

Deus, eu aproveito.

Eu *implorei* por isso.

Amo como ele é desumano, bárbaro e atormentado.

Seus impulsos são curtos e afiados, seus grunhidos no tempo de cada exigência do meu corpo. Estamos selvagens e confusos, ele empurra contra mim e me puxa de volta contra ele.

Meu orgasmo cresce ainda mais forte, uma batida firme e constante em meu clitóris, buceta e mamilos.

Eu preciso gozar.

Preciso.

Preciso.

Preciso.

Deixo o sofá sustentar meu peso, enterro minha mão sob o vestido, desesperada e cavando para encontrar meu ponto debaixo de tanto tecido frustrante.

No momento em que meus dedos encontram meu clitóris, soluço com o sexo.

O sexo é substantivo, mas aqui, agora, é um verbo, um adjetivo, uma entidade viva, que me enche e me faz explodir.

Não penso como é estranho me tocar depois de nunca fazer tal coisa. Não reflito sobre o que o Elder pensará de mim buscando meu próprio prazer.

Tudo o que estou focada, tudo em que *posso* me concentrar, é na surra do seu pau duro em minha buceta, a pressão rápida dos meus músculos sendo martelados por sua luxúria e o pico de insanidade feliz enquanto esfrego meu clitóris com a ponta dos dedos.

Nós dois juntos.

Perseguindo o paraíso final.

Não fui programada para o amor suave. Se isso é uma consequência do meu passado ou se fui construída dessa forma, eu não sei, mas sempre preciso sentir o impacto e não apenas uma sensação.

Puno-me com tanta certeza quanto ele me castiga e adoro.

Porra, eu adoro.

Elder agarra meus quadris, me segurando firme enquanto empurra mais forte. “Porra, é isso. Cristo, Pim. Faça-se gozar enquanto te fodo. Sinta o meu pau em você. Sinta-me te segurar sabendo que não pode ir a lugar algum. Você é minha. Você pertence a mim. Meu pau pertence a você. Seus orgasmos me pertencem. Tudo sobre você me pertence.” Seu ritmo fica enlouquecido, seu suor escorre por minhas costas enquanto investe cada vez mais rápido, mais forte. “Goze comigo, Pimlico. Goze. Agora. Cristo... *goze*...” sua voz muda para um rosnado selvagem, e esfrego tão forte, que uma câimbra abate meu braço e dedos.

A dor só adiciona outra dimensão.

E desta vez... desta vez, cruzo a linha de chegada antes dele.

Grito alto e indiferente enquanto o auge do prazer me encontra, ondulando direto para a minha buceta, apertando músculos internos, me atirando em utopia enquanto minhas pernas cedem e me desfaço sobre o braço do sofá.

A onda de calor líquido assegura que meu corpo está pronto para uma penetração mais profunda.

Elder aproveita.

Ele se ergue, com as mãos presas em meus quadris, enterrando-se tão profundo o quanto pode, quando ruge seu segundo gozo.

Em seguida, ele empurra, me dando seu prazer.

Seu pau pulsa com seu próprio batimento cardíaco, e apertos residuais do meu orgasmo nos golpeiam prazerosamente.

Ele me fodeu duas vezes.

Ele devastou cada parte minha.

Estou desossada, sem fôlego, sem sentido.

Mas ainda não acabou.

Mais uma vez e deve ser a chave.

Três é um número de sorte.

Sinceramente não sei se o meu coração aguentará outra. Ele continua batendo em meu peito, como se rasgado de suas veias e artérias e sufocado numa piscina de prazer.

Engasgo e engulo, meu cabelo sobre meu rosto e o vestido em farrapos.

Acredito ter algum momento de descanso enquanto ele se recupera.

Não dessa vez.

Quase com raiva, Elder se retira e afasta. Viro a tempo de vê-lo segurando a cabeça, tremendo e murmurando, com os olhos bem fechados.

Ele está resplandecente em seu smoking desfeito, o pau reluzindo e solto por debaixo de sua camisa preta. As calças ainda se agarram a suas coxas musculosas — não estamos nus, mesmo depois de dois surtos de paixão.

Não me preocupo em esconder meus seios ou esfregar a gota do seu gozo escorrendo por minha coxa interna enquanto me movo em direção a ele.

Ele ainda está duro.

Ainda pronto.

Ele não pode parar agora.

Três é o número mágico.

Vou sobreviver a outro.

Eu preciso.

Ele precisa.

Precisamos fazer isso se minha teoria está sendo testada.

Elder levanta a mão. “Pare, Pim. Estou tentando com tanta força—”

“Não, você não desista.” Se ele voltar a lutar, isso não funcionará. Ele tem que ceder porque preciso saber se a experiência vai funcionar. Se não acontecer, então, Jethro e Nila Hawk tropeçarão em nós amanhã ofegantes por água e machucados, além do reconhecimento da nossa maratona de

sexo a noite toda. Mas se funcionar, então, finalmente, poderemos encontrar paz e prazer e descobrir um caminho a seguir com o qual ambos podemos viver.

Tenho que me deliciar com esse meu novo lado.

E ele me fez saber que existe um fim à vista.

Vamos, Elder.

Não pare.

“Eu quero mais.” Balanço em direção a ele, amaldiçoo a fraqueza da minha voz — rouca de ser bem fodida. Mas não estou mentindo. Eu *quero* mais. Eu quero agora, e quero mais no futuro.

Não vou deixá-lo estragar tudo.

Ele disse que pertenço a ele.

Bem, pela primeira vez, quero *pertencer* a alguém, mas só se puder tê-lo em troca.

Ele tem que fazer o que quero...*ele tem que fazer*.

Luto contra ele, rastejo em seu corpo e alcanço sua boca. Mas ele agarra os meus pulsos com uma mão e minhas bochechas com a outra, os olhos brilham nos meus. “O que está fazendo comigo?”

“Tentando libertá-lo.” Reviro em seu aperto, lutando para ficar livre. “Deixe acontecer.”

"Pare."

Consigo escapar do seu aperto, afastando seu toque e me esticando para beijá-lo. “Foda-me, Elder Prest. Você ainda não terminou.”

Ele perde o controle novamente.

Desta vez, ele cai de joelhos, me arrastando com ele.

Sua boca se apodera da minha, meu vestido descendo até nos cercar de vermelho e azul.

Empurrando de lado meu vestido, ele consegue me libertar do material para me instalar em seu colo. Nossa pele nua está extremamente quente e escorregadia numa combinação de sexo e suor.

Não somos mais humanos, apenas animais desesperados para acasalar.

Contorcendo-me em seu colo, gemo como um gato à procura de leite — procurando por ele, completamente livre de decoro e autoconsciência.

Eu estou vazia.

Vazia.

"Enche-me, *foda-me*... Elder... *por favor*."

"Você vai me matar, Tasmin."

Meus olhos se abrem ao som do meu nome real assim que ele arremete e seu pau me empala novamente — tão inimigo quanto vencedor sobre a carne sensível e inchada.

Ele me chamou de Tasmin.

Ele me encara como se eu fosse uma conquista, bem como sua amante.

Ele me odeia tanto quanto me ama neste momento.

Engulo em seco e gemo quando ele penetra perversamente mais profundo.

"Isto é o que recebe. Está feliz agora? Feliz por eu continuar te fodendo até não aguentar mais?" Ele empurra com os quadris furiosos, me jogando em seus braços, empurrando para penetrar mais fundo, profundo, profundo.

Meus seios balançam antes que suas mãos os capturem, formando um sutiã com seus dedos, me apertando depravadamente.

Uma lembrança quase inexistente retorna para a primeira vez que fizemos sexo. Ele de joelhos, e eu em seu colo. Só que ele não se moveu quando entrou em mim. Ele ficou rígido, enquanto eu explodia em seus braços.

Agora, empurro seus ombros, fazendo com que ele aperte sua barriga apenas para que as pernas enrijeçam e relaxe com minha pressão.

No momento em que está deitado, lhe dou tudo o que não levou no primeiro dia.

“Sim, estou feliz. Sim, estou feliz com você me fodendo. Mas agora, é a minha vez.” Afundando as unhas em seu peito, eu o monto.

Eu o fodo.

Eu me movo enquanto ele guia meus quadris para uma batida mais rápida.

Estudo seu rosto, enquanto sua mandíbula aperta, os olhos escurecem e seus cabelos emaranham no tapete.

Arqueio e me deleito com a maneira como ele agarra os meus seios nus.

Engulo em seco e admiro o quanto ele está lindo usando um smoking amarrotado com o meu vestido ao seu redor.

Cavalgamos juntos e recupero cada último pedaço da minha sexualidade no chão de Hawksridge Hall.

Com nossos olhos fechados e corpos unidos, minha mão desaparece sob o vestido pela segunda vez. Não consigo gozar novamente. Preciso olhar em seus olhos no momento do meu orgasmo. Preciso que ele veja o quanto rompeu meus

limites e criou uma amante sexual ousada que nunca se cansará dele, nunca o negará, nunca o deixará.

O vestido prende minha mão, camadas sobre camadas de cetim impedindo-me de encontrar onde estamos unidos.

A mandíbula de Elder aperta quando suas narinas inalam nosso cheiro, o rosto encharcado em exaustão. Uma mão sai do meu quadril, escavando através das minhas saias, encontrando-me rapidamente.

Seu polegar agarra meu clitóris com precisão imprudente, enterrando-me sob uma avalanche do céu.

"Deixe-me." Sua voz é uma mistura de ruídos entre o clamor e rosnado.

Seu rosto se transforma em pedra enquanto o polegar me acaricia de forma perfeita e seu pau penetra no ritmo final.

Desisto de ser autoconsciente ou preocupada, suave ou tímida.

Atiro-me na carnificina que criamos, com meus joelhos aquecendo e queimando na fricção do tapete; meu coração pronto e verdadeiramente dominado. "Elder ... El ... *Deus*, El."

Minha cabeça cai para trás, meus olhos fecham, meu corpo estremece enquanto os quadris balançam, me forçando para baixo e em cima dele, me enchendo com ele, consumindo, montando e o forjando em mim por toda a eternidade.

Nunca fui tão livre, tão fluída, tão atordoada.

É uma dança.

Uma valsa.

Uma foda no chão com meu amante ofegante e se contorcendo embaixo de mim.

Goze, Pim. Monte em mim." Ele rosna e geme. "Foda-se, sim, monte em mim. Foda-me. Porra, eu quero gozar. Eu quero te ver gozar. Quero sentir você."

Seu rosto se contorce em algo demoníaco. "Cavalgue em mim, Tasmin. Porra, me monte."

Então eu faço.

Tempo perde todo o significado quando nos fundimos em um. Já não lutamos para permanecer em sincronia; *estamos* em sincronia. Nossa respiração, nossos pensamentos, nossos corpos, nossos orgasmos.

Estamos concentrados um no outro em busca do prazer, subindo cada vez mais e mais. Tudo nos deixa insanos, loucos e selvagens.

E quando não há outro lugar para subir e nenhum outro lugar para nos aventurarmos, caímos.

Onda após onda se transforma numa maré que se transforma numa cachoeira.

Sua mão em meu clitóris leva-me do orgasmo para uma forte explosão, balanço como se alguém tivesse cortado todas as minhas cordas, me esmagando e jogando na terra para ser sempre dele.

Ele ruge.

Eu grito.

Montamos as ondas, seus calcanhares empurram no chão para penetrar mais fundo e meus joelhos ardem de balançar tão forte.

Estamos determinados a marcar o outro. Cegos e surdos para qualquer coisa, mas rastejando dentro um do outro em todos os sentidos possíveis.

E quando o último aperto nos esmaga, e não há nada mais do que ecos agonizantes, caímos juntos — desossados, quebrados e completamente esgotados.

Lentamente, seu pau amolece dentro de mim.

Lentamente, o olhar irritado de seus olhos diminui.

Lentamente, seu toque vira de raiva e controle para suave e adorável.

Finalmente, ele beija minha testa e afasta o cabelo emaranhado de suor dos meus olhos. “É hora de irmos para casa.”

Eu balanço a cabeça, muito fraca e saciada para falar.

Fico em meu torpor do sexo quando ele me rola de cima e nós dois estremecemos quando ele retira o seu pau. Meu corpo lamenta, mas meu coração está feliz por um indulto.

Fechando suas calças e alisando a camisa, Elder gentilmente me pega e me puxa para que eu fique de pé. Permito-lhe fazer o melhor para corrigir o meu vestido destruído, sorrindo quando ele usa sua gravata para amarrar ao redor do meu corpete e manter o espartilho no lugar, então não fico exposta aos convidados do baile de máscaras.

Aconchego-me enquanto ele passa o braço em volta de mim, pego minha pulseira do chão onde a joguei, encontro o meu sapato e calcinhas e abro a porta.

Caminhando através Hawksridge Hall, temo aparentar ser o mestre e amante em nosso atual estado de nudez. Parecíamos ter saído de uma guerra onde os dois lados perderam.

Mas os dois lados ganharam.

Abraço essa feliz conclusão.

Eu tinha razão.

Ele estava errado.

Minha teoria sobre o três foi cimentada.

Quando entramos na linda noite inglesa e nos mantemos sempre as sombras para evitar olhares, sussurro, “Você me deve um pedido de desculpas.”

Seus olhos brilham, sabendo muito bem o que quis dizer.

Prometi que aconteceria, e prometi que o perdedor deveria se desculpar.

Espero que ele negue que foi capaz de parar por vontade própria. Que dormimos juntos e paramos sem a necessidade de interferência de terceiros.

Ele meramente me guia pelos degraus e pelo cascalho branco. “Não te devo nada. Não tente isso de novo, Pimlico. Você está me ouvindo?”

Ele voltou a me chamar de Pimlico.

Estou contente.

Por um segundo, me senti duas pessoas misturadas em uma.

Volto a ser única.

A melhor.

A mais forte.

A que acaba de vencer.

Dou um sorriso e não faço promessas.

Porque nós dois sabemos que provei um ponto.

Ele parou no três.

Descobrimos nosso meio termo.

E nós dois sabemos o que isso significa...

Agora ele não pode me negar nada.



Capítulo Trinta e Três

Elder

Não nos despedimos de ninguém.

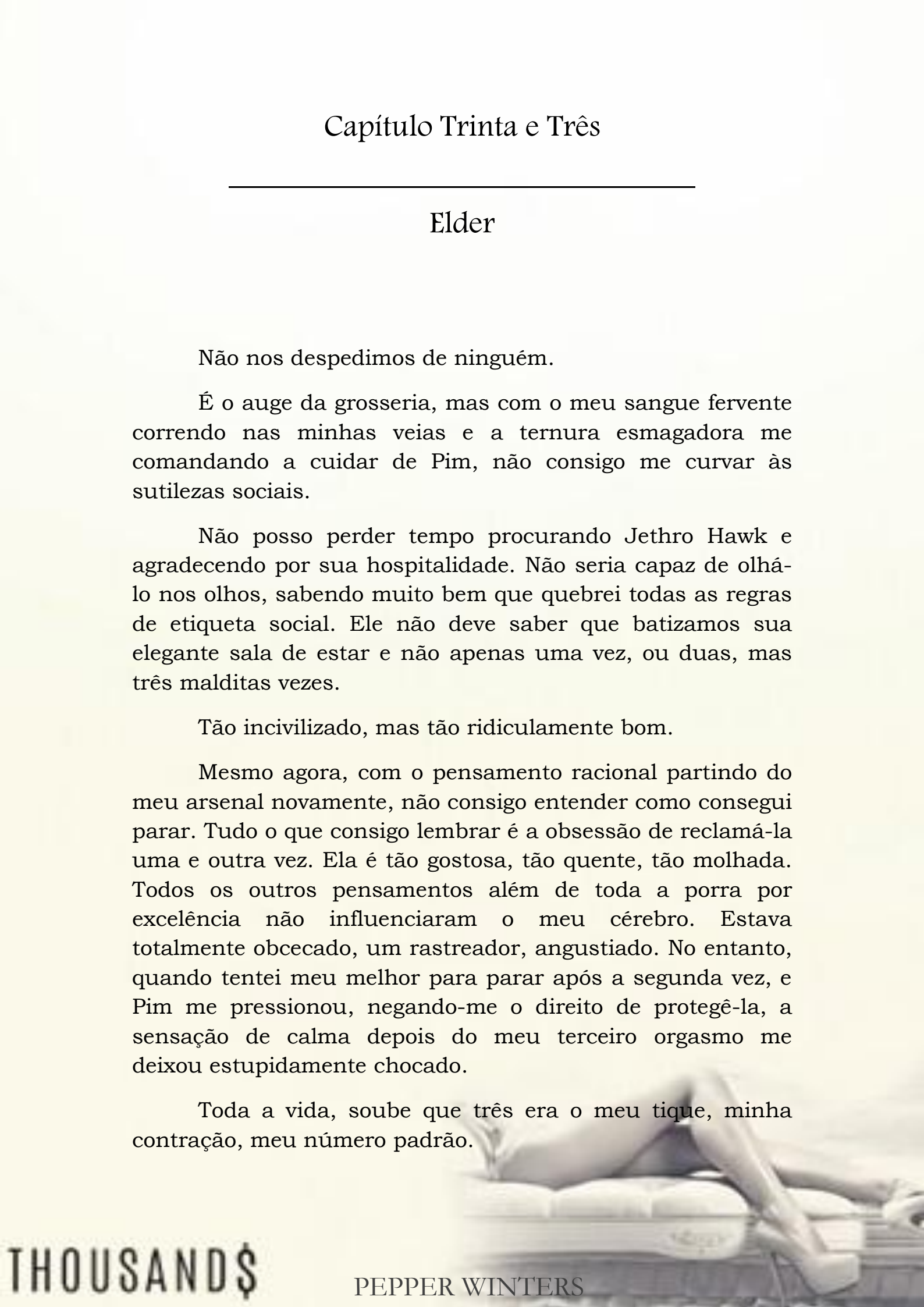
É o auge da grosseria, mas com o meu sangue fervente correndo nas minhas veias e a ternura esmagadora me comandando a cuidar de Pim, não consigo me curvar às sutilezas sociais.

Não posso perder tempo procurando Jethro Hawk e agradecendo por sua hospitalidade. Não seria capaz de olhá-lo nos olhos, sabendo muito bem que quebrei todas as regras de etiqueta social. Ele não deve saber que batizamos sua elegante sala de estar e não apenas uma vez, ou duas, mas três malditas vezes.

Tão incivilizado, mas tão ridiculamente bom.

Mesmo agora, com o pensamento racional partindo do meu arsenal novamente, não consigo entender como consegui parar. Tudo o que consigo lembrar é a obsessão de reclamá-la uma e outra vez. Ela é tão gostosa, tão quente, tão molhada. Todos os outros pensamentos além de toda a porra por excelência não influenciaram o meu cérebro. Estava totalmente obcecado, um rastreador, angustiado. No entanto, quando tentei meu melhor para parar após a segunda vez, e Pim me pressionou, negando-me o direito de protegê-la, a sensação de calma depois do meu terceiro orgasmo me deixou estupidamente chocado.

Toda a vida, soube que três era o meu tique, minha contração, meu número padrão.



Mas por que Pim ousou arriscar seu bem-estar para ver se funcionava no sexo?

Como ela sabia?

Mulher tola.

Tola, incrível e fodidamente sexy.

Sentado ao seu lado, não estou furioso ou com pesar por machucá-la, mas confortavelmente esgotado — quase em paz por ceder ao que queria há meses e descobrir que sobrevivemos.

Ela testou sua teoria... assim como ela me avisou. Eu só queria que ela não tivesse feito isso na casa de outra pessoa.

Mas, de certa forma, fiquei feliz.

Atravessamos fronteiras em Hawksridge Hall. Fomos à batalha e saímos um pouco ensanguentados, machucados, mas com uma melhor consciência do nosso oponente.

Pim conhecia os riscos e me testou de qualquer maneira.

Ela abriu o seu coração, corpo e confiou em mim.

Confiança.

Isso é um dom terrível.

Se soubesse que ela jogaria isso na minha cara depois que lhe dei a pulseira, nunca a teria levado para Hawksridge. Nunca me permitiria ficar sozinho com ela.

Entrando naquela sala, ela não me deu nenhuma escolha — quase como se tivesse ouvido meus pensamentos fugazes sobre deixá-la em algum lugar na Inglaterra. De colocá-la numa casa segura, cercada por guardas e impedindo que estivesse ao meu lado quando o Chinmoku atacasse.

Essa ideia surgiu enquanto conversava com Jethro. Ele é um homem que perdeu muito para ganhar muito. Eu entendi quão longe ele iria para proteger sua esposa, e isso me fez consciente do quão egoísta estou sendo, mantendo Pim ao meu lado.

Eu a amo... portanto, é meu dever protegê-la.

E não posso fazer isso com ela no Phantom.

Eu a agarro mais perto, abraçando-a junto ao meu corpo onde nos espreguiçamos no assento traseiro do carro.

Mais uma vez, meu coração queima pelo perigo que ela se colocou me seduzindo. O perigo que suportou de bom grado, apenas para me dar algum bom senso e provar que minha libido não é algo para eu ficar aterrorizado, apenas algo para ser tratado como qualquer outra coisa na minha vida.

Com regras, regulamentos e repetições específicas.

Estamos dirigindo por mais de uma hora. Em vinte minutos ou mais estaremos nas águas de South Hampton.

Selix dirige e confio que ele não exagerou na bebida. Isso não significa que não se misturou com os convidados, a julgar pela própria aparência amarrotada e alguns pedaços de feno em seu cabelo, diria que teve uma noite cheia de acontecimentos com uma mulher misteriosa.

O conhecimento que estamos indo para casa deveria me deixar feliz

Mas não deixa.

Se levar Pim para longe da Inglaterra, não há como dizer que tipo de merda nos encontrará.

Se eu fosse um homem bom, eu a deixaria em Hawksridge, onde os Black Diamonds a protegeriam. Deixaria sua segurança por conta dos meus melhores homens e

caçaria o Chinmoku para garantir que ela permanecesse segura.

Não posso confiar nela para não fazer outro truque ridículo como me desobedecer com a guarda costeira.

Isto não é a porra de Romeu e Julieta.

Não quero morrer por ela, e com certeza não quero que ela morra por mim.

Já tive morte o suficiente de entes queridos.

Pim descansa a cabeça no meu ombro, respirando tranquilamente. Seu calor e peso delgado apertam o meu coração com o certo e o errado.

Se fosse um homem melhor, eu a deixaria aqui.

Mas não faço.

Eu a amo. Sinto falta dela. Não posso fazer minha fodida caminhada para longe, especialmente agora.

À medida que os pneus zumbem na rodovia, nos aproximando do oceano, Pim ergue o braço e torce o pulso. Ela sorri para o tilintar suave de ouro e moedas com diamantes dançando em sua nova pulseira.

Meu estômago se contrai outra vez, duvidando da minha escolha em dar a ela algo que representa o dinheiro depois de tanta conversa de moeda e dívidas.

“Sinto muito por tê-la jogando no chão quando me deu pela primeira vez.” Ela olha para cima, se afastando um pouco para me olhar. “Eu amei tanto. Mas quando vi... não consegui me impedir de te beijar.”

Abro o braço e espero até que ela se aconchegue em mim antes de beijar o topo de sua cabeça. Ela cheira a champanhe, sexo e a mim.

O melhor cheiro do mundo.

“Estou feliz por ter gostado.”

"Adorei."

“Certamente mereceu uma reação da sua parte.”

Ela ri baixinho no escuro.

Selix me lança um olhar pelo espelho retrovisor, levantando a sobrancelha. Ele não é estúpido. Ele sabe que fizemos algo. O nosso vínculo é muito forte para ignorar.

Eu queimo com isso.

Não conseguimos manter as mãos afastadas um do outro e não pelo sexo, mas por essa conexão.

Meus dedos nunca param de acariciá-la. Meus lábios nunca saem de sua pele. Seu vestido arruinado e minha aparência desgrenhada não podem esconder o que fizemos para alcançar esse novo nível de intimidade

Dou-lhe um sorriso malicioso quando ele volta a atenção para a estrada.

Mais quinze minutos de silêncio, condução tranquila e o píer de South Hampton aparece, adormecido sob um manto de estrelas. Barcos pairam sobre a água cristalina, seus habitantes dormindo a esta hora da madrugada. O mar calmo reflete a meia-lua em sua superfície calma, acolhendo-nos em casa.

O Phantom, sendo de grandes dimensões e incapaz de encaixar nas baías regulares, flutua à distância num local reservado para navios de cruzeiro. Felizmente, é longe do centro principal e privado com sua própria garagem e rampa.

Selix nos leva através das complexas ramificações e armazéns em torno do porto, em seguida, estaciona ao lado do corredor e espera que eu abra a porta e ajude uma Pimlico despenteada a sair do banco traseiro.

Sua pulseira brilha no pulso e sua calcinha e saltos pendem dos dedos.

Estremeço. Nós esquecemos algo. “Ah, merda, nossas máscaras. Nós as deixamos no chão.”

Pim me olha com um sorriso malicioso. “Ah, não tenho dúvidas de que os Hawks saberão o que aconteceu. Não é como se fôssemos discretos.” Ela descansa a palma da mão sobre o meu coração. “Nós fomos barulhentos, Elder.”

Aperto meus dedos em sua mão, com toda a porra do amor que sinto por ela. “Havia uma orquestra, Pimlico.”

Ela sorri. “Não acho que o grito de orgasmo pode ser comparado a qualquer instrumento particular.”

“Oh, eu não sei.” Colocando sua mão na minha, bato a porta e a conduzo em direção à rampa. “Tenho certeza que eu consigo imitá-la no meu violoncelo.”

“É mesmo?” Ela coloca a ponta dos pés sobre o cais arenoso, os pés descalços e vulneráveis.

Quero carregá-la, mas esse maldito vestido provavelmente me sufocaria se a conduzisse pela passarela.

“No entanto, talvez precise que recrie o mesmo grito para poder alcançar a perfeição.” Sorrio baixinho.

Seus olhos aquecem. “Tenho certeza de que isso pode ser arranjado.”

Nunca me dediquei a brincadeiras assim. Nunca pairei na alegria sexual de me apaixonar e ser tão fodidamente feliz apenas conversando com uma pessoa.

Não que Pim seja apenas uma pessoa.

Ela agora é minha razão de existir.

Ela assumiu o reinado da minha miséria e solidão e me deu algo para proteger e adorar. Perdi minha família, mas pela primeira vez na vida, não me sinto incompleto por isso.

Como pude pensar em deixá-la aqui? Não me importo se levar meses ou anos para erradicar o Chinmoku, vou encontrar uma maneira com ela ao meu lado. Ela ficará *segura*. Ela é meu novo vício, e ao contrário das outras obsessões pouco saudáveis, estou decidido a ficar equilibrado e firme mesmo quando meu coração se torcer num idiota apaixonado.

O motor do carro acelera. Olho de volta para Selix que abaixa a janela. Apontando em direção ao Phantom e depois para a garagem para armazenar o carro que está aberta, ele diz: "Vou estacionar para a noite. Encontro você a bordo."

Eu concordo. "Obrigado."

Ele sorri. "Espere uma chamada bem cedo, Prest." Ele acena, enviando uma mensagem silenciosa que gostaria de saber o que aconteceu quando tivermos nossa sessão de treino regular.

Direi pedaços, mas também direi que já estou farto dele ficando sempre em segundo. Ele nunca foi meu funcionário—foi ele quem escolheu esse papel. Quero-o em pé de igualdade se formos lutar juntos contra o Chinmoku. Essa é minha guerra... não a dele. Se vai fazer parte dela, então precisa aceitar os meus termos.

Principalmente herdar metade da minha empresa, uma vez que a dívida da loteria for quitada.

Aperto a mão de Pim e a guio até a rampa, inspecionando o gigante Phantom se aproximando. Seu tamanho ofusca qualquer embarcação menor em torno do cais. Sua presença incrível dando uma falsa sensação de invencibilidade.

A brisa fria chicoteia em torno quando chegamos ao topo. O zíper do meu smoking está danificado, permitindo que o ar circule em torno de outra ereção crescente. Minha camisa e paletó batem na cintura, por fora da calça.

Quero um banho quente e lençóis frescos.

Quero isso com Pimlico.

Quero-a ao meu lado em vez de por trás de uma fechadura e chave um andar abaixo.

Subindo a bordo, a giro para me encarar, desesperado para beijá-la.

Ela sorri quando meus lábios tocam os dela, suas bochechas corando com o mesmo desejo me infectando.

Forçando-me a quebrar o beijo antes de levar isso longe demais, suspiro, “Passe a noite comigo.”

Seus olhos queimam. “Está pedindo mais sexo ou...?”

Porra, adoro-a por me dar uma escolha. Que não me rejeitou, suplicando que três vezes é o suficiente por uma noite. Ela apenas sorri tão pura, tão doce e me oferece tudo o que preciso.

Cristo, essa mulher.

O que posso fazer para retribuir isso... para merecer isso?

Enfiando o cabelo chocolate selvagem atrás de sua orelha, sorrio baixinho sem hesitação. “Durma comigo.”

Seus cílios batem, o olhar cai para o meu peito sedutoramente. “Dormir, dormir?”

Sorrio mais forte. “Dormir. Sabe? Vou te abraçar, e nós dois tentaremos descansar para amanhã não parecermos zumbis?”

“Ahh, dormir! Sim, ouvi falar sobre isso.” Ela franze o nariz. “Então, é um pouco chato, não acha?”

Cheirando o seu pescoço, eu gemo. “Deus, não me tente novamente, Pimlico.”

Ela pressiona contra mim, seus braços envolvendo a minha cintura. “Onde está a diversão em parar?”

Meus dedos capturam seu maxilar, mantendo-a imóvel enquanto pressiono minha boca na dela. O beijo tem vida própria, conseguindo de alguma forma permanecer inocente, mas sujo ao mesmo tempo. Nossas línguas se tocam e depois recuam; nossos corações incham e depois suavizam.

Estou fodido de amor por esta menina.

Beijo o canto da sua boca e murmuro, “Tenho certeza que outro tipo de sono pode ser providenciado.”

Ela estremece em meus braços. “Vamos então."

Afastamo-nos, cambaleamos sobre o convés principal, impaciência e desejo transformando nossos membros em geleia. Ela me olha com o smoking balançando em ruínas e ri. Olho para ela em seu vestido ondulando e totalmente arruinado e não sei se consigo chegar ao quarto.

Sorrir juntos é uma das melhores coisas do mundo. Estou extasiado por ela, completamente viciado, e pela primeira vez, não me importo ou tento quebrar o feitiço.

Ela é toda minha.

Nunca vou superar esse fato.

Nunca vou menosprezá-la.

Nunca vou deixá-la ir.

Não consigo me lembrar da última vez que estive tão contente.

E essa é minha ruína total.

Ela tomou meus sentidos.

Todos e cada um.

Não presto atenção ao meu redor, porque tudo o que importa é a brisa do mar enrolando seu cabelo e seu sorriso fazendo a porra do meu coração parar. Não noto o silêncio ou nada estranho, porque tudo o que vejo é uma deusa que de alguma forma conseguiu me trazer de volta à vida.

Realmente deveria ter prestado atenção.

Deveria ter notado o silêncio mortal no Phantom.

Deveria ter achado estranho que ninguém da equipe nos cumprimentou.

Sem capitão para nos informar sobre as marés.

Sem música flutuando da cozinha.

Sem mãos na plataforma verificando o equipamento.

Nada além de plataformas vazias e salas vagas.

Não percebo nada enquanto estamos completamente envolvidos um com o outro, indo em direção ao quarto, parando para puxar um ao outro para mais beijos de luxúria.

As moedas na sua pulseira são o único barulho no ar denso da madrugada.

A porta de correr para os meus aposentos está aberta, nada incomum quando muitas vezes eu a deixo assim. As luzes estão apagadas, nada de anormal uma vez que não estou lá para que seja necessário estarem ligadas.

Meu quarto está calmo e quieto.

Minha cama intacta e branca ao luar.

Meus instintos estão entorpecidos e focados em Pim e apenas em Pim.

Mas quando viro para fechar a porta e pressiono o interruptor para transformar o vidro de claro a opaco, e Pim se afasta para ligar a luminária perto da minha mesa, o som do seu vestido é substituído pelo clique de uma arma, a lâmpada inunda o espaço vazio revelando que ele não está realmente vazio, sou tomado pela raiva gelada e um pânico escaldante.

A porra da minha vida acaba antes que eu possa gritar. "Pim—não!"

Tarde demais.

Muito tarde, porra.

O braço de um homem dispara na escuridão, envolvendo seu pescoço, segurando-a na frente dele. Seu sorriso de soslaio por cima do ombro anuncia o caralho do meu pior pesadelo.

Dois segundos em meu domínio e já perdi minha mulher para o inimigo.

Inferno!

Quando deixei minha guarda tão baixa? Que tipo de idiota me tornei?

Minhas mãos se fecham enquanto cerco o homem que está segurando Pim.

Um homem japonês.

Um homem com lábios finos e uma marca de nascença vermelha na bochecha.

Um homem com quem lutei há tantos anos atrás.

"Deixe-a ir." Minha voz é nada mais que um rosnado estrondoso.

“Não acho que está em posição para dar ordens.”

Meu sangue gela quando outro homem acende as luzes do teto, afogando o quarto na luz.

Merda, merda, *merda*.

Ele se move em direção ao seu comparsa segurando Pim, seus passos elegantes e controlados. Sua cabeça careca como na época da minha juventude. Tatuagens cobrem o seu crânio e ao redor das orelhas, terminando em traços com caracteres japoneses nas pontas das maçãs do rosto.

Ele é um filho da puta assustador e um assassino de coração frio.

Os olhos de Pim ficam selvagens, mas ela não emite um som. Nessa situação seu silêncio pode ajudar. Enquanto ela continuar firme e não os irritar, eles vão manter o foco em mim.

Por favor, deixe-os manter seu foco em mim.

Se eles a matarem...

Meu coração se despedaça com o pensamento.

Não suportarei.

Eu me recuso.

Reunindo toda a força, calmamente abro o botão do smoking e endureço a postura. Não vou permitir ser intimidado. Nem por ele. Nem por ninguém.

Este é o *meu* iate.

Eles estão invadindo e morrerão uma morte lenta por isso.

Mostro os dentes. “Olá, Kunio.”

O segundo em comando do Chinmoku está sorrindo, sabendo muito bem que me superou. Ele nunca deveria ter

entrado em meu barco e muito menos colocado as malditas mãos na minha mulher. “Olá, Miki-san.”

Estremeço.

Não sou mais Miki. Não sou ele há muito tempo.

Minha mãe me deu um nome japonês, me chamando logo após meu nascimento. Mudei para o nome que meu pai queria, quando fui banido.

Não é um nome que quero ouvir novamente.

O fato de que Kunio está aqui e não o chefe do Chinmoku é um desrespeito grotesco.

Eles não me veem como digno o suficiente para ser abordado por seu líder antes de ser assassinado.

Meus punhos cerram, mas faço o melhor para manter o controle. Minhas mãos anseiam pelas espadas de samurai com as quais treino. Meu coração *grita* por seu sangue.

“Deixe-a ir.” Faço o melhor para manter minha voz entediada quando na verdade está letal com ódio. “Ela não é parte disso.”

Kunio olha Pim com um sorriso condescendente. “Não faz parte disso... assim como o seu irmão e seu pai não faziam? Assim como o resto da sua família não é parte de sua dívida de sangue?”

Todos os meus músculos se trancam em pura fúria. "Exatamente. Já reivindicou duas vidas inocentes. Você não precisa de outra.”

“Eles nunca foram inocentes.” Ele se move lentamente ao redor da sala. "Eles eram seus. Você nos decepcionou. Eles são nossos para punir.”

Pim está com o queixo erguido e seu peito mal se move. Ela olha para mim com confiança, mesmo quando o medo está gravado em seu rosto.

Eu odeio, positivamente a *odeio* por estar em perigo mais uma vez. Ela sofreu o suficiente. Ela não merece aturar ainda mais merda por simplesmente escolher me amar.

Que escolha estúpida e terrível da parte dela.

Sinto muito, Pim.

Atacando a frente, me certifico em enunciar claramente e com autoridade. “Deixe-a ir e vamos fazer o que é necessário.”

Lutar até que um esteja morto.

Mais homens se materializam das sombras ao redor da sala, ao lado do seu líder. Sete no total. Sete mais Kunio. Mais uma vez, uma luta desigual contra o Chinmoku.

Eles nunca foram de chances iguais.

Foi assim que destruíram outras gangues, tomaram território e criaram uma reputação de desumanidade sanguinária.

E uma vez, lutei para eles.

Fui um fodido ingênuo e muito envolvido em minhas obsessões para me importar.

Este é meu karma.

Eu o mereço.

Mas Pim não.

“Você nos desapontou.” Kunio passa as mãos sobre a cabeça careca, acariciando as tatuagens. “Sabe como odiamos ser decepcionados, Miki-san.”

Oh, eu sei.

Vi sua decepção em primeira mão.

Senti o cheiro de sua decepção com meu pai e meu irmão queimando.

Mesmo que o Chinmoku execute operações ilegais, tráfico de mulheres, drogas fabricadas, e corrompa tudo o que pode ter em suas mãos, sua facção não é enorme.

Eles não confiam facilmente e só aceitam em suas fileiras membros testados e experimentados.

Quando fui convidado para a família, havia setenta e nove membros em pleno direito. Esse número pode ter crescido ao longo da última década, mas não tenho dúvida que Kunio só trouxe estes sete com ele, por que são os melhores.

Sete homens que gostam de infligir sofrimento aos outros de formas únicas e criativas.

Kunio arrasta um dedo pelo braço de Pim.

Ela sibila, mas permanece firme e silenciosamente irritada.

“Aprovo o seu gosto por mulheres. Talvez, ao invés de matá-la, podemos fazê-la uma de nós.”

O pensamento de Pim pertencendo ao Chinmoku me enfurece a ponto de querer matar todos em meu caminho.

Ela nunca pertencerá a ninguém. *Especialmente* a eles.

Ódio rasga minha garganta. “Deixe-a ir.”

“Como disse antes — você não está em posição de dar ordens.” Kunio olha seus homens.

Eles são réplicas idênticas com o uniforme Chinmoku de calças pretas e camiseta, bandana preta e luvas sem dedos vermelhas.

Há muito tempo, o líder me disse que usavam luvas vermelhas para simbolizar o sangue que estão prestes a derramar. Já banhando sua carne na força vital de seus inimigos.

Uma vez usei um par dessas luvas.

Agora, quero cortar suas mãos.

Digitalizando os homens, tomo nota das muitas armas diferentes amarradas a seus corpos — alguns carregam armas simples, enquanto outros levam facas presas nas pernas e costas. Eles podem usar o mesmo guarda-roupa, mas quando se trata do seu método favorito de matar? Tudo é permitido.

Onde diabos está Selix?

Minha equipe?

Como o Chinmoku tomou posse do iate sem o meu maldito conhecimento?

Cruzando as mãos na frente dele, Kunio inclina a cabeça. A atmosfera muda de ameaça para prontidão.

Já estive do outro lado e entendo o que a mudança sutil significa.

Isso nunca foi uma conversa sobre a minha traição e punição. Esta não é uma negociação prolongada por minha vida ou pela da Pim.

Isso é um extermínio.

Meus membros despertam, os joelhos prontos para lutar em um segundo.

Kunio sorri. “Sabe tão bem quanto eu como esta noite vai acabar. Sua mulher agora é nossa para fazer o que quisermos. Sua vida agora é nossa por sua desobediência.

Sua própria existência nos pertence. Hoje à noite, nós coletamos."

Minha frequência cardíaca diminui. Meus olhos ficam afiados. Minha respiração superficial.

Kunio olha o homem coberto de preto ao seu lado. Não há aceno de cabeça, nenhum comando, sem sinal.

Mas não importa.

Meu quarto passa de ameaça silenciosa para uma guerra homicida.

Quatro homens pulam sobre mim de uma vez.

Seus golpes atingem minha cabeça, peito, costas e rins.

Sua rapidez me coloca na defensiva, mesmo que tenha percebido o momento.

Estou drenado de três rodadas de sexo.

Estou farto de humilhação e sofrimento.

Estou furioso com a imobilização em Pim.

Penso em muitas coisas e não estou focado.

Emoção nunca deve ser parte de uma luta.

Primeira regra de combate: a mente deve estar limpa de qualquer pensamento. O corpo vazio, além da dança de violência.

Um gancho de direita dispara estrelas em minha visão, meu queixo uiva sob os nódulos dos dedos malignos.

E esse é o último convite que precisava para me perder.

Grito em fúria e agacho para me tornar mais do que sou, mais do que humano, mais dragão do que animal, mais monstro que homem.

Faz muito tempo que não luto para mutilar. Estou acostumado a controlar e trancar minha verdadeira natureza.

Os quatro Chinmoku não importam.

Eles batem, chutam e ferem.

Mereço cada castigo por ser muito lento para largar minhas pretensões e enfrentá-los de besta para besta. Mas quando a agonia queima, o pânico cresce e Pim grita meu o nome, percorro a distância e encontro a loucura necessária.

Festejo a sede de sangue cruel que sempre carrego.

Alimento minha mania de ganhar.

Atiro-me de cabeça na clareza cristalina de como infligir o maior dano.

Desligo minha consciência e inquietação...

E sou ardiloso.



Capítulo Trinta e Quatro

Pimlico

Sempre soube que Elder pode lutar.

Percebi o seu poder pela primeira vez na mansão branca. Testemunhei quando ele matou Darryl com uma torção do pescoço.

Mas isso... isso não é o Elder.

Este é um demônio vestindo um smoking. Não existe humanidade em seus olhos quando ele entrega golpe por golpe. Ele chuta e esmurra. Ele quebra ossos e nocauteia os homens sem um segundo pensamento.

Mas não importa quantas vezes ele derrota os bastardos decididos a matá-lo, eles nunca param de bater.

Quando alguém cai, um novo se junta.

Quando alguém grita, outro corre para ajudar.

Elder é uma máquina. Desumano. Não importa quantos golpes ele leve, não importa quanto sangue jorre de seu nariz, ele nunca faz um som.

Ele é o fantasma como sua família o chama.

Ele é o dragão tatuado em seu peito.

Luto contra o homem me segurando. Ignoro os inimigos ao redor.

Tudo o que vejo é Elder e a impecável dança mortal que ele invoca.

Estou desesperada para ir em seu auxílio, ajudar...*de alguma forma*. Mas mãos firmes nunca me deixam ir, o cano afiado de uma arma contra minhas costelas nunca se afasta.

Não ouso gritar para não distrair Elder. Requisito meu silêncio e proíbo as lágrimas de caírem.

A batalha continua terrivelmente desigual com Elder desaparecendo entre uma nuvem de oponentes apenas para reaparecer com um novo golpe perfeitamente destinado.

Todos se concentram na luta a nossa frente. O choque dos móveis caindo e o arrastar da cama enquanto levam a destruição para cada centímetro da suíte.

Não consigo tirar os olhos do homem que amo—o homem que quero manter para sempre, sendo golpeado e cada vez mais perto da morte.

Há tantos e apenas ele. Não importa quão espetacularmente Elder está lutando por sua vida—eventualmente, ele cansará. Eventualmente, ele perderá. Eventualmente, ele estará morto e então... *Oh, Deus*.

Não consigo pensar no que acontecerá.

Meu coração já está quebrado.

Minha mente já fragmentada.

Não respiro enquanto Elder joga um homem do outro lado dos aposentos, se esquivando quando outro lutador salta em suas costas. Um soluço escapa como uma maldição quando Elder tropeça sob seu peso, torcendo e arranhando, rasgando o Chinmoku e se afastando em seguida, para dar um chute bem forte no peito.

Quando o homem despenca no chão, algo chama a minha atenção.

Leva toda a minha força para afastar minha atenção de Elder, mas meu coração retoma uma esperança doentia e hedionda quando as portas do convés abrem lentamente e se separam silenciosamente, quase imperceptível graças à escuridão opaca do vidro combinando com a escuridão da noite afora.

Meu Deus.

Selix.

Por favor, deixe ser o Selix.

Pelo menos dois será melhor que um e não importa a incessante onda de agonia que Elder suporta. Pelo menos ele pode ter uma arma para combater o brilho de facas voando ao redor da sala.

Só que Selix não aparece...outros dois homens entram no quarto.

Dois homens que nunca vi antes.

Ambos de cabelos escuros e vestindo ternos pretos, que se movem como sombras. Por um segundo, um grito infiltra em minha garganta.

São mais Chinmoku? Ainda mais idiotas que querem assassinar o homem que amo?

Elder precisa saber.

Ele deve estar preparado para de alguma forma se tornar imortal, porque ele não pode morrer — não assim. Não suportaria vê-lo ser assassinado.

Não posso!

Minha boca se separa; minha respiração frenética enquanto os dois homens ficam escondidos no perímetro da sala, cobertos pela escuridão. Meus dentes batem juntos quando eles tiram suas armas e apontam para o Chinmoku.

Sem pistolas ou qualquer coisa pequena, são armas grandes e automáticas e induz que ocorrerá uma carnificina.

Eles apontam para o inimigo e não para o meu amor.

A minúscula fé de que estão aqui para ajudar ao invés de dificultar, mantém minha calma.

Olho Elder.

Ele está no meio da pequena multidão, batendo violentamente, seu rosto frio e concentrado, mesmo que sangue escorra como rio por sua têmpora e bochecha. Contusões decoram sua pele. Seu cabelo está selvagem e desalinhado.

Mesmo que os homens sejam amigos, ele ainda precisa ser avisado.

Eles apontam as armas para o Chinmoku, mas Elder está no centro de seu alvo.

Ele está em sua linha de tiro—

Eles vão matá-lo também.

Abro a boca para gritar. “El—”

Tarde demais.

Uma rajada de balas atravessa a luta, acabando tão de repente quanto começa.

Meu grito se transforma em pavor quando o homem me segurando automaticamente abaixa para se proteger. O homem chamado Kunio escapa do caminho da morte, enquanto seus guerreiros caem como plantas daninhas arrancadas.

“Vermes do caralho,” um forte sotaque francês cospe enquanto outro ricochete de balas desmonta o grupo, derrubando homens com múltiplos ferimentos.

"Não!" Contorço e luto, meus olhos tensos sobre o banho de sangue na minha frente.

Não consigo vê-lo.

Não consigo vê-lo!

Por um segundo, ninguém se move. O cheiro de pólvora paira fortemente no quarto.

Então, lentamente, a pilha de partes de corpos se move. Soluço de alívio quando Elder empurra um Chinmoku morto para se levantar e ficar de pé, vacilante.

Estar no centro da multidão salvou sua vida.

Não sei se está ileso, mas está vivo.

Ele está vivo e eles não.

Meu coração fica tomado por ódio.

Como *ousam* tentar machucá-lo?

Como se *atrevem* a tentar matá-lo?

Quero pegar uma arma e terminar o que os dois estranhos começaram.

Elder respira com dificuldade, uma mão fechada e outra com um dedo dobrado da maneira errada. Ele tenta ficar o mais reto possível, mas uma perna não suporta seu peso e seu rosto é uma obra de arte da violência.

Ele olha os novos intrusos, seu olhar negro ameaçando e avaliando.

Ele não os reconhece.

Ele não está contente em vê-los.

Não que os dois homens com as armas se importem. Ignorando-o como se fosse nada mais do que um besouro prestes a ser esmagado, em vez disso, eles apontam as armas

sobre o homem me segurando e para o restante dos Chinmoku ao nosso lado.

O mais magro dos dois que semeou a carnificina lambe os lábios como se desesperado por mais derramamento de sangue, mas disposto a agir como humano... por agora. “Deixe-a ir.”

Meu coração bombeia e infla. Luto mais para ser liberta. Meus olhos passam pelos homens exigindo minha liberdade e trancam nos de Elder.

Ele me dá um olhar triste, mil desculpas num só olhar.

O homem que me segura, aperta ainda mais e me sacode para que eu me comporte. “Quem diabos é você?”

“Não é da sua conta,” o homem mais forte dos dois rosna. “Você o ouviu; deixe-a ir.”

Relutantemente, o Chinmoku olha o chefe e afrouxa o controle. Imediatamente me afasto do seu alcance.

“Vai pagar por isso,” Kunio estala. “Você não sabe—”

Mais dois tiros disparam, as balas voando tão perto, que ondulam em minha pele.

Mais dois golpes ecoam no chão enquanto os últimos Chinmoku desabam em silêncio. Eles caem como árvores podres, silenciosas e mortas como madeira velha.

Está acabado.

Quem quer que sejam esses anjos sinistros, salvaram a vida de Elder e me devolveram a ele.

Não suportaria ficar longe por mais tempo.

Indiferente que os homens ainda seguram suas armas, indiferente que não tenho respostas para quem realmente são, fixo-me em Elder, meu vestido tremulando em vermelho

e azul enquanto me encolhe e escalo cadáveres para alcançá-lo.

"Pim..." Elder tropeça em minha direção. "Porra, Pim."

Meus dedos deslizam sobre o sangue quente. Meu estômago revira com o fedor da morte, mas quando entro nos braços de Elder e pressiono a testa em seu coração, não me importo com nada.

Ele está vivo.

Foi minha culpa. Eu o distraí. Mudei sua mente de sobrevivência para sedução.

"Elder... estou tão—"

Seus lábios pousam no meu cabelo. "Não faça isso. Por favor, não. Esta é a minha fa—"

Mãos travam em torno de meus braços e cintura, me puxando para longe, arrancando-me de um abraço com aroma de limão e sândalo.

"Espere!" As lágrimas caem mais fortes, odiando ser arrancada do único homem que eu preciso.

O assassino magro e perigoso que tinha cometido incontáveis assassinatos em uma luta que não era dele me segura como se eu não pesasse nada. Ele rosna para Elder. "Não toque nela, porra." Recuando, ele aponta o cano da arma para ele.

"Não!" Arranho o braço do meu captor. "Não atire."

"Pare." Elder sobe sobre os corpos, mostrando os dentes enquanto nos persegue. Ele levanta as mãos em sinal de rendição até mesmo com o braço que parece estar quebrado. "Não a machuque. Ela é minha."

Meu novo captor ri com uma escuridão que só ouvi em meus pesadelos. "Não mais."

“Espere!” Contorço-me em seu poder, incapaz de encará-lo totalmente com o aperto que tem no meu corpo. Este maldito vestido tem tecido demais para ser usado com liberdade. “Ele é meu amigo. Ele é—”

Amigo é terrivelmente injusto.

Amante é terrivelmente injusto.

Ele é minha razão de viver... meu propósito de existir...

O homem não me dá tempo para resolver meus pensamentos dispersos. Movendo-se para trás, ele mantém a arma alta e me aperta mais. “Por mais divertido que tenha sido, estamos partindo agora.” Sotaque francês engrossa as vogais inglesas, fazendo com que meus ouvidos se contraiam. Não é suposto ser o francês o idioma do amor? O que diabos esses homens estão fazendo aqui e o que querem?

“Não vou a lugar nenhum com você.” Luto novamente, apenas para o homem me arrastar perto e respirar no meu ouvido.

“Estamos te levando para um lugar seguro. Não tenha medo de nós.”

Sua preocupação me choca, tempo suficiente para ele me arrastar em direção à saída e mais longe de Elder.

“Não, espere! Eu *estou* segura. Estou com ele.” Eu aponto para Elder. “El... por favor. Diga para eles.”

Elder dá um passo adiante, seu corpo sangrando e mancando a ponto de ser incapaz de disfarçar. “Tire as mãos de cima dela. Não vou dizer novamente. Estamos juntos. Ela é minha, porra.”

“Errado.” O homem que me segura levanta a arma.

“Não!” Jogo-me contra ele, deixando-o sem equilíbrio, enviando o disparo da arma para o armário que guarda o violoncelo de Elder. O homem mais volumoso com seu terno

escuro e até mesmo uma alma mais escura aponta a arma para Elder. “Não se mexa, caralho.”

Com força descomunal, o francês agarra os meus braços, coloca a pistola por cima do cotovelo e me tira da suíte de Elder.

Olho por cima do ombro enquanto ele corre para o convés.

Eu chuto. Eu grito. Eu soco. Não me importo mais. “Não. Pare. Eu não quero ir! Vocês entenderam tudo errado!”

Quem diabos são esses homens? Por que ajudaram a parar o Chinmoku e depois me sequestraram?

Não consigo entender. Não *quero* entender. Quero que isso acabe para que Elder e eu possamos fazer exatamente o que planejamos: deitar na cama lado a lado e encontrarmos juntos a paz em nossos sonhos.

Quero estar segura.

Quero que isso seja um erro.

“Espere!” Elder começa a perseguir. Tropeça machucado, segurando seu lado enquanto manca em uma corrida, ele derrapa até parar quando se aproxima do homem me segurando.

O braço do cara aperta, machucando meu peito quando ele recua na direção do parapeito onde Elder nada e tem uma escada que dá acesso a água.

Pelo canto do olho, vislumbro uma lancha balançando ao lado do Phantom. Linhas brancas e elegantes com enfeites de madeira com um lindo pardal pintado em pleno voo no capô.

Elder ofega, seu rosto transtornado, seus dedos escorregadios com sangue enquanto ele segura a balaustrada de bronze. Sangue escurece o smoking fazendo-o reluzir num

marrom doentio. “Pare. Eu a *amo*. Você está cometendo um enorme erro, porra.”

O homem francês ri severamente. “Não sou o único que está cometendo um erro. Você fez isso no momento em que pensou que poderia comprar mulheres por prazer.” Ele murmura algo em francês seguido por um rosnado, “Muito ruim que não sabe o significado do amor.” Ele levanta a arma, me prendendo entre o corrimão e seu corpo. “Vocês são todos iguais. *Sujeira*.”

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando Elder olha para mim com horror nos olhos. “Não sei quem você é, mas entendeu errado. Ela me ama também. Estamos—”

“Já tive o suficiente desta merda.” Com um aperto do seu gatilho, o homem me segurando atira no homem que detém meu coração.

"Não!" Meu grito, meu lamento, meu gemido rasga o céu noturno, perfurando a lua e fazendo gaivotas voarem para as estrelas.

O estrondo de uma bala passa por Elder, empurrando-o para trás, batendo com força, fazendo-o girar sobre os trilhos e para baixo, para baixo, para baixo.

Ele cai ao mar.

Grito quando um respingo molhado o devora, o mar reivindicando uma vítima como a sua próxima refeição.

Um segundo, Elder está vivo...aqui.

No outro, ele se foi...caído.

Demora um piscar de olhos para entender o que aconteceu.

Leva outro para a agonia esmagadora me desesperar.

Leva outro para reunir ar suficiente para gritar.

E grito.

E *grito.*

"Não!"

Não, não, não.

"Não!"

Eu luto.

Meu Deus, como luto.

Eu os odeio.

Eu os abomino.

Eu vou *matá-los*.

Matar, matar, matar.

Ele tem que estar vivo.

Ele sabe nadar.

Ele sobreviveu a punhos, pontapés e muita dor.

Ele tem que estar vivo.

Por favor, Deus, deixe-o estar vivo.

Nada neste mundo faz mais sentido.

Não existe mais nada para me manter sã. Nada para lutar. Nada para entender.

O homem me segurando murmura baixo algumas palavras em francês.

Eu o *desprezo*.

Virando-me para encará-lo, ele segura o meu rosto com tanta ternura, que machuca ainda mais o meu coração já destruído.

Seus polegares acalmam minhas lágrimas escaldantes; remorso enche o seu rosto, bondade substituindo o assassino em seus olhos. Vergonha e pesar quase idênticos ao de Elder quando fazia algo para me machucar.

"Calma, menina," ele sussurra. "Vai dar tudo certo, você vai ver. Você está livre agora. Você está segura."

Estou fria.

Estou congelada.

Estou quase catatônica de dor.

Balançando a cabeça, imploro a ele para entender. Para salvar Elder. Para corrigir o dano que foi feito. "Você não vê? Eu *estava* livre. Estava segura. Estava com ele. Eu o *amo*." Soluços obstruem minha garganta. "Eu o amo. Eu o amo e você o matou!"

O homem sacode a cabeça tristemente. "Você *acha* que o ama, mas não ama. Homens com mentes torcidas. Eles machucam mulheres e as fazem acreditar que é normal." Seus lábios puxam para trás em um rosnado feroz, me aterrorizando novamente. "Ele não vai fazer isso de novo. Você tem minha palavra."

"Você não entende!" Eu o bato. Dou mais um tapa. Quero enterrar as unhas em seu rosto horrível. "Ele me salvou disso. Ele não era—"

O outro homem bate em seu ombro. "Q, é melhor irmos."

"*Você tem razão*. Allons-y. Resolveremos isso em casa. Tess saberá o que fazer."

"Não, não vou a lugar nenhum com você!"

Tenho que chegar à água.

Preciso chegar até Elder.

“Deixe-me ir!”

Algo espeta o meu braço, enviando calor e ardor em meu sangue.

Uma agulha brilha ao luar.

Impulso convulsivo me enche quando minhas pálpebras tremem. “Você — você me *drogou*?”

O homem que tem cheiro de limão e sândalo sorri tristemente. “*Je suis désolé*. Mas é para seu próprio bem.”

Nada foi e nem é para o meu próprio bem.

Isso vai de encontro com tudo o que é bom para mim.

Eles levaram Elder.

Eles me levaram.

Eles estão levando...

Minha mente patina e escorrega como se patins de gelo agora fossem minha base e em uma poça congelada no meu cérebro.

Cambaleio, meus joelhos esquecem como me segurar.

Eu me sinto mal.

Eu me sinto tonta.

Eu me sinto perdida.

Xingando, entro em colapso em seus braços, balançando em seu abraço quando o meu corpo desaparece do meu controle e uma letargia arrepiante rasteja sobre mim.

Choro por Elder.

Choro por mim.

Choro por tudo o que estávamos tão perto de conquistar.

Não posso deixá-lo fazer isso.

Não posso deixar esse estranho roubar tudo o que sempre quis.

Ele tem que ter um nome.

Tenho que conhecê-lo.

Então, quando acordar, posso amaldiçoar, machucá-lo e fazê-lo sentir um décimo do desespero que me causou. “Quem... é você?” Minha capacidade de expressão está diminuindo. “Por que v-você está fazendo isso?”

Pouco antes das nuvens se apoderarem de mim, pouco antes da luz da lua se apagar na pior noite da minha vida, o homem me abraça, acaricia o meu cabelo, e me dá uma resposta para a pergunta que carrego por semanas. “Meu nome é Q Mercer, e estou te salvando da vida dos que foram vendidos para a QMB. Tenho caçado os homens que compraram mulheres e lhes devolvendo suas vidas. Você é a última.” Ele me pega em seus braços, meu vestido de baile sussurrando sobre seus braços. “Você é a última, mas agora está segura. Ninguém vai te machucar novamente. *Je promets*.”

Ninguém me machucará de novo? Mas você está...

Este vingador sombrio que acha que me salvou, me destruiu totalmente.

Este é o homem que acessou o meu arquivo na delegacia.

Este é o homem que me caçava e não o Chinmoku.

Este é o homem que vou odiar por toda a eternidade.

Minha mente apaga.

Meu corpo cede.

Não consigo lembrar mais nada.